

MIRIANE STEINER DE SOUSA

**FESTA DE SÃO CRISTÓVÃO, “O SANTO TRANSPORTADOR”:
Sociabilidades, Rememorações, Construção de Identidade e Enraizamento no
Bairro Igara, Canoas, RS**



CANOAS, 2021

MIRIANE STEINER DE SOUSA

**FESTA DE SÃO CRISTÓVÃO, “O SANTO TRANSPORTADOR”:
Sociabilidades, Rememorações, Construção de Identidade e Enraizamento no
Bairro Igara, Canoas, RS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, como requisito para obtenção do título de Doutor em Memória Social e Bens Culturais. Linha de pesquisa em Memória, Cultura e Identidade.

Orientação: Prof^a Dr^a Cleusa Maria Gomes Graebin

CANOAS, 2021

**Dados Internacionais
de Catalogação na Publicação (CIP)**

S729f Souza, Miriane Steiner de.

Festa de São Cristóvão, “o Santo Transportador” [manuscrito]: sociabilidades, lembranças, construção de identidade e enraizamento no bairro Igará, Canoas, RS / Miriane Steiner de Souza – 2021.
201 f.; 30 cm.

Tese (doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2021.

“Orientação: Prof^a. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin”.

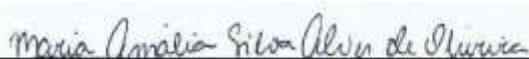
1. Festa de São Cristóvão. 2. Bairro Igará, Canoas. 3. Memória coletiva.
4. Pertencimento identitário. 5. Enraizamento e coesão comunitária. I.
Graebin, Cleusa Maria Gomes. II. Título.

CDU: 316.7

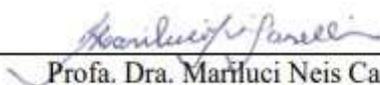
MIRIANE STEINER DE SOUSA

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do título de doutora, pelo Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Amalia Silva Alves de
Oliveira
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro



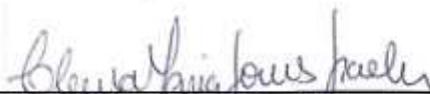
Profa. Dra. Mariluci Neis Carelli
Universidade de Joinville



Prof. Dr. Artur César Isaia
Universidade La Salle



Profa. Dra. Lucia Regina Lucas da Rosa
Universidade La Salle



Profa. Dra. Cléusa Maria Gomes Graebin
Orientadora e Presidente da Banca - Universidade
La Salle

Área de Concentração: Memória Social

Curso: Doutorado Interdisciplinar em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 19 de julho de 2021.

*In memoriam ao meu avô Florêncio Steiner, as
orações e rezas do terço, testemunho de fé e
simplicidade*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à minha família, pelo apoio e pelo amor incondicional. Para meus pais, Ernesto e Lorena, pelo exemplo de vida e por acreditarem em mim, dando-me incentivo para as minhas escolhas. À minha irmã Mireile, pelas inúmeras leituras e contribuições, e ao meu irmão Cássio pelo afeto construído. À minha orientadora, Professora Doutora Cleusa Maria Gomes Graebin, pessoa especial e ímpar. Obrigada por me aceitar como orientanda, pela paciência, sabedoria, generosidade, disposição, compreensão e competência ao auxiliar-me na execução deste trabalho, zelando por sua qualidade final, manifestando-se através de observações criteriosas sobre minhas escolhas e recortes.

A alguns professores do PPG eu agradeço pelas palavras que mudaram meu modo de ver e de pensar academicamente, como os professores Moisés Waismann, Judite Sanson, Margarete Penarai Araújo e Maria de Lourdes Borges. As professoras Patrícia Kayser Vargas Mangan e Cristina Vargas Cademartori, trouxeram para mim um novo olhar para matérias tão distintas da minha área de conhecimento. Agradeço às professoras Renata Gomes e Maria Luiza Berwanger pelos comentários em apresentações de trabalhos que contribuíram para o meu crescimento enquanto pesquisadora e os professores Lúcia Regina Luca da Rosa e Artur Cesar Isaias pelos acréscimos que fizeram no momento da qualificação ajudando a enriquecer a presente Tese.

À Universidade La Salle que me acolheu desde o início do curso, propiciando a troca de experiência com colegas e professores. Em especial a colega Juliane Petry Panozzolo Cescon que disponibilizou material jornalístico do Diário de Canoas sobre a Festa de São Cristóvão. À Sílvia Adriana da Silva Soares, pela disposição constante para o cumprimento de questões burocráticas e competência para executar a revisão deste texto.

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Brasil. Agradeço esta instituição pelo apoio financeiro e, principalmente, pelo interesse neste estudo.

Agradeço ainda a comunidade São Cristóvão pelo acolhimento e apoio na pesquisa.

Agradeço ao Museu Histórico La Salle por disponibilizar o material do Projeto “Canoas para Lembrar quem somos” que enriqueceu a presente pesquisa.

Jacson Moraes, amigo que efetuou, transcreveu e editou as filmagens e entrevistas, sempre pronto a ajudar.

Agradeço a meu marido Edson e filho Enzo pelo carinho, companheirismo, pela paciência para suportar meus momentos de ausência para estudar e escrever; pelos obstáculos superados e pelos desafios assumidos; por tudo o que envolve o passado e o futuro além desta tese.

RESUMO

Esta é uma pesquisa que se insere no campo de estudos em memória social, tendo como objeto, a Festa de São Cristóvão realizada no Bairro Igara, Canoas, RS, desde 1957. A problemática foi construída em torno dos sentidos e significados, os saberes e fazeres da celebração, a consideração desta como vetor de enraizamento, de coesão comunitária, pertencimento identitário e bem cultural imaterial da comunidade a ela relacionada, cujos membros pioneiros eram migrantes das regiões coloniais italianas do Rio Grande do Sul. Seu objetivo geral é compreender a festa de São Cristóvão a partir das narrativas de moradores do Bairro, especificamente aqueles que fazem parte da comunidade do Santuário que tem São Cristóvão como patrono. Teoricamente, trabalhou-se com categorias como memória coletiva, comunidade afetiva, quadros sociais da memória, memória reivindicada, identidades narrativas, enraizamento e bem cultural para compreender a Festa, seus elementos, rituais e demais manifestações. Metodologicamente, trabalhou-se a partir da História Oral, acionando narrativas de membros da comunidade do Santuário de São Cristóvão, adotando, ainda, procedimentos como o da observação não participante, durante as edições da Festa, nos anos de 2018, 2019 e 2020, e da pesquisa documental, os quais foram relevantes para responder aos questionamentos e objetivos propostos. O *corpus* documental foi composto por fontes orais, matérias jornalísticas, documentos imagéticos e escritos, os quais foram analisados a partir de interpretação e problematização por meio das categorias elencadas. Identificaram-se construções memoriais fortes, com indícios de processos de enraizamento, coesão comunitária, pertencimento identitário, tendo a Festa como ancoragem e como bem cultural.

Palavras-Chave: Festa de São Cristóvão. Bairro Igara, Canoas. Memória coletiva. Pertencimento identitário. Enraizamento e coesão comunitária.

ABSTRACT

This is a research that is inserted in the area of social memory studies, having as an object, the Feast of St. Christopher held in Igara neighborhood, Canoas, RS, since 1957. The problematic was built around the senses and meanings, the knowledge and doings of the celebration, the consideration of this as a vector of rooting, of community cohesion, identity belonging and intangible cultural asset of the community related to it, whose pioneer members were migrants from the Italian colonial regions of Rio Grande do Sul. Its general objective is to understand the feast of St. Christopher from the narratives of residents of the neighborhood, specifically those who are part of the community of the Shrine that has St. Christopher as its patron. Theoretically, we worked with categories such as collective memory, affective community, social frameworks of memory, claimed memory, narrative identities, rootedness, and cultural property to understand the Feast, its elements, rituals, and other manifestations. Methodologically, we worked from Oral History, using narratives from members of the Sanctuary of São Cristóvão community, also adopting procedures such as non-participant observation, during the editions of the Feast, in the years 2018, 2019 and 2020, and documentary research, which were relevant to answer the questions and objectives proposed. The documental corpus was composed of oral sources, journalistic articles, imagery and written documents, which were analyzed from interpretation and problematization through the listed categories. Strong memorial constructions were identified, with indications of rooting processes, community cohesion, and identity belonging, having the Festival as an anchor and as a cultural asset.

Keywords: Feast of Saint Christopher. Bairro Igara, Canoas. Collective memory. Identity belonging. Rootedness and community cohesion.

É julho!!!

A comunidade do Santuário São Cristóvão e os festeiros têm pressa: é preciso decorar o Salão Paroquial e o Templo; finalizar a organização do Baile dos Motoristas e o jantar, imprimir os folhetos da novena, confirmar presenças, verificar os últimos ajustes, movimentar as redes sociais, conferir demandas junto às autoridades públicas e eclesiais.

As orações se multiplicam, para que o festejo seja abençoado.

É noite no Bairro Igara.

Os sinos do Santuário tocam solenemente e os festeiros adentram ao templo com a imagem de São Cristóvão.

É tempo de festa, de agradecer as dádivas recebidas daquele que carregou o menino Jesus!

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Croqui do Rio Grande do Sul com a localização de Canoas.....	14
Figura 2 – Croqui dos limites da Cidade de Canoas.....	15
Figura 3 – Croqui dos bairros da Cidade de Canoas.....	15
Figura 4 – Croqui do Bairro Igara (Canoas).....	16
Quadro 1 – Distribuição da população de Canoas por confissão religiosa (2021).....	17
Quadro 2 – Paróquias, Capelas e Santuário da Cidade de Canoas.....	18
Figura 5 – Vista da Rua das Castanhairas, Bairro Igara, Canoas, RS (2018)	35
Figura 6 – Santuário de São Cristóvão, Bairro Igara, Canoas, RS.....	41
Quadro 3 – Entrevistas com membros da comunidade do Bairro Igara.....	45
Quadro 4 – Entrevistas do Projeto Canoas - "Para lembrar quem somos"	45
Quadro 5 – Entrevistas em matérias de jornais locais.....	46
Figura 7 – Infográfico: Tipos de pesquisa utilizadas na tese.....	47
Quadro 6 – Elementos para análise de fonte jornalística.....	50
Quadro 7 – Trechos de depoimentos de entrevistados sobre a Festa de São Cristóvão em Canoas.....	53
Figura 8 – Infográfico “Organização da Observação Não Participante.....	70
Quadro 8 – Roteiro de planejamento de observação.....	71
Quadro 9 – Pesquisas Acadêmicas.....	73
Quadro 10 – Produções clássicas sobre devoções a santos e santas.....	77
Quadro 11 – Orações a São Cristóvão.....	91
Figura 9 – Equipe dos doces (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2018).....	95
Figura 10 – Equipe do lanche (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2018).....	95
Figura 11 – Equipe dos pães, cucas e bolos (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2019).....	96
Figura 12 – Equipe da recepção do almoço (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2018).....	96
Figura 13 – Equipe do churrasco e do galeto (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2018).....	97
Figura 14 – Equipe da recepção do almoço (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2018).....	97

Figura 15 – Adesivo e chaveiro (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2019).....	101
Figura 16 – Entronização da imagem do Santo no Templo do Santuário São Cristóvão - Novena (20/07/2018).....	104
Figura 17 – Festeiros na novena (Festa de São Cristóvão, Canoas, 2018).....	107
Quadro 12 – 61º Novena e Festa em honra a São Cristóvão Novena: De 20 a 29 de julho de 2018 / Festa: 29 de julho de 2018.....	108
Figura 18 – Procissão e carreata (2019).....	111
Figura 19 – Procissão: Caminhão com a Imagem do Santo (2019a).....	112
Figura 20 – Procissão: Caminhão com a Imagem do Santo (2019b).....	113
Figura 21 – Moto romaria, acompanhada pela Brigada Militar (2018).....	113
Quadro 13 – Outras formas de narrativas sobre a festa.....	124
Quadro 14 – Matérias veiculadas em Jornais.....	125
Figura 22 – Celebração da missa de São Cristóvão (2020).....	149
Quadro 15 – Principais Igrejas e festas de São Cristóvão no Brasil.....	171
Figura 23 – Quadro Obras, Esculturas e vitrais.....	186

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ORIGEM DE CANOAS, DO BAIRRO IGARA E DO SANTUÁRIO DE SÃO CRISTÓVÃO	29
3 ABORDANDO A FESTA DE SÃO CRISTÓVÃO: PERCURSO METODOLÓGICO	44
3.1 Tipos de Pesquisa	47
3.1.1 <i>Quanto à Abordagem - Pesquisa Qualitativa</i>	47
3.1.2 <i>Quanto à Natureza – Pesquisa Básica</i>	48
3.1.3 <i>Quanto aos Objetivos – Pesquisa Descritiva</i>	49
3.1.4 <i>Quanto aos Procedimentos</i>	49
3.1.4.1 <i>Pesquisa Bibliográfica</i>	49
3.1.4.2 <i>Pesquisa Documental</i>	49
3.1.4.3 <i>Pesquisa de Campo</i>	50
3.1.4.3.1 <i>História Oral</i>	51
3.1.5 <i>Observação Não Participante</i>	70
4 REFLEXÕES SOBRE FESTAS DE SANTOS NO BRASIL E A RELAÇÃO ENTRE FESTA E MEMÓRIA	73
4.1 <i>Festas em honra a santos e santas no Brasil: uma revisão bibliográfica</i>	74
4.2 <i>Festas e memória</i>	80
5 SÃO CRISTÓVÃO – “O SANTO CARREGADOR DE CRISTO” E SUA FESTA EM CANOAS RS	85
5.1 <i>A construção do Santo</i>	86
5.2 <i>A Festa de São Cristóvão em Canoas, RS</i>	93
5.2.1 <i>A estrutura social de produção da Festa de São Cristóvão em Canoas</i>	93
5.2 <i>Os elementos da Festa de São Cristóvão em Canoas, RS</i>	100
5.2.1 <i>Os artefatos simbólicos</i>	100
5.2.2 <i>Uma leitura da Festa de São Cristóvão</i>	101
6 NARRATIVAS SOBRE A FESTA SÃO CRISTÓVÃO EM CANOAS	115
6.1 <i>Uma festa para abençoar os motoristas</i>	115
6.2 <i>A construção de uma comunidade afetiva no Bairro Igara, Canoas e seu espaço de memória</i>	128

6.3 Reflexões sobre o Santuário e a Festa de São Cristóvão como ancoragem de identidades narrativas e de enraizamento	133
6.4 A Festa de São Cristóvão como bem cultural de natureza imaterial	139
6.5 Uma Festa em meio à Pandemia.....	146
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS.....	158
APÊNDICE A – Principais Igrejas e Festas de São Cristóvão no Brasil.....	168
APÊNDICE B – Quadro de Obras, Esculturas e Vitrais	186

1 INTRODUÇÃO

Dai-me, Senhor, firmeza e vigilância no volante para que eu chegue ao meu destino sem acidentes. (Oração de São Cristóvão)

Esta é uma pesquisa inserida no campo de estudos em memória social cujo tema é a Festa de São Cristóvão, a qual ocorre todos os anos, em 25 de julho, no Bairro Igara em Canoas, município criado em 1939, localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (figura 1).

Figura 1 – Croqui do Rio Grande do Sul com a localização de Canoas



Fonte: GOOGLE MAPS (2020).

Canoas faz limite ao Norte com a cidade de Esteio; ao Sul com a capital do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre; a Leste com a cidade de Cachoeirinha; a Oeste com a cidade de Nova Santa Rita (figura 2). A cidade é cortada pela BR-116, por onde transitam milhares de veículos transportando pessoas, produtos e bens de consumo, espaço importante, juntamente com a sua localização, para a compreensão dos cenários que abrigam diferentes momentos da celebração a São Cristóvão.

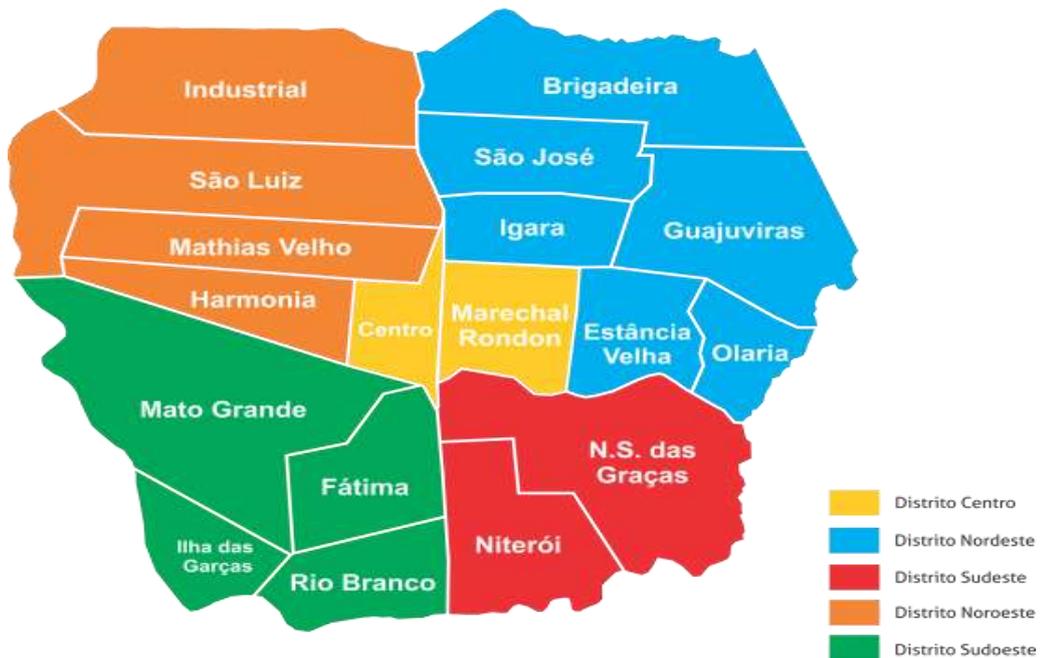
Figura 2 – Croqui dos limites da Cidade de Canoas



Fonte: GOOGLE MAPS (2020).

Canoas é dividida em 17 bairros e uma ilha, quais sejam: Industrial, Brigadeira, São Luís, São José, Igará, Mathias Velho, Harmonia, Centro, Marechal Rondon, Estância Velha, Olaria, Guajuviras, Mato Grande, Fátima, Nossa Senhora das Graças, Niterói, Rio Branco e Ilha das Garças (figura 3).

Figura 3 – Croqui dos bairros da Cidade de Canoas



Fonte: PREFEITURA DE CANOAS (2020).

O Bairro Igara (figura 4) é aquele onde se situa a Paróquia São Cristóvão e o seu Santuário¹, o qual promove a Festa ao Santo.

Figura 4 – Croqui do Bairro Igara (Canoas)



Fonte: GOOGLE MAPS (Igara, 2021).

De acordo com o Observatório da Realidade e das Políticas Públicas do Vale do Rio dos Sinos - ObservaSin², o mapeamento das confissões religiosas em Canoas, aponta para diminuição numérica dos adeptos da Igreja Católica Apostólica Romana, bem como assinala o crescimento das religiões de origem pentecostal na

¹ A paróquia São Cristóvão foi inaugurada em 13 de novembro de 1988, recebendo o título de Santuário. A definição de Santuário é identificada no Cân. 1230 — “Pelo nome de santuário entende-se a igreja ou outro lugar sagrado aonde os fiéis, por motivo de piedade, em grande número acorrem em peregrinação, com a aprovação do Ordinário do lugar”. **Importante ressaltar as espécies de Santuário¹ que podem ser:** diocesanos, nacional ou internacional. Eles são aprovados, respectivamente, pelo Ordinário do lugar, pela Conferência Episcopal e pela Santa Sé (cf. Cân. 1231). Na Santa Sé, em conformidade com o Art. 97 n. 1 da Constituição Apostólica Pastor Bonus o Dicastério indica que a competência da aprovação é a Congregação para o Clero. Em nosso país o único Santuário Nacional é o da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida, SP, aprovado por Decreto sob o protocolo 1182/84 de 12 de outubro de 1984, pelos membros da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, na XXII Assembleia Geral em 4 de maio de 1984. Alguns elementos de um Santuário: lugar de peregrinação; grande concurso de fiéis, mesmo que não seja contínuo; cuida da proclamação da Palavra de Deus, da celebração dos sacramentos da Reconciliação e da Eucaristia, exprimindo os vínculos históricos e espirituais dos fiéis, que para ali se dirigem em peregrinação. Disponível: <https://paroquias.com.br/conheca-as-normativas-canonicas-sobre-um-santuario/acesso>. 24 mai. 2021.

² Dados coletados no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Censos de 2000 e 2010. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/observasinos/vale/populacao/a-diversidade-religiosa-em-canoas-rs>. Acesso em: 15 mai. 2021.

cidade. Em 2000, 75,72% da população da cidade indicava confissão cristã católica, mas em 2010, diminuiu para 64,37%. Houve, portanto, uma perda de adeptos equivalente a 11,35% da população total do município, mas o catolicismo continua majoritário em relação a outras confissões religiosas (ver quadro 1).

Quadro 1 – Distribuição da população de Canoas por confissão religiosa (2021)

Confissão religiosa	Nº de pessoas
Católica apostólica romana	208.445
Evangélica	60.836
Declarações de religiosidades afro-brasileiras	16.144
Espírita	14.145
Testemunhas de Jeová	2.658
Outras religiosidades cristãs	2.138
Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias	1.418
Católica apostólica brasileira	427
Islamismo	207
Budismo	133
Católica ortodoxa	111
Judaísmo	81
Sem religião	23.135
Não determinada e múltiplo pertencimento	1.378
Novas religiões orientais	228
Tradições esotéricas	168
Outras religiões orientais	83
Tradições indígenas	18
Não sabe	19

Fonte: ObservaSinós (Censo de 2010).

O município possui 15 paróquias e 4 capelas distribuídas pelos bairros (quadro 2), incluindo uma no campus da Universidade La Salle. O Vicariato de Canoas abrange os municípios de Canoas, Esteio, Nova Santa Rita e Sapucaia do Sul.

Quadro 2 – Paróquias, Capelas e Santuário da Cidade de Canoas

PARÓQUIA/SANTUÁRIO/CAPELAS	BAIRRO
Paróquia Imaculada Conceição	Rio Branco
Paróquia Nossa Senhora Aparecida	Guajuviras
Paróquia Nossa Senhora da Conceição	São Luís
Paróquia Nossa Senhora das Graças	Nossa Senhora das Graças
Paróquia Nossa Senhora de Fátima	Fátima
Paróquia Nossa Senhora de Caravaggio	Niterói
Paróquia Nossa Senhora do Rosário	Marechal Rondon
Paróquia Sagrado Coração de Jesus	Harmonia
Paróquia Santa Luzia	Estância Velha
Paróquia Santa Maria Goretti	Niterói
Paróquia Santo Antônio	Fátima
Santuário São Cristóvão	Igara
Paróquia São Luís Gonzaga	Centro
Paróquia São Paulo Apóstolo	Niterói
Paróquia São Pio X	Mathias Velho
Capela São José	Centro/Universidade La Salle
Capela Lar Vicentino Dr. Décio Rosa	Igara
Capela Nossa Senhora Aparecida	Nossa Senhora das Graças Base Aérea de Canoas
Capela Nossa Senhora do Loretto	Fátima - Ala 3 Aeronáutica

Fonte: Quadro baseado em informações colhidas no site Vicariato de Canoas, 2021.

A partir dos levantamentos explicitados nos Quadros 1 e 2, é possível inferir que uma das características marcantes da população de Canoas é a religiosidade. Com uma população estimada em 2020, de 348.208 habitantes, 307.258 habitantes declaram uma confissão religiosa e desses, 208.445 são católicos apostólicos romanos. Assim como a Festa de São Cristóvão, outras são também representativas

da devoção a santos e santas no município, como as de Santo Antônio e a de Nossa Senhora das Graças, ambas no Bairro Fátima.

O recorte espacial da pesquisa é o Bairro Igara onde se localiza o Santuário São Cristóvão. Segundo seus moradores, “[...] é um bairro de muitas etnias, gente [proveniente] de Garibaldi, Veranópolis, Antônio Prado, Nova Prata, ‘tutti buona gente’ [...]. Têm poloneses, alemães, são pessoas do bairro, não grupo organizado” (BELTRAMI, *apud* PENNA et al., 2002, p. 43). Outro morador, (IVAM SANDINI *apud* PENNA et al., 2002) reafirma o predomínio de italianos e alemães, além de um pequeno percentual de poloneses, reforçando a narrativa de Beltrami.

Embora esta narrativa já consolidada como memória social, pesquisa de Penna et al. (2002) informa que o perfil dos moradores do Bairro Igara é de pessoas oriundas de cidades do interior, da Região Metropolitana de Porto Alegre ou de outros bairros da própria cidade de Canoas, buscando qualidade de vida e boa infraestrutura, que a autora refere como uma típica vida urbana. A comunidade formada por descendentes de imigrantes é aquela que dá origem ao Bairro e o grupo formado pelos “italianos” inicia a construção do Santuário São Cristóvão e promove a Festa em homenagem ao Santo. Assim, para além de outras práticas culturais, encontra-se aquela mais relevante na agenda de eventos, não só do Bairro, como do município, compartilhada entre moradores do Bairro e do município, pessoas vindas de outras cidades do entorno e de até fora do Rio Grande do Sul — a celebração anual em louvor ao Santo —, que ocorre há mais de 60 anos, a qual compreende bailes, jantares, novena (ou tríduos), missas, culminando com o ponto alto da festa, ou seja, a procissão motorizada.

Padre Santo Lorenzato, antigo vigário da Paróquia, relatou (1994) que além das atividades litúrgicas e festivas comuns às paróquias, há uma série de trabalhos desenvolvidos, reunindo crianças, jovens e adultos: “as festas de São Cristóvão [no início] eram pequenas, estimorei muito, pois a cidade de Canoas em especial é dos motoristas”. Os moradores do Bairro Igara, devotos ou não de São Cristóvão, se aproximam para participar da celebração, remetendo ao que indicou Gonçalves: “É a festa que, nesse período, aproxima socialmente todas essas pessoas [...], integrando-se na ‘memória coletiva’ [...]” (2009, p. 17). Assim, há uma grande mobilização, não só no Bairro, mas em toda a cidade — pessoas de outros bairros e igrejas, padres de outras paróquias —, especialmente para participar dos diferentes momentos da Festa.

A partir da aproximação inicial com a celebração, verifiquei que a Festa de São Cristóvão tem um determinado sentido para os membros de origem italiana da comunidade, pois há uma reconexão com identificações coletivas, de acordo com as vivências e lembranças do passado deste grupo. Os seus membros, na maioria, são descendentes de imigrantes que procedem de locais na Itália, onde a celebração ocorre desde a Idade Média. Através desta confraternização comunitária, reconstróem-se identidades, integrando-se em torno de uma memória compartilhada. Na festa de São Cristóvão as famílias cristãs do Bairro Igara se integram numa sinergia de constante construção e reconstrução de memória. Conforme Gonçalves, "nesse tempo das festas, intensificam-se as trocas sociais e simbólicas entre seres humanos ricos e pobres, homens e mulheres, vizinhos, compadres, parentes, amigos etc." (2009, p. 15). Este autor ainda informa que "[...] nesses períodos, as pessoas vão de certo modo sendo separadas de um tempo velho, já limitado em termos de recursos, e progressivamente incorporadas num novo tempo, um tempo marcado [...] pelos encontros intensos entre os homens [...]" (GONÇALVES, 2009, p. 16).

A escolha deste tema de pesquisa está alinhada com minhas vivências religiosas — em se tratando das festas de São Cristóvão —, pois delas participei nos anos de 2012 a 2016, com meu marido, Edson Mengue, e os motoristas da sua transportadora "Mengue Transportes", com sede em Novo Hamburgo e filiais em diversos locais dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Entre os participantes, percebi o apreço pela profissão de motorista de caminhão, muitas vezes passada de geração para geração de uma família. Mostrar a fé no Santo que, segundo suas crenças, os acompanha sempre na estrada, é uma forma de agradecer e celebrar. Na procissão, normalmente, dentro da cabine do caminhão vão junto com os motoristas, os membros de sua família.

Durante a festa em Canoas, diversas pessoas esperam a procissão passar pelas ruas, tratando-se de um acontecimento na cidade. Assim, os espectadores também participam da celebração, incentivando e vibrando em meio ao som das buzinas de carros e caminhões de diversos tamanhos e tipos, batendo palmas, acenando, assobiando e cumprimentando os motoristas que percorrem o trajeto do cortejo. As relações entre a festa e a cidade introduzem um tempo especial, fortemente ligado à experiência de vida dos devotos, por meio de recordações que são evocadas a cada ano. Memórias de casais que cresceram juntos na igreja, ou que

se conheceram em festas anteriores e dos que receberam dádivas, foram algumas das narrativas ouvidas, em contatos com participantes, antes mesmo de iniciar minha pesquisa. Verifico *in loco*, a cada ano, o sentido do termo comemoração, ou seja, “trazer à memória” de forma conjunta.

A trajetória desta tese também está relacionada com a minha vida acadêmica e interesse naquilo que é pontuado pelos sentidos e significados que atribuo aos saberes e fazeres das pessoas da comunidade da qual faço parte. Isto também me incentivou na escolha daquilo que foi abordado no mestrado, ou seja, o patrimônio cultural. O encadeamento entre o presente e o passado constrói e reconstrói a memória e é através de nossas escolhas que a trilha vai sendo construída. Não há um caminho aberto na linha da vida: este é feito por nós mesmos, “às vezes com foice, às vezes com britadeira” - quando encontramos pedras - por vezes há espaços amplos e fáceis de serem percorridos. Há momentos em que precisamos de ajuda e outros, em que nós auxiliamos alguém. Certos acontecimentos vão se interligando, situações fazendo sentido, pessoas aparecem em nossas vidas e aprendizados que, num primeiro momento, não pareciam importantes, mas que posteriormente, tem seu valor evidenciado. Refletir sobre a trajetória acadêmica que me fez chegar ao doutorado é um trabalho de memória, uma espécie de autobiografia que detalha vivências, atos, acadêmico-profissionais e intelectuais - reminiscências, como aponta Benjamin (1987), observações sobre experiências vividas. Conforme Candau (2014), normalmente, a memória está arraigada em um tempo privado, íntimo, portanto estruturado de acordo com os acontecimentos temporais que giram em torno do narrador, ou seja, acontecimentos ocorridos, experiências pessoais da vida cotidiana, tais como: nascimento, casamento e mudança de emprego. Esses acontecimentos são relevantes para escrever este memorial, que visa a explicitar minha escolha pelo tema da tese. Também o são, as experiências proporcionadas por alguns profissionais com os quais interagi, na minha caminhada, além de instituições, orientadores, professores, colegas e chefias, etc. Sou grata pelos ensinamentos que recebi em meu percurso. Porém, reconheço as adversidades e dificuldades que vivi, as quais foram, também, fonte de enriquecimento para minha vida tanto profissional quanto pessoal. São as memórias dessa trajetória que procuro aqui reconstruir.

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava [...]. Mas é igualmente indispensável uma enxadada

cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente (BENJAMIN, 1987, p. 239-240).

As pessoas fazem parte de diferentes grupos sociais, cujo alcance pode ou não ser local: o grupo da igreja, da escola, o acadêmico, o das mães, do trabalho, entre outros. Assim, durante a vida, identidades são construídas, quando sujeitos se relacionam uns com os outros em diferentes contextos e situações. De acordo com Halbwachs (2006), a identidade de uma pessoa é formada com base em muitos fatores: sua história de vida, a história de sua família, o lugar de onde veio e onde mora, o jeito como cria seus filhos, fala e se expressa, enfim, os fios a partir dos quais o presente se liga ao passado e torna a pessoa ímpar e única, distinta das demais. Ainda segundo este autor, a memória individual não necessita de registros privados guardados e conservados em escaninhos próprios, nem de instrumentos públicos que assinalam a passagem do indivíduo por instituições, organizações, grupos e congêneres, “guardados” também em gavetas, arquivos, fichas, editoras, sites, etc. Isso porque, o tempo da memória nem sempre coincide com a cronologia (HALBWACHS 2006). Assim, a opção pelo tema da pesquisa está relacionada aos meus “guardados” e ao definir a estrutura deste memorial, optei por enfatizar as atividades acadêmicas, considerando as finalidades a que esse se destina. Segui a ordem cronológica para explicitar de que forma se deu meu processo de formação, na graduação e pós-graduação. Em 1988, ingressei, por vestibular, no Curso de Bacharel em Direito. No início fiquei um pouco assustada com o vocabulário jurídico, mas empolgada com o curso, aos poucos, identifiquei-me com o mundo novo voltado para as leis, interpretações e jurisprudências. Logo, me interessei pelas disciplinas de Introdução ao Estudo do Direito e Filosofia do Direito, aquelas estudadas no começo do currículo. Durante a graduação, no Curso de Bacharel em Direito, nas Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis (1988-1993), fui uma “boa aluna”, responsável, fazendo meus trabalhos a tempo e na hora solicitados. Filha de militar e professora, educada em colégio de freiras, aprendi regras básicas, tais como assiduidade e responsabilidade.

No período universitário, meus gostos tenderam para disciplinas como direito constitucional, direito administrativo, direito ambiental, matérias não muito populares entre os estudantes. Em face dessas preferências pensei em fazer concurso para a Promotoria Pública. Após a conclusão do curso, ingressei na Escola Superior do Ministério Público, porém somente tentei um único concurso. Acredito que naquele momento era muito jovem para trilhar aquele caminho. Concomitante ao estudo, eu e minha irmã, Mireile Steiner de Sousa, também Bacharel em Direito, abrimos o “tão sonhado escritório de advocacia”, que funcionava na Rua Siqueira Campos, em Canoas. Nessa mesma rua ficava a Delegacia Especializada em Furtos, Roubos e Entorpecentes – DEFREC. Logo o Delegado à época, Dr. Ajaribe Rocha Pinto, solicitou nossa presença, naquele órgão através do escrivão de polícia. Eu, com 23 anos e minha irmã com 25, atendemos ao chamado, bem contentes, pois como é peculiar em nossa família, as mulheres são destemidas e audaciosas. O Dr. Ajaribe relatou as dificuldades da Delegacia, pois os inquéritos que iniciavam com flagrantes–delitos eram invalidados por falta de assistência de advogado, e nos três anos (1994-1996) assisti diversos flagrantes, sendo esta uma experiência riquíssima, pois vivenciei problemas sociais e compreendi a relevância da presença de advogado para salvaguardar direitos.

A minha trajetória profissional como advogada institucional da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) iniciou em 1996 estendendo-se até os dias de hoje, tendo sido contratada pelo coordenador do Departamento Jurídico da época, Dr. Domingos Moreira Góes. No início foi muito difícil, pois para mim era tudo novo, carga horária, colegas, ambiente etc., mas logo me acostumei e lá passou a ser a minha segunda casa. Nos primeiros anos, trabalhava, inclusive, no turno da noite para atender às demandas, efetuando ações de cobrança e realizando audiências.

Em 1999, ingressei no mestrado em Direito Público da ULBRA, com o pré-projeto "*Aspectos Jurídicos do Instituto do Tombamento*". O comprometimento na escolha do tema esteve voltado à problemática de reconhecimento do valor histórico, artístico ou cultural de um bem, transformando-o em patrimônio oficial público e instituindo um regime jurídico especial de propriedade, levando em conta sua função social e preservando a cédula de identidade de uma comunidade, e assim, garantir o respeito à memória local e à manutenção da qualidade de vida. Porém, o curso passou por algumas dificuldades de aprovação, necessitando adequações e, como

consequência, teve atraso na conclusão. Assim, passei por 3 orientadores: primeiramente o Prof. Dr. Sérgio Augustin, após, o Prof. Dr. Luís Afonso Heck e, por fim, a Profa. Dra. Elaine Harzheim Macedo, que me orientou até a defesa da dissertação cujo título foi: “O Tombamento: Instrumento Jurídico de Proteção ao Patrimônio Cultural” que, entre outros, tratava sobre instrumentos de proteção; utilidade do tombamento para o turismo; e a sua importância para a preservação da memória e identidade do povo brasileiro.

No Curso de Doutorado em Direito da PUC (2012) participei como aluna especial, porém ali não me encontrei e optei por não dar continuidade aos estudos. Após, ingressei no Doutorado em Memória Social e Bens Culturais na Unilasalle em 2016, inicialmente como aluna especial, e, por fim em 2017 como aluna regular. A ideia para a tese estava com o foco, também, em patrimônio cultural.

No Programa tive a oportunidade de construir novos conhecimentos, a partir da interdisciplinaridade, convívio com um corpo docente gabaritado e um grupo eclético de discentes, advindos de diversas áreas científicas. Através dessa vivência houve um despertar, novos olhares sobre o tema do patrimônio, principalmente no trabalho em equipe, nas práticas em sala de aula, nos momentos de debates, reflexões sobre diversidade cultural, bens culturais, gestão e memória social. Neste contexto, surgiu o interesse em estudar as festividades religiosas, num primeiro momento como patrimônio imaterial, enquanto práticas culturais que comunicam saberes e aprendizados coletivos, na sua compreensão como parte da tradição e das culturas locais e a possibilidade de preparação de instrumentos jurídicos para registro. Porém, a partir da proximidade com a festa de São Cristóvão houve um redirecionamento na pesquisa, pois percebi elementos que são transversais à memória, ao patrimônio e à história dos moradores do Bairro Igara e que deveriam ser examinados.

Assim, estudar a Festa, significa não só entender que esta é uma celebração marcada pelo respeito à fé e à fraternidade, mas também como elemento de reconstrução de vida dos migrantes de descendência italiana que se fixaram no Bairro Igara, na cidade de Canoas. Nesse contexto, no jogo entre presente e passado dos moradores, rememoram-se atos de devoção, afetividade e solidariedade. Vislumbrei a religião, tradição, identidade cultural e o sentimento de pertença serem anualmente renovados, ressignificados, pondo em destaque não só a festa, como um dos maiores eventos religiosos, da cidade de Canoas, mas também, a retomada das narrativas da

chegada dos primeiros moradores do Bairro Igara, das suas dificuldades e do refazer das suas vidas no lugar. São evidentes as redes de relações sociais nas quais boa parte dos moradores do Bairro Igara estão envolvidos. Os momentos das festas de São Cristóvão evidenciam as maneiras pelas quais os participantes vivenciam o espaço físico, os sentimentos de pertença e como este foi socialmente construído. As maneiras de organização das famílias para a realização da festa, as solidariedades e as falas sobre as “sagas” dos pioneiros e a sua reorganização, apontaram-me trilhas sobre desenraizamento, enraizamento, memória e construções identitárias. Foi esse caminho de pesquisa que resolvi trilhar inserindo-me na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade, buscando provar a tese de que a Festa de São Cristóvão se constitui como um nó a amarrar a trama do enraizamento, do desenvolvimento de vínculos pessoais, da construção identitária e da trajetória das primeiras famílias que se fixaram no Bairro Igara e sua continuidade.

Minha participação nas festas que ocorreram nos anos de 2018, 2019 e 2020 permitiu inferir a afetividade que transborda das narrativas dos seus participantes, como também o apreço à experiência de terem erguido o Santuário São Cristóvão. Verifiquei que os dados levantados em pesquisa exploratória inicial, apontaram para pessoas que se instalaram no Bairro Igara vindas de diferentes lugares, mas com ancestralidades étnicas comuns. Lurdes Vanilda (2002)³, por exemplo, relata que em casos de necessidade, buscava a orientação do padre, pois não tinha família na cidade, tendo em vista que seus pais e sogros eram do interior do Estado, e que somente desta forma conseguiu formar raízes. Isto já se constitui como indício de um processo de reconstrução identitária, fortalecimento da pertença de um grupo social, familiar, espiritual ou profissional e enraizamento a um lugar. A partir dessas reflexões, os problemas de pesquisa levantados para este estudo incluíram:

- Em que consiste a Festa para a comunidade local ligada ao Santuário de São Cristóvão? E para a população de Canoas?
- Como vem sendo mantidos os saberes e fazeres em torno desta celebração?
- A Festa de São Cristóvão pode ser considerada como um elemento de reconstrução identitária e de processo de enraizamento dos migrantes de descendência italiana que se fixaram no Bairro Igara, Canoas?

³ FAVIERO, Lurdes Vanilda Chemello. Entrevista ao Projeto Canoas: para lembrar quem somos - Bairro Igara, 2002. Acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle.

- Existe alguma ação local e/ou do poder público para a preservação da Festa de São Cristóvão, em termos de seu eventual registro e salvaguarda?

Para responder a essas perguntas, tenho o seguinte objetivo geral:

Compreender a festa de São Cristóvão realizada em Canoas, RS, no Bairro Igara, desde 1957, a partir das narrativas de sujeitos que fazem parte da comunidade relacionada ao Santuário, o qual tem o Santo como padroeiro.

E os objetivos específicos:

- Compreender a preparação, organização e execução da festa de São Cristóvão e sua relevância tanto para os membros da comunidade ligada ao Santuário, como para a cidade de Canoas.
- Analisar os elementos da Festa de São Cristóvão no Bairro Igara, Canoas, RS.
- Analisar a Festa, a partir das narrativas de festeiros e membros da comunidade relacionada ao Santuário.
- Apresentar a Festa de São Cristóvão como vetor de enraizamento e como bem cultural imaterial de Canoas, RS.

Trabalhei com as seguintes hipóteses: a) a celebração foi vetor de enraizamento de antigos moradores do Bairro, notadamente de descendentes de imigrantes vindos de regiões do norte da Itália, entrando no Brasil nas últimas décadas do século XIX, povoando o que chamamos de Serra Gaúcha, com contingentes familiares migrando para Canoas; b) a festa de São Cristóvão se constitui como elemento de coesão comunitária e de construção e reconstrução identitária.

A pesquisa abrange um recorte temporal de 60 anos, pois busca a gênese do Bairro e a da Festa, bem como a sua continuidade. Embora pareça um tempo bastante extenso, deve-se ter em mente que se trata de um trabalho de memória e que alguns dos sujeitos participantes da investigação são pessoas idosas que se constituem como pioneiras na ocupação inicial do Bairro e estiveram presentes na formação deste e nas primeiras festas em celebração a São Cristóvão, alguns, acompanhando-a até 2020, ano do encerramento da pesquisa.

O trabalho resultante está dividido em seis capítulos. A *Introdução* destaca os cenários envolvidos do estudo, através de uma apresentação breve sobre o trabalho e um memorial, justificando a escolha do tema da pesquisa. Este capítulo expõe uma contextualização do tema, os caminhos percorridos, o problema de pesquisa, questão central, hipóteses, objetivo geral, objetivos específicos, a relevância, as indagações e

seus percursos. O segundo capítulo, *Origem de Canoas, do Bairro Igara e do Santuário São Cristóvão*, discute a formação do município e do Bairro, a fim de apresentar o cenário onde foi construído o Santuário de São Cristóvão e onde ocorre a sua festa.

O terceiro capítulo com o título, *Abordando a festa de São Cristóvão: percurso metodológico*, apresenta o tipo de pesquisa, procedimentos de coleta de dados, com o uso da metodologia da História Oral, Observação Não Participante e pesquisa documental. Informa também, como foram realizadas as análises dos dados.

O quarto capítulo, *Reflexões sobre festas de santos no Brasil e a relação entre festa e memória*, destaca o estado da arte sobre festas de santos e santas no país e a fundamentação teórica que deu suporte ao desenvolvimento da pesquisa e às reflexões durante a análise dos dados. O quinto capítulo, *São Cristóvão – “O Santo carregador de Cristo” e sua festa em Canoas, RS*, aborda a construção do Santo, discussões sobre indícios da origem da devoção a ele, sua iconografia e a celebração em sua honra, em Canoas. Trata sobre a estrutura social de produção da Festa, seus elementos, artefatos simbólicos e rituais.

O sexto capítulo, *Narrativas sobre a festa de São Cristóvão em Canoas*, aborda construções memoriais sobre o Bairro Igara, O Santuário e a Festa. Trata sobre identidades narrativas, enraizamento, a festa como bem cultural e a sua realização em momento de pandemia. Este último item foi inserido tendo em vista a sua ocorrência, em 2020, em meio ao período de isolamento/distanciamento social, consequência de medidas sanitárias para deter a contaminação pelo vírus. A proposta foi a de observar as permanências e adaptações dos fazeres da celebração transportados para o espaço virtual.

O último capítulo, *Considerações finais*, traz o fechamento da tese, no qual faço o caminho da releitura desta, buscando, a partir de tudo o que foi pesquisado, problematizado e analisado, comprovar as hipóteses iniciais de que a celebração: foi vetor de enraizamento de antigos moradores do Bairro, notadamente de descendentes de imigrantes vindos de regiões do norte da Itália, entrando no Brasil nas últimas décadas do século XIX, povoando o que chamamos de Serra Gaúcha, com contingentes familiares migrando para Canoas; se constitui como elemento de coesão comunitária e de construção e reconstrução identitária.

Uma das orações a São Cristóvão diz que “Todos somos caminhantes nas estradas deste mundo”, sendo assim, convido ao leitor e/ou leitora, para percorrer comigo os caminhos que trilhei, pesquisando sobre a Festa de São Cristóvão em Canoas.

2 ORIGEM DE CANOAS, DO BAIRRO IGARA E DO SANTUÁRIO DE SÃO CRISTÓVÃO

Até o padre que veio ali [anos 1950] disse aqui tem muitos motoristas, a gente faz um santuário para São Cristóvão e foi quando surgiu a ideia do santuário para São Cristóvão em função da grande concentração de caminhões que já existia naquele tempo. (Eduvar José Scolari, 2002).

Início a caminhada com a construção deste capítulo, utilizando as narrativas dos entrevistados, consulta a documentos oficiais e bibliografia sobre a história de Canoas e dos seus bairros. Aqui, trago uma leitura do cenário onde foi construído o Santuário de São Cristóvão e onde ocorre a Festa em sua honra.

Conforme Graebin e Viegas (2018) Canoas/RS tem sua origem histórica na sesmaria doada ao tropeiro Francisco Pinto Bandeira em 1732. Porém, foi a partir de sua emancipação do Município de Gravataí, em 1939, que desenvolveu a sua urbanização. De acordo com Penna et al. (2002) até a metade do século XIX, o local se denominava como Fazenda do Gravataí, dividida entre os sucessores do antigo proprietário. Nas últimas décadas deste século, parte das terras — Fazenda da Brigadeira⁴—, foi vendida à Saturnino Mathias Velho (PUFAL, 2016). Esta estendia-se, no início do século XX, desde onde está instalada atualmente a Refinaria Alberto Pasqualini (Petrobras), até o entorno da estação Mathias Velho do Transurb⁵. A fazenda possuía uma parte mais alta, onde havia criação de gado e uma mais baixa, alagadiça, com plantações de arroz.

A sucessiva subdivisão das terras por motivos de herança e sua venda a empresas loteadoras, durante os anos 1940 e 1950, deram origem ao processo de urbanização do município e aos bairros da cidade, entre eles, o Bairro Igara, localizado na parte mais alta da antiga Fazenda da Brigadeira. Ressalto que este faz parte dos

⁴ As terras pertenciam ao “[...] Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira e dona Josefa Eulália de Azevedo, a senhora Brigadeira, [...], que foi assim chamada e conhecida por ter sido casada com o Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, não perdendo este nome nem mesmo casada depois com o desembargador L. C. T. de Bragança [...]. A filha destes, Rafaela Pinto Bandeira também recebeu a mesma alcunha e herdou a Fazenda do Gravataí. Parte desta passou a ser conhecida por Fazenda da Brigadeira (RUFAL, 2016, p. 2).

⁵ A Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre S.A. foi criada em abril de 1980, através do Decreto nº 84.640, para implantar e operar uma linha de trens urbanos no Eixo Norte da Região Metropolitana de Porto Alegre, atendendo diretamente às populações dos municípios de Porto Alegre, Canoas, Esteio, Sapucaia do Sul, São Leopoldo e Novo Hamburgo (TRENSURB, 2021).

espaços que ainda passam por loteamentos na cidade de Canoas, tendo em vista que sua urbanização é mais recente, em comparação a de outros bairros do município. Assim, existe uma parte ainda habitada por famílias de pioneiros e seus descendentes e outras que acolhem os novos moradores. A tese, por conta do seu tema e objeto, privilegiou os moradores mais antigos que constituem a comunidade originária, relacionada ao Santuário de São Cristóvão.

Para apresentar o Bairro, tomo como referência, narrativas de moradores que o vivenciam participando de acontecimentos, inclusive os considerados mais relevantes, desde a sua origem. Início com aquelas recolhidas de matérias jornalísticas, como a intitulada Projeto Bairros, da Folha de Canoas (1994), na qual há relatos de que o primeiro núcleo de habitações remonta ao início dos anos cinquenta, como Vila Triângulo e depois como Bairro São Cristóvão, próximo à atual Rua Araguaia e à BR 116 (apud PENNA et al., 2002). Até então, tratava-se de espaço recortado em sítios e/ou chácaras com criação de gado e plantações de hortaliças, frutíferas e outros.

Uma das moradoras mais antigas do bairro, Zaida Luiza Gomes da Silva em entrevista⁶ ao Jornal Diário de Canoas, narra que nasceu ali em 1920 e que sua família chegou ao local quando não havia quase nenhuma casa. Arrendaram uma chácara de Décio Rosa, antigo morador e proprietário de terras de Canoas, com a finalidade de plantar para a sobrevivência e comércio, muito incipiente naqueles tempos. “Aqui só existia campo, tínhamos gado de leite para comercialização e o entregávamos nas casas e nos estabelecimentos comerciais, no centro de Canoas”. Também plantávamos de tudo” (1994). Isto me reportou a Bosi, ao refletir sobre história de vida, informando que está “[...] não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu” (2003, p. 69). Durante a escrita da tese pude constatar sujeitos históricos cujas vidas auxiliaram na construção de Canoas. Zaida recorda a dificuldade de acesso ao bairro, principalmente em época de chuvas, pois não havia abertura de ruas e às vezes a charrete de entregas atolava. Segundo ela, podia-se andar com segurança no local, pois se conhecia os poucos habitantes das chácaras vizinhas. “Lembro que não havia luz, então dormíamos muito cedo. Pela manhã, os campos ficam repletos de avestruzes, o que despertava a atenção dos poucos moradores da chácara” (1994).

⁶ Diário de Canoas, Especial Bairro Igara, 27/03/1998, p. 3.

Salienta, ainda, que em 1955, seu marido Valdemar Gomes da Silva ajudou a fazer a abertura das ruas porque naquele tempo não existiam máquinas e o trabalho era realizado aos poucos. Para se deslocar até a igreja, era necessário caminhar “léguas”, até o centro, pois a única paróquia era a de São Luiz Gonzaga, no centro da cidade.

Em entrevista à Folha de Canoas (1994) a moradora Izolda Fortes, que, na época, vivia no Bairro há 31 anos, relata que quando chegou à então Vila Igara só existiam campos, que não havia água e em algumas partes existia luz e os moradores habitavam com muita precariedade. “Quando chegamos em 1963, já tinha a Escola Estadual Érico Veríssimo, a Igreja São Cristóvão, bem como a Metalúrgica Forjasul S/A, ainda muito pequena. O primeiro açougue foi propriedade de José Souza, já falecido”. Izolda lembra ainda que para ir ao centro de Canoas, era preciso caminhar até a Rua Victor Barreto, pois o ônibus passava apenas duas vezes por dia.

As narrativas dos moradores convergem ao lembrarem-se dos seus primeiros anos, conforme menciona o entrevistado Adalberto Scolari:

[...] quando conheci, aqui pra cima era só gado, foi em 1956, [19]57” [...] “algumas casinhas muito pouco, quase nada, basta dizer que essa rua do lado do posto era um banhado só, havia buracos, tivemos que levantar um metro de terra para poder fazer o posto [Scolari]. Não tinha nada aqui para cima” (2002).

O Posto de gasolina Scolari tornou-se um marco geográfico e memorial do Bairro, um lugar citado na maioria das entrevistas realizadas, identificando o início da Igara no local próximo à BR-116, nas imediações deste. Demétrio Gonzales reforça as informações, detalhando a área do início da urbanização:

“A frente do Bairro Igara ficava na parte inicial, era da Av. Araguaia até a Av. Triângulo. [...] A Vila Triângulo era aquelas ruas que ficam ali no Galeto Serrador que era do Seu Valter Straebel, alemão. Tinha outro restaurante no Bairro Igara que era do Pasinato. Eram as coisas mais importantes, e o posto Scolari na frente. [...] A parte dos fundos, onde hoje é o estádio de esportes que a Prefeitura fez, ali era o açude. Ali alagava, corria água. Tinha lambari, tinha peixinhos pequenos. Era banhado. [o arroio] Atravessa por baixo, na rede pluvial (GONZALES, 2000).

Os moradores pioneiros trazem elementos que pautam suas lembranças: o trabalho, o espaço, a segurança, as dificuldades, a religiosidade. De acordo com Bosi, “cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história. O caudal de lembranças, correndo sobre o mesmo leito,

guarda episódios notáveis que já ouvimos tantas vezes de nossos avós” (2003, p. 70). Demétrio Gonzales (2000) informa que o sonho de algumas pessoas era morar no Bairro Igara, tendo em vista que o comprador recebia seu terreno em rua com infraestrutura, o que era um diferencial nos anos 1950, em relação aos demais loteamentos de Canoas. A empresa que iniciou a venda dos primeiros terrenos foi a Cooperativa Habitacional Porto-Alegrense-COAHPA e a partir de 1964, com a criação do banco Nacional da Habitação-BNH e de outros órgãos públicos para o setor habitacional, cresceu a oferta e a possibilidade de aquisição de moradias, embora isto atingisse apenas uma parcela da população brasileira. A urbanização do Bairro recebeu reforços quando, em 1966, o Presidente Costa e Silva inaugurou 390 (trezentas e noventa) casas no Residencial Igara. O projeto do residencial previa a construção de centro de atividades comerciais, culturais, sociais e recreativas, além de creches, supermercados, escolas e iluminação a mercúrio (FOLHA DE CANOAS, 1994). Na Lei 930/64⁷, o Bairro havia recebido a denominação de Bairro São Cristóvão, contendo as Vilas Parque Muniz, Maria da Glória, Chácara Rasgado, Igara, Triângulo e Limoeiro. Em 2003, pela Lei 4736, passou a chamar-se Bairro Igara com as Vilas: Igara, Igara II, Igara III, Igarinha, Triângulo, Parque Residencial Igara, Loteamento Residencial dos Jardins e Loteamento Campos de Cima.

Assim, o Bairro Igara foi adquirindo um perfil multifacetado, com seus loteamentos surgindo em períodos diferentes, com denominações específicas e moradores vindos, na sua grande maioria, do interior do estado do Rio Grande do Sul, das zonas de colonização italiana e alemã. Por conta do constante movimento de urbanização e dos loteamentos, o Bairro muitas vezes é denominado por algumas das suas subdivisões: Residencial Igara, Jardim Igara, Igara I, Igara II, Igara III. Todas essas denominações decorrentes dos loteamentos dificulta a compreensão do bairro como um todo e, geralmente, seu morador refere-se ao título do loteamento e não ao Bairro Igara em si. Para que os moradores soubessem distinguir os espaços, a Secretaria de Planejamento Urbano da cidade de Canoas, através do arquiteto Gilberto Schmitt Coelho de Souza, estabeleceu os limites do Bairro e de suas subdivisões (PENNA et al., 2002):

⁷ Esta lei foi revogada pela Lei nº 4736/2003. Prefeitura Municipal de Canoas. Leis Municipais. Disponível em: www.LeisMunicipais.com.br. Acesso em: 10 abr. 2021.

- Igara I: a oeste com BR – 116, sul com Av. Boqueirão, norte com a propriedade de Mário de Souza Velho, e a leste com as terras de terceiros remanescentes da antiga Fazenda Brigadeira;

- Igara II: a oeste Igara I, a sul com a Av. Boqueirão, a norte com a propriedade de Mário de Souza Velho e a leste com a antiga Fazenda Brigadeira;

- Igara III: a oeste Igara I, a sul com a Av. Boqueirão, a oeste com igara II, a norte com a propriedade de Mário de Souza Velho e a leste com o Conjunto Residencial Ildo Meneghetti, conhecido como Guajuviras;

- Parque Residencial Igara faz divisa com a Universidade Luterana do Brasil (ULBRA);

De acordo com a Secretaria de Planejamento Urbano do município de Canoas, a Igara I recebeu esta denominação depois do lançamento da Vila Igara II, decorrente do loteamento em terras de propriedade de Zilda Dexhaimer Arnt Velho, no ano de 1965.

Assim como tem ocorrido em relação aos demais bairros, os proprietários das antigas chácaras não resistiram à pressão imobiliária, negociando-as com empresas voltadas para a construção civil e aquelas foram recortadas em loteamentos. A arquiteta Iara Marina Waegertner (PENNA et al., 2002), diretora de “Projetos Novos”, da Secretaria de Habitação de Canoas, explica ser o Bairro “zona alta, isso passou a ter valor mais elevado [...] eram famílias antigas de Porto Alegre que tinham aqui os seus sítios. Isso fez com que protegessem as suas terras, que eram terras mais nobres”. A demora da ocupação do espaço e sua urbanização deveu-se um pouco a isso.

Bosi menciona as transformações dos bairros como arcabouço das modificações concomitantes das vidas das pessoas “[...] nas histórias de vida podemos acompanhar as transformações do espaço urbano; a relva que cresce livre, a ponte lançada sobre o córrego, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar” (2003, p. 73). A partir das narrativas dos moradores comecei a enxergar um Bairro que não vivi, mas que aprendi a delinear os contornos, as ruas, as passagens e atalhos.

Eduvar Scolari lembra sobre a vinda das pessoas do interior do Rio Grande do Sul para o Bairro. "Esses interioranos vinham com aquele espírito do trabalho. [...]. É um bairro assim...mais sei lá, um bairro que o pessoal que mora aqui é pessoal de

trabalho, mas um trabalho mais autônomo, quer dizer, um tem meia dúzia de caminhão, outro tem uma pequena fabriqueta, outro tem uma padaria muito boa que atende 50 % da vila aqui, tem a fruteira do Marubim que os caras vêm lá de Canoas, do Centro, vem aqui. É tradicional. Isso foi agregando um comércio muito forte e bom (SCOLARI, 2000).

A moradora Lurdes Vanilda Faviero também destaca o perfil dos moradores como honestos, trabalhadores e unidos pela comunidade religiosa:

[...] O hábito mais forte ali na Igara, são pessoas honestas, trabalhadores, cumpridores de suas obrigações. Ali a gente se dá com todo mundo, mas se visita muito pouco, só numa necessidade. Se tem alguém precisando da gente, ou num aniversário, no mais a gente se reúne na Paróquia. O local de encontro é na Paróquia São Cristóvão (2002).

A menção e o reforço da caracterização dos moradores do Bairro como trabalhadores e honestos trata-se de um contraponto a outro dos Bairros de Canoas — o Guajuviras —, cujas origens remete à ocupação de residencial construído por companhia habitacional e, que até os anos 2000, sofria o estigma de ser um dos mais violentos da cidade, uma memória coletiva cuja construção solidificou uma narrativa sobre este Bairro e sobre Canoas. Outro diferencial é o nome das suas ruas: Rua das Hortênsias, das Azaleias, dos Jasmins, das Dálías, etc., em um dos seus setores, em outro, nomes de rios: Rua Tietê, Tapajós, etc.; também existem as ruas com nomes de árvores frutíferas: Laranjeiras, Castanheiras, etc. Na imagem a seguir (Figura 05), uma vista da Rua das Castanheiras.

Figura 5 – Vista da Rua das Castanhairas, Bairro Igara, Canoas, RS (2018)



Fonte: Prefeitura Municipal de Canoas. Derli_Colomo_Júnior_0002-1024x683.jpg (1024x683) (canoas.rs.gov.br).

O Bairro tem um perfil residencial, mas não abdicou dos estabelecimentos industriais, comerciais e de transportes. Sobre o comércio, descreve Eduvar Scolari:

[...] é um comércio, vamos chamar de subsistência, para abastecer os que moram ali. É caracterizado por ser bom, que serve bem, tem aqui, açougues, tem padarias, tem fruteiras. Gente, lá do centro, que conheço, vem comprar ali, inclusive o Felipe, toda a semana ele vem buscar fruta ali. Por quê? Porque é uma fruteira que você encontra de tudo, produtos bons e preços acessíveis, é um gringo que veio lá de Anta Gorda, Marubim. (2000)

Ainda sobre comércio, serviços e indústrias, Clair Beltrami, em suas narrativas, lembra sobre os formadores do Bairro que, segundo ele, foram figuras importantes na economia da cidade:

Outra figura que marcou foi o Carlos Pasinato, hoje falecido. Era de Antônio Prado, era o sogro do Luiz Felipe Scolari. O Hotel Pasinato era o Hotel mais antigo da BR 116. Ao lado tinha o Galeto Serrador, do Valter, o prédio está em questão na justiça. Este Galeto foi o primeiro, na BR, ficou uns 20 anos ali. Representa hoje o Paçoquinha [da família Zambiasi], era ali que se concentravam os comedores. Foi o pioneiro. Depois veio a Forjasul, do Grupo Tramontina: compraram um pedaço do terreno da igreja. Veio para cá na década de [19]64. Manfroi é um dos donos. Outro que veio foi o Biazus⁸, da Canoense. (BELTRAMI, 2000).

⁸ Até a atualidade, a família tem empresa de ônibus que atende ao Município.

Segundo o Padre Santo (1994), quando chegou à Paróquia, no dia 10 de fevereiro de 1972, havia pouquíssimos estabelecimentos comerciais. A população local era um terço da atual. Ele se recorda do Posto Biazus, do Canoas Parque Hotel, do antigo Hotel Serrador e do ponto do cafezinho, na saída do Triângulo, onde por muito tempo esteve erguida a imagem de São Cristóvão, padroeiro dos motoristas.

Essencialmente residencial, o Bairro possui diversas praças e áreas verdes e, no ano de 1980, foi inaugurado o Centro Olímpico Municipal, no qual é possível praticar diversos esportes. Em se tratando desses, de acordo com Luiz Felipe Scolari, havia um clube de futebol, a Mocidade de São Cristóvão – MOSCRI, muito ativo:

“[...] Eu já jogava lá em Passo Fundo na rua, nos clubinhos de lá, junto com os meninos de lá e quando eu vim para cá, eu tinha um primo meu, que é até falecido, Luís Maurício Scolari e ele jogava na Igara, jogava lá no São Cristóvão. [...] Então quando eu vim, eu comecei a jogar no São Cristóvão. Depois a gente jogava sempre, fazia os jogos dos funcionários do Posto Scolari, da Transportadora. [...] a gente tinha paróquia de São Cristóvão e nós fundamos numa reunião de jovens nós fundamos a MOSCRI – Mocidade São Cristóvão. Ali nós fundamos um time de futebol de salão. Na MOSCRI fizemos um time que era da sociedade [...] nossos encontros e aí tínhamos o time de futebol de salão MOSCRI. [...] nós tínhamos o campo, o campo era nosso lá, hoje onde tem aquele complexo na Vila Igara, antes praticamente era São Cristóvão, quem usava era o São Cristóvão” (SCOLARI, 2002).

Pode-se observar que narrativas de moradores, como esta de Luiz Felipe Scolari, já citam a Paróquia de São Cristóvão como polo aglutinador dos primeiros moradores do Bairro Igara. Em entrevista, Ivo Lech destaca a identificação direta com o Santuário de São Cristóvão, lembrando, também de outros fatores que motivaram moradores a vir para Canoas, como bons colégios, universidades e menores preços que na capital. Declara, ainda, que muitos empresários fizeram seu patrimônio nesta cidade, entre eles, caminhoneiros: “[...] E aí o pessoal carregava aqui em Porto Alegre ou Canoas mesmo enfim, ou nessa região e iam pro Rio, São Paulo, pro Brasil a fora. Então, muitos homens enriqueceram e fizeram seu patrimônio na direção dos caminhões” (2018). Isto explica a forte relação e envolvimento da comunidade com a construção do Santuário São Cristóvão, que passo a descrever na sequência.

A igreja São Cristóvão foi desmembrada da Paróquia São Luiz de Canoas em 30 de dezembro de 1956, atendendo solicitação de famílias que, “[...] para poder participar da Missa, precisavam ir a pé até o centro de Canoas, na Paróquia São Luiz Gonzaga, pois, não havia ônibus e carros, eram poucas famílias que tinham”

(GAZETA DE CANOAS, 2018). Vale aqui ressaltar testemunhos anteriores de moradores colocando as dificuldades iniciais de transportes para chegar ao centro da cidade.

Ivo Lech (2018) cita em suas reminiscências, que moradores se reuniam para rezar o terço e cantar, em uma pequena capela no próprio Bairro, sendo acertado que o Padre Leão Hartmann (da Paróquia São Luiz) e seu sobrinho Igoberito Hartmann, também sacerdote, celebrariam ali, a missa uma vez por mês. Atendendo a solicitações da comunidade, o Arcebispo Dom Vicente Scherer⁹ conseguiu a vinda de dois padres holandeses e com isso a criação da Paróquia.

Reporto-me aqui a Halbwachs (2006) no sentido de que a construção das memórias dos entrevistados vai se colocando em um quadro de relações sociais, em um tempo, localizadas em um espaço — o que deu origem ao Bairro e ao seu Santuário. Neste sentido, relembra Ivo Lech:

[...] A Capela de São Cristóvão começou com o padre Cônego na época Padre José Leão Hartmann que celebrava lá dominicalmente ou quinzenal, eu não lembro bem, a missa para aquela comunidade da Vila Triângulo que era aquela parte ali da Tupi até a Monteiro Lobato [ruas que são paralelas próximas] e ali eu lembro né que a Capelinha ainda não era a igreja não era na Tupi ainda como é hoje. Porém ao lado do centro de Canoas, na Monteiro Lobato, era um terreno pequeno, uma parte dela tinha assoalho outra parte não tinha era chão batido mesmo. (2018)

Narra ainda Ivo, que no dia 01 de janeiro de 1957, às 16 horas, foi celebrada a cerimônia, quando tomou posse o primeiro Pároco da igreja São Cristóvão, o Padre Evaristo Poelmann e o coadjutor Padre Teodósio Grondhuis, chamados de "os padres da batina branca". Estes eram de uma congregação holandesa (primeiros a chegarem ao Brasil). A capela havia sido construída em madeira, na Rua Tupi. Esses sacerdotes também ficaram responsáveis pelo atendimento à Capela Pio X na Vila Mathias Velho e à Capela Nossa Senhora Conceição, na Vila São Luís (LECH, 2018).

Segundo matéria do Jornal Gazeta de Canoas (2018), existem duas versões para a origem do nome da Paróquia:

- a versão popular é a de que os motoristas que paravam no Posto de Gasolina Cafezinho (no triângulo das Ruas Tupi, BR – 116 e Victor Barreto) para abastecer, tomar um café e conversar, colocaram ali uma imagem de São Cristóvão, como um

⁹ Elevado como Arcebispo de Porto Alegre em 30/12/1946, permanecendo no cargo por 35 anos.

voto para protegê-los em suas viagens. Várias pessoas começaram a visitar a imagem, surgindo, e, ou reforçando devoção já existente ao Santo "carregador de cristo". Esta imagem deu o nome à comunidade — “São Cristóvão” — protetor dos motoristas. Esta encontra-se, atualmente, na frente do Santuário, na Rua Tupi. Com a chegada de mais moradores no Bairro Igara, algumas missas passaram a ser celebradas em casas de família, gerando a necessidade de uma Paróquia no Bairro. De acordo com Penna et al. (2002), a comunidade se mobilizou fazendo festas, angariando recursos financeiros para a obra da igreja, sendo construída em dezembro daquele ano, quando a imagem de São Cristóvão foi transferida do Posto de gasolina para a Paróquia.

- a versão oficial (Livro Tombo da Paróquia) relata que, antes mesmo de definir o local onde seria a nova Paróquia, o Bispo Dom Vicente Scherer já havia definido o seu nome como São Cristóvão. De acordo com Eduvar, “[...] O nome do Bairro também era São Cristóvão, mas [atualmente] se pedir pelo Bairro São Cristóvão pouca gente sabe. Mas, então, o nome São Cristóvão vingou é para o nome da igreja, hoje santuário” (SCOLARI, 2002). Essas narrativas apontam para o caráter político da memória e uma forma de esquecimento: embora existam indícios de como tenha surgido a denominação do Bairro e a do templo, a partir de iniciativas populares, a Igreja apropriou-se do acontecimento, determinando uma memória pública oficial, aquela registrada em documento. Pode-se aqui falar de uma política de esquecimento, uma forma intencional de ocultar da memória coletiva algo do passado. Provavelmente a forma não ortodoxa de culto ao Santo em um Posto de gasolina.

De acordo com as narrativas de Ivo, a primeira igreja foi construída em madeira e depois, foi substituída por prédio em alvenaria, mas problemas na edificação faziam com que a igreja sofresse com goteiras. Lembra, ainda, que começou a ajudar nas missas na primeira capela, ainda em latim. Menciona, "era uma surpresa, os padres diziam: como é que tu tens essa facilidade. Facilidade nada, eu pegava, estudava e lia, enfim eu comecei a minha vida religiosa como coroinha" (LECH, 2018).

Lurdes Vanilda Faviero (2000) lembra-se de como era a igreja antes da reforma

[...] era uma igrejazinha, eu acho que ela não tinha 4m por 5, de tão pequena. Aí veio Padre Moresqui e construiu uma igreja de madeira, que deu uma outra enorme chuva e ela caiu, caiu por terra. Veio o Padre Lídio, e teve bastante invasores, quando chegou o Padre Santo Lorenzato, o terreno estava sendo

tomado por pessoas indigentes, estavam pegando usucapião do terreno. E o Padre Santo chegou, botou normas na casa, conseguiu acomodar aquelas pessoas, que estavam ali de invasores, e hoje temos o Santuário São Cristóvão, do qual eu sou muito orgulhosa do padre Santo.

No mesmo sentido relata, em entrevista Clair Beltrami (2000):

Um fato foi a construção de um Santuário Novo e um vendaval derrubou tudo. Deve ter sido na década de [19]68, deve ter alguma foto. Foi no tempo do Padre Antônio Moresqui. Estava tudo pronto e veio um redemoinho e derrubou tudo. Aí desmancharam todo prédio e construíram de novo. É o prédio da Igreja que está agora. Tem a igreja velha, depois construíram o ginásio.

De acordo com Lurdes Vanilda Faviero para a construção do Santuário, concorreram:

[...] pessoas de boa vontade, que de uma maneira ou de outra colaboraram. Quando caiu a igreja não se desanimaram, veio outro padre e nos unimos a ele. Todo mundo colaborou com um pouco, tinha 'a campanha do metro', era um tanto que a gente pagava para construir um metro da igreja. Isto é resultado da ação da comunidade.

A igreja e suas atividades foram coordenadas por praticamente 30 anos pelo Padre Santo Lorenzato (1994)¹⁰. Este lembra que o Bairro Igara “era campo, cresceu tremendamente com a colaboração do povo aqui estabelecido”. Um dos resultados do trabalho em conjunto foi a construção do “Santuário de São Cristóvão, a torre com os três sinos e o salão paroquial” (1994).

O Santuário São Cristóvão foi inaugurado em 13 de novembro de 1988. A igreja, com capacidade para quase três mil pessoas, foi um espaço cuidadosamente projetado. “Fui buscar quem fez o projeto do Gigante da Beira Rio”¹¹, lembra o Pe. Lorenzato. Em 1994, quando deu a entrevista quando deu a entrevista para o jornal Folha de Canoas, era responsável por 50 mil paroquianos. Na sua narrativa, entusiasmava-se com o que é possível fazer quando se conta com a união da comunidade. Enquanto falava da ampliação do templo, sem colunas, com imagem em destaque, vitrais coloridos e muitas plantas, comentava também, sobre os planos para recuperar e pintar os arcos internos.

¹⁰ Foi atribuído o nome de Rua Padre Santo Lorenzatto, no Bairro Igara, ao trajeto na Rua C, com início na Rua F e fim na Rua G do mesmo loteamento, sentido Leste, com extensão de 73,00m. LEI Nº 6.276, de 7 de agosto de 2019.

¹¹ Sede do Sport Club Internacional de Porto Alegre.

Sobre a construção da igreja menciona o Padre:

Quando vim aqui tinha uma casa paroquial em que os cupins não me comeram porque eu também me defendia. Era uma chuva de noite porque iam roendo e aquele farelinho caíndo. Falaram de fazer a casa paroquial. Eu disse: Negativo! A igreja está caíndo em cima do povo. Primeiro vamos fazer aquilo que é preciso para que o povo tenha um espaço, para cumprir as suas obrigações e depois a nossa casa. Se for necessário vou morar debaixo de uma ponte, mas que o povo tenha o necessário. Depois da igreja velha foi feita esta nova, tudo como está, salão embaixo, um salão grande. Não tem outra com salão assim que tem tudo. E assim por diante! Depois disso então: agora vamos fazer a casa paroquial. E também foi reclamado que precisa mais dioceses. Precisaria em Camaquã, Montenegro e Canoas. Poderia ser mais três dioceses. Então se um dia quiserem aqui, teria uma catedral. Fiz uma casa paroquial e se um dia for a diocese tem lugar aqui para o Bispo morar. Eu previa sempre as coisas para o futuro. Me chamaram de louco fazendo uma casa com dois andares! Mas estou prevendo o futuro! Amanhã ou depois iriam dizer: por que não fizeram e agora tem que fazer tudo de novo. Eu sempre fiz assim e nunca me arrependi de nada. (LORENZATTO, 2001)

Aqui, reporto-me a Bosi (2003, p. 70): “as lembranças se apoiam nas pedras da cidade”. Essas pedras estão nas ruas e nas edificações do Bairro Igara. Neste sentido, as ‘pedras’ do Santuário dão ancoragem para as lembranças daqueles que são próximos. Álvaro Celestino Fernandes informa que os maiores colaboradores para construção do Santuário (figura 6) foram os motoristas, [...] “a igreja foi feita principalmente com a colaboração dos motoristas de Canoas e principalmente os motoristas da Igara, que são adeptos de São Cristóvão! Esses deram uma mão. A Igara [demais moradores] cooperou muito, mas principalmente os motoristas”.

Figura 6 – Santuário de São Cristóvão, Bairro Igara, Canoas, RS



Fonte: Acervo da autora da tese (2019).

A presença da narrativa mítica em relação ao Santo está presente nas falas dos entrevistados, como Ivo, ao mencionar que a igreja católica acolheu São Cristóvão por ser o santo que transportou Cristo:

Então, até isso, era uma novidade, porque as pessoas comumente os católicos conheciam alguns santos que não tinham este diferencial do São Cristóvão, que era o santo transportador, que transportou Jesus nos ombros, ou transportava as pessoas no rio, no riacho e enfim que a igreja católica acolheu, fez dele o padroeiro dos transportadores, então, São Cristóvão é o padroeiro dos motoristas. (LECH, 2018).

Álvaro Porto (2002) tece um comentário, destacando a importância não só do Padre Santo, mas também do empenho da comunidade, que cooperou na construção do Santuário. Esta iniciou em 1972 e lembra o Padre Santo: “Foi com sacrifício, mas a comunidade viu que havia a necessidade e também tivemos a colaboração de Canoas [moradores] como um todo”. [...] “O povo colaborou na construção dessa igreja. Tudo isso foi feito com a comunidade. Não tive nenhuma ajuda de fora. O povo fez e eu insistindo, lidando, trabalhando, encorajando” (LORENZATTO, 1994). Entre os diversos momentos importantes da obra, Pe. Santo lembra [sorrindo], que muitos acreditaram quando mostrou os três sinos trazidos de Minas Gerais, no chão da igreja

em obras e anunciou que até a festa de São Cristóvão, pretendia estar com a torre pronta. “Na primeira noite da novena, tocamos solenemente os sinos” (LORENZATTO, 1994).

Em 1983, foi inaugurada a nova construção pelo Arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Colling, passando a contar com um salão de festas do mesmo tamanho da nova igreja, utilizado para locação e atividades da comunidade. Neste, uma infraestrutura completa possibilita a realização de festas reunindo, sentadas, 750 pessoas. “Na inauguração do salão, colocamos aqui 1.600 pessoas”. (Pe. Santo Lorenzato, 1994). Na pequena igreja ao lado, reformada, são realizadas as aulas de catequese e reuniões de diversos movimentos comunitários e grupos de jovens. Segundo o Padre Santo, pelo menos 33 movimentos comunitários utilizam o local, destacando o FAC-Fraterno Auxílio Cristão, que além dos serviços de assistência social, oferece à comunidade assistência de médicos, dentistas e farmácias. “Nos últimos 30 anos a população cresceu muito e com isso também aumentou o número de fiéis” (LORENZATTO, 1998). De acordo com o Bispo Dom Aparecido Donizete (2017), “[...] O Santuário é sinal de Deus para motoristas e devotos de São Cristóvão. Ao olhar a imagem do Santo, fico em dúvida se é Cristóvão que carrega Jesus, ou se Jesus é que conduz Cristóvão”.

Remetendo a Bosi, penso na pequena igreja como a casa materna, como sendo “o primeiro espaço de onde a memória aflora [...] como um centro geométrico do mundo, a partir dela, a cidade cresce em todas as direções [...] dela partem as ruas, as calçadas onde desenrola a nossa vida, o bairro” (BOSI, 2003, p. 70).

Verifico que há naqueles moradores do Bairro, membros da comunidade cristã do Santuário São Cristóvão, uma maneira de ser que anima a vida das ruas, das praças, mercados e esquinas do seu entorno; um sentimento de pertencer a uma “comunidade afetiva”, isto é, aquela estabelecida a partir do convívio social, das experiências coletivas e de um trabalho de memória que dá coerência à sua manutenção (HALBWACHS, 2006). A paisagem hoje do bairro é contornada pelas histórias de vida de seus moradores, povoada por lembranças, entrelaçadas pelos espaços, trajetos e lugares, inseparáveis dos eventos que neles ocorreram.

Em 1994, Pe. Santo destacava que “o bairro está crescendo, muitas reformas vêm sendo feitas nas residências e nota-se que as pessoas querem tornar cada vez melhor este lugar onde moram” (LORENZATTO, 1994). Bosi (2003) menciona que um

bairro adquire uma determinada fisionomia, graças ao trabalho da comunidade. Este contorno humano valoriza o local, tornando-se fonte de sobrevivência de um grupo que a ele se liga. Isto também colabora para o enraizamento dos seus moradores.

Uma vez descrito o cenário de ocorrência da festa de São Cristóvão, cabe, na sequência, relatar o percurso metodológico da pesquisa.

3 ABORDANDO A FESTA DE SÃO CRISTÓVÃO: PERCURSO METODOLÓGICO

Todos somos caminhantes nas estradas deste mundo; acompanhai-nos sempre para chegarmos ao destino sem acidentes e contratempos. (Oração do Motorista)

Neste capítulo, trago o detalhamento do percurso metodológico, com as opções pelo tipo de pesquisa, procedimentos, constituição do *corpus* documental, os recursos, tratamento dos dados e análise destes.

Ao pesquisar sobre festas católicas inseridas no Brasil em diferentes tempos, percebi que há elementos que se cruzam, uma vez que expressões culturais diversas convivem em um mesmo espaço e dialogam entre si, constituindo-se como vetores a consolidar a referência a um grupo. Daí a opção pela pesquisa qualitativa, tendo em vista ser, no meu entendimento, a modalidade que melhor se aplica para ouvir, decifrar e narrar o que sujeitos têm a dizer sobre a realidade vivenciada. Permite a identificação de nuances de “intensidade” e “essência” ao longo da extensão do fenômeno, podendo revelar núcleos de maior profundidade, bem como conteúdos dialéticos que dali se desdobram (DEMO, 1998). Assim, “mergulhei” no “campo de observação”, utilizando recursos como o do caderno de campo e câmera para anotar e filmar, respectivamente, os dados compilados durante a pesquisa.

Para a elaboração do projeto de tese fiz uma pesquisa exploratória que visou a proporcionar mais familiaridade com o tema e os problemas elencados, bem como auxiliar na construção da hipótese de pesquisa. Assim, fiz uma aproximação com o campo na Festa de 2018, o que me deu elementos para chegar à qualificação do projeto de tese. Também, realizei revisão bibliográfica sobre as festas religiosas em honra a santos e santas. Após, entrevistei duas personagens com proximidade da celebração e, após a qualificação do projeto, foram acrescentados mais dois entrevistados (quadro 3).

Quadro 3 – Entrevistas com membros da comunidade do Bairro Igara

NOME	DATA DA ENTREVISTA	IDADE	GRUPO
Ivo da Silva Lech	06/09/18	70 anos	Membro da Comunidade
Luiz Carlos Ghiorzzi Busato ¹²	28/07/19	70 anos	Membro da Comunidade
Dario Francisco da Silveira	21/01/20	56 anos	Membro da Comunidade
Gorete Leffa	21/01/20	63 anos	Membro da Comunidade

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2020).

Também busquei entrevistas no acervo do Projeto “Canoas - Para lembrar quem somos”, que diziam respeito à formação do Bairro Igara, trabalho realizado com o objetivo de construir a história de Canoas, a partir dos seus bairros. Este acervo está custodiado no Museu Histórico La Salle (Universidade La Salle) e, neste caso, busquei o conjunto de entrevistas realizadas para a escrita da história do Bairro Igara, já com o intuito de analisar as narrativas que informassem sobre a festa de São Cristóvão. Dentre essas entrevistas foram escolhidas oito, de pessoas cujas famílias foram pioneiras no Bairro e estiveram presentes no processo de construção da capela, depois igreja e agora Santuário de São Cristóvão. Essas entrevistas haviam sido realizadas entre 2002 a 2005 pelos coordenadores do Projeto, Professores Rejane Penna, Miguel Gayeski e Darnes Corbellini. Na sequência, no quadro 4, apresento as entrevistas escolhidas.

Quadro 4 – Entrevistas do Projeto Canoas - "Para lembrar quem somos"

NOME	DATA DA ENTREVISTA	DATA DE NASCIMENTO	GRUPO
Álvaro Celestino Fernandes Porto	22/03/2002	06/04/1932	Membro da Comunidade
Pe. Santo Lorenzato	13/03/2001	26/09/1922	Membro da Comunidade
Lurdes Vanilda Chemello Faviero	03/05/2002	22/01/1937	Membro da Comunidade
Eduvar José Scolari	22/05/2002	21/09/1939	Membro da Comunidade
Adalberto Scolari	22/05/2002	27/10/1920	Membro da Comunidade
Luiz Felipe Scolari	22/05/2002	09/11/1948	Membro da Comunidade

¹² Prefeito da cidade de Canoas no período 2017/2020.

Clair Beltrami	14/09/2000	1937	Membro da Comunidade
Demétrio Gonzalez	14/09/2000		Membro da Comunidade

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir do acervo de entrevistas do Projeto “Canoas-Para lembrar quem somos” (2020).

Justificando a utilização deste acervo, ressalto que tive acesso às entrevistas transcritas na íntegra e que alguns dos temas levantados pela pesquisa que as originou, de certa forma, eram afins à minha própria investigação. Portelli informa que a História Oral preocupa-se mais com significados do que com eventos, portanto, as fontes orais são documentos que podem ser utilizados com diferentes objetivos, pois segundo este autor, o que está em jogo é a [...] subjetividade do expositor [...] (1997, p. 31). Portanto, para o meu estudo, estas despertaram problematizações, leituras e interpretações distintas daquelas dos autores do Projeto Canoas – Para lembrar quem somos.

Para complementar a pesquisa foram utilizadas matérias jornalísticas (entrevistas) de jornais locais, como se pode verificar no quadro 5, a seguir:

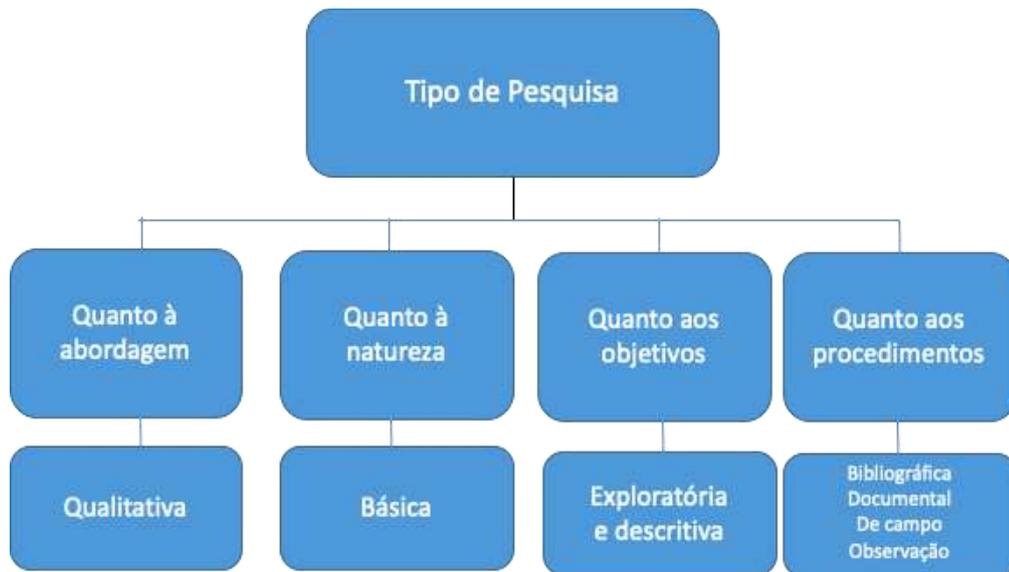
Quadro 5 – Entrevistas em matérias de jornais locais

NOME	DATA DA ENTREVISTA	JORNAL
Zaida Luiza Gomes da Silva	24.04.1994	Folha de Canoas Projetos Bairros
Pe. Santo Lorenzatto	18.07.1994	Folha de Canoas
Pe. Santo Lorenzatto	27.03.1998	Diário de Canoas
Pe. Santo Lorenzatto	20.07.2002	Diário de Canoas
Izolda Soldan Fortes	24.04.1994	Folha de Canoas Projetos Bairros
Valmor Bienert	08.08.2017	Diário de Canoas Caderno Especial
Dom Aparecido Donizete de Souza	08.08.2017	Diário de Canoas Caderno Especial
Egon Binsfel	08.08.2017	Diário de Canoas Caderno Especial
Wassil Jr.	20.07.2002	Diário de Canoas

Fonte: Elaborada pela pesquisadora a partir de entrevistas coletadas em jornais.

Após a pesquisa exploratória inicial, foi construída a proposta de percurso metodológico para a construção da tese, a qual pode ser observada na figura 7, a seguir.

Figura 7 – Infográfico: Tipos de pesquisa utilizadas na tese



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2018).

3.1 Tipos de Pesquisa

3.1.1 Quanto à Abordagem - Pesquisa Qualitativa

Para atender aos questionamentos elencados neste trabalho, adotou-se a pesquisa identificada como qualitativa. Esta, segundo Godoy (1995), obtém resultados mediante contato e interação entre pesquisador, sujeitos e objeto de estudo. Minayo (2015) ressalta que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (MINAYO, 2015, p. 21).

Assim, tendo em vista o tema da pesquisa sobre a Festa de São Cristóvão, dei atenção às crenças, significados, valores, modos de fazer e de ser, ou seja, fenômenos que não podem ser quantificados. Isto permitiu a problematização e a compreensão a respeito da comunidade diretamente relacionada à origem do Bairro Igara e ao Santuário.

O delineamento da pesquisa previu estudo nas Festas de São Cristóvão, nas edições de 2018, 2019 e 2020, fato que implicou na participação nos momentos de sua realização. Foi a ocasião da aproximação com a comunidade, através da participação dos eventos e coleta de entrevistas, além de contatos agendados para a finalização do trabalho de campo no mês de julho/2020. A partir dessas experiências em campo, estruturou-se a pesquisa de forma a privilegiar a revisão aprofundada da bibliografia, consultas documentais e outras idas a campo com vistas a complementar a investigação. Neste sentido estive atenta para alguns limites e riscos da pesquisa qualitativa, tais como:

A excessiva confiança no investigador como instrumento de coleta de dados; risco de que a reflexão exaustiva acerca das notas de campo pudesse representar uma tentativa de dar conta da totalidade do objeto estudado, além de controlar a influência do observador sobre o objeto de estudo; falta de detalhes sobre os processos através dos quais as conclusões foram alcançadas; falta de observância de aspectos diferentes sob enfoques diferentes; certeza do próprio pesquisador com relação a seus dados; sensação de dominar profundamente seu objeto de estudo; envolvimento do pesquisador na situação pesquisada, ou com os sujeitos pesquisados. (SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 32).

A proximidade com pessoas que frequentam a Festa de São Cristóvão, a relação afetiva com a celebração e a cidade fizeram com que tivesse um cuidado maior na coleta e, posteriormente, na análise dos dados.

3.1.2 Quanto à Natureza – Pesquisa Básica

No caso desta pesquisa, o que se objetiva é a geração de conhecimentos sobre um tema ainda não explorado de forma científica na cidade de Canoas, gerando, assim novos conhecimentos. O fato de indicar possibilidade de compreensão da Festa como bem cultural imaterial, não caracteriza a pesquisa como aplicada, isto é, com uma aplicação prática.

3.1.3 Quanto aos Objetivos – Pesquisa Descritiva

Com base nos objetivos, utilizei a pesquisa descritiva, a qual implica em recolher as informações sobre o objeto da investigação descrevendo fatos e fenômenos da realidade pesquisada (TRIVIÑOS, 1987).

3.1.4 Quanto aos Procedimentos

3.1.4.1 Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi efetuada a partir do levantamento de referências teóricas, metodológicas e de temas afins à investigação, publicadas por meios impressos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e informações online. A exploração bibliográfica abarcou o esclarecimento das ocorrências do tema proposto para a pesquisa.

3.1.4.2 Pesquisa Documental

Além dos documentos levantados na pesquisa exploratória inicial, o *corpus* documental ainda integra:

a) Matérias jornalísticas: *Diário de Canoas*, *Timoneiro*, *Diário Gaúcho* e *Jornal de Canoas*, cuja proposta de análise é descrita na sequência.

O trabalho com matérias jornalísticas envolve, como ressalta Luca (2008, p. 116), “[...] inquirir a respeito das fontes de informação de uma dada publicação”, isto é, para ser utilizado como fonte, precisa-se saber a representação que o jornal faz do real e também a quem o jornal pretende atingir com seu discurso. No quadro 6, trago listagem de procedimentos para trabalhar com jornal, elencado por Luca (2008):

Quadro 6 – Elementos para análise de fonte jornalística

- Levantamento das fontes e construção de uma série representativa.
- Localização da(s) publicações na história da imprensa.
- Atentar para as características de ordem material (periodicidade, impressão, papel, uso/ausência de iconografia e de publicidade).
- Apropriar-se da forma de organização interna do conteúdo. Verificar a superfície dos artigos, o tamanho dos títulos e localização na página e/ou no jornal.
- Caracterização do material iconográfico presente, observando as opções estéticas e funções cumpridas por ele na publicação.
- Caracterização do grupo responsável pela publicação.
- Identificação dos principais colaboradores.
- Identificação do público a que se destina.
- Identificação das fontes de receita.
- Análise de todo o material de acordo com a problemática escolhida. Referência ao tema e posição do jornal em relação a este.
- Análise lexical: Seleção de palavras-chave, presença-ausência na matéria, qualificações/adjetivações.

Fonte: LUCA (2008).

b) Documentos do Arquivo Histórico e Museu de Canoas Doutor Sezefredo Azambuja Vieira.

c) Documentos imagéticos: fotografias que identificaram momentos da Festa, das vivências a partir da criação do festejo, dos locais de ocorrência das edições do evento e do Santuário São Cristóvão. Imagens disponíveis no site da Prefeitura de Canoas, na Página do Facebook do Santuário São Cristóvão, páginas de redes sociais e registros fotográficos da pesquisadora. Iconografia relativa ao Santo, recolhida a partir de busca em sites disponíveis na Internet.

d) Documentos oficiais: Leis municipais e decretos, retirados do site da Prefeitura Municipal de Canoas.

e) Orações a São Cristóvão reunidas a partir de sites disponíveis na Internet.

3.1.4.3 Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo caracteriza-se por coletas que se realiza junto a instituições, entidades e pessoas (FONSECA, 2002). No caso desta tese, nesta etapa, trabalhei com a metodologia da História Oral e Observação Não Participante.

3.1.4.3.1 História Oral

Na primeira visita ao Santuário São Cristóvão (dezembro/2017), percorri o Bairro Igara para fotografar seus espaços e também para conhecer o Padre Nery (responsável pela Paróquia) e Iracy Majolo, membro da comunidade religiosa, quando houve um primeiro diálogo sobre as etapas da festa, além de várias indicações de fontes de pesquisa e interlocutores.

Na etapa de pesquisa em campo, em que aconteceram entrevistas de participantes da festa, embasei-me no Manual de História Oral, de Verena Alberti (2015). Nele, a autora “arrisca” (expressão própria) uma definição de história oral:

[...] é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Como consequência, o método da história oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou o testemunharam (ALBERTI, 2015, p. 24).

Conforme Alberti “a entrevista de história oral permite também recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões pessoais etc.”. (2015, p. 30). De acordo com Alberti a História Oral possibilita “[...] a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu” (2015, p. 31). Assevera a autora que “[...] a realização de entrevistas pressupõe o estudo de acontecimentos e/ou conjunturas ocorridas num espaço de aproximadamente 50 anos” (2015, p. 28). Isto está de acordo com o processo de pesquisa escolhido e com o recorte temporal de 60 anos. Assim, procurei como indica Alberti, as percepções de como os narradores concebem o passado e, a partir das entrevistas, as construções das memórias sobre a origem do Bairro e a da Festa de São Cristóvão. Busquei “[...] ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado por meio de estudo aprofundado de experiências e visões particulares; de procurar compreender a sociedade através do indivíduo que nela viveu” (2015, p. 26).

Alessandro Portelli ao discutir questões quanto à utilização da oralidade em pesquisas científicas, informa:

Na verdade, a comunicação escrita e a comunicação oral não se excluem mutuamente. Elas têm características comuns, possuem funções específicas e requerem diferentes instrumentos de interpretação. A subvalorização ou a sobrevalorização das fontes orais acaba por não fazer jus ao valor específico que podem ter, transformando-as em mero suporte das tradicionais fontes ou, em alternativa, numa espécie de cura para todos os males (PORTELLI, 2013, p. 21).

Infere-se desta afirmação, que as fontes orais não devem servir apenas para preencher lacunas deixadas pela falta de documentação escrita, ao contrário as duas se complementam. Para Portelli, a História Oral é uma prática e uma metodologia “diferente”, pois traz elementos relevantes para se discutir a narratividade, a construção de memórias, os esquecimentos e os silêncios em torno de determinado tema e sua abordagem. Ao trabalhar com esta metodologia, o oralista, desde a gravação da entrevista, até a sua transcrição, deve compreendê-la como uma relação estabelecida entre si e o seu entrevistado, ambos como produtores da fonte, pois “o testemunho oral é apenas uma fonte potencial, que existe na medida somente em que o investigador toma a decisão de dar início a uma entrevista” (2013, p. 34). O que resulta da pesquisa é fruto da junção de duas narrativas, a do entrevistado e a do entrevistador. Neste sentido, no momento da escrita do texto, isto deverá estar presente (PORTELLI, 2013).

Como a pesquisa se dedicou há um período de mais de 60 (sessenta) anos, optei em realizar entrevistas do tipo história de vida, em função dos enfoques que foram observados, a gênese, participação na festa, migração das famílias de descendência italiana e seu enraizamento no Bairro Igara. A seleção dos entrevistados esteve relacionada à “comunidade afetiva”, a qual se revelou como a dos descendentes de imigrantes italianos, pioneiros no Bairro Igara e membros da Comunidade Cristã que celebra a Festa de São Cristóvão, no período que compreende de 1957 a 2020. Estes ocupam diferentes funções em relação à celebração: religiosos, festeiros e pessoas da comunidade. A escolha dos entrevistados observou os seguintes critérios: a) idade superior a 60 anos; b) descendente de imigrantes italianos; c) gênero; d) membro da comunidade do Santuário. Explico o recorte de gênero, pois há, no senso comum, afirmações de que o maior número de pessoas que auxiliam em festas religiosas é composto por mulheres. Embora não se trate de um dos problemas de pesquisa, busquei elementos

para dar conta desta indagação pessoal. As entrevistas foram feitas por mim e filmadas por Jacson Moraes, profissional da área de comunicações.

Para a análise das narrativas de organizadores, participantes, membros da comunidade, utilizei como roteiro, os questionamentos pautados nos problemas e objetivos. Uma vez realizadas as entrevistas e sua transcrição, criei categorias para analisá-las. Não se trata aqui de análise de conteúdo e sim, de uma maneira de interpretar as narrativas com o apoio do referencial teórico. Cada entrevistado recebeu uma cor e trechos de suas narrativas foram separados por categorias codificadas numeralmente, conforme segue:

- (1) elementos estruturantes da Festa de São Cristóvão;
- (2) acontecimentos;
- (3) festa como vetor de enraizamento;
- (4) festa como vetor de territorialização;
- (5) festa como vetor de coesão comunitária;
- (6) identidades narrativas;
- (7) narrativas de origens.

Quadro 7 – Trechos de depoimentos de entrevistados sobre a Festa de São Cristóvão em Canoas

NOME/ NASCIMENTO PROFISSÃO	DEPOIMENTOS	CÓDIGOS
Álvaro Celestino Fernandes Porto 06/04/1932 Mecânico	De origem Italiana, Nasceu em Rio Grande. Vim residir no Bairro Igara/Canoas em 1967. (PORTO, Álvaro Celestino Fernandes, 2002)	(7)
	Existia uma igrejinha ali do lado. Ali batizei os meus filhos. Era uma igrejinha onde casei os meus filhos. (PORTO, Álvaro Celestino Fernandes, 2002).	(3) (4) (6)
	Hoje ela é um templo muito bonito! Hoje é uma verdadeira maravilha. (PORTO, Álvaro Celestino Fernandes, 2002).	(3) (4) (6)
	A igreja foi feita principalmente a colaboração dos motoristas de Canoas e principalmente os motoristas da Igara que são adeptos de São Cristóvão! Esses deram uma mão. A Igara cooperou muito, mas principalmente os motoristas. (PORTO, Álvaro Celestino Fernandes, 2002).	(3) (4) (5) (6)
	Tem a força da Comunidade, muito grande! A maioria da Igara, não a totalidade, mas a maioria coopera com o dízimo aquele! Mensalmente ele vem buscar na casa da gente. (PORTO, Álvaro Celestino Fernandes, 2002)	(3) (4) (5) (6)
	Para a comunidade é uma verdadeira maravilha. É o monumento da Igara. São Cristóvão é o monumento da Igara. Não tem nem	(3) (4) (6)

	comparação. É um destaque! Chama a atenção a grandiosidade, a imponência. É muito bonita! (PORTO, Álvaro Celestino Fernandes, 2002).	
	E tem só um padre. Mas não é só ele. Ele tem um conjunto de pessoas que trabalham com ele e é tudo da comunidade. Ele tem um conjunto de pessoas que frequentam diariamente a Igreja. Não é semanalmente. Frequentam diariamente. Aquelas pessoas são assíduas. Além de cooperarem financeiramente, cooperam com o trabalho. (PORTO, Álvaro Celestino Fernandes, 2002).	(3) (4) (5) (6)
	Então se a comunidade tem uma coisa bonita é porque abraçou essa questão. Fazem festas seguido lá. Tem um salão de festas lá que é uma verdadeira maravilha. Tudo coisa da comunidade. Nos vidros está a doação. Então o povo gostou mesmo. (PORTO, Álvaro Celestino Fernandes, 2002).	(3) (4) (5) (6)
	A meu ver o que prevalece o Italiano, mas é que eu acho que todo aquele que ajuda acha que é aquele que vai para o céu (gargalhada). Está garantido o pedacinho de céu! (PORTO, Álvaro Celestino Fernandes, 2002).	(3) (4) (5) (6)
	O pessoal católico, fervoroso se dedica. Eles fazem como essas igrejas dos crentes: eles vão rezar com tudo, com dinheiro, com material. Aquela igreja está sempre crescendo. (PORTO, Álvaro Celestino Fernandes, 2002).	(3) (4) (5) (6)
EDUVAR JOSE SCOLARI 21/09/1939 comerciante	De origem italiana. Nasceu em Sertão, distrito de Passo Fundo.	(7)
	Vim residir no Bairro Igara/canoas em 1958, lá pelos idos de 58 eu vim, eu saí do quartel e eu vim para casa. Fui para casa para trabalhar com um meu irmão que tinha um caminhão. A minha profissão projetada seria motorista. Como ele trabalhava com o Alberto e o Alcides, um dia ele chegou lá em casa e disse: Olha, estão precisando de um funcionário no posto que vão inaugurar. Quem sabe tu abraças? Eu acabei vindo ali dois ou três dias depois da inauguração em 59 e acabei ficando até hoje por ai. Acabei casando em 65. Moro na Igara. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002).	(3) (4) (6)
	A igreja, surgiu e durou uns dois anos, dois anos e pouco e daí o Mathias Velho doou, os terrenos lá em cima ali onde hoje é a igreja São Cristóvão, então foi feita a igreja. Não sei a origem desse nome São Cristóvão. Antes de eu vir não sei como era o nome do santo nessa igreja, mas eu sei como surgiu esse nome São Cristóvão. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002).	(3) (4) (6)
	Como aqui havia muita concentração de motoristas tanto aqui como na São Luiz que havia concentração de caminhões, todo caminhão que viesse do interior para Porto Alegre obrigatoriamente ficaria aqui no Posto Triângulo na pensão Scottá. Era um centro onde o Stefani, o Roglio, o Scolari e todos eles paravam porque ali era um ponto de parada, surgiu a ideia de se fazer um santuário para São Cristóvão. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002).	(3) (4) (5) (6)
	Até o padre que veio ali disse aqui tem muitos motoristas, e foi quando surgiu a ideia do santuário para São Cristóvão em função da grande concentração de caminhões que já existia naquele tempo. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002). Isto, já pelos anos 50, 53 ou 54 ou até antes, eu sei da história, mas não participei desta parte, mas em função disso surgiu São Cristóvão e o santuário. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002) O nome do Bairro também era São Cristóvão, mas muitos anos depois só que não funcionou, acho que ainda existe essa lei, não foi revogada, mas se pedir pelo bairro São Cristóvão pouca gente sabe. Mas, então, o nome São Cristóvão vingou é para o nome da igreja hoje santuário. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002).	(3) (4) (5) (6)
	Olha, inclusive, se existe uma igreja desse porte ali tem que agradecer muito aos irmãos Alberto e ao Alcides esses batalharam pela igreja,	(3) (4) (5) (6)

	trabalhou demais, esse abraçou a causa e levou adiante. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002) Esse santuário é fruto da cooperação. Tiveram diversos padres. Agora essa igreja grande que tem ali, moderna, essa foi o Padre Santo. O Padre Santo tem uma bagagem enorme. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002).	
	As pessoas que se estabeleceram aqui são do interior. E o que predomina mais acho que é o italiano em função do transporte. Tem muitos por ai com um, dois ou três caminhões. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002).	(3)(4) (6)
	Em função dessa vinda do interior. Esses interioranos vinham com aquele espírito do trabalho. Aqui era mais amplo, lá deixavam a agricultura que não dava nada vamos para Porto Alegre que tem comércio, transporte. Aqui era o centro dos negócios. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002).	(3) (4) (6)
	Então eles foram se organizando em torno da igreja o comércio e na parte espiritual acho que agregou demais ali, foi o centro. Então o forte desse lado aqui seria o comércio e o transporte, em função da concentração de transportadores desse lado aqui que trouxe para o São Luiz, São José e essa zona toda aqui. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002).	(3) (4) (5) (6)
	É um bairro assim...mais sei lá, um bairro que o pessoal que mora aqui é pessoal de trabalho, mas um trabalho mais autônomo, que dizer, um tem meia dúzia de caminhão, outro tem uma pequena fabriqueta, outro tem uma padaria muito boa que atende 50 por cento da vila aqui, tem a fruteira do Marubim que os caras vêm lá de Canoas, do Centro, vem aqui. É tradicional. Isso foi agregando um comércio muito forte e bom. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002). É um comércio, vamos chamar de subsistência, para abastecer os que moram ali. É caracterizado de ser bom, que serve bem, tem aqui, açougues, tem padarias, tem fruteiras. Gente, lá do centro, que conheço, vem comprar ali, inclusive o Felipe, toda a semana ele vem buscar fruta ali. Por quê? Porque é uma fruteira que você encontra de tudo, produtos bons e preços acessíveis é, é um gringo que veio lá de Anta Gorda, Marubim. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002). Então esse povo que veio do interior trouxe os seus usos e costumes. E fizeram aqui, implantaram e criaram uma comunidade diferente como eu disse. (SCOLARI, Eduvar Jose, 2002).	(3) (4) (5) (6)
ALBERTO SCOLARI, 27/10/1920 comerciante	De origem italiana. Nasceu em Sertão, distrito de Passo Fundo.	(7)
	Vim residir no Bairro Igara/canoas em 1958. Morávamos em Charrua, saímos de Charrua, fomos a Passo Fundo numa granja. Ficamos seis anos na granja em Passo Fundo. Tive fábrica de queijo. E de Passo Fundo, deu aftosa no gado, vendi o estoque de gado e vim morar lá no centro de Passo Fundo. E de Passo Fundo, o meu irmão, o Alcides Scolari, ele já trabalhava com tanque de gasolina. O posto foi inaugurado em 1959. O nome do posto era Posto Scolari, em 59. (SCOLARI, Alberto, 2002).	(3) (4) (6);
	Bom, de 1956, 57, quando conheci, aqui pra cima era só gado, algumas casinhas muito pouco, quase nada, basta dizer que essa rua do lado do posto aqui era um banhado só, havia buraco, ali no posto era um banhado só, tivemos que levantar um metro de terra para poder fazer o posto. Não tinha nada aqui para cima. A igreja São Cristóvão não existia, dali uns dois anos fizeram uma capelinha nessa rua ali em cima, não tinha capela, era uma igreja tipo capitel. Era uma casa que cedeu um certo...(SCOLARI, Alberto, 2002).	(3) (4) (6)
Santo Lorenzato	De origem italiana. Nasceu em Veranópolis.	(7)

26/09/1922 Padre	Nasci em Veranópolis. Primeiro fui ordenado Padre e fiquei em Santa Maria Goretti, no Passo da Areia, fiquei lá por 11 anos, depois fui para Gravataí, fiquei 8 anos e depois vim para Canoas por volta de 1972 (LORENZATTO, Santo, 2001).	(3) (4) (6)
	O pessoal conhece por Igara. Mas, oficialmente inclusive na Prefeitura aqui é Bairro São Cristóvão! O pessoal conhece por Igara mas também é Bairro São Cristóvão. (LORENZATTO, Santo, 2001).	(3) (4) (6)
	A Cibrazen e o Stefani já estavam ali. Mas também estavam construindo, chamava a atenção aqueles depósitos, aqueles carregamentos, por isso aqui é lugar dos motoristas e o padroeiro é São Cristóvão. Tudo isso me chamava muito a atenção. De fato, desde que eu vim aqui também existia antes a festa de São Cristóvão e era o padroeiro da paróquia. Eu fui incrementando. Assista uma procissão de São Cristóvão numa festa aqui para ver o que é que é. (LORENZATTO, Santo, 2001).	(2) (3) (4) (6)
	Aqui a principal festa é a de São Cristóvão. Não sei se no Estado tem outra festa maior que a nossa de São Cristóvão. (LORENZATTO, Santo, 2001).	(2)
	Nós nunca divulgamos nada, mas a preparação da festa tem uma novena. São nove noites de pregação e orações, temas diversos. É sempre mais, sempre mais e o povo participa. (LORENZATTO, Santo, 2001) E o povo participa muito. O pior mês do inverno é julho, é frio, chuvoso, mas nunca nesses vinte e oito anos deixei de fazer a procissão. (LORENZATTO, Santo, 2001).	(2) (5) (6)
	Um dia, tudo pronto, saímos daqui e ao chegarmos lá embaixo na BR, o que aconteceu? Se levantou um temporal, uma ventania, pensei logo: está acabando tudo o que preparamos fora. Aí eu disse para São Cristóvão: dá um jeito porque você vai para água e nós também. O tempo fez assim: deu uma volta, nós estávamos na Petrobras, estávamos fazendo a volta já com o sol, era um dia maravilhoso. No outro dia fui na Rádio real e alguém me disse assim: você viu ontem aquela festa de São Cristóvão? Aquele temporal? O padre mandou parar e o temporal parou! Tudo mundo sabe disso. Então: nunca deixamos de fazer a procissão e a festa! (LORENZATTO, Santo, 2001).	(2) (5)
	Aqui do Estado nem se fala, mas de outros Estados vem gente vê nas placas. Eu sou de tal lugar, eu sou desse outro lugar. Existia outra procissão dos motoristas em Caxias e tem ainda, mas só de caminhões, mas como a nossa aqui e depois que a nossa começou a incrementar, começou uma chuva de procissões em toda parte. Em Esteio e Sapucaia tem, Gravataí, Guaíba e até emprestei a minha imagem para fazer a procissão no Porto Seco em Porto Alegre (LORENZATTO, Santo, 2001).	(1) (2) (5)
	Foi crescendo, graças a Deus. Veja eu levo quatro a cinco horas benzendo carros. É assim: se faz palanque oficial e cada carro passa na frente e recebe a bênção. Naquele dia não é passeio, não é nada, eles vêm para receber a bênção e pedir a proteção do padroeiro das estradas. A gente reza pelo Rio Grande do Sul, pelo Brasil e assim por diante. (LORENZATTO, Santo, 2001).	(1) (2) (5)
	Toda à comunidade junto. Esse salão enche, as vezes se faz duas a três vezes a mesa e fora os que levam para casa. É um dia extraordinário. Graças a Deus a gente inculca essa promoção a eles. (LORENZATTO, SANTO, 2001).	(2) (5) (6)
	Só se fazia festinhas. Não tinha coisas especiais, até umas das primeiras procissões que fizeram foi no Parque Farroupilha lá em Porto Alegre, mas não foram muito felizes. Não sei de que maneira quebraram em pedaços da imagem. Não deu certo. (LORENZATTO, SANTO, 2001).	(1) (2) (5)
	A comunidade tem diversos empreendimentos, firmas. Em termos de transportes então tem às centenas. Meu Deus do céu! O que tem de transportes! Que acentua em Canoas é o transporte! E é para todo o	(3) (4) (6)

	<p>país! Por isso é a cidade dos motoristas! Muito movimento de veículos, de carga, caminhões etc.. (LORENZATTO, Santo, 2001) Também tem outras firmazinhas também se instalaram, hoje tem muita coisa e da pesada!</p>	
	<p>A característica principal é de que o pessoal veio em função de trabalho. Sim! Sim! Vieram procurando trabalho. Todos trabalham. (LORENZATTO, Santo, 2001).</p>	(4) (6)
	<p>Quem predomina mais aqui quase é italiano. No início era quase só italiano tanto é que cada ano aqui tem festa dos italianos aqui no salão da paróquia. No sábado passado também tinha festa do alemão. Foram bem menos. Agora a dos italianos enche de gente. Quem promove esta festa é o Osório Biazus, é italiano. Tem empresa de transporte. A festa do ano 2001 já está marcada. Se não marcasse não daria no dia que eles querem. No ano que vem a festa vai ser no dia 25 de agosto. Ele é cabeça desta festa italiana. (LORENZATTO, Santo, 2001).</p>	(2) (3) (4) (5) (6)
	<p>O povo colaborou na construção dessa igreja. Tudo isso foi feito com a comunidade. Não tive nenhuma ajuda de fora. O povo fez e eu insistindo, lidando, trabalhando, encorajando. (LORENZATTO, Santo 2001).</p>	(3) (4) (5) (6)
	<p>Essa festa foi sempre um movimento forte para a comunidade. Sim! Sim! Ela foi crescendo sempre mais, sempre mais. Só comigo é vinte e oito anos! Sempre foi crescendo a cada ano. Sempre insisti na nova para que o povo viesse e o povo foi crescendo. Também ouviu pregações especiais em momentos, em cada noite um pregador especial, bispo ou padre. Foi crescendo assim do povo! (LORENZATTO, Santo 2001).</p>	(2) (3) (4) (5) (6)
	<p>Tenho quatro missas: sábado de noite, Domingo de manhã às sete, às nove e dezenove. Não é fácil não! Eu, uma vez, fiz uma viagem à Europa. Viajei quarenta dias mais isso em quarenta e tantos anos a única viagem foi visita à Terra Santa e passei por doze países na Europa. Foi a única férias. Nunca gostei, nem tempo de férias de diminuir missas. Depois não tem como o povo se aproximar de novo para a missa. Eu nunca suspendi uma missa. (LORENZATTO, Santo 2001).</p>	(3) (4) (5) (6)
	<p>Quando vim aqui tinha uma casa paroquial em que os cupins não me comeram porque eu me defendia também. Era uma chuva de noite porque iam roendo e aquele farelinho caindo. Falaram de fazer a casa paroquial. Eu disse: Negativo! A igreja está caindo em cima do povo. Primeiro vamos fazer aquilo que é preciso para que o povo tenha para cumprir as suas obrigações e depois a nossa casa. Se for necessário vou morar debaixo de uma ponte, mas que o povo tenha o necessário. Depois da igreja velha foi feita esta nova tudo como está, salão embaixo, um salão grande. Não tem outra com salão assim e tem tudo. E assim por diante! Depois disso então: agora vamos então fazer a casa paroquial. E também foi reclamado que precisa mais dioceses. Precisaria em Camaquã, Montenegro e Canoas. Poderia ser mais três dioceses. Então se um dia quiserem aqui, teria uma catedral. Fiz uma casa paroquial e se um dia for diocese tem lugar aqui para o Bispo morar. Eu previa as coisas sempre para o futuro. Me chamaram de louco fazendo uma casa com dois andares! Mas estou prevendo o futuro! Amanhã ou depois iriam dizer: por que não fizeram e agora tem que fazer tudo de novo. Eu sempre fiz assim e nunca me arrependi de nada. (LORENZATTO, Santo, 2001)</p>	(3) (4) (5) (6)
	<p>As festas de São Cristóvão eram pequenas, estimei muito, pois a cidade de Canoas em especial é dos motoristas. E com a menção que a nossa tem hoje, naquele (domingo anterior ou posterior a 25 de julho) ninguém faz festa aqui ao redor. (LORENZATTO, Santo, 1994).</p>	(2) (5)
	<p>O bairro está crescendo, muitas reformas vêm sendo feitas nas residências e nota-se que as pessoas querem tomar cada vez melhor este lugar onde moram (LORENZATTO, Santo, 1994).</p>	(3) (4) (5) (6)

	Era campo, cresceu tremendamente com a colaboração do povo aqui estabelecido, o trabalho em conjunto: o Santuário de São Cristóvão, a torre com os três sinos e o salão paroquial (LORENZATTO, Santo, 1994).	(3) (4) (5) (6)
	Na primeira noite da novena, no ano passado, tocamos solenemente os sinos. No salão paroquial, uma infraestrutura completa possibilita a realização de festas reunidos, sentadas, 750 pessoas. Na inauguração do salão, colocamos aqui 1.600 pessoas.(LORENZATTO, Santo, 1994).	(1) (2)
Clair Beltrami Nascido em 1937. Mecânico	De origem italiana,	(7)
	Veio residir no Bairro Igara/canoas em 1955. Nasci e me criei no município de Getúlio Vargas, em 1937. Vim para cá com 18 anos. Morei depois em Nova Prata. Aprendi a trabalhar de chapeador e faço isso até hoje, já são 45 anos. Morava com um tio, perdi o pai e a mãe. Aprendi com o tio. Lá trabalhei por 5 anos e aqui 40 anos. Vim para cá em 1958. Estavam fazendo a BR 116, asfaltando a pista do lado esquerdo interior POA. (BELTRAME, Clair, 2002).	(3) (4) (6)
	Estudei no seminário, fiquei 4 anos em Veranópolis. Entrei com 11 anos e fiquei até os 15 anos. Me mandaram embora. Era guri. Sai e fui aprender ser chapeador. Um tio meu tinha uma concessionária Chevrolet e tinha chapeação e pintura, fui morar com ele e assim aprendi. Fui trabalhar nisso. (BELTRAME, Clair, 2002)	(3) (4) (6)
	Outro fato que marcou a história é o Padre Antônio Moresqui, hoje esta na igreja São Pedro, se não me engano. Ele trabalhou na Igreja São Cristóvão antes do Pe. Santo. Antes ainda o Padre Lírio, este na diocese de Novo Hamburgo, esteve muito tempo em Gramado. (BELTRAME, Clair, 2002).	(3) (4) (6)
	Um fato foi a construção de um Santuário Novo e um vendaval derrubou tudo. Deve ter sido na década de 68, deve ter alguma foto. Foi no tempo do Padre Antônio Moresqui. Estava todo pronto e veio um redemoinho e derrubou tudo. Ai desmancharam todo prédio e construíram de novo. É o prédio da Igreja que está ao agora. Tem a igreja velha, depois construíram o ginásio. (BELTRAME, Clair, 2002).	(3) (4) (5) (6)
	Outra figura que marcou foi o Carlos Pasinato, hoje falecido, era de Antônio Prado, era o sogro do Luiz Felipe Scolari. Hotel Pasinato era o Hotel mais antigo da BR 116. Ao lado tinha o Galeto Serrador dos eu Valter, o prédio está em questão na justiça. Este Galeto foi o 1. Na BR Ficou uns 20 anos ali. Representa hoje o Passoquinha era ali que se concentrava os comedores. Foi o pioneiro. Depois veio a Forjasul do Grupo Tramontina, compraram um pedaço do terreno da igreja. Veio para cá na década de 64. Manfroi é um dos donos. Outro que veio foi o Biazus da Canoense. (BELTRAME, Clair, 2002).	(3) (4) (5) (6)
	Eu minha esposa Isolde casamos na igreja São Luiz do centro de Canoas com o Pe. Leão Hartmann, eu era muito amigo dele, ia a missa das 10 horas nos domingos. A família da Isolde, os irmãos conheci em Nova Prata, mas ela foi aqui em Canoas. O namoro naquela época era de 3, 4 anos, era mais romântico do que hoje, havia muito respeito. Temos duas filhas, uma casada e outra solteira. (BELTRAME, Clair, 2002).	(3) (4) (5)
	Sou muito religioso, o espírito pela fé vem da minha mãe, e da família dela, que tinha irmão que era padre. A família do meu pai eram 12 e da mãe também eram 12, conheci um dos meus avós, de noite ou no almoço sempre se rezava. A minha mãe quando morávamos em Sananduva, quando terminou a guerra, em 1945, nós rezávamos não ia dormir sem rezar o terço. Um detalhe daquela época das freiras, lá tinha o Colégio São José, de manhã nós cantávamos o Hino Nacional e rezávamos o Pai Nosso, antes de começar as aulas. Também no seminário que é sempre marcado pela religiosidade, mas foi mais pela mãe, pelo pai também. Sem eles nós não seríamos católicos,	(3) (4) (5)

	apostólicos e romanos, conhecer dos sacramentos. Hoje nós frequentamos a Igreja de São Cristóvão. (BELTRAME, Clair, 2002).	
	Fui ministro da Eucaristia até bem pouco tempo, foi por 5 anos. Fui também coordenador do Movimento dos Cursinhos da Cristandade na Paróquia. Nós temos 8 grupos de oração na paróquia. A origem é da Espanha, Ilha de Maiorca, depois da guerra. A frequência da Igreja está muito boa, principalmente depois que foi feito o 1. Anúncio, que é um movimento onde nós vamos nas casas, não é bem de Renovação Carismática, mas veio dos padres de Seattle nos EUA, que trouxe para o Brasil, ele tinha dificuldade lá onde estava. É uma ideia de ir buscar os cristãos de casa em casa. Assim surgiu o 1. Anúncio, do Evangelho para as famílias, nós vamos sempre de dois em dois. No ano passado nós tivemos as Missões, da Arquidiocese de POA, mas o 1. Anúncio continua. (BELTRAME, Clair, 2002).	(6); (5); (4); (3)
	A católica é boa, porque nós temos 4 missas na paróquia e mais 2 no asilo por semana. Tem a Assembleia de Deus em frente ao Ginásio de Esporte. Na Campanha da Fraternidade tem a participação de 7 igrejas irmãs: a metodista, a presbiteriana, a luterana, episcopal...Hoje eles fazem o ecumenismo, estão começando agora, desde que a católica não abra mão dos dogmas, tem que ter muito cuidado com o ecumenismo, pode ser um falso ecumenismo. O Ecumenismo Popular funciona melhor do que o oficial. (BELTRAME, Clair, 2002)	(5); (4); (3)
	As minha filhas também participam da igreja. A mais velha sim, a mais nova é mais difícil, mas a gente tem que dar o exemplo. Vou contar um fato da minha infância que lembra isso. Antigamente quando fazia a 1. Comunhão, a gente não podia jantar a noite, era jejum total, só depois da comunhão. Na paróquia tinha um café reforçado para todas as crianças, faziam uma festinha, foi uma época boa. Hoje tem movimento para jovens, ele faz o Emaus com o Pe. Xerú, da UNISINOS, fez o Cenáculo. A igreja depois que nós começamos a visitar as casas ela começou realmente a ser mais frequentada. Está dando certo, principalmente batizados de crianças e adultos. São leigos que organizam, o padre é só na paróquia. (BELTRAME, Clair, 2002)	(3) (4) (5) (6)
	Como é um bairro de muitas etnias, gente de Garibaldi, Veranópolis, Antônio Prado, Nova Prata "tutta buona gente" está cheio. Tem poloneses, alemães, são pessoas do bairro não grupo organizado. Um ministro da eucaristia era polonês. Nós convivemos bem como todos. Os italianos fazem todo ano uma festa na São Cristóvão, é o jantar dos italianos vem gente de Veranópolis, é no inverno, em Julho. (BELTRAME, Clair, 2002)	(3) (4) (5) (6)
Lurdes Vanilda Chemello Faviero, Nascida em 22 de janeiro de 1937. Do lar.	De origem italiana. Nasceu em São Francisco de Paula. Nascida em 22 de janeiro de 1937, em São Francisco de Paula, infância e juventude na cidade de São Marcos, após o casamento veio residir na cidade de Canoas. (FAVIERO, Lurdes Vanilda Chemello, 2002)	(7)
	O hábito mais forte ali na Igara, são pessoas, honestas, trabalhadores, cumpridores de suas obrigações. Ali a gente se dá com todo mundo, mas se visita muito pouco, só numa necessidade. Se tem alguém precisando da gente, ou num aniversário, no mais a gente se reúne na paróquia. O local de encontro é na paróquia São Cristóvão. (FAVIERO, Lurdes Vanilda Chemello, 2002)	(3) (4) (5) (6)
	As procissões de São Cristóvão atraindo gente não só do Rio Grande do Sul, também de outros estados. Caminhoneiros não perdem a procissão, até se programam pra no dia estarem aqui. (FAVIERO, Lurdes Vanilda Chemello, 2002).	(1) (2)
	Pessoas de boa vontade, que de uma maneira ou de outra colaboraram. Quando caiu a igreja não se desanimou, veio outro padre e nos unimos a ele. Todo mundo colaborou com um pouco. Tinha a campanha do metro, era um tanto que a gente pagava, para construir	(3) (4) (5) (6)

	um metro da igreja. Isto é resultado da ação da comunidade. (FAVIERO, Lurdes Vanilda Chemello, 2002).	
	O Padre Santo foi um líder espiritualista e empreendedor. Ele une as pessoas. Eu tenho tido muito apoio com sete filhos e um excepcional, eles todos serviram de sacristão, inclusive a mais velha tocou piano na igreja, era organista nas missas e nos casamentos. Foram muitas campanhas que o padre Santo organizou e a comunidade respondeu. (FAVIERO, Lurdes Vanilda Chemello, 2002).	(3) (4) (5) (6)
	Mas sempre busquei a orientação do padre, porque aqui eu cheguei sem família. Meus pais de São Marcos e meu marido de Santa Maria, então aqui a gente não tinha nenhum familiar, nem um irmão, nem um tio, ninguém. Então conseguimos formar raízes trazendo os hábitos de São Marcos. Tanto é que agora fui chamada na minha cidade e recebi o título de filha imigrante, que saiu da cidade e conseguiu mostrar a educação que trouxe da sua cidade para Canoas. Consegui fazer história em Canoas. (FAVIERO, Lurdes Vanilda Chemello, 2002). É o senhor vê, era uma igreja, eu acho que ela não tinha 4m por 5, de tão pequena. Aí veio Padre Moresqui e construiu uma igreja de madeira, que deu uma outra enorme chuva e ela caiu, caiu por terra. Veio o Padre Lídio, e teve bastante invasores, quando chegou o Padre Santo Lorenzatto, o terreno estava sendo tomado por pessoas indigentes, estavam pegando usucapião do terreno. E o Padre Santo chegou, botou normas na casa, consegui acomodar aquelas pessoas que estavam ali de invasores, e hoje temos o Santuário São Cristóvão, do qual eu sou muito orgulhosa do padre Santo. Temos um salão de festas maravilhoso, um lugar de encontro de casais, de palestras feitos aqui na Igara. (FAVIERO, Lurdes Vanilda Chemello, 2002).	(2) (3) (4) (5) (6)
DEMÉTRIO GONZALEZ, corretor de imóveis	Nasceu Arroio dos Ratos. Tudo que influía este desenvolvimento aqui era a proximidade com Porto Alegre, tanto que Canoas era dormitório de Porto Alegre, naquela época se falava. Era dormitório. O pessoal dormia aqui e trabalhava em Porto Alegre. (GONZALEZ, Demétrio, 2000).	(3) (4) (6)
	A comissão espanhola dizia que aqui o futuro todo dessa região de Porto Alegre seria muito nesse corredor aqui, que é dirigido à Caxias, colonização italiana, alemã, o fato de existir São Leopoldo, Novo Hamburgo. (GONZALEZ, Demétrio, 2000).	(3) (4) (6)
Ivo da Silva Lech Nascido em 1948 Advogado	Eu sou Ivo da Silva Lech nasci aqui em Canoas tenho 70 anos sou advogado sou paraplégico e uso cadeira de rodas há 45 anos e já fui vereador em Canoas fui deputado federal constituinte fui diretor do Banrisul e hoje sou Secretário municipal de relações institucionais da Prefeitura Municipal de Canoas e é isso. (LECH, Ivo da Silva, 2018).	
	Eu sou filho de família católica, Católica Apostólica Romana e bem tradicional família tradicional e fui coroinha que vulgarmente as pessoas dizem Sacristão mas Sacristão é uma hierarquia a mais um pouco superior ao coroinha. Coroinha é aquele que ajuda as missas né e nós morávamos naquela época ali na quase na Tabai onde hoje é o Makro Makro né naquela época meu pai tinha era sócio ali de uma granja de arroz e de um tambo de leite então tinha uma casa bem, bem próximo aos trilhos e se tinha ali uma vida muito aprazível tinha um laguinho do lado da casa com patos marrecos era muito bacana e na parte do outro lado da faixa da BR tinha a capela de São Cristóvão. LECH, Ivo da Silva, 2018).	(3) (4) (6)
	Capela de São Cristóvão começou com o padre Cônego na época Padre José Leão Hartmann que celebrava lá dominicalmente ou quinzenal eu não lembro bem a missa para aquela comunidade da Vila triângulo que era aquela parte ali da Tupi até a Monteiro Lobato (<i>ruas que são paralelas próximas</i>) e ali eu lembro né que a Capelinha ainda não era a igreja não era na Tupi ainda como é hoje era mais era mais para o lado do centro de Canoas na Monteiro Lobato e era um terreno	(3) (4) (6)

	<p>pequeno era também uma parte dela tinha assoalho outra parte não tinha era chão batido mesmo. (LECH, Ivo da Silva, 2018).</p> <p>Quando chovia era ficava encharcado lá nos fundos enfim né e eu comecei a ajudar as missas naquela capela a primeira e em latim né e eu como sempre fui aquela coisa o filho do agricultor daquele cara que quer fazer tudo direito e tem que ser tudo feito da maneira mais correta possível eu sabia responder a missa em latim corretíssimo corretíssimo né então era uma surpresa os padres diziam: como é que tu tens essa facilidade? facilidade nada eu pegava estudava lia em fim e eu comecei a minha vida religiosa como sendo coroinha. (LECH, Ivo da Silva, 2018).</p>	
	<p>Eu lembro eu lembro da primeira procissão de São Cristóvão. Canoas era uma cidade bem pequenininha isso era 1900 década de 50, 1957, 56 por aí e era um falatório na cidade de Canoas que ia ter uma Procissão de autos automóveis cidade com poucos automóveis pouquíssimos carros né então era aquela coisa assim mais vai ter uma profissão de carros o que era inédito era novo a cidade não conhecia e nós não conhecemos muito menos e aí chegou o dia da procissão foi um dia de tarde se não me falha a memória ainda foi naquela Capelinha não na Tupi na outra na velha na antiga e os carros começaram a se preparar os autos os automóveis botando bandeirinhas bandeirolas em fim e rumamos com o santo na frente São Cristóvão na frente até a BR fizemos um retorno que hoje não existe mais graças a Deus um pouquinho ali depois da Tupi fizemos o retorno e pegamos em direção a Porto Alegre e aí antes do Rio Gravataí fizemos um outro retorno que era o retorno que ia para a Vila Rio Branco retornamos e voltamos para a Capela e eu lembro que foi uma discussão danada danada porque algumas pessoas diziam assim que tinham mais de 100 carros isso é um absurdo né é quase que inacreditável e uma senhora teria contado ali ela parou na esquina da Tupi e contou que a procissão desceu por ali ela contou 99 veículos entre automóveis e caminhões ônibus enfim né veículos e hoje a procissão é 2000 ou mais de 2.000 veículos né então vejam né que tempo e eu lembro que foi uma discussão danada é mais de 100 não eu contei 99 não eu vi 100, 101, e, sabe e aquilo era que a gente né não tinha televisão não se tinha grandes entretenimentos então aquilo era importantíssimo né no nosso dia-a-dia era o nosso afazer. (LECH, Ivo da Silva, 2018).</p>	(1) (2) (3) (4) (6)
	<p>Depois do Cônego Leão assumiu a capela ali uns padres que a gente chamava de os padres da batina branca que eram padres um deles dois deles holandeses de uma congregação que não tinha no Brasil e eles tomaram conta da Capela da igreja e depois logo em seguida transformaram em Paróquia se não me falha a memória com eles com a vinda deles o padre mais velho era o Padre Evaristo Poelmann e o padre um pouco mais novinho é o padre Teodoro que eu não me lembro o sobrenome dele e aí então já estávamos na Rua Tupi na capela de madeira na Rua Tupi e ali o Padre Evaristo celebrava a missa no bairro São Luiz na parte de baixo lá onde hoje tem a igreja lá eu não lembro qual é a santa da igreja sei que é uma santa e aí eu também primeira missa no bairro São Luiz eu fui coroinha. (LECH, Ivo da Silva, 2018).</p> <p>O padre Teodoro ou Teodósio parece que era Teodoro ele sempre gostou do bairro Mathias Velho e criou a capela São Pio X que que tem hoje ali a primeira na entrada da Mathias Velho também fui eu lá a primeira missa no bairro Mathias Velho fui eu que ajudei a missa né então os padres tiveram alguns anos aí houve na época uma divergência com Dom Vicente Scherer que foi era o arcebispo Metropolitano que era um homem muito austero né brigaram enfim E aí os padres da batina Branca deixar um Canoas E aí vieram outros padres né para igreja para ali para a Paróquia de São Cristóvão. (LECH, Ivo da Silva, 2018).</p>	(3) (4) (6)
	<p>Foi construída a igreja de alvenaria a primeira né no local da antiga igreja de madeira depois houve um problema na edificação com</p>	(3); (6), (4)

	rachadura enfim e aí já passaram depois para construção do Santuário que hoje está lá né então eu lembro né de uma maneira muito muito terna muito alegre né daqueles daquelas primeiras, missas primeiras festas de São Cristóvão.(LECH, Ivo da Silva, 2018)	
	A minha mãe ela tomava fazia era encarregada da Tenda da salada de frutas e dos Doces e a salada de frutas e naquela época né todas aquelas tendas e enfim era tudo feito pelas pessoas da comunidade né então minha mãe comprava abacaxi uva laranja enfim tudo a gente ia no mercado em Porto Alegre comprava ela trazia não cobrava nada da igreja né só repassava depois do lucro os bolos e tortas né a comunidade trazia ela fazia também alguma coisa né e esta é a maneira assim que se faziam as festas né de uma maneira bem solidária de uma maneira bem é bem em prol da igreja em prol da comunidade né então se não me falha a memória meu falecido pai Miguel Lech foi o segundo festeiro da paróquia da Igreja de São Cristóvão a paróquia né junto com a ex-vereadora e professora também Dona Lina Plens Alves. (LECH, Ivo da Silva, 2018).	(3) (6) (4) (5)
	Praticamente assim toda aquela comunidade né se engajava eram festeiros e tinha aquele sentimento de cada um querer fazer melhor não pra superar o outro, não não, não tinha isso mas era pra fazer mais pra angariar mais pra construir mais rápido a igreja pra edificar mais rápida pra não pagar pra pagar as dívidas da igreja né então foi um momento assim muito feliz da minha infância da minha juventude né que eu passei ali naquela paróquia né aí anos depois nós nos mudamos ali da Tabai da granja quero-quero chamava-se o local e aqui pro centro de canoas na rua Regente Feijó onde a minha mãe reside até hoje eu já estudava no externato São Luís depois posteriormente Colégio São José e ainda atualmente Colégio La Salle né então essa é a história do minha história estudantil né que foi cercada de coisas muito boas né coisas muito boas coisas maravilhosas. (LECH, Ivo da Silva, 2018).	(3) (4) (6)
	Canoas era muito pequena era uma cidade pequena nós todos nos conhecíamos se conhecia as famílias era agradabilíssimo né então se as festas depois já quando eu tinha lá meus 15 anos as reuniões dançantes e até os bailes e se voltava do baile a pé até porque carro poucos pouquíssimos possuíam e então a gente vinha com as moças com as meninas com os amigos com os jovens né caminhando pela rua sem risco nenhum, nenhum, nenhum... aquilo era uma maravilha era uma né ... e o domingo em Canoas era a missa de manhã uma passadinha na frente do cinema para ver o cartaz do matinê da matinê às 14:00 no cinema a sessão de cinema às 20 horas e se analisava e se via o filme que a gente queria ver então esse era o domingo.(LECH, Ivo da Silva, 2018).	(3) (4) (6)
	Naquela época os padres sempre procuravam naqueles meninos católicos aqueles meninos mais fervorosos digamos assim né e o meu irmão o Isauro que é um ano mais novo do que eu chegou a ir para o seminário eu por razões óbvias né nunca tive já dizia logo pros padres não, não, não, não tenho vocação religiosa né porque naquela época né eu tinha só futebol na minha cabeça era futebol Eu brinco com alguns amigos né que eu tenho alguns sonhos e um sonho que eu não realizei eu não joguei no Grêmio então isso aí sempre me deixou porque eu amava futebol eu amava o futebol e quando eu comecei a ter 14, 15 anos eu amava muito as festas e eu sempre tive uma coisa que veio me ajudar muito na minha reabilitação física eu sempre fui um homem que tive paixão pela vida mas paixão mesmo e eu vivi sempre com muita intensidade uma coisa né eu me entregava né os bailes era aquela coisa fora do né fora do comum o carnaval que coisa linda que coisa maravilhosa então é eu até os 25 anos eu vivi esta vida pontilhada com momentos de muito prazer e alegria.(LECH, Ivo da Silva, 2018)	(3) (4) (6)
	O pai Miguel Lech foi na época eles chamavam "fabeiro" uma espécie de um tesoureiro um responsável pelas coisas da igreja da comunidade né e a mãe, viva até hoje, ela que era a que cuidava da	(3) (4) (5) (6)

	<p>tenda da salada de frutas e dos doces, chama-se Loreni da Silva Lech, né então isso é o que eu lembro né, então eu lembro assim de outras pessoas né da comunidade Henrique Stefani e a dona Irma né o Henrique um homem na época já tinha lá a sua empresa de transportes né eram um considerados abastados ou ricos né e muito fervorosos muito ligados à igreja e o Henrique e a dona Irma sempre moravam naquela época no centro de Canoas mas conviviam na igreja São Cristóvão né porque Canoas ela é uma cidade que tem um perfil e uma característica do acolhimento das pessoas as pessoas sempre foram acolhidas em Canoas da melhor maneira possível e isso né e eu falo assim porque eu nasci em Canoas a mãe a minha mãe nasceu em Canoas os pais da mãe meus avós maternos nasceram em Canoas né, então eu sou tido por alguns aí como uns um dos nativos da Aldeia até porque eu conheço bastante e conheço boa parte da história da cidade então esse grupo esse agrupamento de Canoas da qual os meus antepassados fizeram parte tiveram sempre uma característica de receber as pessoas bem. (LECH, Ivo da Silva, 2018).</p>	
	<p>E houve um movimento sempre muito forte das pessoas do interior do Estado do Rio Grande do Sul virem residir próximo a Porto Alegre ou em Porto Alegre pela facilidade da Universidade dos bons colégios que na época eram raros no interior e o preço do terreno e do imóvel era muito alto em Porto Alegre e eles compravam um terreno em Canoas Mas, aí talvez tenha um link com a Igreja São Cristóvão e os motoristas. (LECH, Ivo da Silva, 2018). A gringolândia como a gente dizia carinhosamente com relação aos Italianos né eles sempre foram ligados né aficionados ou usaram como meio de profissão o caminhão e Canoas é uma cidade assim que chegava em Porto Alegre e antes de chegar em Porto Alegre estava em Canoas. (LECH, Ivo da Silva, 2018).</p>	(3) (4) (6)
	<p>Aí então tinham os grandes postos de combustível que era o posto do cafezinho ali na quase na confluência da Victor Barreto com a BR o posto Scolari, o posto do Pedroni, o posto do Roglio né eram postos de gasolina que com pátios grandes com Texaco na frente do Scolari né que recebiam caminhões trocavam cheques ordem de carregamento e tal então o bairro aquele bairro ali que hoje chama-se bairro Igara na época tinha muitos caminhoneiros.</p>	(3) (4) (6)
	<p>O bairro São Luís lá também na parte de cima e na parte de baixo né hoje Ulbra lá naquela parte superior também era povoado por muitas famílias italianas que vieram pra Canoas porque era mais perto dos colégios e também porque as cargas se originavam se geravam em Porto Alegre ou na grande Porto Alegre onde estavam as indústrias né. (LECH, Ivo da Silva, 2018). E aí o pessoal carregava aqui em Porto Alegre ou Canoas mesmo enfim ou nessa região e iam pro Rio São Paulo pro Brasil à fora né então muitos homens né enriqueceram e fizeram seu patrimônio na direção dos caminhões. (LECH, Ivo da Silva, 2018). Na época aquele saudoso Fenemê o Alfa romeu né depois estes caminhões Mercedes Benz depois o caminhão Scania o Volvo enfim e o que a gente tem hoje e por coincidência né na minha vida né que eu guardo isso de uma maneira muito afetiva né eu quando me acidentei eu era vendedor de caminhões. (LECH, Ivo da Silva, 2018)</p>	(3) (4) (6)
	<p>Então vejam né a igreja São Cristóvão dos motoristas da gringolândia dos gringos notadamente eram para as famílias alemãs ali naquela paróquia naquele bairro ali tinham alemães também, mas não eram na quantidade dos italianos e eu me criei com toda aquela história dos caminhões e enfim convivendo com eles depois mais tarde tive a grande oportunidade profissional da minha vida que foi ser vendedor de caminhões e vendi muito e vendi muito bem até me acidentar com 25 anos. (LECH, Ivo da Silva, 2018). Então essa é um pouco da minha história que “linca” com meu passado de coroinha da paróquia de São Cristóvão e São Cristóvão</p>	(3) (4) (6)

	que é o patrono o padroeiro dos motoristas. (LECH, Ivo da Silva, 2018).	
	Então até isso era uma era uma novidade porque as pessoas comumente os católicos conheciam alguns santos que não tinham este diferencial do São Cristóvão né que era o santo transportador que transportou Jesus nos ombros né ou transportava as pessoas no rio no riacho e enfim que a igreja católica acolheu né e fez dele o padroeiro dos transportadores né e aí então São Cristóvão é o padroeiro dos motoristas. (LECH, Ivo da Silva, 2018)	(3) (4) (6)
	Os italianos sempre tiveram uma devoção muito forte muito intensa pelo São Cristóvão até porque eles transportavam eles viajavam pro Rio pra São Paulo de caminhão o próprio Henrique Stefani chegou a dirigir caminhão né e outros tantos aqui de Canoas que depois se tornaram proprietários de empresas de transportes e eles tinham o conhecimento talvez de festa de São Cristóvão no Rio de Janeiro ou festa em São Paulo mesmo no grande centro e talvez tenham trazido alguma imagem né pra Canoas mas não, a imagem grande aquela que sempre teve na capela não aquela não aquela foi comprada já para a veneração dos católicos pra que na igreja né então é possível que tenha tido algum posto de gasolina com uma imagem pequeninha com alguma coisa na parede é possível é possível. (LECH, Ivo da Silva, 2018).	(3) (4) (6)
Dario Francisco da Silveira 23/03/1964 Vereador	Sou o vereador Dario da comunidade Lar São Cristóvão, na realidade fui adotado pela comunidade São Cristóvão. Desde 98 estou na comunidade São Cristóvão e pra mim é um orgulho muito grande assim, a festa de São Cristóvão é uma das maiores festas do motorista do Rio Grande do Sul, eu digo que é a maior festa do motorista do Rio Grande do Sul porque ela compete com algumas festas, Passo Fundo tem uma grande festa, Três Cachoeiras, São Marcos, são locais que tem festa do caminhoneiro, festa do motorista, algumas tem a festa do motorista junto com a festa do colono que é dia 25 de julho. Então a nossa é uma grande festa. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020). Ela iniciou com uma comunidade, basicamente, predominantemente italiana, e nasceu dali outras, e tem um pessoal alemão, tem diversas, diversas comunidades assim. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).	(3) (4) (6)
	Mas é uma comunidade de luta que tem muita fé, que acredita muito Igreja que acho que hoje a gente tá passando por um período de seca, lá em São Paulo teve enchente então dá pra ver assim a força da fé das pessoas que realmente acreditam em Deus e que acreditam na comunidade em si, muito bacana isso e a festa ela iniciou há 62 anos. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).	(3) (4) (6)
	Esta festa existe há 62 anos aproximados, 62 é 63 agora né. O início as primeiras procissões que ocorreram ali na festa de São Cristóvão iam até lá a Praça da Redenção. Na segunda procissão, a carreta de motorista e o Santo foi em cima de um caminhão e bateu num fio caiu quebrou. Essa imagem quebrada tem lá embaixo da igreja, tá lá eu sei o local que tá, são poucos que sabem assim. Mas a segunda festa da igreja eu sei que quebrou o Santo de São Cristóvão lá né. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020)	(1) (2) (3) (4) (6)
	Então tem muitas histórias, famílias ali que realmente se dedicaram né. Agora mesmo nós estávamos falando na família Grando, seu Antônio, a Dona Ortanila, eles 53 anos eles fizeram a sopa de capeletti de São Cristóvão. Só que assim, os primeiros anos aí os primeiros 20, 30 anos as galinhas eram soltas no pátio, matam as galinhas, ferviam a água, pegavam água de poço, todo mundo trabalhava, depenava, fazia a festa, comia num galpão aberto então a comunidade foi crescendo desta forma assim né, isso fogão a lenha, muita coisa. E a comunidade ela realmente ela sempre se dedicou em cima de melhorar ali o patrimônio da comunidade. Isso é um negócio muito	(3) (4) (5) (6)

	legal, muito bacana da comunidade. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020)	
	Hoje tem um grande patrimônio ali né, hoje o santuário um dos maiores também teve um período que caiu a igreja né quando estava em construção né, esse hoje Santuário São Cristóvão é um Santuário grande ali tal, um dos maiores. Se não me engano é o segundo maior do Rio Grande do Sul. Aí tem que conferir isso aí né. Mas no início eles estavam fazendo a igreja lá e deu um vendaval derrubou tudo tiveram que reconstruir tudo de novo, padre Santo Lorenzatto né. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).	(3) (4) (6)
	Teve o primeiro padre foi o padre Antônio Moresqui, depois o padre Elídio e depois o padre Santo Lorenzatto que ficou 32 anos e depois aí veio o padre Paulo, padre Miguel, padre né, teve uma turma. Basicamente a gente conheceu quase que todos que atuaram ali. Eu quando entrei era o padre Santo que teve ali 32 anos. Depois o padre Antônio Moresqui teve ali visitando também fiquei conhecendo, então a gente conheceu todo mundo da comunidade. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).	(3) (4) (6)
	Estudei um pouquinho também da história na época de 50 anos para homenagear aquelas famílias. A gente faz parte do conselho econômico, fui das comissões de organização ali. Em síntese a gente tem um orgulho muito grande de participar. E coloquei aqui na câmara de vereadores, conseguimos indicar, fazer um projeto né, colocando a festa do motorista no calendário de Canoas. E a gente tá organizando, tá se organizando para colocar no calendário Estadual. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).	(3) (4) (6)
	Porque ela é sim a maior festa e a gente tem a expectativa, porque aqui tem um polo logístico grande em Canoas né, e a festa de São Cristóvão ela se confunde com a história de Canoas. São 62 anos para 80 anos né. Então ela se confunde com a história de Canoas. O crescimento de Canoas, tanto é que pessoas significativas da sociedade fizeram parte, seu Henrique Stefani foi da diretoria lá, o próprio Osório Biazus, Scolari, Zeroni, família Faquini, família Spessato, família Lessa, é Leffa e também aquela do Rossi, Rossa, são famílias tradicionais que tão lá até hoje, tem filhos, tem os netos que acreditam naquilo ali. Dão sequência, é muito bonito realmente pro crescimento da comunidade. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).	(2) (3) (4) (5) (6).
	A festa acontece da seguinte forma, normalmente quando tu termina uma festa tu inicia o trabalho pra próxima. Lá tu tem todas as pastorais, têm o CPP que é o conselho pastoral que organiza todas as pastorais não só pra trabalhar, mas pro dia a dia da igreja, tem os tios do Onda lá, tem os tios do Girassol, tem o CLJ que é o curso de liderança juvenil, então todos os movimentos da igreja ECC, cursinho, todos estes movimentos quando vai chegando próximo a festa eles vão se comprometendo cada um com uma parte da, toda a festa ela é feita com apoio da comunidade, ninguém é pago pra trabalhar, todo mundo se dedica a juventude inclusive por exemplo o CLJ que são os jovens ali da faixa de 15, 14 anos até 17, 18 ai, os jovens são responsáveis por recolher toda a louça, distribuir o alimento ali, a sopa então, envolve todo mundo ali né. Alguns, ficam alguns na recepção, e a gente começar a pensar a festa praticamente um ano antes. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).	(2) (4) (5) (6)
	Chega ali dezembro, janeiro, esta época agora nós começamos a conversar na coordenação. Não é um coordenador. Normalmente o coordenador do CPP que é esse conselho pastoral é que se envolve junto conosco. Tem uma equipe que vai nos diversos patrocinadores que fazem a festa ficar maior né e então tem que fazer visitas nas empresas. Então tem uma equipe que vai visitar empresa, tem uma equipe que vai visitar o comércio local também pedindo apoio, outros vão é, outros são responsáveis por formar a parte espiritual né, organizar né todo o tríduo, ou quando é novena né, então ela se dá assim, vai se organizando a partir, terminou uma tu já inicia é a desenhar o próximo ano né. Em janeiro, fevereiro, dezembro, janeiro,	(1) (2) (4)

	<p>fevereiro é onde tu começa realmente movimentar a outra festa. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).</p>	
	<p>Antes da festa acontecem 2 ou 3 eventos né, teve a festa de, ocorre uma festa Italiana né, tem no início também de ano que se faz um almoço, depois um Bingo de ECC, então depois assim vem as festividades de São Cristóvão que é no mês de julho. Passa um mês praticamente de festividade. Aí tu organiza, a gente faz uma carreta ali interna pra movimentar o pessoal. Se dá assim, se dá desta forma, vai se organizando, vai se pegando patrocinador, vai tentando buscar o..., normalmente empresas que vão fazer aniversário, empresa tal vai fazer 50 anos, então eles “ahh tá eu quero puxar o Santo ano que vem e tal” pra ser o destaque da festa. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).</p>	(1) (2) (5) (6)
	<p>Os próprios motoristas se organizam desta forma e se dá desta forma a festa né, chega lá no final tudo dá certo, porque a comunidade trabalhando dificilmente não vai dar certo. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).</p>	(2) (5) (6)
	<p>E o dia é um dia maravilhoso lá que, passa lá em torno de 2 mil, 3 mil veículos e caminhões, as vezes chega 4, 5 mil já chegou né, um movimento grande, uma festa grande, uma festa bonita, uma festa importante pra cidade, e que demonstra também a expectativa e a fé das pessoas. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).</p>	(2) (6)
	<p>Então isso, é desde 98 as mesmas empresas praticamente passam entram novas, saem algumas, mas a grande parte continua ali as empresas as pessoas ficam conhecendo estas pessoas então quando passam e tu tá ali gritando a maior festa do Rio Grande do Sul, tal, tal e tu cita o nome das pessoas e abana, conhece as famílias tal. Tem gente que já vai naquela expectativa de tu fale o nome deles, que tu agradeça a empresa tu fala alguma coisa então isso também é importante, tu fazer aquele registro na hora da procissão eles ficam muito contentes. E é apaixonante festa São Cristóvão. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).</p>	(1) (2) (5) (6)
	<p>É nossa mascote, nossa Isabel querida, a Isabel vai todo ano lá e dança, na hora da música, antes da procissão, no intervalo com os caminhões, sambando na volta, vai ali e faz aquela festa, vai ali e dança. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).</p>	(2) (5) (6)
	<p>Comunidade também se faz presente, aplaudir a saída, acompanhar a chegada, os empresários, empresários importantes da cidade, as vezes vem diretor da Gol, da Suvesa, da Scania, vem pessoas importantes deste ramo dos transportes e estão lá acompanhando, ali o Charles e Jorgetto, dono de uma grande transportadora e estão ali desde o início acompanhando a saída, acompanhando a chegada, da Procissão, acompanhando os motoristas dele saindo, abanando. A festa é isso. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).</p>	(1) (2) (5) (6)
	<p>É uma grande família, muita gente doando, muita gente com fé, que acredita nisso né, que acredita nos valores da Igreja, isso é importante. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).</p>	(2) (5) (6)
	<p>Na festa minha esposa fica ajudando na cozinha. É isso né, ela está sempre junto, grande parceira. E a gente trabalha né, a gente tá sempre trabalhando, ela mesma está sempre ou na cozinha. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020)</p>	(2) (5) (6)
	<p>A Igreja é assim, é o que te mandar fazer, tu vai fazer, né. Normalmente tem pessoas que tem traquejo maior para uma determinada coisa e tem um bom para aquilo, o negócio dela é cozinhar então ela participa sempre da cozinha, outro na decoração, outro sempre na churrasqueira, outro sempre na copa, tem um que é mais expert lá em deixar a cerveja mais gelada para o pessoal. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).</p>	(2) (5) (6)
	<p>É o Eduardo, um grande coordenador, o Spessato, o Rudi, o Paulinho, a Tânia se eu começar a falar o nome da comunidade, eu vou falar 500 pessoas né, que é todo mundo. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).</p>	(2) (5) (6)

	Todo mundo para deixar tudo redondinho. Os jovens, os jovens, eu acho fantástico, os jovens. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).	(2) (5)
	Eles já estão prontos, a comunidade, é se unir, ela não para nunca. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).	(4)
	E todo mundo torce por todo mundo lá. Ah o fulano tá desempregado, fulano tá com esse problema, claro que às vezes tem um que não se ajuda, uma situação interna e tal, mas as pessoas têm que se ajudar. É importante isso né. E cuidam, uns cuidam dos filhos dos outros, se tiver o filho da Gorete né, agora nem precisa mais cuidar dele, mas se tiver em algum local e eu tiver, ah este aqui é o filho da Gorete, todo mundo se cuida né. A comunidade ela se cuida né, a igreja tem essa importância na vida das pessoas. (SILVEIRA, Dario Francisco, 2020).	(4)
Gorete Leffa		
13/08/1957 Funcionária Pública	Eu participo da comunidade desde 2 anos e meio, tô com 62 agora. Então a gente morava na rua da igreja desde a primeira festa a gente saia de manhã e pulava de um caminhão pro outro e não sabia, até a procissão sair a gente fazia uma bagunça e a minha mãe ficava nervosa que a gente era uma turma né. (LEFFA, Gorete, 2020).	(2) (3) (4) (5) (6)
	Aí na época que eu era criança também tinha um parquinho e tinha aqueles cavalinho e coisa, a gente cuidava das crianças. Levei muito telegrama, na época do telegrama ainda escrito, andava abaixadinha no meio das pessoas pra entregar telegrama, muito legal. (LEFFA, Gorete, 2020).	(2) (6)
	E hoje a partir de uma certa idade fizemos aí eu e meu esposo, fizemos o ECC e a gente trabalha. Eu normalmente trabalho na decoração das festas, em todas elas, todos os jantares que têm, todas as coisas a gente participa da decoração e depois a gente trabalha na cozinha, trabalha na hora de servir ali com o pessoal. Enfim gente essa festa é uma festa muito linda, tem toda novena, a gente participa da novena, todos os casais ... (LEFFA, Gorete, 2020).	(2) (5) (6)
	É um grupo assim olha ..., todo mundo se dá, é maravilhoso fazer parte. Eu não sei, eu acho que o dia que eu não puder mais trabalhar vai ser muito triste. Eu participo também da confecção da sopa né, que é os capeletti, é algo maravilhoso, é uma turma de mulheres que vai lá. A gente dá risada, a gente reza, a gente canta e trabalha. (LEFFA, Gorete, 2020).	(2) (5) (6)
	E também tem o café colonial que a gente faz também as coisas pro café colonial, é uma turma de senhoras. Enfim é muito bom participar e enquanto eu tiver força eu vou estar lá presente. (LEFFA, Gorete, 2020).	(5) (6)
	Uma coisa que eu gostaria de deixar registrado é que tem muitas pessoas que trabalham na comunidade que não precisariam estar trabalhando, digo pagar alguém para fazer, mas é por amor que a gente tá ali a gente vai ali porque gosta, porque tem fé e acredita no que está fazendo e a convivência com as pessoas é maravilhosa tanto que nós temos o vereador Dario que trabalha lá e muitas pessoas acham que ele tá lá para fazer o nome, não é pra isso. (LEFFA, Gorete, 2020). Dario está lá muito antes de ser vereador depois que ele foi vereador ele podia até ter largado, da qual já era vereador e independente o dia que ele parar de ser político se ele deixar de ser político, ele vai continuar, tenho certeza, porque ele gosta de estar ali, temos muita gente, empresários que não precisavam estar ali mas estão porque gostam, porque tem fé e acreditam, sabe. (LEFFA, Gorete, 2020). Os jovens servem a sopa no refeitório. (LEFFA, Gorete, 2020).	(2) (5) (6)
	Tem gente que vai ali porque acha assim que trabalhando vai ter a proteção de São Cristóvão, entende, é uma coisa que não dá para explicar é uma coisa muito pessoal de cada um, então acho que isso é muito importante também que as pessoas estão ali justamente para se dedicar e porque gostam e porque amam né, e não fazer nome nenhum. (LEFFA, Gorete, 2020).	(1) (2)

	Uma família! Uma grande família. (LEFFA, Gorete, 2020).	(5)
	Mas assim, uma coisa que o Dario não falou, ele tá lá na frente fazendo uma porção de coisas, mas a esposa dele está lá sempre dentro da cozinha. A esposa dele é impressionante. (LEFFA, Gorete, 2020)	(2) (5)
	Bom gente eu acho que importante falar também é dos romances que acontecem na São Cristóvão. Eu por exemplo me apaixonei pelo meu marido numa festa de São Cristóvão. Eu tinha 14 anos, ele nem me viu, mas naquele dia meu coração já escolheu meu companheiro. E depois com o tempo a gente foi se conhecendo, inclusive do La Salle, ele estudou no La Salle e eu estudava no Auxiliadora e a gente se encontrou, namorou, namoramos 4 vezes, e na quarta vez que deu certo, não chegou a dar um ano e a gente casou e estamos casados há 42 anos. E temos lá a Carmem e o Amilton, O Paulo e a Tânia, a Suzana e o Luís, nossa é um monte de gente que se conheceu na comunidade, e hoje os filhos deles já casaram com meninas do CLJ que conheceram no CLJ, já casaram, tão esperando nenê. A minha filha conheceu o marido também em igreja, não foi na São Cristóvão, mas depois levou ele pra lá, casou na São Cristóvão, minhas duas filhas casaram lá. Tudo se conheceram na igreja sabe. Então é importante saber também que não precisa ir pra Shopping encontrar namorado, a gente pode encontrar na Igreja. (LEFFA, Gorete, 2020). Agora estão no MCJ que é Movimento de Casal Jovens. Tem uma filhinha coisa mais linda. E continuam firme os dois, trabalham e estão na igreja. (LEFFA, Gorete, 2020).	(2) (3) (4) (6)
Luiz Carlos Ghiorzzi Busato	Natural de Caçador – SC - De origem italiana	(7)
Nascido em 06/11/1948. Arquiteto / Prefeito de Canoas	Uma festa maravilhosa. Esta é a sexagésima segunda edição deste evento. É um evento que já é tradicional. Um evento que nós vamos batalhar para colocar no calendário nacional-anual. Então é uma festa maravilhosa, uma festa da comunidade. A prefeitura se envolve bastante. Nós estivemos dois dias trabalhando aqui na região, deixando bonito. (BUZATO, Luiz Carlos Ghiorzzi, 2019).	(1) (2)
	Então pra mim é uma satisfação de poder ter uma festa desta envergadura no município de Canoas pra abençoar todos os motoristas de caminhão, ônibus, enfim, de todas as atividades que labutam no seu dia a dia. (BUZATO, Luiz Carlos Ghiorzzi, 2019).	(1) (2)
Luiz Felipe Scolari	Natural de Passo Fundo – RS - De origem italiana	(7)
Nascido em 09/11/1948. Professor de Ed. Física - Jogador/técnico de Futebol	Eu vim para Canoas porque eu tinha dois tios aqui, tinham o Posto Scolari na Vila Triângulo e a Transportadora Scolari. Eu vim para estudar e para trabalhar na firma. Meu pai também tinha participação em caminhões, caminhão tanque, então eu vim para trabalhar na firma. Vim com 15 anos. (SCOLARI, Luiz Felipe, 2002).	(3) (4) (6)
	Eu já jogava lá em Passo Fundo na rua, nos clubezinhos de lá, junto com os meninos de lá e quando eu vim para cá eu tinha um primo meu que é até falecido Luiz Mauricio Scolari e ele jogava na Igara, jogava lá no São Cristóvão. Ele me convidou para jogar também lá. Então quando eu vim eu comecei a jogar no São Cristóvão. Depois a gente jogava sempre pelo, fazia os jogos dos funcionários do Posto Scolari, da Transportadora. Ai a gente tinha paróquia de São Cristóvão e nós fundamos numa reunião de jovens nós fundamos a MOSCRI – Mocidade São	(3) (4) (5) (6)

	<p>Cristóvão. Ali nós fundamos um time de futebol de salão. (SCOLARI, Luiz Felipe, 2002)</p> <p>Na MOSCRI fizemos um time que era da sociedade. Tínhamos lá nossos encontros e aí tínhamos o time de futebol de salão MOSCRI. (SCOLARI, Luiz Felipe, 2002).</p> <p>Nós tínhamos o campo, o campo era nosso lá, hoje onde tem aquele complexo na Vila Igara, antes praticamente era São Cristóvão, quem usava era o São Cristóvão. (SCOLARI, Luiz Felipe, 2002),</p>	
Bispo Dom Aparecido Donizete de Souza	<p>O Santuário é sinal de Deus para motoristas e devotos de São Cristóvão, ao olhar a imagem o santo, fico em dúvida em se é Cristóvão que carrega Jesus, ou se Jesus é que conduz Cristóvão. (SOUZA, Dom Aparecido Donizete de, 2017),</p>	(1) (2)
Valmor Bienert, 62 anos	<p>Ano todo se preparando para a festa, que começa com as novenas e encerra no grande dia, que é a missa e almoço no domingo. Estamos trabalhando desde sexta-feira na montagem no nosso espaço e ajudando os outros grupos. Conforme a comissão organizadora da festa, os objetivos foram atingidos ao se promover mais um evento em que todos ficaram satisfeitos e que contou com o envolvimento de paroquianos e colaboradores motivados. (BIENERT, Valmor, 2017).</p>	(1) (2) (5)
Egon Binsfel Padre da Paróquia São Cristóvão	<p>A equipe da comunidade é muito organizada. As pessoas trabalham para crescer na fé e para preparar uma festa com alegria. São Cristóvão é um santo bom porque amou Cristo. (BINSFEL, Egon, 2017).</p> <p>Cada noite um item é doado pelos participantes. A entrega de mantimentos para os carentes é um gesto social que faz parte da própria fé. (BINSFEL, Egon, 2017).</p> <p>Este ano, em todo o Brasil, comemoramos os 300 anos da aparição da imagem de barro queimado de Nossa senhora Aparecida. Por isso, as mensagens da novena de São Cristóvão refletem sobre o lado materno de Deus, que é Maria, a mãe acolhedora de Jesus Cristo. (BINSFEL, Egon, 2017).</p>	(1) (2)
Wassil Jr. Morador do bairro há 12 anos	<p>Esta data representa muito para mim. Sou devoto, tenho muita fé e gosto de participar dessa integração com a comunidade, eu e meu irmão, também motorista, colocamos o ônibus de excursão com qual trabalhamos à disposição das pessoas que gostam de participar. (WASSIL, Junior, 2002).</p>	(2)

Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Neste sentido organizei o material do quadro 7 buscando analisar os conteúdos das entrevistas com o objetivo de torná-lo operacional, sistematizando as ideias iniciais do tema por meio de recortes das narrativas, definição de categorias e sistemas de codificação, para posterior análise das entrevistas em cotejo com o corpus teórico e/ou documental, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. Dessa forma, a codificação, classificação e a categorização foram etapas básicas

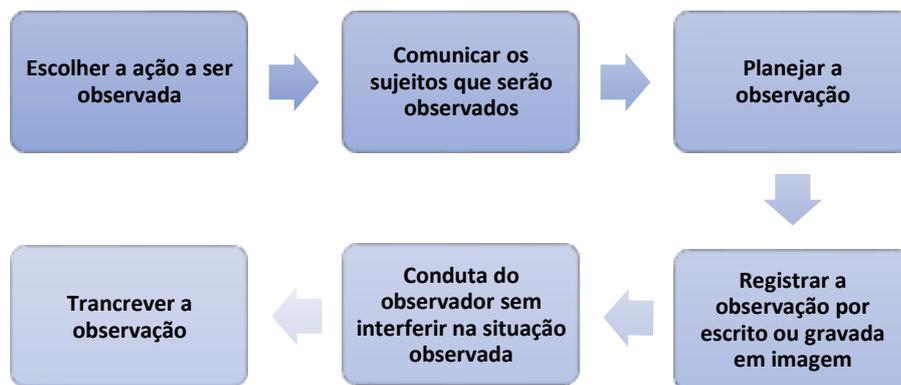
desta fase, visto que foi a partir do quadro 7, especificamente, que se deu a construção do Capítulo 5.

Outro procedimento utilizado na pesquisa foi a Observação Não Participante.

3.1.5 Observação Não Participante

De acordo com Marconi e Lakatos: o processo da observação “[...] consiste em ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos” (1999, p. 90). O observador não participante é aquele que está em contato com a comunidade, grupo ou realidade estudada, porém, sem integrar-se a ela. Como pontos a serem considerados na observação, elenquei o espaço, as pessoas, os diferentes eventos, as atividades, os cantos, as rezas e todos os tipos de ritos presentes na Festa. Isto porque os considere relevantes para compreender melhor as narrativas dos entrevistados, sobre as ordens sociais estabelecidas e o modo de expressão de uma comunidade, configurando o que Candau (2014) denomina como ancoragens da memória e da identidade. Na figura 8 trago um Infográfico sobre a organização da observação.

Figura 8 – Infográfico “Organização da Observação Não Participante



Fonte: elaborado pela pesquisadora (2020), a partir de Marconi e Lakatos (1990).

As etapas da observação foram as que seguem:

- O primeiro passo foi a escolha das ações a serem observadas: baile de abertura, que precede a festa; a novena (ou tríduo) e terço (30 min antes da missa); os eventos (jantares e confraternizações) que ocorrem nos dias das novenas (ou

tríduos), a missa às 08h, que antecede a carreata; a procissão; a Festa propriamente dita.

- O segundo passo, a comunicação sobre a pesquisa com os envolvidos na Festa.

- O terceiro passo foi o do planejamento da observação e construção do roteiro conforme quadro 8 abaixo:

Quadro 8 – Roteiro de planejamento de observação

a. na novena (ou tríduo) e terço 30 min antes da missa;
b. nas missas após a novena (ou tríduo);
c. nos eventos (jantares e confraternizações) que ocorrem nos dias das novenas,
d. na missa às 08h, que ocorre no dia da Festa de São Cristóvão;
e. na pré-procissão que ocorre um sábado antes da Festa de São Cristóvão;
f. na procissão que ocorre no dia da Festa do Santo;
g. na festa e almoço propriamente dita.
h. no baile que integra a Festa.

Fonte: Roteiro elaborado pela pesquisadora (2018).

- O quarto passo é aquele em que registrei a observação por escrito ou por meio de filmagem. O registro escrito tem vantagens para a observação de ambientes com muitas pessoas, pois é possível rapidamente anotar informações sobre o movimento, fala das pessoas que vêm de lugares distintos do espaço em que se desenrola a ação. A filmagem exigiu um deslocamento de câmera para captar movimentos diversos, que demandou, posteriormente, organização e edição.

- O quinto passo diz respeito à conduta do observador, em termos do cuidado para não interferir na situação observada, nos limites sobre emoções e sentimentos no momento da observação. Mesmo assim, é importante registrar aqueles, para considerar se o registro foi contaminado e, portanto, também a interpretação do que foi observado.

- O sexto passo foi fazer o registro da observação, transcrever as entrevistas, a realização da preparação de uma primeira análise e de do material a ser apresentado aos sujeitos observados. Tanto as observações como a transcrição das

entrevistas foram registradas no caderno de campo, sendo um auxílio importante para a pesquisa.

O conjunto de orações a São Cristóvão e o das iconografias auxiliou na percepção da construção de um personagem como Santo, com a popularidade que tem alcançado desde os primeiros séculos da história do cristianismo.

Com o corpus documental organizado e tratado, foi possível passar à sua análise, estruturação da tese e escrita dos capítulos. Na sequência trato sobre festas de santos e santas no Brasil e sua relação com memória.

4 REFLEXÕES SOBRE FESTAS DE SANTOS NO BRASIL E A RELAÇÃO ENTRE FESTA E MEMÓRIA

Veja eu levo quatro a cinco horas benzendo carros. [...]. Naquele dia não é passeio, não é nada, eles vêm para receber a bênção e pedir a proteção do padroeiro das estradas. A gente reza pelo Rio Grande do Sul, pelo Brasil e assim por diante. (LORENZATTO, 2001).

Neste capítulo, busco dar conta de produções sobre festas religiosas, celebrações a São Cristóvão e referenciais que auxiliem a discutir a relação entre festa e memória. Para a sua escrita, em fevereiro de 2019, foi efetuado levantamento nos Bancos de Pesquisas Acadêmicas, com as palavras-chave: Festa de São Cristóvão, Procissão de São Cristóvão, Festas e Procissões de São Cristóvão, que resultou no que segue (quadro 9):

Quadro 9 – Pesquisas Acadêmicas

BASE CONSULTADA	Nº DE PUBLICAÇÕES
SCIELO (Scientific Electronic Library Online)	0
Instituto Brasileiro de Informação e Ciência e Tecnologia (IBICT)	0
TEDE – Portal de Teses e Dissertações da PUC - SP	1
Google Acadêmico	0

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2019).

Percebi que o tema objeto desta tese carece de ser abordado e, ainda não existem trabalhos acadêmicos que versem sobre a Festa de São Cristóvão na cidade de Canoas. O estado da arte limita-se a uma (01) dissertação publicada no TEDE – Portal de Teses de Dissertações da PUC-SP, do autor Oyama Braga Martins Neto, com título: Os sentidos da religiosidade em Amaturá, Amazonas: A festa de São Cristóvão, de 2011. Martins Neto, analisa a Festa de São Cristóvão, a partir do campo de estudos em Psicologia, discutindo a relação entre religiosidade e atendimento clínico. O trabalho tem como espaço de pesquisa o município de Amaturá, situado na região do Alto Solimões, no extremo sudoeste do estado do Amazonas, a 1200 km da capital. Para o autor, religiosidade é elemento relevante para a compreensão da população, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de uma prática clínica junto

aos moradores do município citado. O autor defende que as crenças propiciam organização interna do indivíduo e enraizamento, sendo que o psicólogo não pode abdicar do conhecimento daquilo que está diretamente relacionado com o mundo de seus pacientes, o que permite adentrar nos seus universos culturais. De acordo com Martins Neto, é possível vislumbrar no amaturense:

[...] o desenvolvimento de uma autoimagem positiva, aliada a um enraizamento e valorização dos elementos regionais, e de uma consciência social e comunitária capaz de construir um mundo importante e estimado por todos. [...] no exercício de sua liberdade, o amaturense escolhe dedicar-se à sua religiosidade e viver suas crenças da maneira que a ele proporcione segurança, bem-estar e qualidade de vida [...] encontra na sua religiosidade, no seu festejo e na sua cultura, elementos primordiais e importantes para dar sentido à essa vida que se constitui em Amaturá (MARTINS NETO, 2011, p. 112).

A participação da festa de São Cristóvão em Canoas (2018) e a leitura inicial das entrevistas no acervo do Projeto Canoas – Para lembrar quem somos, auxiliaram a pensar sobre as festas e celebrações aos santos em geral no Brasil, buscando especificamente aquelas em honra a São Cristóvão. Na falta de trabalhos científicos, elaborei um levantamento sobre sua ocorrência no país, tanto naquelas igrejas que têm o Santo como padroeiro, como nas demais (Apêndice A). Isto, para apropriação do espectro da Festa, uma vez que me causou estranhamento, a lacuna em termos de estudos sobre uma celebração que alcança diferentes estados brasileiros. Neste sentido, reside a justificativa para empreender este trabalho de memória sobre a Festa de São Cristóvão de Canoas, RS. Para esclarecimentos sobre festas em honra a santos e santas, efetuei revisão bibliográfica, buscando teses e/ou dissertações e outros trabalhos que me trouxessem, também, informações sobre conceitos sobre festas.

4.1 Festas em honra a santos e santas no Brasil: uma revisão bibliográfica

O Brasil é um país laico, deixando o catolicismo, desde a Constituição de 1891, de ser a religião oficial do país, ficando também estabelecida a liberdade de culto e estipulada a inviolabilidade à liberdade de consciência e de crença. Isto não incidiu nas crenças dos brasileiros e de acordo com o IBGE (2021), apesar de uma diminuição do quantitativo de católicos nos últimos anos, ainda é a religião predominante no país.

Neste contexto, verifica-se que na tradição católica, há diversas datas comemorativas em homenagem a santos e santas, sendo algumas inclusive, feriados e comemorações oficiais, destacando-se as datas da Paixão de Cristo, Páscoa, Corpus Christi, Nossa Senhora Aparecida (Padroeira do Brasil) e o Natal. Assim, as festas religiosas ocupam espaço importante no calendário civil do país, estados e municípios. Trata-se de uma relação bastante peculiar entre o ano civil (tempo do Estado) e o tempo sagrado (tempo da Igreja).

As devoções, festas e ritos colaboram para a atualização do tempo mítico, o que revive e revela a cada ano, o sobrenatural, o tempo sagrado que dá sentido à vida cotidiana. Ao participar desses eventos, de acordo com Couto “o fiel evoca e recria o tempo inicial. As manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação” (2008, p. 2). Neste sentido, entendo que o tempo da festa, o do acontecimento mítico, envolve tanto o indivíduo quanto o coletivo de devotos, pois há uma sinergia na preparação e no decorrer da realização do evento propriamente dito. Durante a festa de São Cristóvão, santifica-se o mundo, Canoas revitaliza-se, os caminhoneiros e os moradores da cidade e de outras, os quais acorrem ao Santuário, encontram sentido para a vida, reforçando o sentimento de pertencimento e de identidade. O Santuário de São Cristóvão, seu entorno, as ruas e a própria BR-116, por onde passa a procissão é o espaço, para além do templo, que recebe outra conotação no tempo da celebração, expandindo o espaço sagrado. Aí está presente uma territorialização, que ao movimentar a população do Bairro Igara, a de Canoas e de cidades do entorno, imprime uma dinâmica local que interfere, mesmo na vida daqueles que apenas transitam pelas ruas e pela rodovia no tempo da festa.

Em se tratando de festas, um dos primeiros estudos foi o de Mary Del Priore (1994), intitulado *Festas e utopias no Brasil colonial*. Neste, a autora analisou várias “festas-concessões”, em tempos coloniais, ou seja, aquelas com a permissão do Rei e da Igreja para a sua realização. De acordo com Priore (1994), as festas em honra aos santos e santas no Brasil remontam ao período colonial e têm origem europeia, quando em períodos de semeadura ou de colheita, a comunidade se reunia para agradecer e ofertar tributos às entidades que acreditavam serem protetoras do ciclo agrícola. Assim, periodicamente, celebrava-se um novo ciclo, com agradecimentos e pedidos de proteção, reunindo diferentes grupos sociais. Para Priore (1994):

As festas nasceram das formas de culto externo, tributado geralmente a uma divindade protetora das plantações, realizado em determinados tempos e locais. Mas com o advento do cristianismo, tais solenidades receberam nova roupagem: a igreja determinou dias que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os dias de festa, os quais formavam em seu conjunto o ano eclesiástico. Essas festas são distribuídas em dois grupos distintos: as festas do Senhor (Paixão de Cristo e demais episódios de sua vida) e os dias comemorativos dos santos (apóstolos, pontífices, virgens, mártires, Virgem Maria e padroeiros). Nos intervalos das grandes festas religiosas, eram realizadas outras menores aos domingos, por isso chamadas de "Domingas". (PRIORE, 1994, p. 13).

As comemorações do passado colonial brasileiro, segundo Priore (2000), ajudam a entender o festejar atual. As festas nasceram das desigualdades culturais, “[...] da participação de múltiplos atores anônimos, do barulhento uso de ritmos e danças – o riso crítico, jocoso e farsesco da cultura popular no interior dessa mesma festa” (PRIORE, 1994, p. 15). Identifica Priore (1994, p. 64) que "o milagre une o povo – ‘as gentes’ - Deus por meio do encanto e do maravilhamento", sendo as festas uma representação da reafirmação da aliança entre o povo e Deus.

Do imaginário milagroso, o fenômeno invade a poesia de circulação corrente entre o povo, divulgando a estória do feito milagroso entre os fiéis, a festa e a igreja. Todos os atores e espectadores, beneficiam-se do "milagre" nessas versões. O milagre sacraliza as benesses estendidas aos espectadores, apagando temporariamente as diferenças sociais (DEL PRIORE, 1994, p. 65).

As festividades religiosas têm forte presença no cenário nacional, sobretudo no que concerne aos feriados. Ancorados em antigas tradições, os dias devotados a santos e santas católicas, quando padroeiros, são legitimados como feriados em diversos estados, municípios e mesmo no âmbito federal.

Segundo Graebin e Santos (2013), festas e comemorações são fenômenos socioculturais presentes em qualquer sociedade, são exteriorizados sentimentos de uma comunidade, com historicidade das emoções, sentidos e sentimentos, pois a cada edição, mesmo controladas por calendários (cívicos, turísticos, litúrgicos), são apropriadas pelos indivíduos, grupos e até pela sociedade, fazendo delas modos de ação e participação.

Mircea Eliade (1992, p. 75) afirma que “toda festa religiosa é um evento sagrado, baseado no tempo mitológico, no qual os participantes se tornam contemporâneos do acontecimento mítico”. Porém, cabe salientar que apesar dos festejos serem repetidos anualmente, não possuem uma estrutura fixa, rígida.

Cabe ao pesquisador compreender que as manifestações religiosas acontecem dentro de um tempo mítico, sagrado, porém estar atento ao tempo histórico; lidar com a imobilidade enganadora e analisar as “formas obstinadas” sem perder de vista as rupturas, descontinuidades e mutações. (COUTO, 2008. p. 3).

Vários autores, tanto do campo dos estudos históricos quanto dos antropológicos voltaram-se para os estudos sobre festas e celebrações no Brasil na década de 1990. Além da obra de Priore (1994), a tese de Rita de Cássia de Mello Peixoto Amaral (1998) reportou-se a seis eventos representativos das cinco regiões do Brasil, nos quais constatou os investimentos em construção de identidades, da valorização de práticas culturais, da sacralização de espaços e relações sociais, cada um daqueles com diversidade de sentidos e significados. Nos anos 2000, iniciativas indicadas no quadro 10, a seguir, demonstram o destaque dado ao tema, com a retomada de antigas produções sobre procissões, tradições populares e vidas de santos e santas.

Quadro 10 – Produções clássicas sobre devoções a santos e santas

TÍTULO DA OBRA/ANO	AUTOR	SÍNTESE DO ASSUNTO
Procissões Tradicionais da Bahia, de 1880-1940 [1941] (reedição em 2001).	João da Silva Campos	Trata sobre procissões e festas religiosas baianas.
Festas e Tradições Populares do Brasil (edição em 2002, pelo Senado Federal)	Melo Moraes Filho	Aborda diversas celebrações religiosas, desde aquelas voltadas para ritos fúnebres quanto para festividades populares.
Legenda Áurea: vida de santos (edição de 2003)	Original de Jacopo de Varazze foi traduzido do latim para o português por Neri de Barros Almeida e Hilário Franco Júnior, com notas deste.	Trata-se de uma hagiografia, original do século XIII, reunindo biografias e escrituras de 175 santos. Uma espécie de manual com a intenção de colaborar para beneditinos e outros monges na elaboração dos sermões durante Idade Média (SILVA, 2017). Obra fundamental para compreender parte da construção de devoções a diversos santos e santas.

Fonte: Produzido pela autora (2021).

Ainda quanto às festas de cunho religioso, merece destaque a tese de Martha Abreu, denominada O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Nesta, a autora trata sobre os seus elementos e as possibilidades

tanto de controle, como de tolerância às manifestações municipais e eclesiais, dos diferentes representantes dos chamados populares durante a festa (ABREU, 1996).

Raquel Soihet (1998), em *A subversão pelo riso*, ao tratar sobre a festa de Nossa Senhora da Penha (Rio de Janeiro), informa tratar-se de uma festa frequentada pelos segmentos mais pobres da cidade, com rodas de samba e batuques juntando-se à celebração à Santa. A dança, a música e a culinária atraíam pessoas de diferentes lugares, o que trouxe a estigmatização para o evento, como lugar de arruaceiros, nada remetendo a um momento de adoração e ao sagrado. Tanto as autoridades civis quanto a Igreja, combateram “o fazer da festa”, tentando reprimir as manifestações lúdicas, sem sucesso, passando a festa, a se constituir como lugar de construção de identidades étnicas, agregando diferentes sentidos e significados.

Edilece Souza Couto (2004), dedicou-se a estudar as festas de Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant’Ana, em Salvador, apontando as similaridades e as especificidades de cada uma. Aponta o contexto de romanização do catolicismo brasileiro, agindo no sentido da “purificação” e controle das celebrações pelas autoridades eclesiais, pelas elites intelectuais e autoridades civis.

A tese de doutorado de Renata de Almeida Oliveira *Memórias da devoção: Estudo de Caso sobre a Festa de Santo Antônio nas cidades de Duque de Caxias - RJ e Lisboa, Portugal*, de 2017, tem como tema a devoção a Santo Antônio e as festas populares a ele dedicadas. No seu estudo trata sobre a relação entre as hagiografias e as igrejas onde as festas são realizadas, como lugares de ancoragem das memórias e construção de memórias individuais e coletivas (OLIVEIRA, 2017).

De acordo com Leite (1999) a invocação para a intercessão dos santos ocorre por serem estes, modelos de virtude e fé, importantes a serem seguidos e por meio de seus exemplos de vida, guiam a caminhada dos cristãos na terra. Menciona a autora: A devoção aos santos é uma expressão da doutrina da comunhão dos santos, que ensina que a morte não rompe laços que unem os cristãos em Cristo. Cabe salientar, a Constituição dogmática do *Catecismo Católico, Lumen gentium, n. 49, menciona a interseção dos santos em seu parágrafo 956* (VATICAN, 1966)

956. *A intercessão dos santos.* Os bem-aventurados, estando mais intimamente unidos com Cristo, consolidam mais firmemente a Igreja na santidade [...]. Eles não cessam de interceder a nosso favor, diante do Pai, apresentando os méritos que na terra alcançaram, graças ao Mediador único entre Deus e os homens, Jesus Cristo [...]. A nossa fraqueza é assim grandemente ajudada pela sua solicitude fraterna (516).

Como já foi citado, embora a devoção aos santos e santas tenha caráter individual, o festejar torna-se um ato coletivo e a sua continuidade revela a força do catolicismo presente em todos os segmentos sociais, em que pese o crescimento de outras confissões religiosas no Brasil. Trata-se de expressar publicamente a fé, que segundo Abreu (1994) foi objeto de preocupação, tanto para as autoridades civis e eclesiásticas coloniais do século XVIII, quanto as do século XIX que temiam a subversão da ordem, uma vez que integravam não só as manifestações de cunho religioso, mas também, as profanas que ganhavam o espaço público. Afinal, mesmo as festas religiosas têm seus momentos de entretenimento, de conciliação, quanto de enfrentamentos entre indivíduos e grupos, afinal, trata-se do humano em espaços de comunicação.

Durkheim (1989) aponta os principais elementos das festas, que levam a noções sobre a funcionalidade daquelas: coesão do grupo social, transgressão de normas e o suscitar de um estado de efervescência. Jean Duvignaud (1983) ao contrário desse autor, diz haver um romper do cotidiano, das normas, dos gestos repetitivos no festejar, capazes de produzir rupturas e subversões. No entanto, informa que nem todas as festas têm este poder de desregramento. Para tanto, criou uma classificação para estas: festas de representação e de desregramento. As primeiras seriam aquelas nas quais há papéis definidos para os atores e os expectadores e não se constituem como perigo de subversão à ordem. As segundas envolvem todos os sujeitos, com inversão e propondo a subversão dos códigos sociais. Provavelmente era/é esta possibilidade que preocupava/preocupa as autoridades que, também a partir das festas, visam ao controle do corpo e das vontades.

Guarinello comenta que mesmo antes de Durkheim, cientistas sociais buscam definir festa, sem, no entanto, atingir um conceito com conteúdo que possa abranger os diferentes tipos e casos particulares, tendo capacidade generalizante. Assim, em vez de utilizar as definições já construídas, prefere pensar “[...] a festa em termos bem gerais, abstraindo-a de todas as particularidades históricas e culturais” (2001, p. 971), propondo seguir um percurso teórico que abdique de estudá-las por uma abordagem fenomenológica, sem encará-la a partir de sua evolução histórica e sem suas tipologias. Este autor escolhe “[...] abordá-la como uma estrutura do cotidiano, ou antes, como parte da estrutura do cotidiano de todas as sociedades humanas,

como um produto necessário desse cotidiano”, pensando este como “[...] o tempo concreto de realização das relações sociais” (idem, p. 971). Este é o caminho que escolho para compreender a Festa de São Cristóvão, ou seja, como fazendo parte do cotidiano da comunidade ligada ao Santuário.

Após discorrer sobre algumas das obras sobre festas, passo à reflexão sobre a relação entre festa e memória, procurando dialogar com alguns autores discutidos no campo de estudos em memória social.

4.2 Festas e memória

Nesta parte da tese, procuro trabalhar a intrínseca relação entre festas e celebrações a santos e santas, memória, construção de identidade e enraizamento. Nos momentos celebrativos, quando há uma reunião da comunidade permeada por atos de fé no transcendente, agradecendo dádivas recebidas e colocando suas expectativas e demandas para a divindade, a partir de um intercessor, há um compartilhar de vivências e experiências, um conectar de lembranças. Homens e mulheres de diferentes idades, segmentos sociais, condições econômicas, etnias e práticas culturais unem-se para, a cada ano, reatualizar a sua relação com o sagrado.

Neste sentido, considero o tempo da festa de São Cristóvão em Canoas, RS como tempo de lembrar, de dar, receber e retribuir (MAUSS, 2003). Nestes atos, o sujeito assegura a sua própria existência e auxilia a manter a da comunidade. Não se trata da troca de presentes entre indivíduos e grupos, mas o doar tempo, dinheiro, trabalho, gêneros alimentícios, produtos, entre outros que se constituirão como elementos fundamentais para a organização e realização da festa que se desdobra em diversos momentos de ações de graças durante o ano, desde os encontros iniciais de planejamento como as novenas (ou tríduos), jantares, almoços, cafés coloniais, missas, culminando com a procissão motorizada.

Todos estes momentos relacionais são perpassados pela memória, quando diferentes sujeitos juntos praticam a reciprocidade entre si, com o santo intercessor e a divindade, reconhecem a si mesmos frente aos outros e como grupo com afinidades, construindo, reconstruindo e fortalecendo vínculos. A Festa, a sua preparação e o que ocorre depois, têm essa propriedade — a de ser vetor para construir vínculos entre sujeitos e grupos e entre estes e os demais moradores do Bairro.

Embora o Bairro Igara seja multifacetado, com diferentes conjuntos urbanos indicados no Capítulo 2, resultantes dos loteamentos realizados desde os seus primórdios, admito que o Santuário reúne uma comunidade que remete a um quadro social de referência local. Este é legitimado a cada ano durante a celebração e as pessoas que dele fazem parte, caminhoneiros e suas famílias, figuras políticas destacadas na cidade, industriais, comerciantes, profissionais liberais, entre outros são reconhecidos não só por aqueles que dele fazem parte, mas também pelos “outros” do Bairro e de Canoas.

O pertencimento coletivo é construído socialmente, através dos grupos de trabalho da Paróquia, que organizam os eventos durante o ano culminando com a celebração ao Santo, gerando ancoragens da memória, de acordo com Halbwachs (2006) Os novos moradores que chegam, em função da construção de novos conjuntos habitacionais, fato recorrente no Bairro e no município, caso tenham o catolicismo como confissão religiosa, poderão aderir a um passado que não viveram, mas que, a eles narrado muitas vezes, passa a ser compartilhado. Como aponta Halbwachs (2006), a sua forma de se relacionar com o mundo é diferenciada, mas passa a ser fundamentada pelas referências da comunidade afetiva, ressignificando lembranças e dando suportes de vida.

Nisto, a religiosidade tem um papel agregador. Para Halbwachs, “as religiões estão solidamente instaladas sobre o solo, não apenas porque esta é uma condição que se impõe a todos os homens e todos os grupos, mas um grupo de fiéis é levado a distribuir entre as diversas partes do espaço o maior número de ideias e imagens que defende” (2006, p. 170). A existência do Santuário é relevante neste processo, mas não basta, pois é a ação do grupo a ele associado é que move o processo de filiação.

No caso das celebrações, tais como a Festa de São Cristóvão que ocorre há mais de 60 (sessenta) anos, as pessoas da comunidade compartilham a devoção, o sentimento de união, manifestação da fé e, também, constroem e reconstróem identidade, ancorados pela devoção ao Santo. Aqui remeto à Catroga (2009), fazendo uma analogia ao seu estudo sobre ritos cívicos e a personagens exemplares: escolhido, desde tempos imemoriais, como “grande homem” Cristóvão passou a fazer parte da galeria dos santos, transformado em paradigma, em figura exemplar. Não se trata de uma ritualização do passado, nem da elaboração de uma metamemória, uma

memória reivindicada como aponta Candau (2014). Também, não há intenção do reviver a história do santo como herói cívico. Trata-se da carga afetiva que a Festa opera e da sua capacidade de reunir memórias dispersas, tendo São Cristóvão como objeto de adoração.

A Festa como acontecimento e a narrativa sobre a origem do Bairro seriam as ancoragens, como indica Candau, as “pedras numerárias” (2014, p. 95), instrumentos de filiação, uma pedagogia dos fundamentos históricos, da narrativa dos sujeitos a estruturar uma determinada identidade e a ratificar filiações. Assim, as narrativas sobre as origens do Bairro, da construção do Santuário e da Festa ao Santo são, como aponta Candau, balizas que delimitam uma área de circulação das lembranças” (2014, p. 35). Refletindo sobre os pressupostos deste autor, a Festa em si como ato de memória, não seria suficiente, para atestar a presença de memória coletiva. Segundo ele, um grupo poderá ter as mesmas “pedras numerárias” sem, no entanto, compartilhar “as mesmas representações do passado” (p. 35). Acredito que o processo de socialização de memórias (a memória em expansão segundo o autor) é praticado no cotidiano, nos grupos de oração, de jovens, de mulheres, na catequese das crianças, entre outros. Uma das narrativas, no Capítulo 2, chama a atenção para os diferentes grupos que utilizam as dependências do Santuário para diversas ações.

As redes sociais (Facebook e Instagram) da Paróquia, os grupos de WhatsApp, os meios de comunicação podem se constituir como elementos que reforçam sentidos e significados que auxiliam na vinculação identitária do grupo. Assim, Candau (2014) adverte que o pesquisador precisa estar atento para o discurso metamemorial como:

[...] um indicador precioso, revelador de uma relação particular que os membros de um grupo considerado mantêm com a representação que eles fazem da memória deste grupo, e, de outro lado, este discurso pode ter efeitos performáticos, sobre esta memória, pois, retomado por outros membros, esse discurso pode reuni-los em um sentimento de que a memória coletiva existe e, por este mesmo movimento, conferir um fundamento realista a este sentimento (CANDAU, 2014, p. 34).

Portanto, há de se distinguir entre o dizer que há uma memória coletiva, e, realmente verificar sua existência, somente no plano do discurso. Neste sentido, as narrativas sobre as origens do bairro e da Festa, as graças alcançadas, as referências comuns a acontecimentos, pessoas e indícios que perpassam narrativas de diferentes moradores dão manutenção aos laços entre os membros da comunidade, mas como

adverte o autor, não se pode inferir que todos eles compartilhem memórias de forma estável, apesar de existirem atos de memória coletiva. A evocação, pelos membros do grupo se dará de forma diversa, o que remete a Halbwachs (2006) ao afirmar que cada membro tem um ponto de vista sobre a memória do grupo.

Quanto a isto, Candau (2014) traz pressupostos para a compreensão do conceito de memória coletiva, isto é, ilustra a possibilidade da existência desta a partir do que denominou como “retóricas holísticas”, isto é: “[...] o emprego de termos, expressões, figuras que visam designar conjuntos supostamente estáveis, duráveis e homogêneos, conjuntos que são conceituados como outra coisa que a simples soma das partes” (CANDAU, 2014, p. 29). Essa categoria, de acordo com o autor auxilia a perceber se existem “memórias fortes”, isto é, as que se apresentam em uma narrativa organizada e coerente sobre um acontecimento e/ou personagem e as “memórias fracas”, desarticuladas, difusas, não estáveis, superficiais. A memória forte seria aquela compartilhada pelo todo dos indivíduos, portanto, promovendo a integração dos membros e a estruturação de um grupo.

Ainda, tratando sobre retóricas holísticas, Candau (2014) introduz as representações factuais e as semânticas, definidas da seguinte maneira:

[...] representações factuais, são representações relativas à existência de certos fatos, e as representações semânticas, que são representações relativas ao sentido atribuído a esses mesmos fatos [...]. Quando uma retórica holista remete a representações factuais supostamente compartilhadas por um grupo de indivíduos, há uma forte probabilidade de que seu grau de pertinência seja elevado. Quando uma representação holista remete a representações semânticas supostamente compartilhadas por um grupo de indivíduos, há uma forte probabilidade para que seu grau de pertinência seja fraco ou nulo (CANDAU, 2014, p. 39).

Neste sentido, é possível perceber nas narrativas de moradores do núcleo mais antigo do Bairro Igara, uma série de elementos, valores, expressões, representações, religiosidades, crenças, um apelo a uma identidade étnica que dão a percepção de estabilidade e construção de identidade. Acredito que a Festa de São Cristóvão está relacionada a uma memória forte, construída a partir de práticas sociais e individuais que auxiliam a criar elos identitários embasados em eventos fundadores, nas narrativas das origens do Bairro e do Santuário e em práticas de memória como a celebração ao Santo. Trata-se dos processos interindividuais que contemplam “os sinais, os enunciados, os textos, as imagens”, “representação mental comunicada de

um indivíduo a outro” (CANDAU, 2014, p. 36-37). Recuperando o já vivido a partir das narrativas e por meio da Festa, o grupo de moradores diretamente relacionado ao Santuário, constrói um “núcleo de sentidos”, revisitando o tempo, inventariando acontecimentos, organizando-os e dando-lhes significado. O trabalho da memória e da metamemória (a memória reivindicada), dão ao grupo a percepção de identidade compartilhada (CANDAU, 2014).

O vínculo entre os sujeitos e com o seu passado fornece elementos para a construção de identidade. Nisto está, também, a noção de enraizamento, conceito criado por Simone Weil, que Eclea Bosi utilizou ao trabalhar em sua obra *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* (1994). Ao saírem de seus redutos, aqueles que chegaram/chegam a Canoas precisaram, para além da preocupação com trabalho e moradia, realizar um trabalho de enraizamento. Bosi informa que os deslocamentos impactam no desagregar da memória e na “espoliação das lembranças” (BOSI, 2017). Isto dá a dimensão do movimento dos antigos moradores do Bairro Igara em torno daquilo que lhes era familiar no local de onde provinham, ou seja, a vida em torno da igreja, nas festas religiosas e nos encontros comunitários. No seu novo espaço, buscaram reconstruir uma coletividade, buscando elementos do seu passado com vistas a um bem viver no futuro.

Halbwachs (2006) trata sobre este trabalho de memória quando há a articulação das lembranças na reconstrução do vivido, as marcas e a presença de antigos vizinhos, o compartilhamento de visões de mundo, de crenças, imagens entre outros, o que o autor indica como reconstrução contínua do passado pela memória coletiva. Nesse movimento, grupos mais antigos no lugar e os novos moradores entram em comunicação e, no processo de enraizamento, promovem os sentimentos de pertencimento e um ponto de vista comum sobre o passado e este funda e inspira a proximidade. Como narra uma das moradoras: Ali [no Bairro Igara a gente se dá com todo mundo [...]. Se tem alguém precisando da gente, ou num aniversário, no mais a gente se reúne na Paróquia. O local de encontro é na Paróquia São Cristóvão (FAVIERO, 2002). Ali, além do processo de interação, de construção identitária, também se manifesta a religiosidade, unindo profano e sagrado, com a ancoragem do espaço. Neste sentido, passo a discorrer sobre São Cristóvão e a celebração a ele em Canoas, RS.

5 SÃO CRISTÓVÃO – “O SANTO CARREGADOR DE CRISTO” E SUA FESTA EM CANOAS RS

São Cristóvão, protegei a nós e nossos carros nas ruas e nas estradas. Acompanhai-nos nas nossas viagens e excursões (Oração do motorista)

O culto aos santos é uma prática de devoção característica da religiosidade católica. Andrade conceitua como tal, “as manifestações que envolvem o culto aos santos católicos, reconhecidos ou não pela Igreja” (2008, p. 238), caso de São Cristóvão, cuja vida é traduzida por narrativas sobre seus milagres e está inscrito no que se pode chamar de longa duração, isto é, numa mentalidade coletiva com concepções e sentimentos arraigados durante um tempo longo (VOVELLE, 1993). A mais representativa está na Legenda Áurea, obra do século XIII, que reúne diversas histórias de santos e santas (ALETEIA VATICANO, 2015). De acordo com Santos e Duarte (2010) a hagiografia pode ser considerada como uma expressão de um dever de memória pela Igreja, em relação a àqueles e àquelas declarados com atuação excepcional, para que seus exemplos sejam imitados e perpetuados, mostrando, também, a sua adequação às suas normas e regras da Igreja.

Entre os textos escritos sobre São Cristóvão está aquele publicado em obra póstuma de Eça de Queiroz, intitulada Últimas Páginas (1912), com o capítulo, Lendas de Santos, com as narrativas sobre São Frei Gil e Santo Onofre. Aldinida Medeiros observa que Eça traz o Cristóvão da lenda — gerada na antiguidade tardia, século VI, e popularizada na França, no século IX —, para o cenário português do final do século XIX, explicitando um tipo de cristianismo que passa da expressão da fé para a caridade experienciada, um evangelho da ação mais que doutrinário (MEDEIROS, 2013). Acredito que o autor fez uma apropriação da tradição oral que atravessou os séculos, trazendo para a literatura as representações sobre o personagem, introduzindo-o no contexto histórico do seu próprio tempo. A leitura do texto de Eça de Queiroz iluminou a escrita de parte deste capítulo, na qual procuro discorrer sobre o que compreendo como uma construção de Cristóvão como santo.

5.1 A construção do Santo

Em se tratando de São Cristóvão, este foi inserido pela tradição oral¹³, “de boca em boca, de ouvido a ouvido”, com relatos sobre sua vida, conversão, martírio e milagres, de geração em geração, no cotidiano de populações europeias e asiáticas. São narrativas não só sobre este santo, mas também sobre outros que, com ele, compõem o grupo dos chamados “Santos de Emergência”, aqueles que, segundo crenças cristãs católicas, são invocados para a resolução de causas relacionadas com a saúde, pestes, pragas, tempestades, entre outros. A devoção a martirizados por sua fé em Jesus Cristo integra práticas já presentes desde os primeiros tempos da existência do cristianismo, sendo estes designados com o termo “santo, santa”, recebendo algum tipo de veneração. De acordo com Champlin (2013) seus túmulos acabaram por se tornar espaços sagrados e, restos de vestuário, algum objeto pessoal e, até mesmo, supostas partes de seus corpos, foram consideradas como relíquias e, por vezes, guardadas e/ou colocadas em altares de igrejas. Por volta do Século IV, fiéis eram instados a solicitar a intercessão dos santos para alcançarem alguma graça diante de Deus e, durante o período histórico denominado como Idade Média, essas práticas já estavam fortalecidas e haviam se expandido, surgindo, inclusive, uma doutrina com relatos sobre personagens que realmente existiram e outros construídos a partir de relatos fictícios.

As narrativas que abordavam representações, trajetórias e eventos relativos a Cristóvão e a outros santos e santas, foram compiladas na “Legenda Áurea: vida de santos”, pelo dominicano Jacopo de Varazze (1228-1298). Diversas hagiografias e outros materiais manuscritos circulavam no período, sendo a Legenda uma tentativa do registro de uma memória que, segundo Franco Júnior (2003), auxiliaria a difundir modelos de conduta, fornecer subsídios para os sermões e, de acordo com Falbel (1969), combater as heresias difundidas entre os séculos XII e XIII. Em estudo sobre heresias, este último autor as divide em teológicas (oriundas da Faculdade de Teologia de Paris) e as chamadas populares, tendo em vista a adesão a elas, pela população de parte da Europa (Alemanha Ocidental, Flandres, França e norte da

¹³A tradição oral é definida como um testemunho transmitido oralmente de uma geração à outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão, na qual difere das fontes escritas. Devido à sua complexidade, não é fácil encontrar uma definição para tradição oral que dê conta de todos os seus aspectos (ALBERTI, 2004, p. 158).

Itália, entre outras). Também afirma que “o movimento herético foi um aspecto do renascimento religioso da época, e, em parte, pelo menos, foi um subproduto das mudanças culturais, sociais e econômicas dos séculos XI e XII” (FALBEL, 1969, p. 331). O contexto histórico foi marcado, de acordo com Le Goff (2005) pelo desenvolvimento das cidades, do sistema produtivo agrícola, do pequeno e grande comércio, o surgimento de diversos ofícios, o aumento da produção artesanal, do fortalecimento da figura do mercador e a necessidade de escolas, mesmo que restritas a uma pequena parte da população. Neste mundo em mudança, permeado por crises, era preciso que a Igreja garantisse a formação para a ação daqueles que teriam a incumbência da ação pastoral.

Assim, a Legenda Áurea apresentava santos e santas que, por serem seguidores de Deus e servos da Igreja, constituíam-se em modelo de trajetória com o objetivo da salvação da alma, propondo uma harmonia na conduta, que justificava as privações e até mesmo o martírio. O relato sobre eles, por vezes, integrava passagens de suas vidas ainda fora da conversão, remetendo a um passado quando esses adoravam divindades greco-romanas. Assim foi o relato sobre São Cristóvão cujas origens remontam, de acordo com a Legenda (VARAZZE, 2017), aos meados do século III, como filho de um rei pagão do oriente (provavelmente da Líbia). Consagrado a Apolo, acabou por servir a outro soberano e ao próprio Satanás. Um encontro com um eremita levou-o à fé cristã e ao batismo, tornando-se caridoso, auxiliando viajantes a atravessarem rios caudalosos. O ápice do relato se dá quando um menino o procura para ajudá-lo a atravessar um rio, no que concordou. Ao carregar a criança, esta aumentava de peso, fazendo com que quase não conseguisse executar a tarefa. Por fim, consegue chegar à outra margem, expondo que, mesmo a criança sendo tão pequena, parecia ter o peso do mundo, ao que esta lhe respondeu que, na verdade, estava carregando o senhor do mundo — Jesus Cristo. Não acreditando no que estava ocorrendo, solicita provas ao menino e, assim, no seu decorrer, a narrativa traz a inserção dos símbolos que acompanham a imagem do santo, como o cajado, por exemplo. A mudança de modo de viver faz com que assumam nova identidade, inclusive com a troca de nome para Cristóforos (aquele que carrega Cristo). Passou a pregar a palavra de Jesus e trabalhou na conversão, motivos pelos quais foi perseguido,

torturado e martirizado em Lícia, na chamada Ásia Menor (Península da Anatólia¹⁴, Turquia).

Sobre o culto ao santo: Varazze dá notícias de um afresco na Capela do Castelo de Piani di Ivrea; Andrade (2006) informa sobre a criação do Mosteiro de São Cristóvão em Taormina (Sicília); Martins (2017), em sua pesquisa sobre os padeiros de Paris e suas representações nos vitrais da catedral de Chartres, relata que nos vitrais altos no transepto da Catedral de Chartres, aparecem São Cristóvão e São Nicaise e que os padeiros não precisavam trabalhar em alguns dias de santos, incluindo o de São Cristóvão, o que demonstra a força da devoção a ele na França.

Na parte oriental da Europa, as origens (VATICAN NEWS, 2021) da devoção ao Santo remontam à narrativa sobre um soldado alistado nas legiões romanas, convertido ao cristianismo e com ação evangelizadora entre os companheiros de armas. Denunciado e levado a julgamento, não desistiu da fé, sendo martirizado com a decapitação e, por carregar Cristo no coração, enfrentando o martírio, foi comparado ao jumento que o levou na sua entrada triunfal em Jerusalém (celebrada entre os cristãos como Dia de Ramos). A iconografia o representou com cabeça de jumento e depois com cabeça de cão (São Petersburgo e Sofia). Neste sentido, outra narrativa diz que o Santo era originário de uma tribo denominada por Cinocéfalos (Caras de Cão), de homens gigantes e muito fortes e como tal, buscava um senhor, que se destacasse por sua força e valentia, a quem servir. A narrativa segue com os elementos da sua conversão, a ajuda aos viajantes a atravessar um rio caudaloso, o carregar o menino que se identifica como Jesus e sua mudança de nome para Cristóvão. Segundo Varazze (2017) Cristóvão carregou o menino Jesus de quatro formas: sobre as costas, em seu corpo, a partir do martírio, em sua mente pela devoção e em sua boca confessando e pregando sobre a fé. A devoção ao Santo espalhou-se por toda a Europa e por ter sido relacionado com o auxílio a viajantes e peregrinos, bem como a ter carregado Cristo, passou a ser o seu padroeiro.

A crença em São Cristóvão ganhou a Europa e parte da Ásia com sua santidade sendo proclamada popularmente. Sua canonização formal ocorreu no século XV, fundamentada em pesquisa realizada pelo padre jesuíta Nicolas Serarius, uma vez

¹⁴ Fez parte do Império Romano até 395 a.C. quando este foi dividido em Império Romano do Ocidente e Império Romano do Oriente. A Anatólia passou a integrar a parte oriental. No século XV a península passou para o Império Otomano e, em 1923, foi inserida na República da Turquia (parte asiática). (BRITANNICA ESCOLA, 2021).

que a Igreja o considerava como figura legendária. Essa investigação identificou (NEW ADVENT, 2020): a lenda grega como originada no século VI e a sua expansão pela França durante o século IX; a existência de martirológicas e manuscritos (séc. IX; séc. X), nos quais constavam relatos sobre o Santo; a sua presença na Legenda Áurea; a ideia de ser o gigante “carregador de Cristo” divulgada entre os séculos XII e XIII; a descoberta em 532, de igreja a ele dedicada em Reims; mosteiro de São Cristóvão, identificado em 604; missal contendo ofício em sua honra (636); Irmandade de São Cristóvão (1386). No Mosteiro do Monte Sinai está a imagem considerada como a mais antiga, datada como do período de Justiniano (527-65).

Em se tratando de imagens do Santo há iconografia a partir da qual é representado como um gigante atravessando um rio, carregando o Menino Jesus nos ombros, com um cajado (por vezes florido) na mão. Outros elementos podem se fazer presentes (ver conjunto de imagens no Apêndice B): o menino segurando um globo terrestre, uma palma (simbolizando o martírio), rio com peixes, coroa de rosas, eremita com lâmpada, remos, entre outros. A sua apresentação como gigante pode se dar em função do que é colocado por Priore (1994), explicando que na idade Média, gigantes e monstros eram vinculados ao sobrenatural no imaginário social, habitando a literatura, as artes plásticas e, também, as narrativas orais. Exemplo disso é a altura atribuída ao Santo por Eça de Queirós: “[...] O seu vasto corpo crescera ainda, e a sua grenha ruiva ia mais alta que as mais altas árvores [...]” (2002, p. 39). De acordo com Leite (1999), nas pinturas mais antigas o Santo é representado como um jovem mártir: “[...] com uma longa veste amarrada à cintura, Cristóvão leva nos braços e às vezes no peito o Cristo em majestade com a mão que abençoa. Seus traços são semelhantes ao Cristo” (1999, p. 28). As suas estátuas eram colocadas nas entradas das igrejas e habitações e, frequentemente, nas pontes e entrada das cidades, com a inscrição: “Quem quer que contemple a imagem de São Cristóvão não desmaiará nem cairá nesse dia” ou ainda: “Olhe para São Cristóvão e vá tranquilo” (ANDRADE, 2006, p. 96).

No século XVI, com a reforma e contrarreforma, a devoção ao Santo foi criticada, tendo Erasmo de Roterdã¹⁵, denunciado que sua existência se tratava de uma lenda. O Concílio de Trento¹⁶ (1545 a 1563) aconselhou que as imagens gigantes

¹⁵ Para saber mais sobre Erasmo de Roterdã acessar https://www.ebiografia.com/erasmo_de_roterda/.

¹⁶ Para saber mais acessar o documento em: <https://www.bn.gov.br/explore/curiosidades/13-dezembro-1545-inicio-concilio-trento>.

fossem destruídas e, assim, em Berna, na Suíça, uma grande estátua de São Cristóvão, de granito, foi transformada em uma de Golias pela população protestante. Outra, posicionada desde 1468, na frente da igreja de Notre Dame, em Paris, foi retirada em 1764, antes da Revolução Francesa, conforme Andrade (2006). A devoção a São Cristóvão, na Itália, foi retomada no século XX, após um acidente ocorrido em 1905 com a Rainha Margarida de Sabóia, cujo carro desgovernado, corria em direção a um precipício. Esta recorreu a uma medalha de São Cristóvão que usava no pescoço, tendo o veículo parado à beira do precipício. Com o ocorrido, fez campanha para que São Cristóvão fosse oficialmente patrono dos motoristas (ANDRADE, 2006).

É possível perceber que a celebração ao Santo vem de longa data, porém sempre houve um cuidado da Igreja em relação à veracidade das narrativas sobre ele. O Calendário Tridentino, estabelecido pelo Papa Pio V e incluído no Breviário (1568) e no Missal (1570), foi aquele que instituiu as celebrações a serem observadas pela Igreja Católica. Nele estava o dia 25 de julho, definido para a comemoração a São Cristóvão em missas privadas¹⁷. O Concílio Vaticano II (convocado em 1961 e finalizado em 1962) promoveu um exame minucioso de práticas e modos de ser da Igreja, com vistas à abertura para o mundo, à unidade das igrejas cristãs, ao diálogo com o mundo e ao ecumenismo (TEIXEIRA; SILVA, 2010). Isto provocou, entre outros, exame aprofundado sobre a historicidade de alguns santos, notadamente daqueles cujas origens se encontravam nos primeiros tempos da Igreja, sem fontes históricas confiáveis sobre sua existência, retirando-os do calendário hagiológico, decisão conhecida popularmente como “cassação de santos”, publicada na Carta Apostólica de 1969, assinada pelo Papa Paulo VI. São Cristóvão foi um desses santos, com culto restrito a calendários locais em diferentes países, com recomendação de que nenhuma cidade, igreja, time de futebol fossem consagrados a ele a partir de 1962. No entanto, segue no Martirológico Romano, identificado entre os mártires e beatos (LEITE, 1999). Não obstante a retirada de São Cristóvão e de outros santos do calendário litúrgico, a devoção dedicada a eles não se modificou, com os fiéis dando continuidade às festas e celebrações em sua honra.

Em relação às festas religiosas, Couto informa que;

¹⁷ THURSTON, Herbert. **Christian Calendar**. The Catholic Encyclopedia. 3. V. New York: Robert Appleton Company, 1908.

Devoções, festas e ritos têm a função primordial de reatualizar o tempo mítico, reversível e recuperável. Ao participar desses eventos, o fiel evoca e recria o tempo inicial. As manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação. (COUTO, 2008, p. 2).

Evocar e recriar um tempo inicial não significa que a festa seja imutável. Pelo contrário, ao longo dos tempos ocorrem incorporações, supressões de elementos, retomada daqueles há muito dispensados. Há um tempo mítico, mas também há uma historicidade da festa e ressignificação da experiência dos devotos, em contextos específicos. Remetendo a Candau (2014), pode-se identificar que houve e há uma “memória em expansão” sobre São Cristóvão, isto é, um “contágio de ideias” a partir das narrativas orais, dos manuscritos, da iconografia, das orações a ele dirigidas. Faço aqui um exercício de análise, das orações, a partir do quadro 11 a seguir.

Quadro 11 – Orações a São Cristóvão

TÍTULO	ORAÇÃO
Oração de São Cristóvão	<p>Dai-me, Senhor, firmeza e vigilância no volante para que eu chegue ao meu destino sem acidentes.</p> <p>Protegei os que viajam, a todos, e a dirigir com prudência, e que eu descubra vossa presença na natureza, nas rodovias, nas ruas, nas criaturas, e em tudo aquilo que me rodeia.</p> <p>São Cristóvão, protegei-me e ajudai-me nas minhas idas e vindas a saber viver com alegria, agora e sempre. Amém!</p>
Oração de São Cristóvão	<p>Ó São Cristóvão, que atravessastes a correnteza furiosa de um rio com toda a firmeza e segurança, porque carregáveis nos ombros o Menino Jesus, fazei que Deus se sinta sempre bem em meu coração, porque então eu terei sempre firmeza e segurança no guidão do meu carro e enfrentarei corajosamente todas as correntezas que eu encontrar, venham elas dos homens ou do espírito infernal.</p> <p>São Cristóvão, rogai por nós</p>
Oração do motorista	<p>São Cristóvão, que uma vez pudeste carregar o fardo preciosíssimo do Menino Jesus, e por isso, com razão, sois venerado e invocado como celeste protetor e ministro do trânsito, abençoai o meu carro. Dirigi minhas mãos, meus pés, meus olhos. Zelai pelos meus freios e pneumáticos, guiai minhas rodas. Preservai-me das colisões e de pneus que estouram, protegei-me em curvas perigosas, defendei-me contra cachorros soltos e pedestres imprudentes. Fazei-me cortês para com os outros motoristas, atenciosa com a polícia, cuidadosa nas vias públicas, atenta nas encruzilhadas e sempre sóbria para um dia na terceira marcha e com toda a segurança (porém não antes do dia por Deus marcado), possa chegar à garagem celeste, onde, depois de ter parado meu carro entre as estrelas, louvarei para sempre o nome do Senhor e a mão guiadora do meu Deus. Assim seja. São Cristóvão, protegei a nós e nossos carros nas ruas e nas estradas. Acompanhai-nos nas nossas viagens e excursões.</p>

Prece à São Cristóvão	Tiveste a graça de ter o Menino Jesus no colo, meu glorioso São Cristóvão, e assim pudestes transportar com alegria e dedicação aquele que soube morrer na cruz e nos dar a vida pela ressurreição. Dignai-vos, pelos poderes concedidos por Deus a vós, de abençoar e santificar nosso veículo. Fazei que o usemos de um modo consciente e que não causemos nenhum dano ao próximo por meio do volante. Se viajarmos, acompanhai-nos com vossa poderosa proteção. Falai a Deus por nós para que ele mande todos os anjos, potestades e milícias celestes para nos guiar e proteger. Na rua, transformai o nosso olhar como o da águia para que vejamos tudo com o máximo de cuidado e atenção. São Cristóvão protetor, seja nosso companheiro na direção, dai-nos paciência no trânsito e que consigamos servir sempre a Deus e aos irmãos, por intermédio do benefício de nosso veículo. Tudo isso vos pedimos por Cristo, Nosso Senhor. Amém
Oração para não sofrer acidentes	Acolhei o nosso pedido, São Cristóvão querido. Não permitais que nossa visão se desvie quando estivermos dirigindo, colocando em risco a nossa vida e a de nossos entes queridos, de amigos ou familiares. Evitai, São Cristóvão, que tomemos alguma bebida alcoólica e soframos algum acidente, leve ou fatal; enfim, protegei todos os viajantes que caminham por essas estradas movimentadas e cheias de perigo, cuidando deles com vosso amor celestial e a vossa plena fé. Sede nosso guia, São Cristóvão, e propagaremos com alegria as vossas orientações. Amém
Oração de São Cristóvão contra acidentes	Não permitais que nossa visão se desvie quando estivermos dirigindo, colocando em risco a nossa vida e a de nossos entes queridos, de amigos ou familiares. Evitai, São Cristóvão, que tomemos alguma bebida alcoólica e soframos algum acidente, leve ou fatal; Enfim, protegei todos os viajantes que caminham por essas estradas movimentadas e cheias de perigo, cuidando deles com vosso amor celestial e a vossa plena fé. Sede nosso guia, São Cristóvão, e propagaremos com alegria as vossas orientações. Amém!

Fonte: Organizado pela autora (LEITE, 1999, p. 61-69).

Observando os textos das orações, percebo um contágio de ideias, a partir dos atos de humildade¹⁸ perante o Santo, o reconhecimento de um estado de dependência da intercessão e agradecimento pela graça futura. Também, as orações trazem elementos intertextuais que apontam para acontecimentos contidos nas narrativas de origem do Santo como: ter o menino Jesus ao colo, fazer uma travessia, enfrentar uma correnteza, enfrentamento de espírito infernal. No seu conjunto, embora haja um “eu” suplicante, este remete a grupos, a saber, motoristas, viajantes, excursionistas e, neste sentido, entendo aquele que ora, reconhecendo-se como participante de determinado grupo social e, na oração, apresenta, também memórias e reafirmações dos milagres atribuídos ao Santo e de novas ocorrências, que são ressignificadas a cada 25 de julho, quando é celebrado como protetor dos viajantes e

¹⁸ Segundo Santo Agostinho, é preciso dispor-se para fazer uma oração. AGOSTINHO, Santo. Sermões. Apud: **Catecismo da Igreja Católica**. São Paulo: Loyola, 2000. p. 657.

motoristas, caso da festa realizada em Canoas há mais de 60 anos, a qual passo a descrever na sequência.

5.2 A Festa de São Cristóvão em Canoas, RS

No Santuário de São Cristóvão, na cidade de Canoas - RS/Brasil, Bairro Igara, a Festa em sua honra ocorre anualmente desde 1957, sem interrupção. Valmor Bienert, em entrevista ao Diário de Canoas (2017), menciona sua participação na celebração desde 1997. Destaca que, para a preparação da festa, são formados vários grupos, a partir daqueles dos mais atuantes na igreja, que trabalham de forma integrada, com dedicação intensa, para que ocorram os encontros sociais, almoços, lanches e jantares e atividades religiosas como rezas, missas, novenas ou tríduos, ao longo do mês de julho, culminando com a procissão motorizada. Trata-se do que Guarinello denomina como “estrutura social de produção” (2001, p. 971), que, neste caso, envolve seus membros, não só no mês da celebração, mas praticamente o ano inteiro, para dar conta do planejamento, organização de equipes, eventos preparatórios, incluindo, aqueles relacionados com o aspecto do sagrado. Esta estrutura é formada por meio de redes de parentesco, vizinhança, amizade, envolvendo o núcleo do entorno do Santuário, formado, na sua maioria de famílias relacionadas com os primeiros moradores do Bairro, migrantes da chamada zona de colonização italiana. Porém, com o passar do tempo e com a expansão espacial urbana, outros moradores, migrantes também, vêm inserindo-se localmente e, alguns, junto à comunidade religiosa, na condição de devotos de São Cristóvão.

5.2.1 A estrutura social de produção da Festa de São Cristóvão em Canoas

O trabalho desempenhado pelos "festeiros" (nomenclatura usada para designar os organizadores) envolve um número considerável de pessoas, tendo papel de destaque para a preparação, desenvolvimento e finalização da celebração de São Cristóvão. São montadas equipes designadas pelos casais de festeiros, que se envolvem em diferentes tarefas para que o evento alcance o sucesso, tanto espiritual, quanto econômico. É preciso reconhecer que o preparar a festa insere-se no cotidiano das famílias, entendido aqui, [...] como o tempo concreto de realização das relações

sociais” (GUARINELLO, 2001, p. 971). Neste sentido, mesclam-se as atividades voltadas para a manutenção familiar e pessoal e aquelas relativas à celebração. Assim, a festa não se restringe apenas ao dia da procissão, estendendo-se, mesmo que de forma difusa, a todo o conjunto de ações e modalidades de trabalho realizadas pelos membros da comunidade de devotos ao longo do ano. Todas, diretas ou indiretas, contribuem para a sua realização, pois além da doação do trabalho, propriamente dito, os membros da comunidade colaboram com dinheiro, ingredientes para a elaboração de jantares, lanches, almoços, cafés, entre outros. Trata-se de uma relação de dádiva e contradádiva (MAUSS, 2003) que se estabelece — uma relação simbólica de trocas entre os devotos e o Santo. O trabalho não para nunca, pois acaba uma festa e começa a organização da próxima, mas as atividades mais intensas (arrecadar doações, a decoração do espaço da igreja, preparar e servir a comida nos lanches, almoços e jantares etc.) ocorrem durante o mês de julho, notadamente na semana da data do festejo. Em entrevista ao Jornal o Padre Egon Binsfeld (2017), publicada em julho de 2017, menciona que quando chegou no início deste ano ficou impressionado com tudo que envolve a festa, e, o quanto os fiéis trabalham para que seja sempre um sucesso, se superando ano a ano, sendo utilizados balões, faixas, cornetas, fogos de artifícios, banda de música alemã para animar o evento, muito churrasco e chope.

É possível perceber uma divisão de tarefas entre os membros das equipes, algumas tendo domínios demarcados entre homens e mulheres. Estas se reúnem para produzir bolos, pães, cucas, grostoli¹⁹ as sobremesas da festa — sagu e a ambrosia —, que são vendidos como lanches na parte externa do Salão Paroquial do Santuário São Cristóvão.

Os diversos momentos da festa são registrados em fotografias, as quais são divulgadas nas redes sociais do Santuário, dos devotos e visitantes da celebração. Neste estudo, tomei-as como fontes históricas, considerando-as como suportes de práticas sociais e não como reveladoras de um passado da festa. Tomo o conjunto de imagens a seguir, segundo aponta Mauad (2008), como vestígios da materialidade das relações sociais construídas no fazer da festa.

¹⁹ Grostoli refere-se a uma massa frita salpicada com açúcar. Seu formato é um retângulo com um corte no meio por onde se passa uma das pontas. Popularmente no sul do Brasil costuma ser denominada “cueca virada”. Essa iguaria na Itália é chamada de Crostoli. (NEGRINE, Airton da Silva, 2010).

Figura 9 – Equipe dos doces (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2018)



Fonte: FACEBOOK (2018).

Figura 10 – Equipe do lanche (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2018)



Fonte: FACEBOOK (2018).

Figura 11 – Equipe dos pães, cucas e bolos (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2019)



Fonte: FACEBOOK (2019).

Figura 12 – Equipe da preparação de saladas (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2018)



Fonte: FACEBOOK (2018).

Figura 13 – Equipe do churrasco e do galetto (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2018)



Fonte: FACEBOOK (2018).

Figura 14 – Equipe da recepção do almoço (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2018)



Fonte: FACEBOOK (2018).

Este grupo de imagens é representativo de uma série, organizada em torno de um tema, isto é, a divisão do trabalho no interior da estrutura social de produção da

festa, montada a partir de uma cronologia, ou seja, a sua ocorrência entre 2018 e 2019. Seguindo Mauad, reconheço que:

[...] numa dada sociedade, coexistem e se articulam múltiplos códigos e níveis de codificação, que fornecem significado ao universo cultural dessa mesma sociedade. Os códigos são elaborados na prática social e não devem ser considerados como entidades a-históricas (MAUAD, 2008, p. 42).

Neste sentido, não se trata de uma analogia da realidade, isto é, mostrar as fotos como provas dos os diferentes momentos da celebração, mas sim, atentar para a representação simbólica que as imagens trazem de realidades sociais e dos espaços de atuação dos festeiros, pois como aponta Leite: “A fotografia é uma redução, um arranjo cultural e ideológico do espaço geográfico, num determinado instante” (1993, p. 19).

Com base nestes pressupostos fiz uma leitura das imagens, constatando que no espaço da festa há reconstrução dos lugares ocupados por homens e mulheres no cotidiano das celebrações familiares. As mulheres ocupam o espaço da cozinha e dos fogões na preparação dos pães, bolos, cucas, doces e outros, para os lanches que serão vendidos em diversos momentos da festa; das saladas para jantas após as novenas (ou tríduos) e para o almoço, que ocorre no Salão Paroquial do Santuário no dia da procissão motorizada. Já o espaço da churrasqueira é do domínio dos homens para preparar e assar a carne e o galeto²⁰ do almoço pós-procissão. Sigo, aqui, o que indica Gonçalves e Contins (2008), ou seja, “homem” e “mulher” não expressam apenas relações de gênero no contexto festivo; estas são atividades que se complementam: homens movimentando-se entre a família, os grupos do Santuário e o mundo exterior (contatos com empresas, órgãos públicos, arrecadação de doações e fundos para a festa) e mulheres agindo no espaço familiar e no do Santuário. Existem momentos em que as atividades entre homens e mulheres são exercidas em conjunto, como no caso da recepção de convidados nos almoços, jantas e baile, tidos como momentos de destaque da celebração.

Dario Silveira (2019) argumenta que a comunidade se doa “[...] é muita gente com fé, que acredita no propósito e nos valores da Igreja. É um momento de encontro de amigos, de pagamento de promessas e pedido de proteção”. Tenho a percepção

²⁰ O galeto é um franguinho de leite com cerca de 25 dias de vida e pesa, no máximo, um quilo vivo e aproximadamente 500 a 700 gramas depois de desviscerado e depenado. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/abet/article/view/3031>. Acesso em: 20 jul. 2021.

de que esses domínios de homens e mulheres implicam, também, aquilo que Gonçalves e Contins indicam como “dimensões morais e cósmicas” (2008, p. 89), ou seja, buscar a graça por meio do esforço, do controle da previsibilidade do futuro e, a partir da festa, conquistar a mediação de São Cristóvão entre o mundo terreno e o espiritual.

As imagens, ao trazerem os diferentes itens culinários, permitem, também, leitura da celebração, pois esses adquirem características culturais diferenciadas, especiais, que são reveladas desde a sua preparação até o servir, através de feitura de alimentos que entendo como culinária híbrida, com pratos desenvolvidos na região italiana colonial do Rio Grande do Sul e outros, cuja gênese remonta a modos de fazer dos luso-açorianos. A comida é um elemento essencial, motivo de preocupação, pois não pode faltar, e a fartura confere prestígio aos festeiros e à própria festa. Porém, o resultado das atividades da estrutura social de produção, não é só considerado na sua condição de esforço humano, mas tem a dimensão transcendente: tudo é graça, o sucesso vem, principalmente, da generosidade do Santo.

Tenho a compreensão de que as imagens fotográficas da Festa guardadas pelos festeiros e visitantes, em diferentes suportes, apontam para uma vontade de perenizá-la no tempo. Estas, mesmo dispersas em diferentes veículos (mídias impressas, redes sociais, álbuns, arquivos digitais), podem ser compreendidas como objetos de memória com o sentido de preservação de momentos únicos, aos quais a comunidade do Santuário terá acesso, definindo o que lhe é comum, remetendo ao que Halbwachs (2006) indica como comunidade afetiva. Entendo que não se trata de fragmentos de lembranças individuais que produzem uma memória coletiva sobre a Festa, mas é o seu enquadramento a partir de determinados elementos sociais, espaciais e temporais que fundamentam seu processo. Isto não aponta para uma pretensa estabilidade, nem para ausência de conflitos na construção das memórias da comunidade do Santuário, pois basta refletir sobre os diferentes grupos que ali atuam, seus interesses, procedência, discursos, lugar social, entre outros, para suspeitar de que nem tudo é compartilhado entre os sujeitos (CANDAU, 2014).

As memórias fortes, segundo este autor, estruturantes da narrativa de um grupo ou comunidade sobre si mesma, podem ser garantidas pelas “pedras numerárias” (CANDAU, 2014, p. 95) — a origem e o acontecimento —, que lhes servem de marcos identitários. Porém, ainda é preciso existir um modo de transmissão de

representações sobre o passado, um contágio de ideias, a memória em expansão. Candau entende que há um trabalho de memória coletivo produzindo identidade narrativa e isto se dá na dinâmica das relações sociais.

Doutrinas, contos, relatos, mitos inscritos em uma trama narrativa, são as pedras angulares de memórias fortemente estruturadas [...]. Essas grandes categorias organizadoras de representações identitárias coletivas são mais eficazes quando dispõem [...] de meios de memória: escola, igreja, Estado, família, que com suas práticas e ritos diversos difundem e fazem viver essas grandes memórias organizadoras. (CANDAU, 2014, p. 182).

Neste sentido, entendo que as famílias que deram origem ao Bairro Igara, as empresas, muitas relacionadas ao mundo dos transportes rodoviários, o Santuário e a Festa de São Cristóvão são meios de difusão que auxiliam na coesão, estabilidade e enquadramento de memória. Ao tratar sobre a Festa, relatando seus elementos e rituais, também contribuo para este processo.

5.2 Os elementos da Festa de São Cristóvão em Canoas, RS

5.2.1 Os artefatos simbólicos

Tanto durante o tempo de preparação, quanto o de ocorrência dos diversos eventos que compõem a festa, são vendidos objetos com as finalidades: de arrecadar fundos para custeá-la; para o Santuário, normalmente para adquirir algo necessário para o seu funcionamento, reformas, ampliação e/ou manutenção do templo; para auxiliar no pagamento das compras de ingredientes para a preparação dos cafés coloniais, dos jantares, almoços, lanches; para a ornamentação do templo, dos altares e dos andores; para o design e impressão de cartazes, folders, adesivos; a produção de materiais e objetos, exemplos na figura 15 que são comercializados como lembranças da festa.

Figura 15 – Adesivo e chaveiro (Festa de São Cristóvão – Canoas, 2019)



Fonte: Acervo da autora da tese (2019).

Adesivo e chaveiro são artefatos simbólicos, integrantes do ritual da celebração que envolve, também, o consumo de bens. Estes se constituem como linguagem não verbal comunicando mensagens que integram o significado da festa, acompanhando-a e sobrevivendo após esta, transferindo para o seu consumidor um sentido de pertencimento, de inclusão, seja na comunidade diretamente relacionada a ela, seja no rol dos devotos do santo. Mesmo que não haja um tratamento ritual e não tenham sido sacralizados, há uma compreensão da sua dimensão religiosa e, talvez, para uma eficácia de proteção para os motoristas que colocam o adesivo em seus veículos e utilizam o chaveiro. Para além desse, outros elementos compõem o evento, os quais envolvem a crença e as ações, as performances, os gestos e as manifestações da fé, que compõem o ritual da celebração a São Cristóvão.

5.2.2 Uma leitura da Festa de São Cristóvão

A Festa de São Cristóvão, assim como outras manifestações religiosas em honra a santos e santas no Brasil, compreende atividades rituais com o seu ápice na procissão motorizada que percorre algumas ruas e avenidas da cidade, até chegar a BR-116, quando se juntam ao cortejo, centenas de caminhões, carros, motos e outros veículos, muitos deles carregando famílias que agradecem a graças recebidas e solicitam outras relacionadas à atuação do Santo. Sua celebração, de acordo com as indicações da Igreja Católica Romana, como já discutido anteriormente, deve ficar

restrita a calendários locais. Em Canoas, onde há forte presença de fieis que lhe dedicam devoção, esta tem o apoio da Prefeitura Municipal, que a inseriu²¹ no Calendário Oficial de Eventos do Município de Canoas, tendo em vista a sua expressão.

Para trabalhar com ritual, escolhi dialogar com Marisa Peirano (2006) quando indica haver:

[...] relativa constância das formas elementares da sociabilidade e do pensamento – como o repertório sociocultural de uma determinada sociedade é relativamente estável, rituais não se separam de outros comportamentos sociais de forma absoluta. (PEIRANO, 2006, p. 10).

Isto vai ao encontro da noção de festa aqui utilizada, isto é, integrada à vida cotidiana, portanto expressando realidades, comportamentos entre outros — um ato coletivo — que envolve sociabilidades (GUARINELLO, 2001). Neste caso, o ritual não se coloca como objeto de estudo, mas sim como elemento da ação social, como atos da sociedade (PEIRANO, 2006). Assim, na Festa de São Cristóvão, como indica a autora, interessam “[...] as ações que suscitam a prova experimental das crenças e da cosmologia”, [...] o instrumental para acessar visões de mundo [...]” (2006, p. 11), a partir do contexto empírico do acontecimento. Não faço uma etnografia da Festa, pois não é este o meu propósito, mas apresento as observações feitas sobre três das suas edições (2018, 2019, 2020), seguindo pressupostos desta pesquisadora que indica ter o ritual uma estrutura, sequência e ações (PEIRANO 2002), conhecidas pelos seus participantes.

A estrutura da festa de São Cristóvão é composta de eventos, que ocorrem ao longo do seu ciclo (durante o mês de julho), a saber:

- a) Jantar-Baile dos Motoristas no primeiro sábado do mês de julho.
- b) Conjunto de pequenos eventos formados por tríduo²², missa, e janta, realizados de quinta-feira a sábado na semana da realização da festa.
- c) Conjunto de eventos que constituem o ápice da celebração, com pré-procissão na tarde do sábado que antecede à procissão oficial; missa solene,

²¹ LEI Nº 5753, DE 28 DE JUNHO DE 2013, a qual inclui a Carreata e a Festa Comemorativa de São Cristóvão, comemorada anualmente pelo Santuário São Cristóvão em 25/07, quando domingo, ou no primeiro domingo subsequente.

²² Até 2018 eram realizadas novenas nos nove dias que antecediam o domingo da procissão.

procissão motorizada e moto romaria com bênção de veículos, almoço festivo e baile em 25/07, quando domingo, ou no primeiro domingo subsequente.

Os eventos da Festa se constituem em tempos de sociabilidade, aproximando moradores de Canoas e pessoas que procedem de diversos lugares. Lourdes Vanilda Faviero (2002) menciona que “as procissões de São Cristóvão atraem gente não só do Rio Grande do Sul, como também de outros estados. Caminhoneiros não perdem a procissão, até se programam para no dia estarem aqui”.

No ciclo da festa de São Cristóvão há a coexistência de espaços interligados: o do Templo, onde ocorrem novenas (ou tríduos) e missas, o pátio, onde ficam os quiosques para venda de lanches e lugar de partida e chegada da pré-procissão e da procissão e o Salão Paroquial, lugar do Jantar-Baile dos Motoristas, que abre o ciclo da celebração e dos jantares pós-novenas ou tríduos. É relevante ressaltar que a festa de São Cristóvão inicia com um Jantar-Baile do Motorista. Se por um lado, este é um evento profano²³, por outro, é impregnado de sacralidade, pois se trata também, de forma de agradecer às dádivas recebidas e contribuir financeiramente para a realização do evento como um todo. Assim, tanto o Salão como o pátio do Santuário colocam-se como espaços híbridos, ora profanos, ora indiretamente vinculados ao sagrado²⁴ (ROSENDAHL, 2014).

Nos nove ou três dias que antecedem a procissão, são realizadas as novenas ou os tríduos, respectivamente. Percebi que há uma hierarquia na sua organização, ou seja, o ritual inicia com a entronização da imagem do Santo no Templo²⁵, levado pelos festeiros (figura 16), sendo estes, atores destacados durante toda a celebração.

²³ Todas as crenças religiosas conhecidas, sejam elas simples ou complexas, apresentam uma mesma característica comum: elas supõem uma classificação das coisas que o homem representa para si mesmo, sejam elas reais ou ideais, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que são muito bem traduzidos pelas palavras profano e sagrado. Este é o traço distintivo do pensamento religioso, a divisão do mundo em dois domínios, um que compreende tudo o que é sagrado, e outro que compreende tudo o que é profano; as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações umas com as outras e com as coisas profanas (DURKHEIN, 1968, p. 68). Sobre sagrado e profano, ver estudos da religião, a partir de Dürkhein (Formas elementares); Eliade (1962).

²⁴ Rosendahl define como [...] espaço sagrado, a área onde ocorre as práticas familiares e religiosas. São espaços constituídos por rituais simbólicos religiosos (ROSENDAHL, 2014, p. 17).

²⁵ Esta imagem é aquela que será levada em procissão, pois no altar já existe outra imagem do Santo.

Figura 16 – Entronização da imagem do Santo no Templo do Santuário São Cristóvão - Novena (20/07/2018)



Fonte: Acervo da autora do trabalho (2018).

A cada vez que a imagem do Santo adentra a quaisquer dos espaços do Santuário em festa, renova a consagração de seus devotos a ele, rastro da inserção do catolicismo no Brasil, ainda em tempos coloniais, quando se dá a gênese da construção de uma narrativa religiosa que traz a necessidade de materializar o objeto da devoção e que se expressa a partir de festas a santos e santas, novenas, tríduos, romarias, procissões, promessas, ex-votos, entre outros (AZZI, 1978).

Esses momentos remetem, também, às narrativas que perduram no tempo longo, ou seja, da colocação da estátua do Santo em lugares em que as pessoas pudessem visualizá-lo, tendo em vista a antiga crença de que uma das suas atribuições é proteger os viajantes e contra as doenças. De acordo com Eliade, “toda festa religiosa, todo tempo litúrgico, representa a ritualização de um evento sagrado

que teve lugar num passado mítico” (1992, p. 38), dessa maneira, a celebração a São Cristóvão rememora o seu passado. Também, expressa e atualiza o “contrato” entre a comunidade de fiéis e o Santo e, marcando simbolicamente, que a partir daquele momento, este se encontra presente, portanto, todos estão seguros. Nesse contexto, se expressa uma relação de “mistério”, sendo visível o invisível, a estátua do Santo não é apenas uma aparência, não é apenas um objeto, mas também uma entidade; ela é a presença mesma desse com seus poderes e virtudes. Marchi (2005) explica haver a necessidade humana de compreender o sentido da vida e da morte, o que poderá levar ao que transcende ao homem. Concepções religiosas diversas têm mecanismos para estabelecer contatos com forças superiores e isto se expressa por meio de mitos, ritos e rituais, na busca do contato direto com o sagrado, dando-se novo sentido para a vida.

Eliade (1992) chama a isto de hierofania, isto é, quando o sagrado se manifesta, um objeto, neste caso a estátua, torna-se outra coisa, sem deixar de ser ela mesma. Os fiéis que acreditam na sua sacralidade sentem-se envolvidos em uma experiência sobrenatural, mesmo em meio a uma concretude. Embora tenha havido esforços, ao longo da história da Igreja Católica em suprimir algumas das devoções chamadas populares e expressões destas nas festas de santo, a força dessas expressões culturais perduram e ainda, ganham força. Desde os tempos coloniais, as festas religiosas no Brasil eram controladas pelas autoridades constituídas (administrativas e religiosas). Tanto serviam para a popularização da monarquia, quanto para o do catolicismo²⁶, religião oficial do Estado português, passando pela sanção de ambos os poderes. Priore (1994) indica uma polissemia das festas religiosas, tendo em vista a sua apropriação pelas autoridades e pelos diversos segmentos sociais existentes na colônia. A criação de normas para o festejar dos devotos não é apenas próprio daquele contexto histórico, mas adentra, também, os tempos atuais.

A Igreja Católica, entre as últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, procurou colocar o culto aos santos em segundo plano em relação aos sacramentos (eucaristia, batizado e casamento), fortaleceu a figura dos padres, que deveriam ser a autoridade no sentido de como os fiéis deveriam se comportar e agir. Tratou-se de uma espécie de purificação das práticas religiosas brasileiras, que segundo as autoridades eclesiásticas, precisavam livrar-se das superstições e

²⁶ Projeto de reforma da Igreja Católica a partir do Concílio de Trento

crendices, movimento conhecido como romanização, relacionado ao Concílio Vaticano I (1869-1870)²⁷. Houve a vinda de ordens que trabalharam no sentido da formação de novos religiosos, encarregaram-se da gestão de paróquias, seminários e da administração de colégios existentes e a criação de novos estabelecimentos escolares. Não obstante as determinações vindas de Roma, nem todos os padres as seguiram fielmente, permitindo, junto com as novenas, missas e procissões, as manifestações de práticas de há muito presentes no catolicismo brasileiro, como danças, música, bebidas, muita diversão e comilança.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) apontou para novas práticas em relação à evangelização e no trato com as dimensões culturais das comunidades humanas, em termos de a Igreja Católica atingi-las de forma missionária, respeitando suas sensibilidades e indo ao seu encontro no seu próprio contexto²⁸. Na América Latina, as Conferências do Episcopado em Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, segundo Suess (2008), apontaram para:

[...] a evangelização inculturada [...] na perspectiva de novos métodos e expressões para viver hoje a mensagem evangélica [...] trabalho que se realiza no projeto de cada povo, fortalecendo sua identidade e libertando-o dos poderes da morte [...] e confie em seu futuro específico²⁹.

O que percebo na festa de São Cristóvão, é que esta guardou aspectos do que se chama de catolicismo brasileiro, porém com o controle da Igreja sobre a devoção, já que os festeiros, segundo as narrativas, integram os diversos grupos de trabalho da Paróquia, portanto, sob supervisão do Padre por ela responsável. Aqui, abro um parêntese para retornar às narrativas populares sobre a origem da Paróquia de São Cristóvão, relacionada a um lugar de oração em um Posto de gasolina com a estátua do Santo, na BR-116. Quando iniciei a pesquisa os únicos indícios eram uma informação de minha orientadora que se lembrava do Posto e da estátua e uma matéria jornalística. No entanto, nem mesmo os antigos proprietários mencionaram o

²⁷ Movimento conhecido como romanização, levando em consideração a autoridade papal (ultramontanismo) e a luta contra os perigos que assolavam a Igreja (deísmo, liberalismo, protestantismo, maçonaria, socialismo, entre outros). (AZZI, 1978).

²⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA. Para uma pastoral da cultura. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultr/documents/rc_pc_pc-cultr_doc_03061999_pastoral_po.html. Acesso em: 07 jun. 2021.

²⁹ SUESS Paulo. Medellín, Puebla, Aparecida e Santo Domingo: a luta pelos pobres e pela libertação. Entrevista a QUADROS, Bruna. Jornal IHU On-line. Edição 267, 04 de agosto de 2008. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2015-paulo-suess-2>. Acesso em: 06 jun. 2021.

fato. A estátua existe, está posta fora do Santuário, mas a sua procedência foi “apagada” da memória coletiva. Portanto, remetendo para a realização da Festa, é preciso problematizar até mesmo seus rituais, símbolos e narrativas, bem como atentar para os dispositivos e ações postos em prática.

Isto pode ser observado no controle da sequência dos atos da novena (ou tríduo) e na hierarquia das funções: a estátua de São Cristóvão é levada pelos festeiros que ocupam os primeiros lugares no templo (Figura 16). Há uma organização e padronização de comportamentos, com diferenciação entre os atores presentes, uns tendo proeminência em relação aos demais. Maia (2010) informa que socialmente existem hierarquias e que podem surgir conflitos e tensões durante o ritual.

Figura 17 – Festeiros na novena (Festa de São Cristóvão, Canoas, 2018)



Fonte: FACEBOOK (2018).

Para o ato, os fiéis recebem folderes com o histórico de São Cristóvão e a sequência da novena ou tríduo. O ritual consiste em fazer o sinal da cruz, ato breve de contrição, reza do terço e oração final. O terço é rezado com o olhar voltado para o altar, iniciado com um pai-nosso e, em seguida, o conjunto de cinquenta ave-marias e cinco pais-nossos. Após, ocorre a missa, compreendendo a acolhida, canto, saudação, ato penitencial, glória, oração, liturgia da Palavra, Salmo e oração final.

Na oração o fiel age e pensa. E ação e pensamento se encontram estreitamente unidos, acometidos em um mesmo momento religioso, a um só e ao mesmo tempo. Esta convergência é, aliás, muito natural. A oração é uma palavra. Ora, a linguagem é um movimento que tem um objetivo e um efeito; continua, basicamente, um instrumento de ação. Mas, age exprimindo ideias e sentimentos, que as palavras traduzem parte e substantificam. (MAUSS, 2009, p. 103).

Neste caso, as orações não são dirigidas a São Cristóvão, mas sim, trata-se de invocações à Maria, mãe de Jesus, pois se refere ao terço e às cinquenta ave-marias. A nomeação, a repetitividade, a invocação, a súplica é a ela endereçada. Porém, como assevera Mauss, o fiel poderá pedir algo, mas não sabe qual resposta virá, mas pode ter certeza de que o Santo o entenderá. A eficácia da prece consiste nessa premissa.

Como ilustração da organização de uma novena, trago como exemplo (quadro 12) aquela da 61ª Festa de São Cristóvão em Canoas, RS.

Quadro 12 – 61ª Novena e Festa em honra a São Cristóvão Novena:

De 20 a 29 de julho de 2018 / Festa: 29 de julho de 2018

Novena	Data e Hora	Pregador	Tema: Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade	Equipe Celebrativa (Liturgia / Apoio)	Ação Solidária	Promoção Pós-Missa e Responsáveis
1ª Noite	20 de julho 6ª- feira 19h30min.	Pe. Darlei Kummer (São Luiz)	<i>O CRISTÃO LEIGO, SUJEITO NA IGREJA e no MUNDO: Esperanças e Angústias (pg.21 - 56)</i>	Acolhida: Coord. de liturgia Leitores: Pastoral do Batismo Animação: Nova Geração	Arroz	<u>CARRETEIRO</u> ECC/ Projeto São Lourenço Apoio: RCC e Cursilho
2ª Noite	21 de julho Sábado 19h.	Pe. Blásio Jacob Santo Antônio	<i>LEIGO e LEIGA: SUJEITO ECLESIAL: DISCÍPULOS MISSIONÁRIOS e CIDADÃOS DO MUNDO (pg.57-88)</i>	Acolhida: Girassol e CLJ Leitores: CLJ Animação: CLJ	Feijão Lentilha	
3ª Noite	22 de julho Domingo 19h	Pe. Cláudio D'Angelo Castro Nossa Senhora Aparecida	<i>IGREJA COMUNIDADE MISSIONÁRIA (pg.89-95)</i>	Acolhida: ECC Leitores: ECC – Animação CORAL/TANILO	Leite/ Açúcar	
4ª Noite	23 de julho 2ª-feira 19h30min	Pe. Lizandro Goularte Nossa Senhora Da Conceição	<i>UMA ESPIRITUALIDADE ENCARNADA (pg. 96-103)</i>	Acolhida: Ministros Leitores: Missionários Animação: William Salvadori	Óleo e Sal	
5ª Noite	24 de julho 3ª - feira 19h30min.	Frei Wilson Dallagnol	<i>A PRESENÇA e Organização dos CRISTÃOS LEIGOS e LEIGAS no BRASIL (pg. 104 – 112)</i>	Acolhida: Grupo de oração Leitores: Catequistas de Eucaristia	Massa Maionese	

				Animação: Seminaristas		
6ª Noite	25 de julho 4ª - feira 19h30min.	Pe. Juliano Heck Nossa Senhora das Graças	<i>FORMAÇÃO do LAICATO</i> (pg. 113 – 119)	Acolhida: Coral, Apostolado, Divina Misericórdia Leitores: RCC Animação: Grupo das quartas	Farinha de Trigo	<u>CAPELETTI</u> Past. Vocacional / Catequistas IVC Apoio: Missionários
7ª Noite	26 de julho 5ª - feira 19h30min.	Pe. Cristiano Da Rosa Santa Rita de Cássia (Santuário)	<i>AÇÃO TRANSFORMADORA dos CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS no MUNDO</i> (pg. 120 – 125)	Acolhida: Catequistas do Batismo Leitores: Catequistas de Crisma Animação: Maria Zenóbia e Gurias	Bolacha e/ou Achocolatado	
8ª Noite	27 de julho 6ª - feira 19h30min.	Pe. Tiago Camargo Nossa Senhora Aparecida	<i>A AÇÃO dos CRISTÃOS LEIGOS e LEIGAS nos AREÓPAGOS MODERNOS</i> (pg. 126-137)	Acolhida: Terço dos homens e Cursilho Leitores: Nova Geração Animação: Vinícius	Material de limpeza: Sabão em pó, água sanitária, esponja, álcool, sabão em barra, desinfetante, detergente de louça.	<u>MASSA</u> Girassol /ONDA /Nova Geração Apoio: CLJ
9ª Noite	28 de julho Sábado 19h.	Pe. Rafael Martins Fernandes Vice-reitor do Seminário Maior de Viamão	<i>INDICATIVOS e ENCAMINHAMENTOS de AÇÕES PASTORAIS</i> (pg. 138-145)	Acolhida: ONDA Leitores: ONDA Animação: ONDA	Material de Higiene, Creme dental, creme de barba, sabonete, pape higiênico, barbeador	
Festa	29 de julho Domingo 08h.	Dom Dadeus Grings	<i>SÃO CRISTÓVÃO</i>	Acolhida: Festeiros, Ministros, Leitores: Coordenadores De liturgia Animação: Luiz		Festa

Fonte: Elaborada pela pesquisadora (2018).

Após, cada edição da novena ou tríduo, ocorrem os jantares servidos no Salão Paroquial, a Festa inicia com um Jantar-Baile e finaliza com almoço e baile. Os diferentes momentos são marcados pela preparação e consumo de alimentos, fato observado por Gonçalves e Contins (2008) ao estudar as festas do Espírito Santo, referindo-se ao sistema culinário como papel simbólico na celebração. Trata-se de todas as etapas, desde a obtenção dos alimentos, sua preparação, os saberes postos em prática, os modos de apresentá-los e servi-los. Importante ressaltar que a Festa também tem um circuito de trocas que se expande para além do Bairro com as ações

realizadas em prol de serviços missionários de diferentes grupos da Paróquia e fora dela, o que envolve pessoas de diversos lugares que serão beneficiadas com as doações de materiais de higiene e alimentos não perecíveis, conforme indicado no quadro 12. Trata-se daquilo que pontuou Gonçalves e Contins (2008) como relações de dádiva e contradádiva entre os homens e, neste caso, São Cristóvão.

No sábado, que antecede o ponto alto da Festa, é realizada uma pré-procissão, com mobilização meia hora antes da saída, na Frente do Santuário São Cristóvão, às 15h30. De acordo com um dos organizadores da Festa, Dario Silveira, a finalidade da pré-procissão é movimentar a Comunidade. Trata-se de uma carreata por algumas das ruas e avenidas do Bairro Igara, a qual chama os devotos para participarem da carreata e a moto romaria no domingo.

Conforme relato de Ivo Lech (2018):

[...] a procissão surgiu por acaso, naquela época, os padres rezavam a missa em latim, e, de costas para os fiéis sem nenhuma participação da comunidade, assim poucos fiéis sabiam da festa de São Cristóvão [primeira edição em 1957]. No dia da celebração, o tempo estava chuvoso e apareceram poucas pessoas. Como havia muita comida e bebida, a Comissão da festa resolveu colocar a imagem do Santo em cima de uma caminhonete e sair pelas ruas do Bairro, e, pela BR-116, chamando a população para participar. Além da caminhonete, mais uns dois carros seguiam atrás logo na partida, e, durante o caminho, mais veículos foram se juntando à romaria. Assim, a partir desta data, foi decidido pela comunidade cristã, organizar com mais detalhes uma procissão e carreata em homenagem a São Cristóvão.

O evento fundador da Festa — a procissão — de acordo com Penna et al. (2002):

[...] possui vários registros históricos, desde os tempos em que ruas barrentas faziam parte do roteiro onde passava a imagem do Santo “Carregador de Deus”, conduzida, no início por menos de uma dezena de veículos e hoje movimentando milhares de carros, ônibus, moto, caminhões de Canoas e municípios vizinhos.

De acordo com Ivo Lech (2018), a primeira procissão de São Cristóvão: [...] "uma Procissão de autos, automóveis na cidade, com poucos automóveis, pouquíssimos, carros, então era aquela coisa, vai ter uma procissão de carros, o que era inédito, era novo, a cidade não conhecia, e nós, muito menos [...]". Lembra, ainda, Ivo Lech (2018) sobre o itinerário da primeira procissão:

[...] aí chegou o dia da procissão, foi um dia de tarde, se não me falha a memória, ainda foi naquela Capelinha, não na Tupi, na outra na velha, na antiga, e os carros começaram a se preparar, os autos os automóveis botando bandeirinhas, bandeirolas, enfim rumamos com o santo na frente São Cristóvão até a BR, fizemos um retorno que hoje não existe, mais graças a Deus, um pouquinho ali depois da Tupi fizemos o retorno, e, pegamos em direção a Porto Alegre. E, aí antes do Rio Gravataí fizemos um outro retorno, que era o retorno que ia para a Vila Rio Branco, retornamos e voltamos para a Capela [...].

Na manhã do domingo da realização da Festa, às 8h00, inicia a celebração da missa, por uma autoridade eclesiástica, geralmente, o arcebispo de Porto Alegre e logo após sua finalização, iniciam os preparativos para a carreata. Esta sai do Santuário, seguindo pela Rua Tupi, ingressando na via lateral (Av. Getúlio Vargas) da BR-116, seguindo até a Refinaria Alberto Pasqualini (REFAP), retornando por baixo do viaduto, seguindo o sentido norte-sul até o viaduto do Bairro Rio Branco, realizando o retorno ao Santuário São Cristóvão, também pela via lateral (Av. Guilherme Schell) à BR-116.

Ao longo de todo o trajeto vão passando os romeiros, buzinando para os moradores do bairro que estão nas calçadas ou nas janelas de suas casas para assistir à procissão. Os limites da festa extravasam o Santuário e o seu entorno, pois a procissão tem um trajeto que amplia assim o espaço, sacralizando-o conforme sua passagem (figura 18).

Figura 18 – Procissão e carreata (2019)



Fonte: Acervo da autora do trabalho (2019).

Mais de 2500 veículos seguem o caminhão que leva a estátua do Santo durante a procissão; transportadoras enfeitam seus veículos com balões e faixas; os devotos estão nos carros, caminhões, ônibus, motos, bicicletas, passando por ruas, avenidas, a rodovia, viadutos. Quem não acompanha a carreata, vai para as ruas, nas margens da BR-116, nas janelas das casas e prédios. Trata-se de um fenômeno de muita significação e de manifestação da religiosidade, porém, com interferência das autoridades. O trajeto cobre os limites de Canoas na direção sul-norte, com circunscrições previamente decididas, pois envolve o trânsito e a mobilidade de viajantes pela BR-116. A carreata é revestida de um aspecto ritual, carregado de simbolismo, finalizando com a bênção dos veículos.

Figura 19 – Procissão: Caminhão com a Imagem do Santo (2019a)



Fonte: FACEBOOK (2019).

Figura 20 – Procissão: Caminhão com a Imagem do Santo (2019b)



Fonte: FACEBOOK (2019).

O ritual da procissão-carreata finaliza com a chegada ao Santuário, do caminhão que carrega a imagem de São Cristóvão Este estaciona frente ao Templo e iniciam as bênçãos aos motoristas que finalizam a procissão.

Figura 21 – Moto romaria, acompanhada pela Brigada Militar (2018)



Fonte: Acervo da autora (2018).

Para agilizar a bênção, são montados de cada lado da rua dois palanques, ficando de um lado o padre titular da igreja e do outro um padre e/ ou o diácono, aspergindo água benta, nos veículos que participaram da procissão. Neste caso, o Padre é o intercessor, junto ao Santo, solicitando a proteção para si e para seus veículos. Neste sentido, as carrocerias dos caminhões são sacralizadas em altares.

O bairro, que habitualmente é local de tráfego intenso de automóveis e ônibus, modifica-se nos dias de procissão, visto que no dia da Festa as ruas são interrompidas, para dar lugar à celebração. A finalização da festa se dá no Salão Paroquial com almoço e baile até o final da tarde de domingo. Os devotos encontraram-se novamente com Deus, rememoraram seu herói humano, que por seu martírio, adquiriu santidade e segundo suas crenças, guarda-os de todos os males e da morte. Porém, não há pausa, pois é preciso garantir graças futuras e, na certeza de que as alcançarão, iniciam o preparo da próxima Festa.

Na sequência, apresento uma leitura da Festa de São Cristóvão a partir de narrativas de festeiros, membros da comunidade do Santuário e autoridades públicas.

6 NARRATIVAS SOBRE A FESTA SÃO CRISTÓVÃO EM CANOAS

As procissões de São Cristóvão atraem gente não só do Rio Grande do Sul, também de outros estados. Caminhoneiros não perdem a procissão, até se programam pra no dia estarem aqui. (Lurdes Vanilda Chemello Faviero, 2002).

Neste capítulo teço considerações sobre a festa de São Cristóvão, a partir de narrativas de pessoas relacionadas ao Santuário de São Cristóvão, buscando indícios de enraizamento de moradores do Bairro, coesão comunitária e construção e reconstrução identitária.

6.1 Uma festa para abençoar os motoristas

A Festa de São Cristóvão, em Canoas, é uma celebração constituída de vários rituais de devoção religiosa e expressões culturais, cujo clímax ocorre na procissão, sempre num domingo próximo ao dia 25 de julho. Para os canoenses, é o grande momento anual de demonstração de devoção, solidariedade, reiteração de laços familiares, assim como manifestação social. Em entrevistas Lurdes Vanilda Faviero (2002), menciona que as procissões de São Cristóvão atraem pessoas de todos os lugares e os membros da comunidade Vereador Dario da Silveira (2020) e o Prefeito Busato (2019) trazem momentos importantes da pré-procissão e da procissão:

Então pra mim é uma satisfação poder ter uma festa desta envergadura no município de Canoas para abençoar todos os motoristas de caminhão, ônibus, enfim, de todas as atividades que labutam no seu dia a dia. (BUZATO, 2019).

Passa um mês praticamente de festividade. Aí tu organiza, a gente faz uma carreato ali interna para movimentar o pessoal. Se dá assim, se dá desta forma, vai se organizando, vai se pegando patrocinador, vai tentando buscar empresas que vão fazer aniversário, empresa tal vai fazer 50 anos, então eles "ah tá eu quero puxar o Santo ano que vem e tal" pra ser o destaque da festa. (SILVEIRA, 2020).

Dario Silveira (2020), há mais de 20 anos, tem a atribuição de ser o narrador da procissão, ficando em cima do caminhão, juntamente com o padre titular do Santuário e demais convidados. Este menciona o entusiasmo dos membros da comunidade, quando lembrados na procissão:

Então isso, é desde [19]98 as mesmas empresas praticamente passam, entram novas, saem algumas, mas a grande parte continua ali, as empresas e as pessoas, fica conhecendo estas pessoas, então quando passam e tu tá ali gritando a maior festa do Rio Grande do Sul, tal, tal e tu cita o nome das pessoas e abana, conhece as famílias e tal. Tem gente que já vai naquela expectativa de tu fale o nome deles, que tu agradeças a empresa tu falas alguma coisa então isso também é importante, tu fazer aquele registro na hora da procissão eles ficam muito contentes. E é uma festa apaixonante em São Cristóvão (SILVEIRA, 2020).

Dario anuncia as empresas, seus proprietários e funcionários presentes na celebração. Trata-se do reconhecimento a partir da lembrança, uma reconstrução enfatizada da massa de ocorrências e vivências situadas em um tempo, em um espaço e em uma coletividade de relações sociais. (HALBWACHS, 2006). Tanto o reconhecimento quanto a reconstrução dependem da existência de um grupo de referência, no caso específico, os membros da Comunidade São Cristóvão, tendo em vista que as lembranças retomam relações sociais, e não simplesmente ideias ou sentimentos isolados, sendo construídas a partir de um fundamento comum de dados e noções compartilhadas.

A celebração para o Santo apresenta uma estrutura complexa que agrega diferentes celebrações e festividades antes e depois do evento principal. Essas práticas têm desdobramentos regionais e congregam, anualmente, em torno de quatro mil pessoas na cidade de Canoas. Grande parte desse contingente de pessoas vem “pagar promessas”, agradecer pedidos realizados e receber bênçãos. Santo Lorenzatto (2001), que foi padre do santuário por mais de 32 anos, deu seu depoimento sobre a Festa, observando que comparecem na procissão, motoristas de várias localidades, e, que essa tem uma duração que excede quatro horas, em função da quantidade de veículos que passam em frente ao palanque para receber uma bênção:

[...] Aqui do Estado nem se fala, mas de outros Estados vem gente, vê nas placas. Eu sou de tal lugar, eu sou desse outro lugar. Havia outra procissão dos motoristas em Caxias e tem ainda, só de caminhões, mas como aqui, e depois que a nossa começou a incrementar, começou uma chuva de procissões em toda parte. Em Esteio e Sapucaia tem; Gravataí, Guaíba e até emprestei a minha imagem para fazer a procissão no Porto Seco em Porto Alegre [...]

[...] Foi crescendo, graças a Deus. Veja eu levo quatro a cinco horas benzendo carros. É assim: se faz palanque oficial e cada carro passa na frente e recebe a bênção. Naquele dia não é passeio, não é nada, eles vêm para receber a bênção e pedir a proteção do padroeiro das estradas. A gente reza pelo Rio Grande do Sul, pelo Brasil e assim por diante.

Aqui [em Canoas] a principal festa é a de São Cristóvão. Não sei se no Estado tem outra festa maior que a nossa de São Cristóvão. (SANTO LORENZATTO, 2001).

Os fieis celebram a proteção que receberam em suas viagens, graças alcançadas e, ainda, de acordo com suas crenças, garantem a segurança da proteção, tendo em vista que compareceram mais uma vez à procissão, recebendo a bênção do padre celebrante, junto à imagem de São Cristóvão. Pe. Santo indica o crescimento da Festa, rememorando seu início há mais de 60 anos, assim como dá indícios sobre sua expansão no Rio Grande do Sul. Percebo na sua narrativa, para além do sentido religioso da celebração, referência à hierarquia da Festa de Canoas em relação às demais realizadas em cidades próximas e distantes do Município. Isto remete a outro sentido da celebração, ou seja, o sócio-político, que traz elementos de poder para a cidade e para a comunidade do Santuário, traduzido na presença de autoridades civis, eclesiásticas, na quantidade de veículos que integram a procissão, no tempo dispendido para a bênção, no aparato para o controle do trânsito em rodovia federal, entre outros. Neste sentido, representa, tanto a expressão de fé quanto dos poderes constituídos.

A festa foi instituída em 1957, marcada pelo sentido da rememoração da gênese de um Bairro com várias famílias relacionadas ao setor de transportes rodoviários, afinal, como informou Pe. Santo (1994) “[...] a cidade de Canoas, em especial, é dos motoristas [...]” em alusão à forte presença dessa atividade no município. A lenda do Santo carregador de Cristo é recontada, por meio do cerimonial religioso. Trata-se de festa com múltiplas faces, com diferentes significados e apropriações simbólicas e sua relevância como manifestação cultural pode ser reconhecida pelo processo longo que a reitera há mais 63 anos.

Alguns dos entrevistados indicam indícios de como se pautou a organização das primeiras procissões. Ivo Lech (2018) lembra que na primeira procissão foram contabilizados algo em torno de 100 carros, traçando um paralelo com a atualidade, quando trafegam pela carreata mais de 4000 mil veículos. Já o Vereador Dario Silveira (2020) menciona que nos dias de hoje passam para solicitar as bênçãos algo em torno de 4000 veículos, mas que já houve festas com 5000 veículos.

[...]. Eu lembro da primeira procissão de São Cristóvão. [...] era um falatório na cidade de Canoas que ia ter uma Procissão de autos, automóveis. Cidade com poucos automóveis pouquíssimos carros. Então era aquela coisa assim,

mas vai ter uma procissão de carros!!! O que era inédito, era novo, a cidade não conhecia e nós não conhecemos muito menos [...] e eu lembro que foi uma discussão danada porque algumas pessoas diziam assim, que tinham mais de 100 carros. Isso é um absurdo. É quase que inacreditável e uma senhora teria contado ali. Ela parou na esquina da Tupi e contou que a procissão desceu por ali, ela contou 99 veículos entre automóveis e caminhões, ônibus, enfim né, veículos e hoje a procissão é 2000 ou mais de 2.000 veículos né então vejam né que tempo e eu lembro que foi uma discussão danada é mais de 100, não eu contei 99, não eu vi 100, e 101 e, sabe e aquilo era que a gente, né, não tinha televisão, não se tinha grandes entretenimentos, então aquilo era importantíssimo né, no nosso dia-a-dia, era o nosso afazer. (LECH, 2018).

Esta festa existe há 62 anos aproximados, 63 agora [2020], né? No início as primeiras procissões que ocorreram ali na festa de São Cristóvão iam até lá a Praça da Redenção. Na segunda procissão, a carreta de motorista e o Santo foi em cima de um caminhão e bateu num fio que caiu e quebrou. Essa imagem quebrada tem lá embaixo da igreja, tá lá eu sei o local que tá, são poucos que sabem assim. Mas a segunda festa da igreja eu sei que quebrou o Santo de São Cristóvão lá né [Porto Alegre]. (SILVEIRA, 2020).

Os depoimentos acima rememoram as primeiras festas de São Cristóvão, remetendo a fatos marcantes como a contagem de automóveis da primeira procissão, mencionado por Ivo Lech, e o acidente com a imagem do São Cristóvão na segunda, revelado por Dario. Entendo que a procissão integra o que Candau (2014) chama de memória forte organizando a narrativa sobre a Festa de São Cristóvão em Canoas e criando laços sociais não só entre aqueles que a organizam, como entre estes e demais moradores do Bairro. Há estabelecimento de vínculo, também, dos participantes assíduos da celebração com os religiosos, festeiros, entre outros, que, de alguma maneira constroem conexão social.

Para a Festa acontecer, como já foi comentado, é montada uma estrutura social de produção, com organização minuciosa e complexa, que envolve, tanto a sequência de rituais como os seus elementos. Gorete Leffa (2020), moradora do Bairro e participante ativa na comunidade São Cristóvão, menciona que trabalha em diversos segmentos da festa, tais como: decoração do salão, preparação dos alimentos e no servir os convidados na festa.

[...] E hoje a partir de uma certa idade, fizemos aí eu e meu esposo, fizemos o ECC e a gente trabalhou. Normalmente trabalho na decoração das festas, em todas elas, todos os jantares que têm, todas as coisas, a gente participa da decoração e depois a gente trabalha na cozinha, trabalha na hora de servir ali com o pessoal. Enfim, gente essa festa é muito linda, tem toda novena, a gente participa da novena, todos os casais...[...].

A partir desta narrativa é possível perceber a construção da memória de Gorete sobre dois dos elementos da Festa: jantares e novenas.

Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Gorete (2020) remete ao ECC-Encontro de Casais com Cristo³⁰, seu grupo de referência que, junto com outros, recebe o chamado para fazer parte da organização da celebração. Valmor Bienert (2017), Padre Egon Binsfeld (2017) e Ivo Lech (2018) trazem mais indícios sobre a interpenetração de memórias individuais e coletiva, aquilo que persiste no quadro social.

[...] conforme a comissão organizadora da festa, os objetivos [desta] foram atingidos ao se promover mais um evento em que todos ficaram satisfeitos e que contou com o envolvimento de paroquianos e colaboradores motivados. (BIENERT, 2017).

[...] A equipe da comunidade é muito organizada. As pessoas trabalham para crescer na fé e para preparar uma festa com alegria. São Cristóvão é um santo bom porque amou Cristo.

[...] A minha mãe, chama-se Loreni da Silva Lech, era encarregada da Tenda da salada de frutas e dos doces. Naquela época né todas aquelas tendas e enfim era tudo feito pelas pessoas da comunidade, então minha mãe comprava abacaxi, uva, laranja, enfim tudo, a gente ia no mercado, em Porto Alegre, comprava ela trazia não cobrava nada da igreja né só repassava depois do lucro os bolos e tortas. A comunidade trazia, ela fazia também alguma coisa e esta é a maneira assim que se faziam as festas, de uma maneira bem solidária de uma maneira bem em prol da igreja em prol da comunidade [...] (LECH, 2018).

Ivo Lech (2018) recorda que seu pai Miguel Lech era “fabriqueiro”, uma espécie de tesoureiro da igreja e, junto com Lina Plens Alves, a primeira mulher a ser eleita vereadora de Canoas, foram os segundos festeiros da Festa de São Cristóvão em 1958.

[...] Praticamente assim toda aquela comunidade se engajou, eram festeiros e tinha aquele sentimento de cada um querer fazer melhor não pra superar o

³⁰ Serviço de evangelização de famílias, promovido pela Igreja Católica Romana, que promove o encontro de casais entre si, com a comunidade e com Cristo. Trata-se de colocar na prática pontos do Concílio Vaticano II — o que é ser Igreja hoje, enculturação e evangelização. Para saber mais ver: CNBB Regional Sul 2. Encontro de Casais com Cristo (ECC). Disponível em: <https://cnbbs2.org.br/encontro-de-casais-com-cristo-ecc/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

outro, não, tinha isso mas era pra fazer mais, para angariar mais, pra construir mais rápido a igreja, para edificar mais rápida, pra pagar as dívidas da igreja, né... então foi um momento assim muito feliz da minha infância, da minha juventude, né... que eu passei ali naquela paróquia né... (...) então essa é a história (...) que foi cercada de coisas muito boas né ... coisas maravilhosas (LECH, 2018).

As referências presentes nas narrativas são associadas a reminiscências das experiências do passado. Essas lembranças aproximam percepções, permitindo à memória “a relação do presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfer[indo] no processo ‘atual’ das representações” (BOSI, 1994, p. 46). Ainda esta autora informa que:

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1994, p. 46).

Os eventos, como as “festas de igreja”, auxiliam na compreensão daquilo que ocorre no dia a dia dos moradores do bairro. Abordá-los, dá a percepção de situações que, muitas vezes, ficaram obscurecidas. Em entrevista Dario Silveira (2020) e Gorete Leffa (2020) dão indícios sobre a organização da Festa:

[...] os próprios motoristas se organizam desta forma e se dá desta forma a festa né, chega lá no final tudo dá certo, porque a comunidade trabalhando dificilmente não vai dar certo. (SILVEIRA, 2020).

[...] é um grupo assim, olha ..., todo mundo se dá, é maravilhoso fazer parte. Eu não sei, eu acho que o dia que eu não puder mais trabalhar vai ser muito triste. [...] tem gente que vai ali porque acha assim que trabalhando vai ter a proteção de São Cristóvão, entende, é uma coisa que não dá para explicar é uma coisa muito pessoal de cada um, então acho que isso é muito importante também que as pessoas estão ali justamente para se dedicar e porque gostam e porque amam né, e não fazer nome nenhum. [...] a gente dá risada, a gente reza, a gente canta e trabalha [...] a gente vai ali porque gosta, porque tem fé e acredita no que está fazendo e a convivência com as pessoas [...]. (LEFFA, 2020).

Verifico que a comunidade incorpora uma série de papéis, parte destes, resultantes da relação que os fiéis mantêm com a memória coletiva, seja pela sua conexão direta com as funções que seus familiares assumiram, ou mesmo pela livre vontade de engajamento em algumas delas. São fios de uma teia que os sujeitos da comunidade tecem, multiplicando situações sociais nas quais interagem, incluindo os eventos da igreja em um processo social que permite a rememoração e o

fortalecimento dos laços de sociabilidade no Bairro Igara. Relembra o Pe. Santo Lorenzatto (2001) momentos que considera únicos da Procissão de São Cristóvão:

[...] E o povo participa muito. O pior mês do inverno é julho, é frio, chuvoso, mas nunca nesses vinte e oito anos deixei de fazer a procissão.

[...] A Cibrazen e o Stefani já estavam ali. Mas também estavam construindo, chamando a atenção aqueles depósitos, aqueles carregamentos, por isso aqui é lugar dos motoristas e o padroeiro é São Cristóvão. Tudo isso me chamava muito a atenção. De fato, desde que eu vim aqui também existia antes a festa de São Cristóvão e era o padroeiro da paróquia. Eu fui incrementando. Assista uma procissão de São Cristóvão numa festa aqui para ver o que é que é (LORENZO, 2001).

Creio que posso aproximar estas narrativas daquilo que Bosi (1994) denomina “autênticas ressurreições do passado”. A lembrança pura traz à tona uma imagem-lembrança relacionada a um momento único, irreversível da vida: “a imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia a dia” (BOSI, 1994, p. 48-49). A festa de São Cristóvão realça não apenas os fatos acontecidos nesses momentos, mas, também aponta formas de ação e comunicação, como diversos circuito de trocas, às vezes concorrentes, que se entrecruzam, explicitando-se em dádivas ofertadas, recebidas e retribuídas. Neste sentido os entrevistados Gorete Leffa (2020), Dario Silveira (2020), Junior Wassil (2002) e Pe. Santo Lorenzatto (2001) expressam detalhes da participação na festa:

Na festa minha esposa fica ajudando na cozinha. É isso né, ela está sempre junto, grande parceira. E a gente trabalha né, a gente tá sempre trabalhando, ela mesma está sempre na cozinha. (SILVEIRA, 2020).

Dario está lá muito antes de ser vereador depois que ele foi vereador ele podia até ter largado, da qual já era vereador e independente o dia que ele parar de ser político se ele deixar de ser político, ele vai continuar, tenho certeza, porque ele gosta de estar ali, temos muita gente, empresários que não precisavam estar ali, mas estão porque gostam, porque tem fé e acreditam, sabe. Os jovens servem a sopa no refeitório (LEFFA, 2020).

Esta data representa muito para mim. Sou devoto, tenho muita fé e gosto de participar dessa integração com a comunidade, eu e meu irmão, também motorista, colocamos o ônibus de excursão com o qual trabalhamos à disposição das pessoas que gostam de participar (WASSIL, 2002).

Essa festa foi sempre um movimento forte para a comunidade. Sim! Sim! Ela foi crescendo sempre mais, sempre mais. Só comigo há vinte e oito anos! Sempre foi crescendo a cada ano. Sempre insisti na nova para que o povo viesse e o povo foi crescendo. Também ouviu pregações especiais em momentos, em cada noite um pregador especial, bispo ou padre. Foi crescendo assim do povo! [...].

Toda à comunidade junto. Esse salão enche; às vezes se faz duas a três vezes a mesa e fora os que levam para casa. É um dia extraordinário. Graças a Deus a gente incentiva essa promoção a eles [...].
Na preparação da festa tem uma novena. São nove noites de pregação e orações, temas diversos. É sempre mais, sempre mais e o povo participa. (LORENZATO, 2001).

Identifica-se que a troca exercida entre as pessoas, demonstradas pelo afetos, amores, status e prestígio sociais, formam uma tessitura na qual sujeitos e pertenças são distinguidos, o elo social é reforçado e novos adeptos são encontrados. Para além de espaço de fé e expressão religiosa, a Festa propicia encontros entre pessoas e visto ser um lugar de construção de arranjos sociais, ou como menciona Gorete Leffa (2020) para “arranjar casamentos”, lembrando em seu depoimento sobre os romances que iniciaram na Festa de São Cristóvão e, desses casamentos foram gerados filhos que hoje participam da comunidade e frequentam grupos como o MCJ-Movimento de Casal Jovens. (LEFFA, 2020).

Ainda narrando sobre o modo de fazer da festa, Dario Silveira (2020) afirma que cada festeiro se adequa conforme sua aptidão:

[...] A Igreja é assim, é o que te mandar fazer, tu vais fazer, né. Normalmente tem pessoas que tem traquejo maior para uma determinada coisa e tem um bom para aquilo, o negócio dela é cozinhar então ela participa sempre da cozinha, outro na decoração, outro sempre na churrasqueira, outro sempre na copa, tem um que é mais expert lá em deixar a cerveja mais gelada para o pessoal. [...]. É o Eduardo, um grande coordenador, o Spessato, o Rudi, o Paulinho, a Tânia, se eu começar a falar o nome da comunidade, eu vou falar 500 pessoas né, que é todo mundo (SILVEIRA, 2020).

A partir deste relato, posso inferir sobre uma relação entre os festeiros e a cúpula eclesiástica do Santuário, quando são explicitados os poderes estabelecidos: a “Igreja” exerce um domínio que se encadeia para os festeiros coordenadores, deles para os demais e todos em relação à divindade, mediados pela devoção a São Cristóvão. Também, em se tratando de poderes estabelecidos, outro entra em cena, ou seja, o poder político. Busato (2019) e Silveira (2020), Prefeito e Vereador de Canoas, respectivamente, gestão 2016-2019, referem que a Festa de São Cristóvão é um evento tradicional na cidade de Canoas, destacando que a Prefeitura está tentando inseri-lo no calendário estadual anual de festas do Rio Grande do Sul e no de âmbito federal:

[...] A gente faz parte do conselho econômico, fui das comissões de organização ali. Em síntese a gente tem um orgulho muito grande de participar. E coloquei aqui na câmara de vereadores, conseguimos indicar, fazer um projeto né, colocando a festa do motorista no calendário de Canoas. E a gente tá organizando, tá se organizando para colocar no calendário Estadual [...]. (SILVEIRA, 2020).

[...]. Uma festa maravilhosa. Esta é a sexagésima segunda edição deste evento. É um evento que já é tradicional. Um evento que nós vamos batalhar para colocar no calendário nacional-anual. Então é uma festa maravilhosa, uma festa da comunidade. A prefeitura se envolve bastante. Nós estivemos dois dias trabalhando aqui na região, deixando bonito [limpeza urbana]. (BUSATO, 2019).

As falas do Prefeito e do Vereador indicam outro aspecto a envolver a Festa de São Cristóvão e outras que alcançam expressão: o fato de os poderes públicos realizarem uma apropriação dessas, a partir da sua inserção nos calendários cívicos oficiais. Assim, se já existe um moldar da festa a partir das diretrizes da Igreja Católica, ainda poderá haver interferências e imposições por meio de legislações municipais, bem como uma presença de autoridades visando à sua exposição com fins estratégicos eleitorais, o que pode causar tensões e conflitos. Também, um excesso de regulamentações poderia retirar da festa o seu caráter de celebração, de espontaneidade dos devotos.

Embora sua ocorrência anual, os elementos estruturantes da Festa de São Cristóvão e os rituais perduram no tempo: o jantar-baile dos motoristas; o início das novenas (a partir de 2019, os tríduos) que, segundo relato do Pe, Santo (2001), tem no seu primeiro dia, o toque solene dos sinos do Santuário, indicando que o tempo sagrado tem o seu início; os jantares após as novenas (ou tríduos); a pré- procissão; a procissão motorizada pela cidade de Canoas com a imagem de São Cristóvão levada em um caminhão; as bênçãos aos motoristas em frente ao templo; o almoço após a procissão e o baile que finaliza a Festa.

Dom Aparecido Donizete de Souza (2017) informa que o Santuário, em tempo de festa, é um espaço para o encontro entre os motoristas e Deus, o que fica corroborado por Dario Silveira (2020), ao refletir sobre a comunidade e sua crença:

Mas é uma comunidade de luta que tem muita fé, que acredita muito na Igreja, [...] dá pra ver assim a força da fé das pessoas que realmente acreditam em Deus e que acreditam na comunidade em si, muito bacana isso e a festa ela iniciou há 62 anos. [...] (SILVEIRA, 2020).

Ainda Dario Silveira (2020), menciona que as famílias fundadoras do Bairro, filhos e netos participam da Festa, estes se firmando na fé, dando sequência aos aprendizados de seus ancestrais. Nesse contexto, entendo que a Festa de São Cristóvão, confunde-se com a história do Bairro. Segundo Portelli (2013), estas interações auferem significação por sua cooperação na constituição e conservação da memória coletiva, por intervenção da história que foi legitimada, imprescindível à preservação (e construção) das identidades sociais. Ao lembrar, Dario Silveira (2020) reconstrói o passado no presente, reforçando a importância da transmissão de valores e significados, de bens simbólicos às gerações seguintes. Segundo observa Candau (2014), na construção de memórias é seguro imaginar um personagem-modelo exaltando suas qualidades e traços de caráter, considerados como dignos de imitação. Mediante essas comemorações, vivências dos devotos e a realização da Festa de São Cristóvão, vidas se entrelaçam concomitantes com o desenvolvimento e crescimento do Bairro Igara/Canoas.

Outras narrativas também dão conta da festa, ou seja, as de jornais locais, de circulação regional e no estado do Rio Grande do Sul (quadro 13).

Quadro 13 – Outras formas de narrativas sobre a festa

JORNAL	CIRCULAÇÃO	FORMATO	OBSERVAÇÕES
Timoneiro	Local	Impresso e digital	Fundado em 1966
Diário de Canoas	Local e Região do Vale dos Sinos	Impresso e digital	Fundado em 15 de junho de 1992,
Diário Gaúcho	Estado do Rio Grande do Sul	Impresso e digital	Fundado em 17 de abril de 2000, posicionando-se como jornal popular, conquistando leitores que indica como da classe C. Circula com cerca de 110.000 exemplares por dia.
Jornal de Canoas	Local	Impresso (distribuição gratuita) e digital.	Publicação da Prefeitura de Canoas com informações sobre as principais ações da instituição para a comunidade.
Gazeta de Canoas	Local	Impresso (distribuição gratuita).	Fundado em 2003.

Fonte: Organizado pela autora (2020).

Justifico a apresentação e discussão dos indícios que trazem estas fontes, não com o intuito de comprovar os relatos orais, mas, entendendo-as como fontes de pesquisa, a fim de observar suas vinculações com o meio onde a Festa ocorre e a

visibilidade que lhe dá, não só em Canoas, mas, também, em termos mais amplos. Neste sentido, a relevância de se pensar em sua linha editorial, sua circulação, as temáticas com as quais se ocupa, leitores que pretende atingir, espaço que dá ao evento, como o aborda e que sentido lhe dá, tanto na construção dos textos quanto das imagens ilustrativas. Inicialmente, trago um levantamento das notícias veiculadas nos jornais entre 2014 e 2020, sobre a festa, conforme quadro 14, a seguir:

Quadro 14 – Matérias veiculadas em Jornais

	TÍTULO	DATA	OBSERVAÇÃO
Diário Gaúcho			
1	Domingo de benção aos motoristas	27/07/2014	Geral
Diário de Canoas			
1	A procissão homenageia São Cristóvão em Canoas.	27/07/2014	Geral
2	Domingo será de Procissão à São Cristóvão, padroeiro dos motoristas	12/07/2014	Geral
3	Procissão de São Cristóvão reúne centenas de veículos em Canoas	27/07/2014	Geral
4	Domingo é dia de moto Romaria	09/07/2015	Geral
5	Dia de celebrar o santo protetor dos motoristas	25/07/2015	Geral
6	Carreata de São Cristóvão reúne 2 mil caminhões	26/07/2015	Geral
7	A 58 procissão do Santuário de São Cristóvão, no bairro Igara, reuniu milhares de veículos, que percorreram ruas do bairro Igara e a BR-116 até o viaduto do Rio Branco.	26/07/2015	Geral
8	Motoristas participaram da procissão motorizada e foram abençoadas na festa do Santuário São Cristóvão	27/07/2015	Geral
9	Canoas homenageia São Cristóvão com Missa e Procissão	28/07/2015	CAPA
10	Discípulos de São Cristóvão	27/07/2016	Geral
11	Festa ao santo chega a sua 60 Edição	25/07/2017	Geral
12	Procissão de São Cristóvão deve reunir milhares de motoristas - Programação acontece a partir das 8 horas de domingo no Santuário no bairro Igara	28/07/2017	Geral
13	Procissão de São Cristóvão reuniu 4 mil pessoas.	30/07/2017	Geral
14	Procissão motorizada atrai participantes e espectadores	08/08/2017	Caderno Especial Sobre a Festa
15	Abençoados por São Cristóvão - Procissão motorizada atrai participantes e espectadores	08/08/2017	Caderno Especial sobre a Festa
16	Uma festa preparada por muitos	08/08/2017	Caderno Especial sobre a Festa

17	Motoristas comemoram o seu dia	08/08/2017	Caderno Especial sobre a Festa
18	Festejos a São Cristóvão começarão neste sábado.	12/07/2018	Geral
19	Começam os Festejos à São Cristóvão, no bairro Igara.	16/07/2018	Geral
20	Domingo de homenagens ao padroeiro dos motoristas Carreata com a imagem de São Cristóvão percorreu vários bairros da cidade.	27/07/2020	Geral
Timoneiro			
1	Festa de São Cristóvão ocorre dia 27	11/07/2014	Geral
2	Tradicional festa do padroeiro dos motoristas acontecerá domingo na paróquia São Cristóvão	24/07/2015	Geral
3	Milhares de veículos participam da carreata para São Cristóvão	24/08/2016	Geral
4	Procissão de São Cristóvão mobiliza motoristas.	16/07/2017	Geral
5	Procissão de São Cristóvão mobiliza motoristas.	28/07/2017	Capa
6	São Cristóvão reúne motoristas devotos há 60 anos no bairro Igara	04/08/2017	Capa
7	62 ^a edição da Festa de São Cristóvão acontece no próximo domingo em Canoas.	26/07/2019	Geral
Jornal de Canoas			
1	62 ^a edição da Festa de São Cristóvão acontece no próximo domingo em Canoas.	25/07/2019	Notícia do site da Prefeitura de Canoas
2	Tradicional Festa de São Cristóvão ocorre no próximo domingo em Canoas.	24/07/2018	Notícia site da Prefeitura de Canoas
Gazeta Regional de Canoas			
1	61 ^a edição da Festa de São Cristóvão.	27/07/2018	Capa
2	62 ^a edição da Festa de São Cristóvão	26/07/2019	Capa

Fonte: Organizado pela pesquisadora, 2020.

Ao observar o quadro 14, percebe-se que o Diário de Canoas destacou a Festa de São Cristóvão em 1 (uma) capa, entre as 15 edições publicadas entre 2014 e 2020 e um Caderno Especial na 60^a edição da Festa. Também, o jornal *Timoneiro* deu espaço em duas capas, das 7 edições que comentaram a Festa. Já o *Diário Gaúcho*, jornal de circulação estadual, publicou matéria sobre a Festa de São Cristóvão em uma edição de 2014.

As notícias dos periódicos seguem uma forma de estruturação denominada *lead*, também conhecida como pirâmide invertida e utilizada no Brasil, desde a década de 1950, por meio da influência de agências de notícias dos Estados Unidos. O primeiro jornal brasileiro a adotar essa estrutura foi o Diário Carioca (Rio de Janeiro), espalhando-se pelos demais no país. O formato prevê uma hierarquia na

apresentação do conteúdo, ou seja, fatos essenciais na introdução, ampliadores no corpo da informação e complementares ao final.

As matérias sobre a Festa de São Cristóvão denotam a importância que os jornais dão ao evento, salientando-se que, sempre são destacadas com fotos com folha colorida. Também os títulos das notícias são grafados com letras destacadas, maiores que as empregadas no corpo da publicação, dando destaque para as imagens que acompanham as informações.

O *Diário de Canoas*, ao longo das edições da Festa, tem acompanhado os preparativos para sua realização, chamando a atenção para a equipe de coordenação envolvida, espaço em que se realiza e reforço de sentimentos de pertencimento. Algumas chamadas como, “Domingo será de Procissão a São Cristóvão, padroeiro dos motoristas”, “Procissão de São Cristóvão deve reunir milhares de motoristas - Programação acontece a partir das 8 horas de domingo no Santuário no bairro Igara”, “Festejos a São Cristóvão começa neste sábado”, “Começam os Festejos a São Cristóvão, no bairro Igara”, alimentam as expectativas pelo seu início e motivam a visitação por parte da população do município e de seus arredores, bem como de turistas, dedicando cadernos especiais e vários espaços em suas edições antes, durante e após a sua realização.

Nas notícias veiculadas no Timoneiro, elementos destacados remetem à ideia de adesão da comunidade, representadas por suas entidades na organização do evento e à expectativa de construção identitária, relacionando-a a uma determinada atividade e a um espaço, quando menciona “Tradicional festa do padroeiro dos motoristas acontecerá domingo na paróquia São Cristóvão”, “Milhares de veículos participam da carreata para São Cristóvão”, “Procissão de São Cristóvão mobiliza motoristas”, “São Cristóvão reúne motoristas devotos há 60 anos no bairro Igara” e “62^o a edição da Festa de São Cristóvão acontece no próximo domingo em Canoas”. Importantes, também, são os espaços destinados às fotografias que cobrem uma boa parte das páginas e que servem como porta de entrada para a leitura das notícias e/ou matérias publicadas. Algumas expressões utilizadas nos textos buscam transmitir mensagens aos leitores, apelando para o sentimento de pertencimento, remetendo à presença do imigrante, enquanto fio condutor da história do Município.

O Jornal de Canoas faz menção à memória e pertencimento na chamada “Tradicional Festa de São Cristóvão ocorre no próximo domingo em Canoas”,

destacando a importância da Festa para o município. O Diário Gaúcho com a chamada “Domingo de benção aos motoristas” remete à devoção, à categoria dos motoristas, também incentivando a comunidade a participar. A Gazeta de Canoas, jornal de distribuição gratuita na comunidade, nas duas edições de 2018 e 2019 destaca a Festa na capa. Os dois jornais tratam da Festa de São Cristóvão em edição especial mencionando assuntos como a “História da criação da Paróquia São Cristóvão”, “Padre Santo Lorenzatto”, “o novo Santuário de São Cristóvão”, “Primeira Procissão”, Padre Neri coordenou grandes melhorias no Santuário de São Cristóvão”.

A partir do levantamento das matérias dos jornais acima ressaltamos o espaço dado à Festa de São Cristóvão nos jornais, os quais relembram momentos marcantes para a comunidade, a devoção ao Santo dos motoristas, com abordagens que levam em consideração as experiências dos devotos, traduzidas por meio de entrevistas.

6.2 A construção de uma comunidade afetiva no Bairro Igara, Canoas e seu espaço de memória

Halbwachs comenta que “recorremos a testemunhos para reforçar ou enfraquecer e também para completar o que sabemos de um evento sobre o qual já temos alguma informação, embora muitas circunstâncias a ele relativas permaneçam obscuras para nós” (2006, p. 29). Ao analisar as narrativas, busquei o que o autor denomina de “comunidade afetiva”, ou seja, grupo que compartilha memórias a partir da experiência vivida.

Esta reconstrução é feita a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também nos dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Os indivíduos lembram, como pontua Halbwachs “[...] enquanto integrantes do grupo” (2006, p. 69). Neste caso, trata-se de pessoas relacionadas ao Santuário e à Festa de São Cristóvão em um Bairro específico de Canoas – o Igara. Estas interagem entre si não só nos momentos específicos da celebração, mas também fora deste tempo, pois participam da vida do Santuário, interagindo entre si. No dizer de Candau:

[...] a memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objeto sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um 'estar aqui' que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele (CANDAUI, 2014, p. 9).

Neste sentido, trago algumas narrativas que relacionam trajetórias de vida e construções de laços identitários.

Para Porto (2002):

[...] havia uma igrejinha ali do lado. Ali batizei os meus filhos. Era uma igrejinha onde casei os meus filhos.

[...] é um bairro assim...mais sei lá, um bairro que o pessoal que mora aqui é pessoal de trabalho, mas um trabalho mais autônomo, que dizer, um tem meia dúzia de caminhão, outro tem uma pequena fabriqueta, outro tem uma padaria muito boa que atende 50 por cento da vila aqui, tem a fruteira do Maruim que os caras vêm lá de Canoas, do Centro, vem aqui. É tradicional. Isso foi agregando um comércio muito forte e bom. [...] (PORTO, 2002).

Para Scolari (2002):

[...] como aqui havia muita concentração de motoristas tanto aqui como na São Luiz que havia concentração de caminhões, todo caminhão que viesse do interior para Porto Alegre obrigatoriamente ficaria aqui no Posto Triângulo, na pensão Scottá. Era um centro onde o Stefani, o Roglio, o Scolari e todos eles paravam, porque ali era um ponto de parada, surgiu a ideia de se fazer um santuário para São Cristóvão. [...]

[...] até o padre que veio ali disse que aqui tem muitos motoristas, e foi quando surgiu a ideia do santuário para São Cristóvão em função da grande concentração de caminhões que já existia naquele tempo. [...]

Isto, já pelos anos [19]50, [19]53 ou [19]54 ou até antes, eu sei da história, mas não participei desta parte, mas em função disso surgiu São Cristóvão e o Santuário. Olha, inclusive, se existe uma igreja desse porte ali tem que agradecer muito aos irmãos Alberto e ao Alcides. Esses batalharam pela igreja, trabalhou demais, esse abraçou a causa e levou adiante.

[...] então eles foram se organizando em torno da igreja, do comércio e na parte espiritual acho que agregou demais ali, foi o centro. Então o forte desse lado aqui seria o comércio e o transporte, em função da concentração de transportadores desse lado aqui que trouxe para o São Luiz, São José e essa zona toda aqui (SCOLARI, 2002).

Pe. Santo Lorenzatto (2001)

[...] O povo colaborou na construção dessa igreja. Tudo isso foi feito com a comunidade. Não tive nenhuma ajuda de fora. O povo fez e eu insistindo, lidando, trabalhando, encorajando [...].

A partir destes testemunhos posso inferir que a formação do Bairro Igara, a construção do Santuário e a Festa estão presentes nas histórias de vida dos membros da comunidade São Cristóvão. As suas percepções apontam para relações sociais sedimentadas em partilhamento de práticas culturais, relações econômicas, lugares, celebrações que são também parte do repertório das linguagens do Bairro e, também,

da cidade. Ainda, sobre a construção de “comunidade afetiva” (HALBWACHS, 2006), do Bairro Igara, trago as seguintes narrativas:

[...] as minhas filhas também participam da igreja. A mais velha sim, a mais nova é mais difícil, mas a gente tem que dar o exemplo. Vou contar um fato da minha infância que lembra isso. Antigamente quando fazia a Primeira Comunhão, a gente não podia jantar à noite, era jejum total, só depois da comunhão. Na Paróquia tinha um café reforçado para todas as crianças, faziam uma festinha, foi uma época boa. Hoje tem movimento para jovens, ele faz o Emaús com o Pe. Xeru, da UNISINOS, fez o Cenáculo. A igreja depois que nós começamos a visitar as casas ela começou realmente a ser mais frequentada. Está dando certo, principalmente batizados de crianças e adultos. São leigos que organizam, o Padre é só na paróquia. (BELTRAMI, 2000).

[...] eu participo da comunidade desde 2 anos e meio, estou com 62 agora. Então a gente morava na rua da igreja desde a primeira festa. A gente saía de manhã e pulava de um caminhão pro outro e não sabia, até a procissão sair a gente fazia uma bagunça e a minha mãe ficava nervosa que a gente era uma turma né. [...] aí na época que eu era criança também tinha um parquinho e tinha aqueles cavalinhos e coisa, a gente cuidava das crianças. Levei muito telegrama [em quermesses], na época do telegrama ainda escrito, andava abaixadinha no meio das pessoas para entregar telegrama, muito legal. (LEFFA, 2020)

Nas narrativas dos entrevistados, quando há lembranças sobre sua infância, é possível perceber o que Candau trata por ambivalência em relação aos acontecimentos com ênfase em algumas lembranças individuais, porém, ao examinar o conjunto de entrevistas que formam o *corpus* documental, há aquilo que este autor indica por uma estruturação dessas em torno “[...] de um momento de origem e de uma sucessão de fatos” (2014, p. 99-100) — a gênese do bairro, a construção do Santuário e a Festa de São Cristóvão. Desse modo, os depoimentos têm uma unanimidade de pensamento, ou seja, no coletivo, os indivíduos do grupo compartilham lembranças entre si — as ancoragens —, a partir das quais a comunidade relacionada ao Santuário constrói identidade narrativa e aquilo que Halbwachs (2006) chamou de comunidade afetiva, ou seja, o grupo de referência, por meio do qual se dá o reconhecimento (sentimento do já vivido) e a reconstrução (retomada de acontecimentos), a partir de demandas do tempo presente, mas com as evocações localizadas em um quadro de relações sociais. Este quadro tem, por sua vez, um componente — o espaço —, ocupado pela comunidade afetiva, reunindo elementos da vida social. Se por um lado comporta as formas de ser, saberes e fazeres distintos, por outro, traz as marcas comuns, dá sentido às experiências e traz sentimentos de permanência e de estabilidade.

Neste sentido, esta comunidade afetiva, no Bairro Igara, constrói, a partir de suas lembranças uma categoria do espaço, o lugar, que para Seemann (2003) é onde são criados “[...] vínculos mais afetivos e subjetivos do que racionais e objetivos entre as pessoas e o espaço no passado e no presente [...]” (2003, p. 45). Este “lugar” reconheço como sendo o espaço do Santuário, ao qual são atribuídos sentidos e significados, onde circulam memórias e diferentes experiências são vividas e ressignificadas socialmente. Trata-se de um espaço de memória que “[...] ocupamos, por onde passamos, ao qual temos acesso e que fixa as nossas construções e pensamentos do passado para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças” (HALBWACHS, 1990, p. 143). É no Santuário que ocorrem os casamentos, as formações para o batismo, para a primeira comunhão das crianças e para a crisma (sacramento que confirma o batismo), os encontros de casais e de jovens, entre outros. Portanto, o que diz respeito à situação espiritual das famílias relaciona-se com este lugar. Ali, também, ocorre a Festa de São Cristóvão, que, junto com as demais celebrações citadas são representadas em objetos biográficos³¹ (fotografias, medalhas, santinhos, etc.), matérias jornalísticas e outros, constituindo-se como indica Seemann (2003, p. 45) “[...] um sistema coerente de imagens coletivas [...]”, revestidas de sentido em função de se constituírem como referências para os que viveram aquelas experiências. Ao recordarem sobre estes eventos, transportam-se para os lugares de referência, revivendo-os novamente.

Canoas era uma cidade bem pequenininha, isso era 1900 década de 50, 1957, 56. [...] então vejam né a igreja São Cristóvão dos motoristas da gringolândia dos gringos [descendentes de colonizadores de origem italiana]. [...] ela [a igreja de São Cristóvão] iniciou com uma comunidade basicamente italiana. (LECH, 2018).

refere a importância do salão de festas da igreja: "Temos um salão de festas maravilhoso, um lugar de encontro de casais, de palestras, aqui na Igara. (FAVIERO, 2002).

O lugar de interseção das representações e imaginações individuais é o Santuário de São Cristóvão, revestido de aspectos da visibilidade espacial, de relações de sociabilidade e de incorporação identitária. As construções memoriais remetem a este cenário que passa a mediar as experiências comuns no Bairro,

³¹ [...] envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias [...] Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador. Se enraízam [...] envelhecem com o dono [...]. Só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade. (BOSI, 2003, p. 26)

destacando-o entre os demais, bem como as práticas sociais a ele associadas. O Santuário de São Cristóvão ancora as memórias construídas socialmente e ali depositadas pelos grupos, dando sentido a este espaço. Como indica Assmann (2011), espaço e memória não se dissociam. O Santuário coloca-se como um monumento, tem seu presente estendido, constituindo-se como elo de lembranças compartilhadas.

Porém, assim como existe uma comunidade afetiva que se formou na parte mais antiga do Bairro, relacionada com o Santuário, os entrevistados também dão conta dos “outros”.

É o senhor vê, era uma igrejinha, eu acho que ela não tinha 4m por 5, de tão pequena. Aí veio Padre Moresqui e construiu uma igreja de madeira, que deu uma outra enorme chuva e ela caiu, caiu por terra. Veio o Padre Lídio, e teve bastante invasores, quando chegou o Padre Santo Lorenzatto, o terreno estava sendo tomado por pessoas indigentes, estavam pegando usucapião do terreno. E o Padre Santo chegou, botou normas na casa, conseguiu acomodar aquelas pessoas que estavam ali de invasores, e hoje temos o Santuário São Cristóvão, do qual eu sou muito orgulhosa do padre Santo. Temos um salão de festas maravilhoso, um lugar de encontro de casais, de palestras feitos aqui na Igara. (FAVIERO, 2002).

A predominância [dos moradores] é italiano. No início era quase só italiano tanto é que cada ano aqui tem festa dos italianos aqui no salão da paróquia. No sábado passado também tinha festa do alemão. Foram bem menos. Agora a dos italianos enche de gente. Quem promove esta festa é o Osório Biazus, é italiano. Tem empresa de transporte. A festa do ano 2002 já está marcada. Se não marcasse, não daria no dia que eles querem. No ano que vem [2003] a festa vai ser no dia 25 de agosto. Ele é cabeça desta festa italiana. (LORENZATTO, 2002).

Os outros são aqueles que não comungam dos mesmos vividos, das mesmas experiências, aparecem como “invasores”, “indigentes”, que precisaram ser acomodados em outros espaços, silenciados no discurso, desconsiderados nas práticas espaciais. Também podem ser, por exemplo, os descendentes de imigrantes alemães, ou os moradores dos loteamentos que se multiplicam no espaço. Até podem ocupar o salão paroquial para suas comemorações, mas são identidades territoriais que farão outras apropriações e usos dos lugares no Bairro, promovendo outros enraizamentos e territorializações.

6.3 Reflexões sobre o Santuário e a Festa de São Cristóvão como ancoragem de identidades narrativas e de enraizamento

Acolhei o nosso pedido, São Cristóvão querido. Não permitais que nossa visão se desvie quando estivermos dirigindo, colocando em risco a nossa vida e a de nossos entes queridos, de amigos ou familiares. (Oração a São Cristóvão).

Os descendentes de imigrantes italianos que se fixaram no Bairro Igara já traziam consigo tradições cristãs católicas, com valorização de crenças em santos e santas, sendo um deles São Cristóvão, assim como comemorações e celebrações partilhadas por gerações. Memória e esquecimento estão vinculados a espaços e também a celebrações que se colocam como mediadoras a enfatizar a importância dos valores religiosos, familiares e sociais, trazendo à tona aspectos culturais do passado de forma reconfigurada. No caso em análise, entendo que a instituição Igreja auxilia, com o Santuário, a Festa de São Cristóvão, a Procissão motorizada, na corporificação de uma identidade-memória, reforçando-os como lugares de memória coletiva. Como a Festa se inscreve no cotidiano dos membros da comunidade, acaba por ser rememorada a cada encontro que ocorre durante o ano para a sua organização, quando as lembranças e as experiências são compartilhadas, institucionalizando, na cidade de Canoas, a sacralização cívica de um tempo litúrgico, com os rituais a ela associados. No caso da Festa de São Cristóvão, inscrita no calendário cívico, o Estado indica o que é memorável — a procissão motorizada — e quando deverá ser comemorado, isto é, por ser evento que envolve aspectos de mobilidade na cidade, deverá ocorrer em 25/07, caso coincida com o domingo, ou no domingo subsequente ao dia do Santo. Enfim, existe uma imposição de um tempo religioso, tanto em relação aos moradores do Município quanto das pessoas que transitam em seus veículos pela BR-116, posto que em parte dela e das suas vias auxiliares, passa a procissão. Acredito que isto se coloca, também, como uma forma de socializar memórias, extrapolando a sua vivência para além dos devotos do Santo. É de se perguntar, remetendo a Catroga (2001, 2009), se as elites políticas locais estariam (ou não) almejando uma educação cívica, neste caso para os motoristas presentes na carreata e os demais, já que nas orações ao Santo, os devotos pedem que este os auxilie a “dirigir com prudência”, “fazei-me cortês para com os outros motoristas, atenciosa com a polícia, cuidadosa nas vias públicas, atenta nas

encruzilhadas [...]”, “o usemos de um modo consciente e que não causemos nenhum dano ao próximo por meio do volante”, “Evitai, São Cristóvão, que tomemos alguma bebida alcoólica e soframos algum acidente, leve ou fatal”. Poderia se pensar em uma ordem simbólica com festa religiosa, símbolos, calendário, a marcar a regeneração, uma nova ordem e construção de memória coletiva?

Jöel Candau (2014) menciona a expressão “memória coletiva”, como uma representação, ou seja, uma espécie de metamemória. Alguns integrantes de um grupo social vão produzir um enunciado sobre uma memória, que é reivindicada como comum a todos os membros deste grupo, uma descrição de um compartilhamento hipotético de lembrança. Este autor considera que seria reducionismo atribuir a um determinado grupo, um conjunto estável de traços culturais, colocando que é nas interações entre os indivíduos que surgem percepções de ver o mundo de determinada maneira, de partilhar das mesmas crenças e, portanto, de sentimentos de pertencimento e a construção de uma retórica holística, isto é uma grande narrativa. Portanto, entendo que cabe refletir como se dá a passagem para uma identidade narrativa que privilegia uma memória forte, que segundo Candau é

[...] uma memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo, qualquer que seja o seu tamanho, sabendo que a possibilidade de encontrar tal memória é maior quando o grupo for menor. [...] uma dimensão importante da estruturação do grupo e, por exemplo, da representação que ele vai ter de sua própria identidade. Quando essa memória é própria de um grupo extenso, falarei de uma memória organizadora. (CANDAU, 2018, p. 44).

Os indivíduos e/ou famílias — descendentes de imigrantes procedentes de países europeus —, que chegaram a Canoas, sofreram um processo de desenraizamento/enraizamento, passando por novas construções de sociabilidade. O enraizamento é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte de grupos, que cotidianamente interagem entre si, mediados pelo território. Na definição de Heidrich (2004, p. 39) “o território é antes de tudo uma relação que envolve apropriação, domínio, identidade, pertencimento, demarcação, separação”. E, somente quando “parte destas características estão presentes, creio que podemos considerar a ocorrência do seu princípio, ou seja, do princípio da territorialidade” (HEIDRICH, 2004, p. 39). O processo de apropriação do espaço pelos homens é entendido como a expressão da territorialização (HAESBAERT, 2007; HEIDRICH, 2004; SCHNEIDER, 2009). A ação humana transforma espaço em território, através

do poder e da dominação, e a vivência em grupos seria o elo entre o espaço e o território. Neste escopo é importante definir o espaço como aquilo que vem antes do território - o mais absoluto, o natural, um suporte e uma superfície. Neste estudo tomo território em sua dimensão imaterial, isto é rede de relações sociais, campo de forças projetadas no espaço (RAFFESTIN, (1993). Percebo que há uma construção de territorialidade no Bairro Igara, um sentimento de identidade com uma parte do Bairro e o Santuário, baseado nas relações religiosas, sociais, institucionais e estruturas simbólicas – uma apropriação com marcas do vivido, experienciado, com seu valor no uso — espaço-tempo-vivido, relacionada à subjetividade ou à identidade (HAESBAERT, 2004).

Eduvar Scolari (2002), em entrevista, descreve que a maioria das pessoas do Bairro Igara é proveniente do interior e menciona que muitos são descendentes de "italiano" e caminhoneiros "tem muitos por aí com um, dois ou três caminhões". Menciona, que os migrantes "trouxeram do interior esse espírito de unidade, de religiosidade". Aqui tenho o indício de construção de identidade narrativa fundada na origem e no acontecimento, as "pedras numerárias" de que fala Candau (2014, p. 95). Assim, para aqueles que chegavam ao Bairro Igara desenraizados, no sentido figurado conforme conceitos de Weil (2014), afastados do seu meio habitual, das suas origens ou terra natal, a partir do processo de deslocamento migratório, as âncoras na origem, nos acontecimentos e, incluso na territorialização, foram balizas por meio das quais foi possível uma identificação. Também, fica explícita a narrativa organizada em torno da presença majoritária de descendentes de italianos no Bairro Igara.

Lurdes Vanilda Faviero (2002), em entrevista, refere que quando veio para a cidade de Canoas, deixou seus familiares na terra natal, porém formou raízes através dos hábitos trazidos de São Marcos, fazendo sua história na cidade de Canoas. De acordo com Candau (2014, p. 98), trata-se de "pedagogia das origens" que ratifica uma filiação a certas identidades. A convivência entre os membros do grupo cria um espaço de compartilhamento, de circulação de lembranças, onde o passado permanece em contínua reconstrução pela memória coletiva. O contágio de ideias (outra noção de Candau) se dá de diversas formas.

Entende Bosi (2003), "que o desenraizamento/desterritorialização é uma condição desagregadora da memória, trazendo a espoliação das lembranças." O migrante [...] perde sua paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha,

os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a Deus". Suas múltiplas raízes se partem (BOSI, 2003, p. 176). Através do desenraizamento há uma desconexão, um choque com o passado. Weil (2014, p. 50) entende que "não possuímos outra vida, outra seiva, senão os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados, recriados por nós". O futuro depende da existência e da posse do passado, através da memória, pois o futuro não traz nem fornece nada; os homens é que o constroem, com base no patrimônio, constituído de passado, que possuem.

No processo de desenraizamento/enraizamento cultural, chegada/integração dos descendentes de imigrantes italianos no Rio Grande do Sul há uma memória construída em torno da origem e acontecimentos. Ao migrarem para outros lugares, será na presença de outras etnias, que poderão se dar a construção de pertencimentos e memórias fortes. De acordo com Simone Weil (2014), o ser humano contém uma raiz por sua participação real numa coletividade, conservando vivo alguns tesouros do passado e algumas suposições do futuro. Para Weil (2014), o enraizamento é um preceito fundamental para o homem, porém com obstáculo de definição, uma vez que, o ser humano necessita estar vinculado com um território, e, inteiramente conectado com a sua coletividade, sua história e sua cultura. Bosi (2003) menciona que a celebração de culto, a fala, coral, procissões, cortejos, aclamações e festejos natalinos de bairros populares envolvem dois grandes princípios facilitadores de enraizamento, tanto o alimento quanto a música, pois estão carregados de afetividade. Neste sentido, o ser humano tem de enraizar-se em um território, pertencer a um grupo social, familiar, espiritual ou profissional, enquadrar-se em uma comunidade, ocupar um papel na sociedade, ter o afeto pelo lugar onde vive. Estar enraizado é sentir-se em casa, através de elementos como história, memórias, pessoas e vínculos.

Halbwachs (2006) esclarece que a memória do indivíduo está de acordo com o relacionamento com os grupos de referência, tais como: a família, a classe social, a escola, a igreja, o trabalho, enfim, todos os grupos que este indivíduo está envolvido. Sendo assim, o passado é constantemente renovado e as lembranças estão associadas à maneira de pensar de tantos outros. Posso inferir que aqueles que se instalaram/instalam no Bairro reconstroem as memórias em meio às confraternizações comunitárias, relações familiares, no convívio cotidiano com as lembranças do

passado. A festa de São Cristóvão é um exemplo a partir do qual as famílias católicas do Bairro se integram numa sinergia de construção e reconstrução de memórias.

Destaca Candau, "a presença marcante das origens na memória social do imigrante que, para facilitar a construção de uma identidade de grupo", apela para "símbolos possíveis de reificação e por aqueles que acentuam a permanência da origem: cozinha, indumentária, expressões e perfis corporais, gestualidade, ritos religiosos" (2014, p. 97). Mesmo reterritorializados, os descendentes de imigrantes italianos do Bairro Igara, em sua maioria, mantêm uma imagem e memória viva de suas origens, procuram ressignificar tradições e costumes, perpetuando-os através das gerações. O processo de reterritorialização e enraizamento implica na assimilação do novo espaço, através da reelaboração de algumas particularidades culturais, destacando a culinária, as danças e rituais religiosos, como é o caso da festa de São Cristóvão. Neste sentido, a reconexão com a memória e identidade não significa um retorno ao passado, mas uma nova forma de identificação. A memória se enraíza, valendo-se do vivido, compartilhando o novo território com diversas possibilidades. Assim, o território também adquire nova especificidade, transformando-se por meio das novas práticas culturais, sociais, religiosas, políticas e econômicas da comunidade. De acordo com Candau, "transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade, não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de se estar no mundo" (2014, p. 118). Garantir essa continuidade é condição para que possamos ter certezas acerca de nós mesmos enquanto indivíduos pertencentes a uma determinada sociedade.

Verifiquei, também, que a valorização da festa de São Cristóvão tem cunho pedagógico, pois incentiva a comunidade na adoção de condutas voltadas à ideia de salvaguardar e reconhecer o que significa esse bem cultural com intuito de fortalecer os laços sociais. Ensina-nos Bernd (2013, p 2):

O trabalho da memória é, portanto, vital: ele está tão associado à vida dos indivíduos em sociedade, que se torna nuclear na vida comunitária, determinando a constituição da subjetividade. O trabalho da memória social viabiliza a pertença do indivíduo a uma determinada comunidade. Pertencer a uma comunidade significa (com)partilhar memórias, comemorar (=lembrar com) as mesmas festas e seguir os mesmos rituais que nada mais são do que ritualizações de acontecimentos de anos e até de séculos passados que sobrevivem nos dias de hoje graças à capacidade humana de lembrar e de agenciar vestígios memoriais.

Na leitura das entrevistas percebi o agenciamento dos vestígios memoriais que não se referem apenas a indivíduos. De acordo com Bosi "Escutando muitos depoimentos, nós percebemos que os bairros têm não só uma fisionomia como uma biografia. O bairro tem sua infância, juventude e velhice. Esta, como a das árvores, é a quadra mais bela, uma vez que sua memória se constituiu" (2003, p. 73). Neste sentido, tanto as histórias de vida quanto os espaços urbanos vão se transformando, se modificando, os vazios vão sendo preenchidos, onde não havia nada passa a ter casas, a divisão dos terrenos, a primeira venda, o primeiro bazar. "As casas crescem do chão mudando: canteiros, cercas, muros, escadas, cores novas, a terra vermelha e depois o verde umbroso. Arbustos e depois árvores, calçadas, esquinas...uma casa pintada de azul" que propaga a luz do amanhecer, "os terrenos baldios, as ruas sem saída que terminam em praças ermas inacabadas por dezenas de anos" (BOSI, 2003, p. 74). Na origem do Bairro Igara e na sequência de seu processo histórico, há a presença de correntes migratórias compostas de elementos de diferentes etnias que se fixaram na cidade de Canoas em busca de trabalho e moradia. Sobre as composições de bairros, Bosi (2003) assevera que a fisionomia de um bairro amadurece acompanhando o ritmo da respiração e da vida dos seus, então novos moradores e estes, por sua vez, na reconstrução de suas vidas naquele espaço, buscam os processos socializadores de origem. Há um intercruzamento com comunidades afetivas já existentes, sem simplesmente serem assimilados por elas, sem perder suas práticas culturais, tradições, religião, linguagens e histórias particulares. Não há uma unificação cultural, e sim convivência de memórias interconectadas. A disposição para estreitar esta fronteira simbólica permite auxiliar os migrantes na reinterpretação das próprias biografias, integrar aspectos basilares da cultura dos países de acolhida na medida em que forem conciliáveis com suas identidades e, por fim, de promover o encontro com a alteridade.

Conforme Candau (2014, p. 15), "a memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança". O indivíduo que se reconhece no seio de uma coletividade reflete a posse coletiva de atributos comuns a todos os membros e a transmissão de um modelo existencial, normativo, constituindo-se em herança cultural, isto é, um patrimônio identitário que dá o sentimento de prosseguimento e identidade, um ciclo que se perpetua e se recria como fonte da diversidade cultural, na promoção da criatividade

humana, demonstrando características que fazem diferir um grupo de outro, e as características pertinentes de um grupo específico. A transmissão de memórias tem um fundamental papel educativo para construção de valores de uma sociedade que viabiliza o desenvolvimento tanto de um território quanto da comunidade.

Assim, a cada edição e preparação da Festa que celebra o santo carregador, retoma-se a sua hagiografia, uma escrita de memória que remete ao seu valor sagrado, seus feitos (São Cristóvão, o que carregou o menino Jesus), milagres, sua fidelidade à divindade suprema, um trabalho de memória que tem um triplo movimento: o dever de memória quando a igreja católica, a partir da hagiografia normatiza a forma de lembrar; a busca da perpetuação da memória pela comunidade de fiéis por meio do culto, rituais e festas, do modelo de santo que os socorre nas aflições; e a difusão da figura do santo e do Santuário entre a população. Esse trabalho de memória é um fenômeno amplo e de acordo com Gajano (2002), envolve o social (coesão, identificação entre grupos e comunidades), o institucional (fundamentos eclesiais); o político (interferência e/ou concordância entre religião e poder), espacial (a santidade do espaço de ocorrência da festa), o caráter mediador (entre o natural e o sobrenatural, o mal e o bem), entre outros. Estas reflexões me levaram a pensar na Festa de São Cristóvão como bem cultural imaterial, o que passo a discutir na sequência.

6.4 A Festa de São Cristóvão como bem cultural de natureza imaterial

A imaterialidade dos bens culturais é uma proposição debatida desde a década de 1980, pois em seu bojo há uma mudança de paradigma, feita a partir da construção de conhecimento e elaboração de uma nova modalidade de compreensão, que passa a ter uma dimensão além da referência histórica, uma referência social, com uma perspectiva inclusiva tanto da diversidade quanto a memória social. Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAN, 2019). Assim, com a definição do IPHAN, tanto o Santuário como lugar e a festa de São Cristóvão como prática social coletiva, podem vir a se constituir como patrimônio imaterial de

Canoas. Como tal, relacionam-se com diferentes grupos não só no Bairro Igara, mas com os moradores de confissão católica de Canoas, constituindo-se em vetores de pertencimento identitário e suportes de memória. Também, são reconhecidos como parte integrante de práticas comunitárias e de transmissão de saberes, e “[...] modo de fazer [...] enraizado no cotidiano da comunidade” (BRASIL, 2000; RIO GRANDE DO SUL, 2012). Dentro deste contexto político de levantamento de vestígios de uma sociedade, surgem movimentos relativos à proteção do Patrimônio Cultural Imaterial que passa a valorizar a cultura, o conhecimento como potencial criativo, e novos paradigmas fundadores do desenvolvimento humano. Trata-se de um patrimônio vivo que se expressa através da música, da dança, da oralidade, do teatro e dos objetos, fazendo parte de uma complexa teia de valores, sistemas do conhecimento e saberes que estão associados à vida humana. No entanto, estes conhecimentos raramente são documentados e, na maior parte das vezes, correm o risco de se perder, inclusive pelos efeitos da homogeneização das culturas pela globalização.

A UNESCO (2006) tem preconizado muitas das iniciativas sobre o tema Patrimônio Cultural Imaterial, gerando a discussão em torno da sua salvaguarda, dando-lhe, assim, amplo reconhecimento internacional. Inicialmente com a Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e do Folclore, em 1989, e, mais recentemente, com a adoção da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial em 2003. Esta Convenção vem reconhecer a importância do Patrimônio Cultural Imaterial e completar um hiato deixado pela Convenção para a Proteção do Patrimônio Mundial, Cultural e Natural de 1972, instrumento jurídico focado no patrimônio material. A convenção aprovada se tornou um instrumento jurídico de caráter internacional, com força de lei, criando compromissos, direitos e deveres aos seus signatários. Ao contrário de outros instrumentos jurídicos, como as declarações e recomendações que são destinadas à proposta de ideias e valores, a convenção tem força de lei, pois cria, além do compromisso de cumprimento entre os países signatários, o compromisso de difusão e promoção. A convenção é considerada o instrumento jurídico com eficácia no âmbito transnacional.

A Convenção de 2003 tem sido objeto de vários debates relativos à sua implementação, visto que a ratificação da Convenção pelos Estados-Partes, que atualmente já ultrapassa a centena, obriga a uma reflexão que cada país deve fazer em suas políticas culturais de valorização do Patrimônio Cultural Imaterial. De uma

forma genérica, a Convenção de 2003 veio preencher um espaço no sistema jurídico de proteção internacional do patrimônio cultural (UNESCO, 2006).

Os objetivos centrais da Convenção de 2003, são salvaguardar o Patrimônio Cultural Imaterial, o respeito e reconhecimento do patrimônio das comunidades e indivíduos e a sensibilização relativa à sua importância em âmbito local, regional através da cooperação internacional. A salvaguarda é um dos eixos centrais da ação proposta pela Convenção e compreende uma visão bastante ampla. Desde logo, a “salvaguarda” é definida como o conjunto de “medidas que visem assegurar a viabilidade do patrimônio cultural imaterial” (art. 2º, 3º). Neste estão incluídas atividades de “identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal, bem como a revitalização dos diferentes aspectos desse patrimônio” (art. 2º, 3º) (UNESCO, 2006).

No tocante às obrigações e direitos dos Estados-Partes, importa ter em consideração alguns aspectos: medidas imperativas subjacentes às obrigações de um Estado Parte e a criação de um ou mais inventários no seu território com o objetivo de “assegurar a identificação com vista à salvaguarda...” (art. 12º). Assim, cada país deverá conduzir seus inventários nacionais, com a implicação das comunidades e outras organizações pertinentes, bem como instituir programa estratégico constituído por planos de ação que visem a salvaguarda e sensibilização do Patrimônio Cultural Imaterial. Cada país deverá designar um organismo competente para levar a cabo as obrigações impostas pela Convenção. No entanto, a Convenção não dá orientações sobre qual a organização mais adequada para desempenhar esta função de salvaguardar o Patrimônio Cultural Imaterial, podendo, portanto, a escolha recair sobre diversas organizações: museus, universidades, departamentos ministeriais, entre outros (UNESCO, 2006).

Neste sentido, se destacam duas iniciativas fundamentais para esta nova estrutura de política de valorização do patrimônio cultural imaterial: - a definição de estratégias apropriadas de educação patrimonial no contexto do ensino básico e secundário; - a criação de estruturas e métodos de trabalho específicos para a aplicação da noção contemporânea de Patrimônio Cultural. Cabe salientar que estas duas propostas somente seriam viáveis através de formação de gestores qualificados

para cumprir com os objetivos da Convenção da UNESCO (2006) sobre Patrimônio Imaterial e a legislação pátria correlata de 2000.

A ideia de preservação já está presente na Constituição Federal de 1988, no artigo 216, e parágrafos que estabelece como patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial. Em termos de legislação infraconstitucional o Decreto nº 3.551/2000, é voltado ao Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro, foi um grande avanço na política de proteção do patrimônio (BRASIL, 2000). O Instituto de Patrimônio Histórico e Nacional - IPHAN desenvolveu o Inventário Nacional de Referências Culturais – INRC, um instrumento de identificação e documentação de bens culturais imateriais, que visa a preservação, identificação e documentação dos bens culturais, de qualquer natureza, para atender à demanda pelo reconhecimento de bens representativos da diversidade e pluralidade culturais dos grupos formadores da sociedade.

Essas medidas têm visado tradicionalmente à identificação, documentação, conservação e valorização de edificações, espaços, objetos, áreas naturais e documentos em suportes variados; mais recentemente, elas passaram a incluir também os seguintes tipos de bens, denominados “Patrimônio Imaterial” pela legislação brasileira: 1) saberes: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades, 2) celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social, 3) formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas, e 4) lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas .

Após a legislação brasileira dos bens intangíveis como bens dotados de preservação, houve diversas ações para salvaguardar essa categoria de patrimônio, sendo estas guiadas pelos documentos e ações regulatórias em plano nacional (Iphan) e internacional (Unesco), que passaram a repensar práticas e políticas. Neste contexto é necessário salvaguardar o Patrimônio Cultural Imaterial para que continue a ser praticado e transmitido no seio das comunidades onde se insere, o caminho que permita os patrimônios de ontem e de hoje possam conviver completando-se, enriquecendo-se, acima de tudo, pela continuidade histórica e respeito pela diversidade. A proteção do patrimônio imaterial trata-se de reconhecimento pela comunidade e seu registro em livros próprios que se ocupam, entre outros, dos

saberes, dos lugares e das celebrações. A partir daí, dá-se o que se chama de salvaguarda, ou seja, acompanhamento de seu caráter de permanência, de sua integridade, o que gera o sentido de continuidade no tempo, a sua transmissão de geração a geração, a sua apropriação, recriação por grupos e sua interação com a comunidade.

A memória é subjetiva e está pautada nas micro-histórias, histórias de pequenas comunidades e dos povos que anteriormente eram ditos como de “pouca importância”. Hoje, histórias de vida, dos bairros, e de movimentos encontram mais espaços na área da preservação. Tanto o Santuário, quanto a Festa de São Cristóvão não sofrem ameaças de perda. O seu registro como bem cultural, remete ao seu caráter aglutinador, à sua inserção no calendário cívico e religioso da cidade, com participação de diferentes grupos, gestores públicos, autoridades eclesiais, membros de organizações e entidades da sociedade civil. Sua manutenção é realizada pelos grupos de fiéis ligados ao Santuário e este é o marco físico da Festa.

Não se trata aqui de pensar a festa como objeto que pode desaparecer (a retórica da perda), registrando-o e submetendo-o a uma legislação. Neste caso, toma-se a noção de Gonçalves (1996) sobre o patrimônio como categoria de pensamento, remetendo para a relação do morador de Canoas, Dario Silveira (2020) com a Festa.

Hoje tem um grande patrimônio ali né, hoje o santuário um dos maiores também [...]. Se não me engano é o segundo maior do Rio Grande do Sul. [...] E a comunidade realmente ela sempre se dedicou em cima de melhorar ali o patrimônio da comunidade. Isso é um negócio muito legal, muito bacana da comunidade. Porque ela é sim a maior festa e a gente tem a expectativa, porque aqui tem um polo logístico grande em Canoas né, e a festa de São Cristóvão ela se confunde com a história de Canoas. São 62 anos para 80 anos né. Então ela se confunde com a história de Canoas. O crescimento de Canoas [...] São famílias que tão lá até hoje, tem filhos, tem netos que acreditam naquilo ali. Dão sequência, é muito bonito realmente pro crescimento da comunidade (SILVEIRA, 2020).

Trabalho aqui, com o ponto de vista dos envolvidos com a Festa, dos seus frequentadores e espectadores, o que Gonçalves coloca como “ponto de vista nativo” (1996, p. 14). A noção de patrimônio imaterial, neste caso, não está preocupada com a descontinuidade da celebração, mas sim com os significados e sentidos que lhe são dados pela própria comunidade. Além disso, sua genealogia remete ao cristianismo da antiguidade tardia e à Idade Média — a devoção perdura no tempo. Há registros

da comemoração do Santo em diferentes partes da Europa e do Brasil. Embora exista há 63 anos em Canoas, posso incluí-la em uma estrutura de longa duração.

É possível, então, preservar, levando em consideração seu acompanhamento e registro. Mas uma festa é realmente intangível? Novamente recorre-se a Gonçalves (2009, p. 27): “O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. [...] não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e para ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas”. Conforme os depoimentos dos entrevistados, Silveira (2020), Pe. Santo Lorenzatto (2001) e Leffa (2020), compreende-se que a preparação festa de São Cristóvão, durante os 63 anos é recheada de espírito coletivo, destacando a organização da comunidade, consolidando-se os saberes, os fazeres e o que se diz sobre a celebração:

Agora mesmo nós estávamos falando da família Grando, seu Antônio, a Dona Ortanila, eles 53 anos eles fizeram a sopa de capeletti de São Cristóvão. Só que assim, os primeiros anos aí os primeiros 20, 30 anos as galinhas eram soltas no pátio, matam as galinhas, ferviam a água, pegavam água de poço, todo mundo trabalhava, depenava, fazia a festa, comia num galpão aberto então a comunidade foi crescendo desta forma assim né, isso fogão a lenha, muita coisa. [...].

A festa acontece da seguinte forma, normalmente quando tu termina uma festa tu inicia o trabalho pra próxima. Lá tu tem todas as pastorais, têm o CPP que é o conselho pastoral que organiza todas as pastorais não só pra trabalhar, mas pro dia a dia da igreja, tem os tios do Onda lá, tem os tios do Girassol, tem o CLJ que é o curso de liderança juvenil, então todos os movimentos da igreja ECC, cursinho, todos estes movimentos quando vai chegando próximo a festa eles vão se comprometendo cada um com uma parte da, toda a festa ela é feita com apoio da comunidade, ninguém é pago pra trabalhar, todo mundo se dedica a juventude inclusive por exemplo o CLJ que são os jovens ali da faixa de 15, 14 anos até 17, 18 aí, os jovens são responsáveis por recolher toda a louça, distribuir o alimento ali, a sopa então, envolve todo mundo ali né. Alguns, ficam alguns na recepção, e a gente começar a pensar a festa praticamente um ano antes

Chega aí dezembro, janeiro, esta época agora nós começamos a conversar na coordenação. Não é um coordenador. Normalmente o coordenador do CPP que é esse conselho pastoral é que se envolve junto conosco. Tem uma equipe que vai nos diversos patrocinadores que fazem a festa ficar maior né e então tem que fazer visitas nas empresas. Então tem uma equipe que vai visitar empresa, tem uma equipe que vai visitar o comércio local também pedindo apoio, outros vão é, outros são responsáveis por formar a parte espiritual né, organizar né todo o tríduo, ou quando é novena né, então ela se dá assim, vai se organizando a partir, terminou uma tu já inicia é a desenhar o próximo ano né. [...].

E o dia é um dia maravilhoso lá que, passa lá em torno de 2 mil, 3 mil veículos e caminhões, as vezes chega 4, 5 mil já chegou né, um movimento grande, uma festa grande, uma festa bonita, uma festa importante pra cidade, e que demonstra também a expectativa e a fé das pessoas. (SILVEIRA, 2020)

Uma coisa que eu gostaria de deixar registrado é que tem muitas pessoas que trabalham na comunidade que não precisam estar trabalhando, digo pagar para alguém fazer, mas é por amor que a gente tá ali [...], porque tem fé e acredita no que está fazendo e a convivência com as pessoas é maravilhosa [...]. Bom, gente, eu acho que é importante falar também dos romances que acontecem em São Cristóvão. Eu por exemplo me apaixonei pelo meu marido numa festa de São Cristóvão. Eu tinha 14 anos, ele nem me viu, mas naquele dia meu coração já escolheu meu companheiro. E depois com o tempo a gente foi se conhecendo (LEFFA, 2020).

Um dia, tudo pronto, saímos daqui e ao chegarmos lá embaixo na BR, o que aconteceu? Se levantou um temporal, uma ventania, pensei logo: está acabando tudo o que preparamos fora. Ai eu disse para São Cristóvão: dá um jeito porque você vai para água e nós também. O tempo fez assim: deu uma volta, nós estávamos na Petrobras [Refinaria Alberto Pasqualini], estávamos fazendo a volta já com o sol, era um dia maravilhoso. No outro dia fui à Rádio real e alguém me disse assim: você viu ontem aquela festa de São Cristóvão? Aquele temporal? O padre mandou parar e o temporal parou! Todo mundo sabe disso. Então: nunca deixamos de fazer a procissão e a festa! (LORENZATTO, 2001).

O Patrimônio Cultural Imaterial traz um conjunto de características que constitui e dá forma à identidade cultural do indivíduo ou de determinado grupo social, ele evidencia características que fazem diferir um grupo de outro, que exteriorizam as características pertinentes de um grupo específico. Segundo Hall (2015), uma identidade cultural destaca aspectos pertinentes à nossa peculiaridade a culturas religiosas, étnicas, linguísticas, raciais, regionais e nacionais. Entretanto, enfatiza Hall (2015) que vivemos atualmente numa “crise de identidade” que é decorrente do amplo processo de mudanças ocorridas nas sociedades modernas. Mudanças essas, que se caracterizam pelo movimento das estruturas e processos fundamentais dessas sociedades, balançando os quadros antigos de referência que apresentam aos indivíduos no mundo uma estabilidade social. A modernidade propicia a fragmentação da identidade. De acordo com Hall (2015), as paisagens culturais de classe, raça, nacionalidade, gênero, etnia, sexualidade, não promovem mais concretas localizações para os indivíduos. O que agora existe é o descentramento, ausência e deslocamentos, referências fixas ou sólidas para as identidades. O indivíduo e as comunidades são arranjos de identidades fragmentadas, como um mosaico multifacetado e multiorientado que, em conjunto, constitui o todo. Com a manutenção do Patrimônio Cultural Imaterial criamos um elo entre o passado e o presente. De acordo com Candau “transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo” (2014, p. 118).

As narrativas mencionadas são representativas do compasso entre as vivências dos devotos e a realização da Festa de São Cristóvão. Neste caso, sua vida cotidiana se entrelaça com a celebração, descartando a ideia de que a festa é uma subversão do cotidiano, pois o ciclo festivo é intermitente. Quando se aponta aqui para uma patrimonialização, trata-se de reconhecimento à dedicação intensa da comunidade para que ocorram os encontros sociais, almoços, lanches e jantares, atividades religiosas como rezas, procissões e missas. Importante, proporcionar sensibilização pela temática do Patrimônio Cultural Imaterial, estimulando o particular interesse entre jovens, reforçando a cooperação e parcerias através de intercâmbio do diálogo e o respeito entre diversas comunidades, no sentido simultâneo da transmissão do elemento para gerações futuras e coesão social, harmonia e solidariedade entre as comunidades. Neste sentido, interessante que seja promovido o compromisso das comunidades e o município de Canoas, para que haja cooperação entre autoridades realizando ações para reforçar a transmissão geracional da Festa de São Cristóvão, trabalhando na educação de jovens, e, publicando manuais práticos das ações desenvolvidas, disseminando o respeito à diversidade cultural e a criatividade humana. Há necessidade de ser proposta proteções legais junto a órgãos responsáveis, e propor adaptações para a inclusão da matéria Patrimônio Cultural Imaterial, com respeito à dinâmica cultural e ações de sustentabilidade. Assim os portadores do Patrimônio Cultural Imaterial devem ser estimulados para que realizem a ensinamento do saber, através de suas próprias gravações audiovisuais, estimulando o cultivo sustentável, através de produção de entrevistas para coletar informações, com o reforço de redes de pesquisa, documentando e preservando arquivos, criando uma formação especializada e realizando intercâmbio de experiência através de produção de mídia com papel de auxiliar na transmissão dos saberes e fazeres da Festa de São Cristóvão.

6.5 Uma Festa em meio à Pandemia

Ao iniciar o ano de 2020, preparava-me para a análise das entrevistas e a construção do texto da tese, quando as notícias de pandemia devido à contaminação provocada por um vírus começaram a circular (Coronavírus Disease 2019). A Organização Mundial de Saúde (OMS), em 11 de março de 2020, afirmou que a

COVID-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2. Após a identificação da doença seu status se modificou, pela transmissão do vírus em nível mundial, caracterizando-se como pandemia. A doença é transmitida de uma pessoa para outra, acompanhado por contato pela boca, nariz ou olhos, através da saliva, do espirro, da tosse, do catarro e também através dos objetos e áreas contaminadas (WHO, 2020). A partir de então, pesquisadores e profissionais da área da saúde estão em um permanente desafio conforme vai avançando o número de infectados. Ressalta-se, que no Brasil até novembro de 2020, não havia medicamentos estabelecidos contra a doença e nem vacina para a população (LIMA et al., 2020).

De forma abrupta todos tiveram que se adaptar a uma nova realidade: Isolamento social, novas regras de higiene e segurança, como uso rotineiro de álcool em gel e máscaras de proteção, além de obediência a várias medidas, adotadas de acordo com medidas sanitárias possíveis diante da rapidez da propagação da doença. As ruas das cidades de uma hora para outra se esvaziaram, comércios, bares e restaurantes fechados. As casas, antes locais de descanso, se tornaram espaços de trabalho (home office) e de atividades escolares (homeschooling) das crianças. Assim, dentre as estratégias adotadas com a finalidade de minimizar a propagação da doença, a mais importante é o distanciamento social, evitando aglomerações a fim de manter no mínimo um metro e meio de distância entre as pessoas, como também a proibição de eventos que ocasionam um grande número de indivíduos reunidos em escolas, universidades, shows, shoppings, academias esportivas, eventos esportivos, festas etc.

Foi adotado em casos extremos o Isolamento Social (IS), com as pessoas devendo ficar em suas casas, sem poder sair para evitar a proliferação do vírus. A COVID-19 foi registrada em mais de 180 países ao redor do mundo, e mediante ao grande avanço da contaminação da doença, várias autoridades governamentais vêm adotando diversas estratégias, períodos de quarentena ou isolamento social, com a intenção de reduzir o ritmo da progressão da doença e proliferação do vírus, medidas recomendadas pela OMS (Organização Mundial de Saúde). Devido a essas medidas, muitos shows, palestras, festas religiosas entre outros eventos públicos e privados foram canceladas ou adiadas, impactando negativamente o setor de eventos no geral, todo tipo de comemoração com aglomeração de pessoas foi proibido, conseqüentemente, interferindo nas festas religiosas.

Em meio a esses acontecimentos, a comunidade do Bairro Igara relacionada ao Santuário e as autoridades civis e eclesiais reuniam-se para decidir sobre a Festa de São Cristóvão. O alvorecer no último domingo do mês de julho de 2020 foi de esperança para quem estava em suas casas, em confinamento já há quase quatro meses — ao completar 63 anos, nem a pandemia cancelou a Festa. Uma missa foi transmitida ao vivo pela página do *Facebook*, Santuário São Cristóvão – Pascom, e, após, houve a procissão com a carreata de São Cristóvão. As buzinas de caminhões e carros ecoaram pela cidade de Canoas, produziram emoções e afirmaram sentidos promovendo lembranças, com a comunidade do Santuário São Cristóvão mostrando caminhos de reinvenção em meio a tantas incertezas que a pandemia nos apresenta.

O ritual foi adaptado ao momento atípico: os tríduos e missas foram transmitidas pelas redes sociais e no horário das 9 horas de 26/07, foi celebrada a Santa Missa Solene, presidida pelo Bispo Dom Leomar Brustolin, que concedeu as bênçãos, seguindo os protocolos de segurança com transmissão via internet, pelo Facebook e YouTube; A procissão, que faz parte da programação foi realizada com restrições respeitando os limites estabelecidos e protocolos de saúde instaurados, sendo acompanhada pelos fiéis a partir de transmissões via redes sociais; a bênção dos automóveis, seguiram os protocolos de segurança, advertência para que ninguém descesse de seus veículos, o uso obrigatório de máscaras e proibição de assistir a carreata em frente ao templo do Santuário.

Figura 22 – Celebração da missa de São Cristóvão (2020)



Fonte: FACEBOOK (2020).

A celebração da missa ocorreu seguindo os protocolos de saúde, com os celebrantes usando máscaras e com distanciamento, medidas de enfrentamento da pandemia, no Brasil e no mundo. Não houve o almoço e baile de encerramento e os romeiros, cumprindo as determinações, somente passaram pela frente do Santuário com seus automóveis, pagaram as suas promessas, obtiveram suas bênçãos e não deixaram de manter a tradição da cultura religiosa do Santuário. A Pandemia da Covid-19 afetou os ritos e as festas religiosas pelo mundo, não só no Brasil, fiéis tiveram de mudar a rotina para evitar o contágio. Neste sentido a comunidade do Santuário, junto com fiéis de outros lugares, mesmo em isolamento social, mantiveram a comunhão, de forma singular, e união pelos vínculos de fé, fortalecendo a esperança e as relações sociais.

Sobre festas religiosas em meio à Pandemia, algumas reflexões já se fazem presentes. Régis, Albuquerque e Silva trazem as mudanças da celebração à Santa Teresinha (Massaranduba, PB, buscando a compreensão do impacto na relação entre os fiéis e a prática religiosa. Os autores indicam que as redes sociais foram essenciais e vividas com intensidade, tanto quanto às transmissões em tempo real, quanto ao assisti-las em outro momento, já que estão disponíveis no meio virtual. Para alguns dos devotos da Santa que não acesso à Internet, houve, de acordo com os autores um afastamento da igreja e esfriamento da fé. No entanto, a Igreja encontrou meios de mover-se em direção de seus membros a fim da manutenção das expressões de fé e devoção, mesmo que por um *chat*, em transmissão ao vivo, ou por comentários em redes sociais (RÉGIS; ALBUQUERQUE; SILVA, 2020).

A obra, “A fé em tempos de pandemia: Congadas – biênio 2019-2020”, de Lucas Machado, trata-se de um foto-livro com depoimentos daqueles que participaram da festa, mesmo com todas as restrições impostas:

Para nós, congadeiros, nada pode nos abalar. Temos de ser fortes a todo o momento e deixarmos a nossa paixão falar mais alto, sempre respeitando nossos irmãos do Rosário. Para mim, mesmo com limitações, o mais prazeroso era quando encontrava um irmão do Rosário e mesmo sem abraçar, em um bate papo rápido, mostrava-se a fé e respeito pelo Rosário de MARIA. Muitas vezes chorávamos por dentro, sem transparecer para mostrar que éramos fortes. Marcou muito o momento da alvorada, quando cheguei no largo do Rosário e tinha uma minoria de gente, meu coração doeu. (BUENO, apud MACHADO, 2021, s/p.)

Com o conjunto de imagens produzidas pelo autor e os testemunhos, este tem o objetivo de criar um acervo que documente as diferentes emoções dos congadeiros e como “âncora de memória”, segundo suas palavras, sobre esta expressão da festa do Rosário de Maria em Catalão, Goiás (MACHADO, 2021).

Bottino, Scheliga e Menezes (2020), em “Experimentos etnográficos em redes e varandas: a religião em tempos de pandemia”, examinam a continuidade, arranjos e conciliações da expressão cotidiana vivida da religião, no contexto da COVID-19. A partir de pesquisa, os autores identificaram redes de solidariedade por meio de organização de rede de orações em janelas, varandas que se tornaram altares, púlpitos e templos, garantindo a continuidade da religião vivida, tendo, também, nas redes sociais a mobilização de fieis e a criação de novos rituais.

Em “Caminhada com Maria virtual: uma festa popular em diálogo com o digital”, Ivig de Freitas Santos e Maria Érica O. Lima discutem a reconfiguração das festas

religiosas e o estreitamento dos laços da Igreja Católica com as mídias sociais. Analisam a Caminhada com Maria, procissão realizada em Fortaleza, evidenciando como se deu a interação dos devotos com a festa, manifestando seus agradecimentos, pedidos e experiências de coletividade, mesmo em um meio que pressupõe uma vivência individualizada da fé (SANTOS; LIMA, 2020).

A partir desses três estudos é possível tecer algumas considerações introdutórias a respeito da Festa de São Cristóvão e sobre a sua dinâmica em meio a Pandemia, com o uso das tecnologias de comunicação, envolvendo redes sociais e outras maneiras de experienciar religiosidades. Neste caso, foi possível realizar a procissão motorizada e a bênção dos veículos, bem como pelas redes sociais, estabelecer conexões com pessoas de outros locais e a experiência de formar uma comunidade de fé virtual. Permanece a interrogação sobre o impacto nas alterações rituais, no sentimento de pertencimento a uma comunidade afetiva e nas narrativas memoriais. Abre-se, assim, um novo tema no campo de estudos em memória social.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender a Festa de São Cristóvão que ocorre no Bairro Igara, em Canoas, RS, a partir de narrativas de sujeitos relacionados ao Santuário que lhe tem como patrono. O recorte temporal abrange a gênese da urbanização do Bairro e a da Festa, ambas localizadas na década de 1950, acompanhando a sua continuidade até o tempo presente. Partiu de duas hipóteses, a saber: a celebração foi vetor de enraizamento de antigos moradores do Bairro, notadamente de descendentes de imigrantes vindos de regiões do norte da Itália, entrando no Brasil nas últimas décadas do século XIX, povoando o que chamamos de Serra Gaúcha, com contingentes familiares migrando para Canoas; a festa de São Cristóvão se constitui como elemento de coesão comunitária e de construção e reconstrução identitária. Assim, os resultados do estudo trazem contribuições para as discussões sobre: festas religiosas em honra a santos e santas no Brasil; preenchem lacunas em relação a investigações acadêmicas sobre celebrações a São Cristóvão no país e, especificamente Canoas; saberes e fazeres postos em prática para a ocorrência da celebração; as relações entre festa e memória; a Festa como elemento de construção/reconstrução identitária, de reterritorialização e de processo de enraizamento dos migrantes de descendência italiana que se fixaram no Bairro Igara; e como bem cultural imaterial da cidade.

Para dar conta dos problemas de pesquisa e dos objetivos, escolhi trabalhar com a metodologia da História Oral, com procedimentos como o da Observação Não Participante e pesquisa documental (documentos escritos e imagéticos). Tive o privilégio de poder montar um corpus documental bastante sólido, no meu entender, que, já no momento da reunião das fontes e sua sistematização, permitiam visualizar experiências e vivências dos sujeitos investigados, a construção de conteúdos para a tese e, até algumas considerações iniciais, que de certo modo, indicavam caminhos a serem trilhados. A pesquisa exploratória inicial foi fundamental para a aproximação com o campo da pesquisa, pois foi a partir dela, que se deram os primeiros encontros com membros da comunidade que seriam entrevistados, com a vida do Santuário e com edições da Festa.

Outro ponto a ser destacado é o de ter contado com um acervo de fontes orais: aquele resultante do “Projeto Canoas – para lembrar quem somos”, notadamente

aquelas relacionadas ao Bairro Igara. Trata-se de conjunto de entrevistas que trazem inúmeras narrativas sobre o viver no Bairro, as quais me auxiliaram a compor o *corpus* documental e a explorar mais profundamente alguns temas ali tangenciados, ou para ser mais específica, já que a memória é seletiva, que passaram por uma seleção do que deveria ser dito ou não.

A observação de edições da Festa e da sua produção permitiu a proximidade com os festeiros e outros membros da comunidade, acompanhar a celebração no momento da sua ocorrência, o desenrolar das ações, a percepção das emoções e da fé em movimento. Observar, mantendo as emoções prisioneiras é algo humanamente impossível; não há como ser neutra, já que minhas experiências estão relacionadas com o catolicismo. O que procurei foi colocar certos limites sobre os sentimentos e fazer a crítica do que havia anotado no caderno de campo e do que havia sido filmado. Desta maneira, creio que consegui dar conta de ler os silêncios, as entrelinhas, a perceber intertextualidades e formas de discurso. Para tanto, o referencial teórico foi fundamental, pois serviu para refinar meu olhar sobre as realidades observadas e para a análise das narrativas. Essas, por sua vez foram lidas, transcritas, passaram por leitura exploratória, análise textual e organização por temas. Foi a partir delas que construí a escrita da tese.

As fontes jornalísticas compiladas, com matérias sobre a Festa trouxeram a percepção de uma memória sobre Canoas, o Bairro Igara e o Santuário, com os rastros de migrações, da constituição do ambiente urbano, a origem da cidade, experiências individuais e coletivas dos moradores e das relações sociais. A Festa consta como evento relevante através de manchetes, capas, imagens coloridas e depoimentos da comunidade. Quanto às fontes imagéticas foi difícil não sucumbir à ideia de utilizá-las como meras ilustrações. Resistindo a isto, compus uma série de imagens para a compreensão das representações simbólicas de realidades sociais, constatando lugares sociais ocupados nas festas como reconstrução destes nos cotidianos familiares.

Foi possível constatar que, em uma cidade como Canoas com 64,37% da população confessando a fé católica, 15 paróquias e 4 capelas distribuídas pelos bairros, sede de um Vicariato que abrange 4 municípios, a Festa de São Cristóvão e outras são representativas da devoção a santos e santas no município. O cenário onde a festa se originou e onde ocorre desde 1957, é um bairro multifacetado, em

função dos loteamentos, mas tem aspectos que lhe dão certa diferenciação em relação aos demais, ou seja, caráter residencial, boa infraestrutura, áreas verdes, núcleos de moradores mais antigos, composto por migrantes de regiões coloniais italianas e alemãs do Rio Grande do Sul, novos moradores, migrantes de diferentes espaços. Outra característica marcante é a de ter número destacado de empresas de transportes que marca não só o Bairro, mas também o Município. Um destaque é o de abrigar a família Scolari e o de ter tido um time de futebol onde um dos seus membros — o mais conhecido — Luiz Felipe Scolari, ter iniciado sua carreira no futebol.

A relação entre as famílias pioneiras, a construção, manutenção do Santuário, a origem e a continuidade da Festa de São Cristóvão é referenciada em todas as narrativas, apontando para um personagem exemplar, Pe. Santo Lorenzatto, e outros designados como “os caminhoneiros”, “os motoristas”, “a comunidade”. É este cenário e acontecimentos que dão ancoragem à Festa. Esta, assim como as demais, em honra a santos e santas no Brasil apontam para a importância da religiosidade no constituir de cidades e bairros pelo país, ocupando espaços no calendário civil, uma relação peculiar entre o tempo do Estado e o tempo da Igreja Católica. Isto é verificado por estudiosos sobre festas religiosas com forte presença no cenário nacional. Ancorados em antigas tradições, os dias devotados a santos e santas católicas, quando padroeiros, são legitimados como feriados em diversos estados, municípios e mesmo no âmbito federal. É possível afirmar, também, que há investimentos em construção de identidades, em valorização de práticas culturais e na sacralização de espaços. Os momentos das festas são perpassados pela memória, quando diferentes sujeitos juntos praticam a reciprocidade entre si, com o santo/santa intercessor(a) e a divindade, reconhecem a si mesmos frente aos outros e como grupo com afinidades, construindo, reconstruindo e fortalecendo vínculos. A Festa, a sua preparação e o que ocorre depois, têm essa propriedade — a de ser vetor para construir vínculos entre sujeitos e grupos, sendo a religiosidade um fator agregador. No caso das celebrações, tais como a Festa de São Cristóvão que ocorre há mais de 60 (sessenta) anos, as pessoas da comunidade compartilham a devoção, o sentimento de união, manifestação da fé e, também, constroem e reconstróem identidade, ancorados pela devoção ao Santo.

Identifiquei, a partir da pesquisa, que os moradores revelam os valores familiares praticados no bairro, compondo reminiscências, revelando experiências e sentimentos de pertencimento, demonstrando que a Festa é o momento de destaque entre os devotos do santo. Esta integra a história de boa parte de famílias moradoras do Bairro Igara, algumas, descendentes de imigrantes italianos e outras, migrantes de cidades do interior do Rio Grande do Sul. Identifiquei que as famílias que chegavam ao Bairro Igara, a partir do processo de deslocamento migratório, enraizaram-se desenvolvendo afeto pelo lugar, sendo a Festa São Cristóvão um vetor de reconexão e de construção/reconstrução identitária. A Festa é um espaço de trocas de saberes e fazeres que associa o trabalho de produção e organização do evento, ao culto ao Santo, à construção do santuário e ao enraizamento.

A celebração extravasa o espaço do Santuário, ganhando as ruas e avenidas da cidade. A fé ocupa o espaço, os motoristas buscam a proteção do seu Santo padroeiro, agradecendo as dádivas, oferecendo contradádivas e reiterando os pedidos de intercessão ao Santo. As buzinas dos caminhões e dos carros durante a procissão motorizada são o elo entre o divino e o humano — os seus sons fazem parte do ritual. A procissão é parte do cerimonial e devoção ao santo, além dos encontros da comunidade nos tríduos e novenas, momentos importantes de celebração. No que tange à gastronomia, o grupo de trabalho dedica-se a produzir pratos de uma culinária híbrida, praticando sociabilidades no fazer dos alimentos. Neste sentido, a comunidade também constrói identidades sociais. O “comer e beber junto” faz parte do ritual, compartilhando o contato com o sagrado.

As narrativas foram além de lembranças sobre a celebração, revelando aspectos da vida cotidiana, do seu sentido para a comunidade, pois com a Festa há uma conexão e reconexão de memórias e narrativas identitárias. A Festa se constitui como espaço de memória, espaço de emoções, de simbolismos, de saberes, expressões, significados, continuidades, descontinuidades, tradição — um bem cultural imaterial. O santuário identificado como lugar e a festa de São Cristóvão como prática social e coletiva são passíveis de constituir-se como patrimônio cultural imaterial da cidade de Canoas. Já há inclusão da data festiva no calendário cívico municipal, o que facilitaria o seu registro no livro próprio dos saberes, dos lugares e das celebrações.

Na última edição festiva, ocorrida no ano de 2020, a Festa teve a celebração alterada e seu ritual adaptado para o espaço virtual em função do período de isolamento social, resultante da pandemia Covid-19. A adequação do evento demonstrou o saber fazer e, novamente, o engajamento comunitário, na presença virtual e presencial na procissão, com trajeto acompanhado pela Guarda Municipal, Brigada Militar e Polícia Rodoviária Federal. As reuniões de orações de tríduos/novenas e missa de celebração ao santo utilizaram a plataforma virtual, evitando o contato presencial entre os fiéis. Alguns momentos foram prejudicados, como a entronização da estátua do Santo no templo pelos festeiros, o Baile do Motorista, os jantares e o almoço dominical e baile após a procissão, os quais não ocorreram em função das restrições indicadas pelos órgãos da saúde.

A discussão sobre a Festa de São Cristóvão não se encerra por aqui. Meu objetivo foi o de compreender a festa de São Cristóvão realizada em Canoas, RS, no Bairro Igara, desde 1957, a partir das narrativas de sujeitos que fazem parte da comunidade relacionada ao Santuário, o qual tem o Santo como padroeiro. Acredito que consegui comprovar minhas hipóteses, ou seja, de que a Festa foi vetor de enraizamento para os pioneiros do Bairro, formadores da comunidade do Santuário e ancoragem de coesão comunitária e de construção identitária, à luz dos estudos em memória social.

Não dou a pesquisa como terminada, pois vislumbro algumas possibilidades da sua continuidade: aprofundar questões relativas à territorialização, memória e enraizamento, buscando as narrativas de moradores dos loteamentos surgidos no Bairro dos anos 1990 em diante e sua relação com a Festa de São Cristóvão; replicar esta investigação para outras celebrações tão expressivas quanto a de São Cristóvão, como as em honra a Santo Antônio e Nossa Senhora de Fátima, que ocorrem no Bairro Fátima. Outra possibilidade é a de investigar a introdução de algo novo na cidade, no Bairro Rio Branco, ou seja, desde os anos 1990, a festa em honra ao Divino Espírito Santo.

Os últimos festeiros estão saindo do Salão Paroquial, o Santuário já foi fechado, apagam-se as luzes e o bairro silencia. A Festa de São Cristóvão terminou. Durante a sua ocorrência, para os devotos do Santo, santifica-se o mundo, Canoas revitaliza-se, os caminhoneiros e os moradores da cidade e de outras, que acorrem ao Santuário, encontram proteção, sentido para a vida, reforçando o sentimento de pertencimento e de identidade. O Santuário de São Cristóvão, seu entorno, as ruas e a própria BR-116, por onde passa a procissão, passaram a ser o espaço, para além do templo, que recebeu

outra conotação no tempo da celebração, expandindo-se como espaço sagrado. Ao movimentar a população do Bairro Igara, a de Canoas e de cidades do entorno, imprime uma dinâmica local que interfere mesmo na vida daqueles que apenas transitam pelas ruas e pela rodovia no tempo da Festa. Mesmo os que professam outras devoções são envolvidos pela celebração. Para os festeiros, agora é descansar e na próxima semana começar a pensar na organização da Festa de 2021!

REFERÊNCIAS

ABREU, Marta. Festas religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 1994.

ABREU, Martha Campos. **O império do divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. 1996. 2v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280895>. Acesso em: 20 mai. 2021.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rev. Atual. - Rio de Janeiro: FGV, 2015.

ALETEIA VATICANO. **São Cristóvão, o padroeiro dos viajantes e dos motoristas**. 2015. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2015/07/25/sao-cristovao-o-padroeiro-dos-viajantes-e-dos-motoristas/>. Acesso em: 20 mai. 2021.

ANDRADE, Luís Eduardo de. **Quatorze santos de emergência**. Rio de Janeiro: Objetivo, 2006.

ANDRADE, Solange Ramos de. A religiosidade católica e a santidade do mártir. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 237-260, dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/3054/1967>. Acesso em: 20 mai. 2021.

ASSÉ, Ralph. Um ano de pandemia: a dura realidade enfrentada pelo setor de eventos. **Estado de Minas Economia**, 2021. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2021/03/19/internas_economia,1248633/um-ano-de-pandemia-a-dura-realidade-enfrentada-pelo-setor-de-eventos.shhtml. Acesso em: 04 abr. 2021.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Unicamp, 2011.

AZZI, Riolando. Formação histórica do catolicismo popular brasileiro. In: SANTOS, B. Beni. **A religião do povo**. São Paulo: Paulinas, 1978.

BELTRAMI, Clair. **Entrevista ao Projeto Canoas**: para lembrar quem somos - Bairro Igara, 2000. Acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle

BIENERT, Valmor. [Entrevista concedida ao] Diário de Canoas - **Caderno especial**. 08 de agosto de 2017.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERND, Zilá. Estratégias memoriais na sociedade contemporânea. In. **Por uma estética dos vestígios memoriais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013.

BINSFELD, Padre Egon. [Entrevista concedida ao] Diário de Canoas - **Caderno especial**. 08 de agosto de 2017.

BOTTINO, Caroline M. M; SCHELIGA, Eva; MENEZES, Renata C. Experimentos etnográficos em redes e varandas. **Cadernos de Campo** (São Paulo, online) | vol. 29, (suplemento), p. 289-301, USP, 2020. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/67421097/Experimentos_etnograficos.pdf?1621889512. Acesso em: 10 mai. 2021.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 19 dez. 2019.

BRASIL. Presidência da República. **Decreto nº 3.551**, de 4 de agosto de 2000. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm. Acesso em: 19 dez. 2019.

BRITANNICA ESCOLA. Capes Ministério da Educação. **Ásia Menor**. 2021. Disponível em <https://escola.britannica.com.br/artigo/%C3%81sia-Menor/480681>. Acesso em: 20 mai. 2021.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios da Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOSI, Ecléa.; BRUCK, Mozahir Salomão. Memória: enraizar-se é um direito fundamental do ser humano. (Entrevista). **VIRUS**, São Carlos, n. 15, 2017. [online] Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus15/?sec=2&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 12 mai. 2021.

BUZATO, Luiz Carlos Ghiorzzi. (Prefeito 2017/2020). [Entrevista concedida à] Miriane Steiner de Sousa, no dia 28 de julho de 2019, com duração de 15 min., realizado na Festa de São Cristóvão.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira – 1. ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, p. 91-94, 2014.

CATROGA, Fernando. **Os passos do homem como restolho do tempo: memória e fim do fim da História**. Coimbra: Almedina, 2009.

CATROGA, Fernando. **Memória, História e Historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001

CHAMPLIN, R. N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia**. Vol. 6. 11. ed. São Paulo: Hagnos, 2013.

CNBB Regional Sul 2. **Encontro de Casais com Cristo (ECC)**. Disponível em: <https://cnbbs2.org.br/encontro-de-casais-com-cristo-ecc/>. Acesso em: 10 mai. 2021.

CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA. **Para uma pastoral da cultura**. 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/cultr/documents/rc_pc_pc-cultr_doc_03061999_pastoral_po.html. Acesso em: 07 jun. 2021.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de Festas**: Homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940). São Paulo: UNESP, 2004.

COUTO, Edilece Souza. Devoções, Festas e Ritos: Algumas Considerações. **Revista Brasileira de História das Religiões** – Ano I, no. 1 – Dossiê Identidades Religiosas e História. 2008. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26618/14261/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

DA SILVA NEGRINE, Airton. Festa do Pinhão de São Francisco de Paula/RS. **Rosa dos Ventos** [en linea]. 2010, 2 (2), 129-138. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=473549055007>. Acesso em: 24 jun. 2021.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e Civilizações**. Fortaleza, Edições Universidade Federal do Ceará & Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.

EÇA DE QUEIRÓS, José Maria. (1845-1900) **Vida de Santos**: são Cristóvão, santo Onofre e são frei Gil – Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FACEBOOK. **Santuário de São Cristóvão**. Disponível em: <https://www.facebook.com/santuariosaocristovao/>. Acesso em: 28 jul. 2019.

FAVIERO, Lurdes Vanilda Chemello. **Entrevista ao Projeto Canoas**: para lembrar quem somos - Bairro Igara, 2002. Acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle.

FOLHA DE CANOAS. **Projetos Bairros**, 24 de abril de 1994.

FORTES, Izolda Soldan. [Entrevista concedida à] **Folha de Canoas-Projetos Bairros**, 24 de abril de 1994.

GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. **Dicionário temático do ocidente medieval**. Bauru: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GAZETA DE CANOAS, Ano 14 - edição 216 - 27 de julho de 2018.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, Trabalho e Cotidiano. JANCSO, István; KANTOR, Íris (Orgs.). **Festa e mentalidades trabalho Imprensa Oficial, Cotidiano**. São Paulo: vol.1, In. Brasiliense 2001, p. 215-216.

GRAEBIN, Cleusa Maria; SANTOS, Nádia Maria Weber. Fêtes et célébrations em Amérique Latine: estética como eixo transversal em abordagens políticas, antropológicas e históricas. **Artelogie**. Janvier, número 4, p. 1-9, 2013. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaoletras/article/view/55517/33773>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

GRAEBIN, C. M. G.; VIEGAS, D. H. Cidade, Política e Urbanismo: Debates e Desafios no Reconhecimento de Um Centro Histórico Metropolitano. **Sæculum – Revista de História**, v. 38, n. 38, p. 277-293, 30 jun. 2018.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda**: Os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ: IPHAN, 1996.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In. ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Orgs.). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, pp.25-33, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; CONTIS, Márcia. A Escassez e a Fatura: Categorias Cosmológicas e subjetividade nas Festas do Divino Espírito Santo entre imigrantes açorianos no Rio de Janeiro. In CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro; GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **As festas e os dias**: ritos e sociabilidades festivas. Rio de Janeiro: Contracapa, 2009.

GODOY, A. S. Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**. São Paulo, v. 35, n. 2, mar./abr. 1995, p. 57-63.

GOOGLE MAPS. **Canoas**, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Canoas+-+RS/@-29.9154224,-51.2478347,12z/data=!4m5!3m4!1s0x951970087c0ae1e7:0xae7ae21fb70220!8m2!3d-29.9188183!4d-51.1585398>. Acesso em: 22 set. 2020.

GOOGLE MAPS. **Igara**, Canoas, Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.google.com/maps/place/Igara,+Canoas+-+RS/@-29.8990862,-51.1772058,14z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0x95196fd5c7314bb5:0xae29873>. Acesso em: 10 mar. 2021.

GOLDENBERG, Miriam. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GONZALEZ, Demétrio. **Entrevista ao Projeto Canoas**: para lembrar quem somos - Bairro Igara, 2000. Acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M. et al. (Ed.). **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 43-71.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro, 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2015.

HEIDRICH, Á. L. Território, integração socioespacial, região, fragmentação e exclusão social. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. (Org.). **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004. p. 37-66.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 08 jun. 2021.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO Histórico e Artístico Nacional - IPHAN. Patrimônio Imaterial. **Verbete**. 2019. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 14 abr. 2019.

LECH, Ivo da Silva. [Entrevista concedida à] Miriane Steiner de Sousa, no dia 06 de setembro de 2018, com duração de 1h., realizado nas dependências da Prefeitura Municipal de Canoas.

LEITE, Silvana Cobucci. **São Cristóvão**. São Paulo: Edições Loyola. 1999.

LEFFA, Gorete. [Entrevista concedida à] Miriane Steiner de Sousa, no dia 21 de janeiro de 2020, com duração de 1h., realizado nas dependências da Prefeitura Municipal de Canoas.

LE GOFF, J. A Civilização do Ocidente Medieval. Bauru: EDUSC, 2005.

LIMA, D. S et al. Recommendations for emergency surgery during the COVID-19 pandemic. **JHBS**, v. 8, n. 1, p. 1–3. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v8i1.3176.p1-3.202>. Acesso em 20 mai. 2021.

LORENZATTO, SANTO. [Entrevista concedida ao] Jornal Folha de Canoas, 18 de julho de 1994.

LORENZATTO, SANTO. [Entrevista concedida ao] Diário de Canoas, 27 de março de 1998.

LORENZATTO, Santo. **Entrevista ao Projeto Canoas**: para lembrar quem somos - Bairro Igara, 2001. Acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle.

LUCA, Tania Regina de. História dos nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008. (p. 111-153).

MACHADO, Lucas. **A fé em tempos de pandemia**: Congadas – biênio 2019-2020. Goiânia: Kelps, 2021.

MAPA RIO GRANDE DO SUL (Brasil). Plataforma SMS para empresas. Serviço SMS Short Code Corporativo Para o Seu negócio Mobizon Brasil. 2021. **d-maps.com**, mapas gratuitos. Ilustração https://d-maps.com/carte.php?num_car=16210&lang=pt. Acesso em: 15 mar. 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCHI, Euclides. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p. 33-53, 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/328063664.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2021.

MARTINS NETO, Oyama Braga. **Os Sentidos da Religiosidade em Amaturá, Amazonas**: A Festa de São Cristóvão. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15014/1/Oyama%20Bragasa%20Martins%20Netto.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2019.

MARTINS, Débora Santos. **Entre o imaginário e o vivido** – as representações dos padeiros na catedral de Chartres (França – século XIII). Dissertação. Curso de Pós-Graduação Strictu Sensu em História Social, Universidade Federal Fluminense. Instituto de História. Niterói, 2017.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e Flagrantes**: ensaios sobre história e fotografias. Niterói: Editora da UFF, 2008. Disponível em: <http://www.eduff.uff.br/ebooks/Poses-e-flagrantes.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2021.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003. p. 183-314.

MAUSS, Marcel. **La Prière**. Paris, Félix Alcan Editor, 1909. Tradução Mauro Guilherme Pinheiro Koury, 2009.

MEDEIROS, A., org. São Cristóvão: a redenção pelo amor fraternal na escrita da maturidade em Eça de Queiroz. In: **Travessias pela literatura portuguesa**: estudos críticos de Saramago a Vieira [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2013, pp. 127-145. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8n8gb/pdf/medeiros-9788578792794-07.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

NEW ADVENT. **São Cristóvão**. A Enciclopédia Católica. 3 v. Nova Iorque: Robert Appleton Company, 1908. 2020. Disponível em <http://www.newadvent.org/cathen/03728a.htm>. Acesso em: 20 mai. 2021.

PENNA, Rejane; GAYESKI, Miguel; CORBELLINI, Darnis. Canoas – **Para lembrar quem somos**: Igara – Um bairro multifacetado. V.8, Canoas, 2002.

PUFAL, Diego de Leão. A **Brigadeira Rafaela Pinto Bandeira**. IHGRGS. 2016. Disponível em: <http://ihgrgs.org.br/fragmentos/Arquivo%20-%20A%20Brigadeira%20Rafaela%20Pinto%20Bandeira.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2021.

Piccini, Rosana; Tomazzoni, Edegar Luis. As Contribuições do Sistema Gastronômico Galetto Al Primo Canto para o Patrimônio Cultural e para o Desenvolvimento Turístico de Caxias do Sul (Brasil). **ABET**, V. 3, N. 1, Jan./Jun., 2013 - Edição Regular, pp. 1-85. Disponível em [file:///Users/miriane/Downloads/3031-Texto%20do%20artigo-18745-2-10-20200820%20\(1\).pdf](file:///Users/miriane/Downloads/3031-Texto%20do%20artigo-18745-2-10-20200820%20(1).pdf). Acesso em: 20 jul.2021.

OLIVEIRA, Renata de Almeida. **Memórias da devoção**: Estudo de Caso sobre a Festa de Santo Antônio nas cidades de Duque de Caxias - RJ e Lisboa, Portugal. 2017 [231] f. Tese (Memória em Social) - Programa de Pós-Graduação em da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, L. D.. Espaço e Economia: Novos Caminhos, Novas Tensões. Espaço e Economia. **Revista Brasileira de Geografia Econômica**, v.1, nº. 17, p. 1–13, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/93>. Acesso em: 02 fev. 2021.

PEIRANO, Marisa (org.). **O dito e o feito**: Ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Reclume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002. Disponível em: http://www.marizapeirano.com.br/livros/o_dito_e_o_feito.pdf. Acesso em: 05 jun. 2021.

PEIRANO, Marisa. Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. **Campos**, v.7, n. 2, p. 9-16, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/7321/5248>. Acesso em: 04 jun. 2021.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. What makes oral history different. In: PERKS, Robert; THOMSON, Alistair (Ed.). **The Oral History Reader**. New York: Taylor & Francis, 2003. p. 75-93.

PORTELLI, Alessandro. **A morte de Luigi Trastulli e outros ensaios**: ética, memória e acontecimentos na história oral. Lisboa: Edições Unipop, 2013.

PORTO, Álvaro Celestino Fernandes. **Entrevista ao Projeto Canoas**: para lembrar quem somos - Bairro Igara, 2002. Acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle.

PREFEITURA DE CANOAS. **Divisão em Distritos da cidade de Canoas**. Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/sobre-canoas/>. Acesso em: 22 set. 2020.

PRIORE, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo. Brasiliense, 1994.

QUEIROZ, Eça. **Vidas de Santos**: São Cristóvão, Santo Onofre e São Frei Gil. São Paulo: Casa da palavra, 2002.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

RÉGIS, Daniella Renally Bezerra; ALBUQUERQUE, Andreza Dantas; SILVA, Luiz Custódio da. Religiosidade em tempos de Pandemia: um olhar sobre a festa de Santa Teresinha, em Massaranduba-PB. **INTERCOM** – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Virtual – 1º a 10/12/2020. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-1484-1.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei Nº 13.678**, de 17 de janeiro de 2011, atualizada até a Lei nº 14.155, de 20 de dezembro de 2012. Disponível em <http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repLegisComp/Lei%20n%C2%BA%2013.678.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2019.

ROSENDAHL, Zeny. Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 35. p. 09-25, jan./jun., 2014. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/download/18902/13700>. Acesso em: 05 jun. 2021.

SANTOS, Márcia Pereira dos; DUARTE, Teresinha Maria. A escrita hagiográfica medieval e a formação da memória dos santos e santas católicos. In: FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. Diásporas, diversidades, deslocamentos: **anais...** Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278263189_ARQUIVO_Textocompletofaz.genero.versaofinal.pdf. Acesso em: 12 jun. 2019.

SANTOS, Ivig de Freitas; LIMA, Maria Érica O. Caminhada com Maria virtual: uma festa popular em diálogo com o digital, **RIF**, Ponta Grossa/ PR Volume 18, Número 41, p.54-69, julho/dezembro 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/2526>. Acesso em: 20 jun. 2021.

SCOLARI, Adalberto. **Entrevista ao Projeto Canoas**: para lembrar quem somos - Bairro Igara, 2002. Acervo do Museu e Arquivo Histórico La Salle.

SCHNEIDER, S. Ciências sociais, ruralidade e territórios: em busca de novas referências para pensar o desenvolvimento. **Campo-Território**: Revista de Geografia Agrária, Uberlândia, v. 4, n. 7, p. 24-62, fev. 2009.

SEBRAE. **Entenda o impacto da pandemia no setor de eventos**. 2020. Disponível em: <https://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/entenda-o-impacto-da-pandemia-no-setor-de-eventos,424ba538c1be1710vgnvcm1000004c00210arcd>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SEEMANN, Jörn. O espaço de memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 4/5, p. 43-53, 2002/2003.

SILVA, Zaida Luiza Gomes da. [Entrevista concedida à] Folha de Canoas. Projetos Bairros, em 24 de abril de 1994.

SILVA, André Candido Da. **Legenda Áurea, de Jacopo de Varazze: Representações do Feminino**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História. 2017. Disponível em: <https://www.ppghufgd.com/wp-content/uploads/2017/03/disserta%c3%87%c3%83o-todos-os-cap%c3%8dtulos.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2021.

SILVEIRA, Dario Francisco da. [Entrevista concedida à] Miriane Steiner de Sousa, no dia 21 de janeiro de 2020, com duração de 1h., realizado nas dependências da Prefeitura Municipal de Canoas.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. **Unidade 2 - a pesquisa científica**. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, p. 31-42, 2009.

SOIHET, Rachel. **A subversão pelo riso**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SOUZA, Dom Aparecido Donizete. [Entrevista concedida ao] Diário de Canoas, caderno especial, 08 de agosto de 2017.

SUESS Paulo. Medellín, Puebla, Aparecida e Santo Domingo: a luta pelos pobres e pela libertação Entrevista a QUADROS, Bruna. **Jornal IHU On-line**. Edição 267, 04 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2015-paulo-suess-2>. Acesso em: 07 jun. 2021.

TEIXEIRA, César; SILVA, Antonio Wardison C.. Eclesiologia do Concílio Vaticano Segundo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, vol. 4, n.6, jun/dez, 2010, pp. 17-28. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo>. Acesso em: 20 mai. 2021.

THURSTON, Herbert. **Christian Calendar**. The Catholic Encyclopedia. 3. V. New York: Robert Appleton Company, 1908.

TRENSURB. **História**. Disponível em: http://www.trensurb.gov.br/paginas/paginas_detalhe.php?codigo_sitemap=48. Acesso em: 13 mar. 2021.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial Paris, 17 de outubro de 2003**. 2006. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>. Acesso em: mai. 2017.

VARAZZE, Jacopo de. Arcebispo de Gênova. **Legenda Áurea: Vida de Santos**. Tradução do latim. Apresentação, notas e seleção iconográfica Hilário Franco Júnior - São Paulo: Companhia das Letras. 2017.

VATICAN. II Concílio do Vaticano, Decr. Ad gentes, 7: AAS 58 (1966) 956: cf. Id, Const. dogm. **Lumen Gentium**, 17: AAS 57 (1965) 20-21. Disponível em http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p1s2cap3_683-1065_po.html. Acesso em: 13 mar. 2021.

VATICAN NEWS. São Cristóvão Mártir. Um Santo cinocéfaló. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/santo-do-dia/07/25/s--crisovao--martir.html>. Acesso em: 20 mai. 2021.

VICARIATO DE CANOAS. **Paroquias e Missas**. 2020. Disponível em: <https://vicariatodecanoas.wixsite.com/vicariatodecanoas/canoas>. Acesso em: 10 mar. 2021.

VOVELLE, Michel. A história e a longa duração. In: LE GOFF, Jacques (org.). **A nova história**. 2. ed., São Paulo, Martins Fontes, 1993, pp. 68-96.

WASSIL, Junior. [Entrevista concedida ao] Diário de Canoas em 20 de julho de 2002.

WEIL, Simone. **O Enraizamento**. Tradução de Júlia Ferreira e José Cláudio, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2014

WHO, World Health Organization. **Mental health and psychosocial considerations during the COVID-19 outbreak**. 2020. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331490/who-2019-ncov-mentalhealth-2020.1-eng.pdf?sequence=1&isallowed=y>. Acesso em: 02 fev. 2021.

APÊNDICE A – Principais Igrejas e Festas de São Cristóvão no Brasil

Igreja de São Cristóvão no Brasil

No Brasil existem diversas igrejas dedicadas a São Cristóvão, o santo padroeiro de viajantes e condutores. Motoristas e familiares de caminhoneiros, são muito devotos deste intercessor que tem a missão de conduzir fiéis em segurança por onde andam. As principais Igrejas dedicadas a São Cristóvão ficam localizadas em nas regiões sul e sudeste, importante salientar que várias destas, realizam a Festa em honra ao Santo, no mês de julho. Porém, a Festa é realizada em muitas outras igrejas, na mesma data.

Igreja de São Cristóvão em Uberlândia

Dom Estevão Cardoso de Avellar, filho de Antônio Pereira de Avellar e Anna Cardozo de Avellar, nasceu no dia 04 de novembro do ano 1917, na cidade de Três Corações, em Minas Gerais, onde recebeu os Sacramentos do Batismo, da Primeira Eucaristia e da Confirmação, num ambiente piedoso e profundamente católico.

Em Uberlândia, desenvolveu intenso trabalho pastoral na vastidão territorial da Diocese que sofria com a falta de padres. Naquele ano, Uberlândia tinha 06 paróquias na área urbana e não tinha seminário.

Dom Estêvão abriu um Seminário, e, após foram criadas paróquias para suprir o acesso à religião em Minas Gerais. A Paróquia de São Cristóvão de Uberlândia foi criada em 11 de Setembro de 1979. A igreja fica localizada na Rua Padre Américo Ceppi, 190 – Bairro Brasil, em Uberlândia, Minas Gerais.

Igreja de São Cristóvão em Betim

A Comunidade São Cristóvão teve início em 30 de maio de 1982, onde se reuniram algumas pessoas na casa da Sra. Silvina Júlia de Carvalho. Desde 1980, já havia grupos de oração e círculos bíblicos em residências.

A liderança, pessoas escolhidas pela pequena comunidade foram ao encontro do Padre Francisco Leny, Pároco da Paróquia Jesus Operário, conversar sobre a possibilidade da criação de uma nova comunidade. Após a conversa com o Padre Francisco foram organizadas equipes de trabalho e em 06 de junho de 1982

aconteceu a 1º Celebração. O Padre Francisco Leny foi presença marcada em quase todos os conselhos desde o início, sempre apoiando e ajudando na organização.

Em 1988, ocorreu o desmembramento da Paróquia Jesus Operário e a criação da paróquia Maria Mãe dos Pobres. Pouco tempo depois, houve um novo desmembramento da Paróquia Maria Mãe dos Pobres e a criação da Paróquia São Cristóvão. A Comunidade São Cristóvão fica localizada na Rua Volta Redonda, nº 157, bairro São Cristóvão, Betim, Minas Gerais.

Igreja de São Cristóvão em Alfenas

Em Alfenas, foi construída a Paróquia São Sebastião e São Cristóvão, localizada na Avenida João Soares Leite, 28 – Jardim Panorama em Alfenas – MG, atualmente sob comando do Pe. Gilmar Antônio Pimenta e pertencente à Diocese de Guaxupé.

Igreja de São Cristóvão em Belo Horizonte

A Paróquia São Cristóvão da Arquidiocese de Belo Horizonte está situada na Praça São Cristóvão – São Cristóvão, em Belo Horizonte – MG. A Igreja dedicada a São Cristóvão em Belo Horizonte consta que foi criada em 25 de julho de 1950. Atualmente o pároco responsável é o Pe. Sebastião Acácio Rodrigues.

Igreja de São Cristóvão em Cascavel

A Igreja de São Cristóvão de Cascavel, no Paraná, fica localizada na Avenida Brasil, número 3.300, no bairro de São Cristóvão. Os registros mostram que a paróquia foi criada em 16 de abril de 1972.

Igreja de São Cristóvão em Itajaí

A Capela São Cristóvão, pertencente à Paróquia do Santíssimo Sacramento, foi instituída em 1959. Dom Afonso Niehues decretou em 18 de fevereiro de 1968 que a Capela de São Cristóvão fosse elevada à categoria de Paróquia, com território desmembrado, em sua totalidade, da Paróquia do Santíssimo Sacramento. A Paróquia de São Cristóvão de Itajaí está localizada na Rua Odílio Garcia, 456 – Bairro Cordeiros – Itajaí, Santa Catarina.

Santuário São Cristóvão em Canoas

O Santuário está localizado na rua Tupi, 228, Bairro Igara em Canoas. A igreja foi fundada em 1956, que restou apenas a pequena igreja antiga, que também corria sérios riscos de desabamento. Finalmente em 1983 foi inaugurada a nova construção pelo Arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Kolling. As novas instalações passaram a contar com um salão de festas do mesmo tamanho da nova igreja, utilizado para locação e atividades da comunidade. Finalmente em 1983 foi inaugurada a nova construção pelo Arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio Kolling. O Santuário São Cristóvão foi inaugurado em 13 de novembro de 1988, tendo capacidade para quase três mil pessoas. Atualmente o padre titular do Santuário é o Pe. Nery Ortolan.

Igreja de São Cristóvão em Pelotas

A Paróquia São Cristóvão de Pelotas, localizada na Rua Lindolfo Color, 80, no bairro Três Vendas, foi fundada pelo padre José Schramm em 9 de julho de 1985, por motivação do bispo diocesano Dom Jayme Henrique Chemello. Desde então tornou-se famosa por criar uma festa em homenagem a São Cristóvão.

Igreja de São Cristóvão em Toledo

Inicialmente como não havia igreja em Toledo, para participar das celebrações dominicais, o povo se dirigia à Paróquia Cristo Rei, atual Catedral. Posteriormente, com o apoio de Willy Barth, do padre Antônio Patuí e da Indústria de Beneficiamento de Madeira de João Bombardelli, a comunidade se mobilizou para ter sua capela. O templo edificado para reunir a comunidade aos domingos contou com os trabalhos gratuitos e generosos de muitos irmãos que eram fiéis e devotos. A modesta capela erguida tinha chão rústico e bancos feitos com tábuas de madeira aplainadas.

A inauguração ocorreu no dia 30 de julho de 1967 e foi consagrada a São Cristóvão. Neste dia houve missa solene celebrada pelo padre Raulino Cavaglieri, seguida de procissão, bênção dos carros e festa popular.

O bispo D. Armando Círio ciente do rápido crescimento do bairro da Vila Industrial e das comunidades emergentes resolveu criar a Paróquia São Cristóvão, desmembrando-a da paróquia da Catedral Cristo Rei.

A instalação da paróquia se deu no dia 12 de novembro de 1977, e se localiza na Rua Santos Dumont, no centro de Toledo/PR. O primeiro pároco foi o Padre Marino Knopf, nomeado em 15 de abril de 1978.

Igreja de São Cristóvão em São Paulo

O edifício foi construído originalmente em 1855 e inaugurado em 1856. Antes de se tornar a Paróquia São Cristóvão foi a Capela do Seminário Episcopal. Ela está localizada na Avenida Tiradentes, no bairro da Luz, zona central de São Paulo. A paróquia de São Paulo também já foi restaurada em 2001 por conta de sua estrutura simples que estava se deteriorando e até hoje é muito procurada e visitada por fiéis que procuram proteção.

Quadro 15 – Principais Igrejas e festas de São Cristóvão no Brasil

PARÓQUIA/ SANTUÁRIO	LOCALIDADE	criação	DIOCESE	ENDEREÇO	FESTA
Santuário São Cristóvão	Canoas - RS	criada em 1957	Diocese de Porto Alegre - RS	Rua Tupi, 228 - Igará Canoas, RS, Cep: 92410310	Festa de São Cristóvão 62 anos
Paróquia São Cristóvão	Porto Alegre – RS	criada em 1988	Diocese de Porto Alegre - RS	Rua Osmino Júlio Kuhn, 439, Bairro Santa Fé, Porto Alegre, RS	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Estrela - RS	criada em 1988	Diocese de Montenegro - RS	Rua 1º de Maio, 15, Boa União, Estrela, Cep: 95880-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Erechim - RS	Não localizada	Diocese de Erechim -RS	Rua Santos Dumont, 220 - São Cristóvão, Erechim - RS, Cep: 99700-000	Festa em honra a São Cristóvão 30 anos
Paróquia São Cristóvão	Forquilha – SC	criada em 2001	Não localizado	Rod. Josephina Lodetti Vassoler - Santa Cruz, Forquilha - SC, Cep:88850-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Caraá -RS	criado em 1942	Diocese Osório - RS	Rua Lourenço Corrêa Gomes, 135 - Centro, Caraá - RS, Cep: 95515-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Lajeado- RS	criada em 1963	Diocese de Santa Cruz do Sul - RS	Av. Senador Alberto Pasqualini, 1314 Bairro São Cristóvão	Festa em honra a São Cristóvão 50 anos

				Lajeado/RS - Cep: 9913-160	
Paróquia São Cristóvão	Passo Fundo – RS	criada em 1969	Diocese de Passo Fundo - RS	Av. Presidente Vargas, 2122, Passo Fundo, RS, Cep 99070- 000	Festa em honra a São Cristóvão 57 anos
Paróquia São Cristóvão	Pelotas - RS	criada em 1985	Diocese de Pelotas - RS	Rua Lindolfo Color, 80, no bairro Três Vendas Pelotas RS	Festa em honra a São Cristóvão 33 anos
Paróquia São Cristóvão	Concórdia -SC	criada em 1953	Diocese de Anápolis - SC	Tancredo de Almeida Neves - São Cristóvão, Concórdia - SC, Cep:89700-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Lages - SC	criada em 1987	Diocese de Lages - SC	Rua Vivandeiro Santos do Vale, 6-36 - Caroba, Lages - SC	Não localizado
Igreja de São Cristóvão	Tubarão - SC	criada 1999	Diocese de Tubarão - SC	São Cristóvão, Tubarão - SC	Festa em honra a São Cristóvão 46 anos
Paróquia São Cristóvão	Criciúma - SC	criada em	Diocese de Criciúma - SC	Rua Defendi Casagrande, 274-340 - São Cristóvão, Criciúma - SC, Cep: 88802-600	Festa em honra a São Cristóvão 58 anos
Paróquia São Cristóvão	Jaraguá do Sul – SC	criada em 2013	Diocese de Joinville - SC	Rua Roberto Ziemann, 2960 - Amizade, Jaraguá do Sul - SC	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Florianópolis – SC	criada em 1959	Diocese de Itajaí - SC	Rua Odílio Garcia, 456 – Bairro Cordeiros – Itajaí, Santa Catarina.	Festa em honra a São Cristóvão 51 anos
Paróquia São Cristóvão	Chapecó - SC	criada em 1978	Diocese Chapecó - SC	Rua Carlos Gomes, 780e - S Cristóvão - Chapecó, Santa Catarina	Festa em honra a São Cristóvão 39 anos
Paróquia São Cristóvão	Cascavel - PR	Não localizado	Diocese de Cascavel - PR	Avenida Brasil, 3300, Cascavel, Paraná, Brasil	Festa em honra a São Cristóvão 59 anos
Paróquia São Cristóvão	Curitiba - PR	criada em 1958	Diocese de Curitiba - PR	Rua Santa Catarina 1750, Bairro Guairá, Curitiba-PR, CEP: 80630-120	Não localizado

Paróquia São Cristóvão	São José dos Pinhais - PR	criada em 1971	Diocese de São José dos Pinhais - PR	Rua Arapongas, nº 1220, bairro São Cristóvão São José dos Pinhais – PR	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Paranaguá – PR	criada em 2004	Diocese de Paranaguá - PR	Tv. das Cabriúvas, 98-244 - Jardim Iguaçú, Paranaguá - PR,	Festa em honra a São Cristóvão 14 anos
Paróquia São Cristóvão	Toledo - PR	criada em 1978	Diocese de Toledo - PR	Rua Santos Dumont, 3518, Toledo, Paraná, Cep: 85904450	Festa em honra a São Cristóvão 31 anos
Capela de São Cristóvão	Araucária – PR	criada em 1998	Diocese de Araucária - PR	Rodovia do Xisto BR-476, 16087 - Guajuvira de Cima 83725-000 – Araucária/PR	Festa em honra a São Cristóvão 64 anos
Paróquia São Cristóvão	Cascavel - PR	criada em 1972	Diocese de Cascavel - PR	Avenida Brasil, 3.300 no bairro de São Cristóvão - PR	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Belo Horizonte – MG	criada em 1950	Diocese de Belo Horizonte MG	Praça São Cristóvão – São Cristóvão, em Belo Horizonte – MG	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Sete Lagoas – MG	criada em 1973	Diocese Sete Lagoas - MG	Endereço: Rua Pedra Grande, 1099, Bairro Santo Antônio CEP: 35700-231	Festa em honra a São Cristóvão 45 anos
Paróquia São Cristóvão	Uberlândia - MG	criada em 1979	Diocese de Uberlândia - MG	Rua Padre Américo Ceppi, 190 - Brasil, Uberlândia - MG.	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Betim - MG	criada em 1988	Diocese de Belo Horizonte MG	Rua Volta Redonda, nº 157, bairro São Cristóvão, Betim, Minas Gerais	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Divinópolis - MG	criada em 1972	Diocese de Divinópolis MG	Rua Mato Grosso, 1056 - Jardim Nova América, Divinópolis - MG, Cep: 35500-027	Festa em honra a São Cristóvão 28 anos
Paróquia São Cristóvão	Montes Claros -MG		Diocese de Montes Claros - MG	Av das Américas, 1 - Conjunto Residencial Jk - Montes Claros,	Não localizado

				MG - Cep: 39404-013	
Paróquia São Cristóvão	Juatuba - MG	criada em 1990	Diocese de Divinópolis - MG	Rua Antônio Dias, 148, Juatuba - MG, Cep:35675-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Arcos - MG	criada em 2010	Diocese de Luz - MG	Rua Antônio Teixeira, 30 – Bairro Bela Vista Arcos/MG	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Alfenas - MG	criada em 2006	Diocese de Guaxupé - MG	Avenida João Soares Leite, 28 – Jardim Panorama em Alfenas – MG,	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Bauru - SP	criada em 1940	Diocese de Bauru - SP	Av. Nossa Sra. de Fátima, 15-80 - Parque Jardim Europa, Bauru - SP,	Festa de São Cristóvão 53 anos
Paróquia São Cristóvão	Campinas - SP	criada em 1966	Diocese de Campinas - SP	Rua Sumaré, 50 Valinhos/SP - Cep 13276-490	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	São Paulo - SP	criada em 1956	Diocese de São Paulo - SP	Avenida Tiradentes, no bairro da Luz, zona central de São Paulo.	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Ibiúna - SP	criado em 2010	Diocese de Osasco -SP	Avenida Nossa Senhora do Carmo, S/N – Bairro do Carmo Messias, Ibiúna – SP Cep: 18150-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Recanto Campo Belo - SP	criado em 1996	Diocese de Santo Amaro - SP	Rua Carlos Jorge Schmidt, 402 - Recanto Campo Belo, São Paulo - SP, Cep: 04880-040	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Itu - SP	criada em 2001	Diocese de Jundiaí - SP	Av. Caetano Ruggieri, 2325 - Parque N.Sra da Candelária, Itu - SP, Cep: 13310-160	Festa de São Cristóvão 35 anos
Paróquia São Cristóvão	Mococa - SP	criada em 2004	Diocese de São João da Boa Vista - SP	Rua Espírito Santo, 239 - Vila Lambari, Mococa - SP.	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Salto - SP	criada em 1990	Diocese de São Paulo - SP	Rua Hilário Ferrari nº 334 Bairro Marechal Rondon, Salto - SP - Cep: 13323230	Festa de São Cristóvão 31 anos

Paróquia São Cristóvão	Limeira - SP	criado em 1962	Diocese de Limeira - SP	Rua Bahia, 276 - Vila Cristovam, Limeira - SP.	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Cidade Nova - SP	criada em 2013	Diocese de Pindamonhangaba - SP	Av. Pref. ^o Manoel César Ribeiro, 4851 - Cidade Nova, Pindamonhangaba - SP	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Campina Grande - PB	criada em 1960	Diocese de Campina Grande - PB	R. Delmiro Gouvêia - Centenário, Campina Grande - PB, Cep:58428-130	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Anápolis - GO	criada em 1984	Diocese de Anápolis - GO	1083, Av. Planejada, 1031, Anápolis - GO	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Goiânia - GO	criada em 1967	Diocese de Goiânia - GO	Rua Serra Dourada, n ^o 229, St. Rodoviário, Goiânia - GO Cep: 74430-440	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Ponta Grossa - PR	criada em 1952	Diocese de Ponta Grossa - PR	Rua João Dubois, 75 - Oficinas, Ponta Grossa - PR, Cep:74045-180	Festa de São Cristóvão 66 anos
Paróquia São Cristóvão	Umuarama - PR	criada em 2018	Diocese de Umuarama - PR	Rua Santo André, 2610 - Jardim São Cristóvão Umuarama - Pr	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Rio de Janeiro - RJ	criada em 1865	Diocese do Rio de Janeiro - RJ	Praça Padre Seve, 10 - São Cristóvão, Rio de Janeiro - RJ, Cep: 20931-760	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Teresópolis - RJ	Não localizado	Diocese de Teresópolis - RJ	Rod.. BR 116, KM 78 - Fonte Santa, Teresópolis, RJ, Cep: 25976-060	Não localizado
Igreja de São Cristóvão	Mendes -RJ	criada em 1948	Diocese de Barra do Piraí volta Redonda - RJ	Rua Teodoro M. Pereira, 50-78, Mendes - RJ, Cep: 26700-000	Festa de São Cristóvão 70 anos
Paróquia São Cristóvão	Petrópolis - RJ	Não localizado	Diocese de Petrópolis - RJ	Praça Pasteur, 79 - Castelânea, Petrópolis - RJ, Cep:25640-040	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Cabo Frio - RJ	criada em 1989	Diocese de Niterói - RJ	Rua Lecy Gomes da Costa, s/n ^o - São Cristóvão,	Não localizado

				Cabo Frio - RJ, Cep: 28909-530	
Capela de São Cristóvão	Arcoverde -PE	criada em 1999	Diocese de Arcoverde - PE	Travessa Félix Briano, 120 – São Cristóvão, Arcoverde-PE, Cep 56.560-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Brumado - BA	criada em 2018	Diocese de Caetitê - BA	Novo Brumado, Brumado - BA, Cep: 46100-000	Não localizado
Capela de São Cristóvão	Ibicaraí -BA	criada em 1963	Diocese de Ibicaraí - BA	Ibicaraí - BA, Cep: 45745-000	Festa de São Cristóvão 55 anos
Paróquia São Cristóvão	Salvador - BA	criada em 1989	Diocese de São Salvador - Bahia	Praça da Matriz, 01 – S. Cristóvão, Salvador – BA Cep: 41510-040	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Palmas-TO	criado em 2004	Diocese de Palmas- TO	403 Sul, Alameda 8, Lote 01, Palmas-TO, Cep: 77.015-581	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Marcolândia – PI	criação 1979	Diocese de Picos - PI	Av. Corinto Matos, 107, Marcolândia, PI, Cep: 64685-000	Festa de São Cristóvão 53 anos
Paróquia São Cristóvão	Teresina - PI	criada em 1979	Diocese de Teresina -PI	Orlando Carvalho, s/n - Morada do Sol, Teresina - PI, Cep: 64055-290	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Campo Grande -MS	criada em 1964	Diocese de Campo Grande - MS	Vila Rosa Pires, Campo Grande - MS, Cep: 79004-350	Não localizado
Capela São Cristóvão, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima.	Nova Alvorada do Sul – MS	criada em 2004	Diocese de Dourados - MS	Rua: Dorival Monteiro Nogueira, 1400, Centro, Nova Alvorada do Sul - MS, Cep: 79140-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Primavera do Leste MT	criada em 1977	Diocese Primavera do Leste - MT	Av. São João, 440 - Primavera I, Primavera do Leste - MT, Cep: 78850-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Campo Verde – MT	criada em 1968	Diocese de Rondonópolis - MT	Campo Verde - MT, Cep: 78840-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Campo Novo dos Parecis MT	criada em 1989	Diocese de Diamantino - MT	Av. Brasil, 8 - Centro, Campo Novo do Parecis - MT, Cep:78360-000	Não localizado

Paróquia São Cristóvão	Sinop -MT	criada em 1987	Diocese de Sinop - MT	R. Colonizador Ênio Pepino - Bairro São Cristóvão, Sinop - MT, Cep:78557-486	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Theobroma – RO	criada	Diocese Ji - Paraná - RO	Estr. Vicinal, Theobroma - RO, Cep:76866-000	Festa de São Cristóvão 29 anos
Paróquia São Cristóvão	Porto Velho - RO	criada em 1950	Diocese de Porto Velho - RO	Av. Pinheiro Machado, 2470 - São Cristóvão, Porto Velho - RO, Cep:76804-012	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Boa Vista – RR	criada em 2019	Diocese de Roraima - RR	Rua Horácio Mardel de Magalhães, 311 - Tancredo Neves, Boa Vista - RR, Cep:69313-492	Não localizado
Comunidade Católica São Cristóvão	Juazeiro do Norte CE	criada em 2012	Diocese de Crato- CE	Rua Francisca Pereira Lopes, S/n - Aeroporto, Juazeiro do Norte - CE, Cep:63018-020	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	São Luís – MA	criada em 1964	Diocese de São Luís - MA	Av. Guajajaras, S/N - São Cristóvão, São Luís - MA, Cep: 65055-285	Festa de São Cristóvão 51 anos
Paróquia São Cristóvão	Santa Inês - MA	criada em 2015	Diocese de Maranhão - MA	Rua: Nova Brasília, 467 – Bairro Palmeira - Caixa Postal 47 - Santa Inês - MA - Cep: 65300-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Recife - PE	criada em 1998	Diocese de Recife - PE	Rua Moacir Albuquerque, 198 - Imbiribeira, Recife - PE, Cep:51170-440	Festa de São Cristóvão 39 anos
Capela de São Cristóvão	Garanhuns – PE	Não localizado	Diocese de Garanhuns - PE	Rua da Liberdade, 1548 - Heliópolis, Garanhuns - PE, Cep:55296-450	Festa de São Cristóvão 37 anos
Paróquia São Cristóvão	Acú – RN	criada em 2010	Diocese de Mossoró - RN	Av. Sen. João Severian da Câmara, 2189-2245, Açú - RN, Cep:59650-000	Não localizado

Igreja São Cristóvão	Parelhas - RN	Não localizado	Diocese de Caicó - RN	Dinarte Mariz, Parelhas - RN, Cep: 59360-000	Não localizado
Igreja São Cristóvão	Manaus- AM	Não localizado	Não localizado	Rua 10 de Julho, s/n - Centro, Manaus - AM, Cep: 69010-060	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	VITÓRIA – ES	criada em 1964	Diocese de Vitória - ES	Rua Manoel Simões Freire, 15 - São Cristóvão, Vitória - ES, Cep: 29048-475	Festa de São Cristóvão 58 anos
Paróquia São Cristóvão	Santana do Ipanema -AL	criada em 1964	Diocese de Santana do Ipanema - AL	Rua José Porfírio Palmeira, 246, Santana do Ipanema - AL, Cep: 57500-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Palmeira dos Índios AL	criação 1990	Diocese Palmeira dos Índios - AL	Largo São Cristóvão, 17 - São Cristóvão, Palmeira dos Índios - AL, Cep: 57601-120	Não localizado
Santuário São Cristóvão	Canoas - RS	criada em 1957	Diocese de Porto Alegre - RS	Rua Tupi, 228 - Igara Canoas, RS, Cep: 92410310	Festa de São Cristóvão 62 anos
Paróquia São Cristóvão	Porto Alegre – RS	criada em 1988	Diocese de Porto Alegre - RS	Rua Osmino Júlio Kuhn, 439, Bairro Santa Fé, Porto Alegre, RS	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Estrela - RS	criada em 1988	Diocese de Montenegro - RS	Rua 1º de Maio, 15, Boa União, Estrela, Cep: 95880-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Erechim - RS	Não localizada	Diocese de Erechim -RS	Rua Santos Dumont, 220 - São Cristóvão, Erechim - RS, Cep: 99700-000	Festa em honra a São Cristóvão 30 anos
Paróquia São Cristóvão	Forquilha – SC	criada em 2001	Não localizado	Rod. Josephina Lodetti Vassoler - Santa Cruz, Forquilha - SC, Cep:88850-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Caraá -RS	criado em 1942	Diocese Osório - RS	Rua Lourenço Corrêa Gomes, 135 - Centro, Caraá - RS, Cep: 95515-000	Não localizado

Paróquia São Cristóvão	Lajeado- RS	criada em 1963	Diocese de Santa Cruz do Sul - RS	Av. Senador Alberto Pasqualini, 1314 Bairro São Cristóvão Lajeado/RS - Cep: 9913-160	Festa em honra a São Cristóvão 50 anos
Paróquia São Cristóvão	Passo Fundo - RS	criada em 1969	Diocese de Passo Fundo - RS	Av. Presidente Vargas, 2122, Passo Fundo, RS, Cep 99070-000	Festa em honra a São Cristóvão 57 anos
Paróquia São Cristóvão	Pelotas - RS	criada em 1985	Diocese de Pelotas - RS	Rua Lindolfo Color, 80, no bairro Três Vendas Pelotas RS	Festa em honra a São Cristóvão 33 anos
Paróquia São Cristóvão	Concórdia -SC	criada em 1953	Diocese de Anápolis - SC	Tancredo de Almeida Neves - São Cristóvão, Concórdia - SC, Cep:89700-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Lages - SC	criada em 1987	Diocese de Lages - SC	Rua Vivandeiro Santos do Vale, 6-36 - Caroba, Lages - SC	Não localizado
Igreja de São Cristóvão	Tubarão SC	criada 1999	Diocese de Tubarão - SC	São Cristóvão, Tubarão - SC	Festa em honra a São Cristóvão 46 anos
Paróquia São Cristóvão	Criciúma - SC	criada em	Diocese de Criciúma - SC	Rua Defendi Casagrande, 274-340 - São Cristóvão, Criciúma - SC, Cep: 88802-600	Festa em honra a São Cristóvão 58 anos
Paróquia São Cristóvão	Jaraguá do Sul - SC	criada em 2013	Diocese de Joinville - SC	Rua Roberto Ziemann, 2960 - Amizade, Jaraguá do Sul - SC	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Florianópolis - SC	criada em 1959	Diocese de Itajaí - SC	Rua Odílio Garcia, 456 - Bairro Cordeiros - Itajaí, Santa Catarina.	Festa em honra a São Cristóvão 51 anos
Paróquia São Cristóvão	Chapecó - SC	criada em 1978	Diocese Chapecó - SC	Rua Carlos Gomes, 780e - S Cristóvão - Chapecó, Santa Catarina	Festa em honra a São Cristóvão 39 anos
Paróquia São Cristóvão	Cascavel - PR	Não localizado	Diocese de Cascavel - PR	Avenida Brasil, 3300, Cascavel, Paraná, Brasil	Festa em honra a São Cristóvão 59 anos
Paróquia São Cristóvão	Curitiba - PR	criada em 1958	Diocese de Curitiba - PR	Rua Santa Catarina 1750, Bairro Guairá, Curitiba-PR, CEP: 80630-120	Não localizado

Paróquia São Cristóvão	São José dos Pinhais - PR	criada em 1971	Diocese de São José dos Pinhais - PR	Rua Arapongas, nº 1220, bairro São Cristóvão São José dos Pinhais – PR	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Paranaguá – PR	criada em 2004	Diocese de Paranaguá - PR	Tv. das Cabriúvas, 98-244 - Jardim Iguaçú, Paranaguá - PR,	Festa em honra a São Cristóvão 14 anos
Paróquia São Cristóvão	Toledo - PR	criada em 1978	Diocese de Toledo - PR	Rua Santos Dumont, 3518, Toledo, Paraná, Cep: 85904450	Festa em honra a São Cristóvão 31 anos
Capela de São Cristóvão	Araucária – PR	criada em 1998	Diocese de Araucária - PR	Rodovia do Xisto BR-476, 16087 - Guajuvira de Cima 83725-000 – Araucária/PR	Festa em honra a São Cristóvão 64 anos
Paróquia São Cristóvão	Cascavel - PR	criada em 1972	Diocese de Cascavel - PR	Avenida Brasil, 3.300 no bairro de São Cristóvão - PR	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Belo Horizonte – MG	criada em 1950	Diocese de Belo Horizonte MG	Praça São Cristóvão – São Cristóvão, em Belo Horizonte – MG	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Sete Lagoas - MG	criada em 1973	Diocese Sete Lagoas - MG	Endereço: Rua Pedra Grande, 1099, Bairro Santo Antônio CEP: 35700-231	Festa em honra a São Cristóvão 45 anos
Paróquia São Cristóvão	Uberlândia - MG	criada em 1979	Diocese de Uberlândia - MG	Rua Padre Américo Ceppi, 190 - Brasil, Uberlândia - MG.	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Betim - MG	criada em 1988	Diocese de Belo Horizonte MG	Rua Volta Redonda, nº 157, bairro São Cristóvão, Betim, Minas Gerais	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Divinópolis - MG	criada em 1972	Diocese de Divinópolis MG	Rua Mato Grosso, 1056 - Jardim Nova América, Divinópolis - MG, Cep: 35500-027	Festa em honra a São Cristóvão 28 anos
Paróquia São Cristóvão	Montes Claros -MG		Diocese de Montes Claros - MG	Av das Américas, 1 - Conjunto Residencial Jk - Montes Claros,	Não localizado

				MG - Cep: 39404-013	
Paróquia São Cristóvão	Juatuba - MG	criada em 1990	Diocese de Divinópolis - MG	Rua Antônio Dias, 148, Juatuba - MG, Cep:35675-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Arcos - MG	criada em 2010	Diocese de Luz - MG	Rua Antônio Teixeira, 30 – Bairro Bela Vista Arcos/MG	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Alfenas - MG	criada em 2006	Diocese de Guaxupé - MG	Avenida João Soares Leite, 28 – Jardim Panorama em Alfenas – MG,	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Bauru - SP	criada em 1940	Diocese de Bauru - SP	Av. Nossa Sra. de Fátima, 15-80 - Parque Jardim Europa, Bauru - SP,	Festa de São Cristóvão 53 anos
Paróquia São Cristóvão	Campinas – SP	criada em 1966	Diocese de Campinas - SP	Rua Sumaré, 50 Valinhos/SP - Cep 13276-490	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	São Paulo – SP	criada em 1956	Diocese de São Paulo - SP	Avenida Tiradentes, no bairro da Luz, zona central de São Paulo.	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Ibiúna - SP	criado em 2010	Diocese de Osasco -SP	Avenida Nossa Senhora do Carmo, S/N – Bairro do Carmo Messias, Ibiúna – SP Cep: 18150-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Recanto Campo Belo – SP	criado em 1996	Diocese de Santo Amaro - SP	Rua Carlos Jorge Schmidt, 402 - Recanto Campo Belo, São Paulo - SP, Cep: 04880-040	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Itu – SP	criada em 2001	Diocese de Jundiaí - SP	Av. Caetano Ruggieri, 2325 - Parque N.Sra da Candelária, Itu - SP, Cep: 13310-160	Festa de São Cristóvão 35 anos
Paróquia São Cristóvão	Mococa - SP	criada em 2004	Diocese de São João da Boa Vista - SP	Rua Espírito Santo, 239 - Vila Lambari, Mococa - SP.	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Salto – SP	criada em 1990	Diocese de São Paulo - SP	Rua Hilário Ferrari nº 334 Bairro Marechal Rondon, Salto - SP - Cep: 13323230	Festa de São Cristóvão 31 anos

Paróquia São Cristóvão	Limeira - SP	criado em 1962	Diocese de Limeira - SP	Rua Bahia, 276 - Vila Cristovam, Limeira - SP.	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Cidade Nova - SP	criada em 2013	Diocese de Pindamonhangaba - SP	Av. Prefº. Manoel César Ribeiro, 4851 - Cidade Nova, Pindamonhangaba - SP	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Campina Grande - PB	criada em 1960	Diocese de Campina Grande - PB	R. Delmiro Gouvêia - Centenário, Campina Grande - PB, Cep:58428-130	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Anápolis - GO	criada em 1984	Diocese de Anápolis - GO	1083, Av. Planejada, 1031, Anápolis - GO	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Goiânia - GO	criada em 1967	Diocese de Goiânia - GO	Rua Serra Dourada, nº 229, St. Rodoviário, Goiânia - GO Cep: 74430-440	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Ponta Grossa - PR	criada em 1952	Diocese de Ponta Grossa - PR	Rua João Dubois, 75 - Oficinas, Ponta Grossa - PR, Cep:74045-180	Festa de São Cristóvão 66 anos
Paróquia São Cristóvão	Umuarama - PR	criada em 2018	Diocese de Umuarama - PR	Rua Santo André, 2610 - Jardim São Cristóvão Umuarama - Pr	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Rio de Janeiro - RJ	criada em 1865	Diocese do Rio de Janeiro - RJ	Praça Padre Seve, 10 - São Cristóvão, Rio de Janeiro - RJ, Cep: 20931-760	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Teresópolis - RJ	Não localizado	Diocese de Teresópolis - RJ	Rod.. BR 116, KM 78 - Fonte Santa, Teresópolis, RJ, Cep: 25976-060	Não localizado
Igreja de São Cristóvão	Mendes - RJ	criada em 1948	Diocese de Barra do Piraí volta Redonda - RJ	Rua Teodoro M. Pereira, 50-78, Mendes - RJ, Cep: 26700-000	Festa de São Cristóvão 70 anos
Paróquia São Cristóvão	Petrópolis - RJ	Não localizado	Diocese de Petrópolis - RJ	Praça Pasteur, 79 - Castelânea, Petrópolis - RJ, Cep:25640-040	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Cabo Frio - RJ	criada em 1989	Diocese de Niterói - RJ	Rua Lecy Gomes da Costa, s/nº - São Cristóvão,	Não localizado

				Cabo Frio - RJ, Cep: 28909-530	
Capela de São Cristóvão	Arcoverde -PE	criada em 1999	Diocese de Arcoverde - PE	Travessa Félix Briano, 120 – São Cristóvão, Arcoverde-PE, Cep 56.560-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Brumado – BA	criada em 2018	Diocese de Caetité - BA	Novo Brumado, Brumado - BA, Cep: 46100-000	Não localizado
Capela de São Cristóvão	Ibicaraí -BA	criada em 1963	Diocese de Ibicaraí - BA	Ibicaraí - BA, Cep: 45745-000	Festa de São Cristóvão 55 anos
Paróquia São Cristóvão	Salvador - BA	criada em 1989	Diocese de São Salvador - Bahia	Praça da Matriz, 01 – S. Cristóvão, Salvador – BA Cep: 41510-040	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Palmas-TO	criado em 2004	Diocese de Palmas- TO	403 Sul, Alameda 8, Lote 01, Palmas-TO, Cep: 77.015-581	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Marcolândia – PI	criação 1979	Diocese de Picos - PI	Av. Corinto Matos, 107, Marcolândia, PI, Cep: 64685-000	Festa de São Cristóvão 53 anos
Paróquia São Cristóvão	Teresina - PI	criada em 1979	Diocese de Teresina -PI	Orlando Carvalho, s/n - Morada do Sol, Teresina - PI, Cep: 64055-290	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Campo Grande -MS	criada em 1964	Diocese de Campo Grande - MS	Vila Rosa Pires, Campo Grande - MS, Cep: 79004-350	Não localizado
Capela São Cristóvão, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima.	Nova Alvorada do Sul – MS	criada em 2004	Diocese de Dourados - MS	Rua: Dorival Monteiro Nogueira, 1400, Centro, Nova Alvorada do Sul - MS, Cep: 79140-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Primavera do Leste MT	criada em 1977	Diocese Primavera do Leste - MT	Av. São João, 440 - Primavera I, Primavera do Leste - MT, Cep: 78850-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Campo Verde – MT	criada em 1968	Diocese de Rondonópolis - MT	Campo Verde - MT, Cep: 78840-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Campo Novo dos Parecis MT	criada em 1989	Diocese de Diamantino - MT	Av. Brasil, 8 - Centro, Campo Novo do Parecis - MT, Cep:78360-000	Não localizado

Paróquia São Cristóvão	Sinop -MT	criada em 1987	Diocese de Sinop - MT	R. Colonizador Ênio Pipino - Bairro São Cristóvão, Sinop - MT, Cep:78557-486	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Theobroma – RO	criada	Diocese Ji - Paraná - RO	Estr. Vicinal, Theobroma - RO, Cep:76866-000	Festa de São Cristóvão 29 anos
Paróquia São Cristóvão	Porto Velho - RO	criada em 1950	Diocese de Porto Velho - RO	Av. Pinheiro Machado, 2470 - São Cristóvão, Porto Velho - RO, Cep:76804-012	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Boa Vista - RR	criada em 2019	Diocese de Roraima - RR	Rua Horácio Mardel de Magalhães, 311 - Tancredo Neves, Boa Vista - RR, Cep:69313-492	Não localizado
Comunidade Católica São Cristóvão	Juazeiro do Norte CE	criada em 2012	Diocese de Crato- CE	Rua Francisca Pereira Lopes, S/n - Aeroporto, Juazeiro do Norte - CE, Cep:63018-020	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	São Luís – MA	criada em 1964	Diocese de São Luís - MA	Av. Guajaras, S/N - São Cristóvão, São Luís - MA, Cep: 65055-285	Festa de São Cristóvão 51 anos
Paróquia São Cristóvão	Santa Inês - MA	criada em 2015	Diocese de Maranhão - MA	Rua: Nova Brasília, 467 – Bairro Palmeira - Caixa Postal 47 - Santa Inês - MA - Cep: 65300-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Recife - PE	criada em 1998	Diocese de Recife - PE	Rua Moacir Albuquerque, 198 - Imbiribeira, Recife - PE, Cep:51170-440	Festa de São Cristóvão 39 anos
Capela de São Cristóvão	Garanhuns – PE	Não localizado	Diocese de Garanhuns - PE	Rua da Liberdade, 1548 - Heliópolis, Garanhuns - PE, Cep:55296-450	Festa de São Cristóvão 37 anos
Paróquia São Cristóvão	Acú – RN	criada em 2010	Diocese de Mossoró - RN	Av. Sen. João Severian da Câmara, 2189-2245, Açú - RN, Cep:59650-000	Não localizado

Igreja São Cristóvão	Parelhas - RN	Não localizado	Diocese de Caicó - RN	Dinarte Mariz, Parelhas - RN, Cep: 59360-000	Não localizado
Igreja São Cristóvão	Manaus- AM	Não localizado	Não localizado	Rua 10 de Julho, s/n - Centro, Manaus - AM, Cep: 69010-060	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	VITÓRIA – ES	criada em 1964	Diocese de Vitória - ES	Rua Manoel Simões Freire, 15 – São Cristóvão, Vitória - ES, Cep: 29048-475	Festa de São Cristóvão 58 anos
Paróquia São Cristóvão	Santana do Ipanema -AL	criada em 1964	Diocese de Santana do Ipanema - AL	Rua José Porfírio Palmeira, 246, Santana do Ipanema - AL, Cep: 57500-000	Não localizado
Paróquia São Cristóvão	Palmeira dos Índios AL	criação 1990	Diocese Palmeira dos Índios - AL	Largo São Cristóvão, 17 - São Cristóvão, Palmeira dos Índios - AL, Cep: 57601-120	Não localizado

Fonte: Elaborada pela pesquisadora.

APÊNDICE B – Quadro de Obras, Esculturas e Vitrais

Figura 23 – Quadro Obras, Esculturas e vitrais

OBRA	ARTISTA	ANO	LOCALIZAÇÃO INSTITUIÇÃO	IMAGEM
<p>Título: São Cristóvão - paisagem com São Cristóvão Dimensões - Altura: 21 cm (8,2 pol.) Largura: 28 cm (11 pol.) Tipo de objeto – Médio/ óleo sobre cobre/ pintura / Gênero/ arte religiosa A pintura retrata o Santo atravessando o rio com um cajado e o menino Jesus no ombro esquerdo</p>	<p><u>Orazio Gentileschi</u> 2 (1563-1639) <u>Orazio Lomi</u>, conhecido também como <u>Gentileschi</u>, (Pisa, 1563 † Londres, 1639) foi um pintor <u>caravagista</u> italiano. Ele foi o pai da pintora <u>Artemisia Gentileschi</u>. No final dos anos de 1570-1580, <u>Gentileschi</u> foi transferido para Roma, onde ficou associado com o pintor de paisagens,</p>	<p>Data da obra: por volta de 1605-1610</p>	<p>Coleção - <u>Gemäldegalerie</u> – Referências / <u>Bildindex der Kunst und Architektur</u>.</p>	 <p>Imagem: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Orazio_Gentileschi_-_Saint_Christopher.JPG_2</p>
<p>Título - São Cristóvão - A pintura retrata São Cristóvão somente envolvido por uma manta vermelha e com um cajado na mão esquerda, com o menino Jesus pelado no ombro esquerdo e segurando um globo</p>	<p><u>Josepe de Ribera</u> - LO SPAGNOLETTO (Nativa, 12 de janeiro de 1591 – Nápoles, 1652); pintor <u>tenebrista</u> espanhol do século XVII, também conhecido como <u>Giuseppe de Ribera</u> ou com o nome italianizado de: <u>Giuseppe Ribera</u>. Foi apelidado pelos seus contemporâneos como <u>Lo Spagnoletto</u>, «el espanholito», por ser de baixa estatura e porque reivindicava as suas origens assinando como "Josepe de Ribera, espanhol" o "<u>setabense</u>" (de Játiva). Ribera é um pintor destacado da Escola Espanhola, embora a sua obra se tenha integralmente realizado em Itália não se conhecendo de facto exemplos seguros dos seus inícios em Espanha.</p>	<p>(1637)</p>	<p>Obra encontra-se no Museu do Prado, Madrid, Espanha; www.wga.hu</p>	 <p>https://www.museodelprado.es/en/the-collection/art-work/saint-christopher/e20339f9-e1d3-45ab-9080-56f6547fadae</p>
<p>Título: São Cristóvão Carregando o Menino Jesus Tipo de objeto: Pintura / Materiais: Óleo sobre tela Medidas: 104,00 x 78,00 cm (emoldurado: 125,60 x 99,80 x 9,60 cm). A enorme figura de São Cristóvão surge do fundo escuro, enquanto ele se curva sob o peso do diminuto Menino Jesus. O cenário noturno enfatiza a luz divina de Cristo e aumenta o drama</p>	<p><u>Orazio Borgianni</u> (6 de abril de 1574 - 14 de janeiro de 1616) [1] [2] foi um pintor e gravador italiano dos períodos maneirista e do início do barroco. Ele era o meio-irmão do escultor e arquiteto Giulio Lasso. Na Espanha, ele assinou uma petição para iniciar uma academia de pintura italiana e executou uma série de nove pinturas para o Convento de <u>Portacogli</u>, Valladolid, onde permanecem. De seu tempo na Espanha, restam duas de suas pinturas no Museu do Prado: São Cristóvão e a <u>estigmatização</u> de São Francisco e também um autorretrato atribuído à juventude. <u>Borgianni</u> pintou várias versões dessa composição.</p>	<p>Data criada: Cerca de 1615</p>	<p>Linha de crédito: Apresentado à Royal Scottish Academy por Sir John Watson Gordon 1850; transferido para a Galeria Nacional da Escócia em 1910</p>	 <p>https://www.nationalgalleries.org/art-and-artists/4689/saint-christopher-carrying-infant-christ</p>

<p>Título: São Cristóvão A pintura retrata São Cristóvão com um rosto angelical olhando para o menino Jesus no ombro esquerdo, caminhando em meio um rio com pedras e com um cajado segurando com a s duas mãos.</p>	<p><u>Orazio Borgianni</u> (6 de abril de 1574 - 14 de janeiro de 1616) [1] [2] foi um pintor e gravador italiano dos períodos maneirista e do início do barroco. Ele era o meio-irmão do escultor e arquiteto Giulio Lasso. Na Espanha, ele assinou uma petição para iniciar uma academia de pintura italiana e executou uma série de nove pinturas para o Convento de <u>Portacoeli</u>, Valladolid, onde permanecem. De seu tempo na Espanha, restam duas de suas pinturas no Museu do Prado: São Cristóvão e a estigmatização de São Francisco e também um autorretrato atribuído à juventude. <u>Borgianni</u> pintou várias versões dessa composição. https://en.wikipedia.org/wiki/Orazio_Borgianni</p>	<p>O artista pintou este São Cristóvão no final do Século XVI, princípios do Século XVII.</p>	<p>A Obra encontra-se no Museu do Prado – Museu em Madri, Espanha www.wga.hu</p>	 <p>https://en.wikipedia.org/wiki/Orazio_Borgianni</p>
<p>Arte estilo: Escultura - não classificada. A escultura retrata São Cristóvão com uma roupa de soldado e menino Jesus no ombro esquerdo com roupas majestosas, segurando um cajado nas mãos direitos</p>	<p>Juan Martínez <u>Montañés</u> (1568 - 1649) Alcalá la Real, 1568 — Sevilha, 1649, foi um escultor espanhol. Foi educado na casa do escultor Pablo de Rojas em Granada. Ele completou sua educação em Sevilha onde desenvolveu a maior parte da sua carreira. É considerado um dos escultores mais influentes de seu período em Sevilha, celebrado pela perfeição de suas obras.</p>		<p>Picture <u>Bridgeman</u> Berlin</p>	 <p>https://pt.wikipedia.org/wiki/Juan_Mart%C3%ADnez_Monta%C3%B1%C3%A9s</p>

<p>Título: São Cristóvão carregando o Menino Jesus. A pintura representa São Cristóvão com um manto vermelho, no ombro direito o menino Jesus e o cajado na mão esquerda, atravessando o rio. Imagem: Detalhe do Estilo do Mestre dos Meios Comprimentos Femininos</p>		<p>Data da obra criada: por volta de 1525-1550</p>	<p>National Gallery. Art Museum in London</p>	 <p>https://www.nationalgallery.org.uk/paintings/learn-about-art/paintings-in-depth/painting-saints/saint-christopher</p>
<p>Título: Santi Cristoforo, Girolamo e Ludovico di Tolosa - São Jerônimo, São Cristóvão, com o menino Jesus pelado no ombro direito, segurando o cajado com as duas mãos e São Luís de Toulouse é uma pintura religiosa</p>	<p>Giovanni Bellini - Giovanni Bellini, também chamado em sua terra natal de Giambellino. (Veneza, c. 1430 - idem, 1516) foi um pintor do Renascimento. O mais famoso de uma família de pintores de mesmo sobrenome, era cunhado e amigo de Mantegna, e teve Tiziano entre seus aprendizes. É considerado como renovador da pintura da escola veneziana, movendo-a para um estilo mais sensual e policromático. Pelo uso de cores claras de lenta secagem, Bellini criou sombras detalhadas, profundidade e ricos coloridos. Suas fluentes e coloridas paisagens tiveram um grande efeito no seu tempo. https://pt.wikipedia.org/wiki/Giovanni_Bellini</p>		<p>A pintura ainda está em exibição na Igreja de San Giovanni Grisostomo, em Veneza.</p>	 <p>https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Chiesa_San_Giovanni_Grisostomo_Santi_Cristoforo_Girolamo_Ludovico_di_Tolosa_Bellini_aVenezia.jpg</p>
<p>Título: Paisagem com San Cristóbal A obra retrata São Cristóvão com barba, olhando para o céu e o menino Jesus no ombro esquerdo, cajado nas duas mãos atravessando o rio. Paisagem com San Cristóbal</p>		<p>(c. 1520)</p>	<p>Real Mosteiro de San Lorenzo de El Escorial.</p>	 <p>https://es.wikipedia.org/wiki/Joachim_Patinir#Galer%C3%ADa_de_obras</p>

<p>Título: São Cristóvão São Cristóvão, caneta e pincel sobre papel, 19cm x 14cm. A gravura retrata São Cristóvão já velho com barba, olhando para o chão e o menino Jesus no ombro esquerdo, cajado nas duas mãos atravessando o rio.</p>			<p>Museu do Louvre, Paris; commons.wikimedia.org</p>	 <p>https://catholictruth.net/CTNet_RC/en/archive.asp?d=20150725C</p>
<p>Título: São Cristóvão Carregando o Menino Jesus A obra retrata São Cristóvão com barba, olhando para o céu e o menino Jesus sem roupas, segurando um globo, no ombro esquerdo, cajado nas duas mãos atravessando o rio.</p>	<p>Bernardo Strozzi (Génova, c. 1581 — Veneza, 2 de agosto de 1644) foi um pintor do barroco italiano. Em 1598 ingressou num mosteiro dos capuchinhos, um ramo de reforma da Ordem Franciscana. Quando seu pai morreu em torno de 1608, deixou a Ordem para cuidar de sua mãe, ganhando a vida com suas pinturas, que foram muitas vezes influenciadas pelos ensinamentos franciscanos https://pt.wikipedia.org/wiki/Bernardo_Strozzi -</p>	<p>(n. 1581- d. 1644)</p>	<p>San Sebastiano, San Rocco, Veneza, Itália; wikimedia.org</p>	 <p>https://catholictruth.net/CTNet_RC/en/archive.asp?d=20150725C</p>

<p>Título: São Cristóvão e o Menino Jesus Afresco, 284,5 x 149,9 cm (112 x 59 pol.) A obra retrata São Cristóvão com barba com chapéu, cajado nas duas mãos atravessando com olhar para o rio e o menino Jesus com roupas, no ombro esquerdo.</p>	<p>Domenico Ghirlandaio (1449 – 11 de janeiro de 1494, Florença, Itália) foi um pintor renascentista italiano contemporâneo de Botticelli e Filippo Lippi. Formou toda uma geração de excelentes artistas. Michelangelo foi um dos seus aprendizes. 28 https://pt.wikipedia.org/wiki/Domenico_Ghirlandaio</p>	<p>(1449-94)</p>	<p>Museu Metropolitano de Arte, Presente de Cornelius Vanderbilt.</p>	 <p>https://www.christianiconography.info/december2001/christopherGhirlandaio.html</p>
<p>São Cristóvão Relevô O relevô inclui todos os elementos usuais de um retrato de São Cristóvão: o Menino Jesus (segurando um pergaminho, no entanto, em vez de uma orbe), o bastão em folhas e o rio com peixes.</p>			<p>Basilica de Santo Antônio de Pádua, Pádua</p>	 <p>christianiconography.info/Edited%20in%202013/2013%20trip/DSC_0666.html</p>

<p>Afresco: Christopher com Menino Jesus em seus ombros</p> <p>O canto inferior esquerdo retrata São Cristóvão e dois santos bispos:</p> <p>O canto inferior esquerdo retrata São Cristóvão e dois santos bispos: Todos os três santos têm auréolas. Christopher pode ser identificado pelo Menino Jesus em seus ombros. O santo do meio segura o que parece ser um báculo na mão direita, embora possa ser apenas uma cruz processional. Na cabeça, ele usa o que provavelmente é uma mitra. O caso do santo da direita é mais obscuro. Ele está segurando um báculo ou um bastão comprido? E uma mitra na cabeça ou algum outro tipo de capacete?</p> <p>O afresco no canto inferior direito é muito fraco para distinguir.</p>		<p>Circa 1425</p>	<p>Afrescos na Igreja de Santa Maria, <u>Cračišće</u>, Croácia</p>	 <p>https://www.christianiconography.info/Edited%20in%202013/Croatia%202012/apseFrescosCraclisce.html#christopher</p>
<p>Políptico de Nossa Senhora Entronizada. Detalhe, São Cristóvão</p> <p>O santo é mostrado como de costume, com um ramo de palmeira que significa o martírio em sua mão e o menino Jesus em seu ombro. A criança abençoa o espectador com a mão direita e bagunça o cabelo de Christopher com a esquerda. A imagem não tem a bengala que São Cristóvão costuma carregar. Políptico de Nossa Senhora Entronizada: Detalhe, São Cristóvão O santo é mostrado como de costume, com um ramo de palmeira que significa o martírio em sua mão e o menino Jesus em seu ombro. A criança abençoa o espectador com a mão direita e bagunça o cabelo de Christopher com a esquerda. A imagem não tem a bengala que São Cristóvão costuma carregar.</p>	<p><u>Antonio Vivarini</u> (<u>Antonio da Murano</u>) (1440 - 1480) foi um pintor veneziano do começo da Renascença. Parece ter sido o primeiro de uma família de pintores, incluindo seu irmão Bartolomeu e seu filho, <u>Alvise Vivarini</u>. Ele inicialmente treinou com <u>Andrea da Murano</u>, e seus trabalhos mostram a influência de <u>Gentile da Fabriano</u>. Seu mais antigo trabalho, um altar para a <u>Accademia</u>, é de 1440. Suas obras estão hoje expostas na <u>Nacional de Londres</u>. https://pt.wikipedia.org/wiki/Antonio_Vivarini</p>	<p>1449 (Assinado e datado na parte inferior do painel da Virgem com o Menino</p>	<p>Basilica <u>Eufrasiana</u>, <u>Porec</u>, Croácia.</p>	 <p>https://www.christianiconography.info/Edited%20in%202013/Croatia%202012/polyptychVivariniPorec.html</p>

<p>São Cristóvão - Afresco medieval O cajado parece ter um cabide de peregrino. Embora geralmente retratado como uma criança nos ombros de Christopher, Cristo é aqui um adulto seguro na dobra do braço esquerdo do santo.</p>		<p>séculos XI e XV.</p>	<p>Afresco medieval, além da Igreja de São Pedro em tamanho natural, Bacharach, Alemanha. Construída no século XI, a igreja hoje é luterana, portanto podemos supor que este afresco foi pintado em algum momento entre os séculos XI e XV. Está muito obscurecido pelo tempo.</p>	 <p>https://www.christianiconography.info/Edited%20in%202013/2013%20trip/christopherBacharach.html</p>
<p>Título A Pérola de Brabante Tipo de objeto - tríptico / Gênero - pintura religiosa / Médio/ Óleo em óleo Pessoas retratadas João Batista / São Cristóvão Dimensões Altura: 62,6 cm (24,6 pol.) Largura: 27,5 cm (10,8 pol.)</p>	<p>Dirck Bouts ou Dirk Bouts ou ainda Dieric Bouts (Haarlem, 1415/1420 — 1475) foi um dos mais famosos pintores quatrocentistas da Holanda. De acordo com Karel van Mander, Bouts nasceu em Haarlem e trabalhou principalmente em Louvain, onde foi o pintor da cidade a partir de 1468. Teve a influência de Jan van Eyck e Rogier van der Weyden, com quem estudou. Bouts foi um dos primeiros pintores nórdicos a usar o Ponto de fuga, como visto na Última Ceia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Dirck_Bouts</p>	<p>Encontro por volta de 1470</p>		 <p>https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Dieric_Bouts_-_Saint_Christopher_-_WGA03019.jpg</p>

<p>Título: Saint Christophe Tipo de objeto - pintura / Gênero arte sacra Pessoas retratadas São Cristóvão / Data - século XVI</p>	<p><u>Tintoretto</u> (1519–1594) Nomes alternativos - Il <u>Tintoretto</u>, Il Furioso, <u>Jacopo Robusti</u>, <u>Birth name: Jacopo Comin</u> Descrição - pintor italiano; <u>Nasceu e morreu</u> em Veneza (1519/31 de maio de 1594)</p>		<p>Coleção - <u>Museo d'Arte Sacra San Martino</u> / Localização atual - <u>Alzano Lombardo</u></p>	 <p>http://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Tintoretto_san_cristoforo.jpg</p>
<p>Título: São Cristóvão A assinatura de <u>Cranach</u> está no tronco embaixo do lado esquerdo: uma cobra pintada a preto. Menino Jesus não exibe o orbe, antes indica o caminho. Original a presença da sereia em primeiro plano:</p>	<p><u>Lucas Cranach der Alte</u>, 4 de outubro de 1472 em <u>Kronach</u> – Weimar, 16 de outubro de 1553) foi um pintor germânico renascentista, autor também de gravuras e xilografias. Foi pintor da corte dos Eleitores da Saxônia durante a maior parte de sua carreira, e é mais conhecido por seus retratos, tanto de príncipes alemães como de líderes da Reforma Protestante, cuja causa abraçou com entusiasmo, tornando-se amigo próximo de Martinho Lutero. Tinha um grande estúdio e muitos trabalhos existem em diferentes versões; seu filho <u>Lucas Cranach, o Jovem</u>, e outros, continuaram a produzir versões do trabalho de seu pai por décadas após sua morte. 7 https://pt.wikipedia.org/wiki/Lucas_Cranach,_o_Velho</p>	<p>Primeiro quartel do Século XVI</p>	<p>No <u>Detroit Institute of Arts</u>.</p>	 <p>http://malomil.blogspot.com/2020/06/sao-cristovao-pela-america-14.html?m=1</p>
<p>Paisagem com a lenda de São Cristóvão. Início do século XVI. / Óleo no painel. Dimensões: 3989 x 2936 px 33,8 x 24,9 cm 13,3 x 9,8 polegadas 300dpi</p>	<p><u>Jan Mandijn</u>45 (1500-1560) <u>Jan Mandyn</u> (também: <u>Jan Mandijn</u>, nascido por volta de 1500 - 1502, em Haarlem, falecido em 1559 - 1560 em Antuérpia), foi um pintor do Renascimento do estilo Maneirismo holandês. https://pt.wikipedia.org/wiki/Jan_Mandyn</p>	<p>Início do século XVI</p>	<p>O Museu Estatal <u>Hermitage</u>, São Petersburgo. Rússia.</p>	 <p>https://www.alamy.com/stock-photo-jan-mandijn-1500-1560-dutch-renaissance-painter-landscape-with-the-104127118.html?pv=1&stamp=2&imageid=CDE38E51-8F60-49EB-904A-0FAFC2F34466&p=8315&n=0&orientation=0&pn=1&searchtype=0&lsFromSearch=1</p>

<p>Título - São Cristóvão Instância de escultura - Material usado - tufo. Retrata São Cristóvão</p>	<p>O Criador - Tilman Burch - O Mestre Tilman de Colônia é um dos poucos entalhadores e escultores documentados do final do século XV. Ele provavelmente criou um grande número de esculturas com sua oficina em Colônia, que pode ser encontrada principalmente em Colônia e nos arredores. https://de.wikipedia.org/wiki/Meister_Tilman</p>	<p>Começo -Década de 1470</p>	<p>Localização Catedral de Colônia, Colônia, Colônia Região Governo, North Rhine-Westphalia, Alemanha</p>	 <p>https://commons.wikimedia.org/wiki/Category:Statue_of_Saint_Christopher_(Cologne_Cathedral)</p>
<p>Título: Martírio e transporte do corpo decapitado de St. Christopher No afresco é retratado o martírio do Gigante São Cristóvão, com o corpo decapitado.</p>	<p>Andrea Mantegna (Vicenza c.1431 - Mântua, 13 de setembro de 1506) foi um pintor e gravador do Renascimento na Itália. Foi o primeiro grande artista da Itália setentrional. https://pt.wikipedia.org/wiki/Andrea_Mantegna</p>	<p>datavel de 1454 - 1457.</p>	<p>A partir da capela Ovetari, na igreja Eremitani em Pádua, Itália</p>	 <p>https://it.wikipedia.org/wiki/Martirio_e_trasporto_del_corpo_decapitato_di_san_Cristoforo</p>

<p>Título: Nossa Senhora da Humildade Santa Catarina à direita da Virgem. O tríptico devia ser portátil, pelo que a sua utilização em viagem justifica a presença de São Cristóvão.</p>	<p><u>Niccolò di Buonaccorso</u>, também <u>Niccolò di Niccolò di Buonaccorso</u> ou <u>Bonaccorso</u>, (ativo 1355 - 1388) foi um pintor italiano e um dos mais proeminentes pintores de Siena do século XIV. O pequeno corpo de sua obra que sobreviveu mostra a técnica miniaturista altamente refinada do artista. O artista também esteve brevemente envolvido na política local. https://en.wikipedia.org/wiki/Niccol%C3%B2_di_Buonaccorso</p>	<p>Segunda metade do Século XIV</p>	<p>No <u>Timken Museum of Art</u> em San Diego, Califórnia,</p>	 <p>http://malomil.blogspot.com/2020/06/sao-cristovao-pela-america-14.html?m=1</p>
<p>Estátua de São Cristóvão A estátua de São Cristóvão é uma escultura ao ar livre</p>	<p>Emanuel Max, após 1876: <u>Ritter von Wachstein</u> (19 de outubro de 1810, Janov, perto de <u>Sloup v Cechách</u> [1]- 22 de fevereiro [2] de 1901, Praga) foi um escultor tcheco-alemão. Seu irmão era o escultor Josef Max. https://en.wikipedia.org/wiki/Emanuel_Max</p>		<p>Instalada no lado sul da Ponte Carlos em Praga, República Tcheca.</p>	 <p>https://en.wikipedia.org/wiki/Statue_of_Saint_Christopher,_Charles_Bridge</p>

<p>Painel de São Cristóvão em azulejos. A pintura feita em azulejos, em azul e branco, representa São Cristóvão segurando um cajado com as duas mãos e o menino no ombro esquerdo.</p>			<p>Na Igreja de Rio Tinto, em Portugal.</p>	 <p>Imagem: https://pt.wikipedia.org/wiki/Crist%C3%B3v%C3%A3o_da_L%C3%ADcia</p>
<p>Obra: Madeira do século 19, gesso, pintura São Cristóvão é retratado com uma roupa verde e manto vermelho e menino Jesus no ombro esquerdo e cajado na mão direita. A escultura é feita em raiz de choupo em madeira, com utilização dos materiais gesso e pintura, e mede em torno de 20 centímetros. O <u>bulho</u> de São Cristóvão à esquerda reduz o tamanho do cajado do santo e omite o mapa-múndi que a criança geralmente carrega.</p>	<p>Artista desconhecido - <u>Ramalda Luna Boggs</u> coletou a obra para <u>Boggsville, Las Animas, Novo México / Colorado</u></p>	<p>século 19</p>	<p>Local histórico de <u>Boggsville, Las Animas, Novo México / Colorado</u></p>	 <p>Imagem: https://www.christianiconography.info/Boggsville%20Historic%20Site/stChristopherGroup.html</p>

<p>Xilogravura ou xilogravura europeia retrato de São Cristóvão A inscrição em latim pode ser traduzida como "Em qualquer dia em que vês a semelhança de São Cristóvão, nesse mesmo dia tu, da morte, nenhum golpe do mal incorre".</p>	<p>Artista desconhecido. Primeiro proprietário: Carl Heinrich von Heinecken (1706-1791).</p>	<p>Datada de 1423</p>	<p>Na Biblioteca John Rylands em Manchester, Inglaterra.</p>	 <p>https://www.historyofinformation.com/detail.php?entryid=30</p>
<p>Título: São Cristóvão carregando o Menino Jesus A primeira imagem desse tipo na arte inglesa O Saltério de Westminster</p>	<p>Artista desconhecido.</p>	<p>A XXII, é um saltério inglês iluminado de cerca de 1200, com algumas folhas extras com desenhos coloridos adicionados por volta de 1250.</p>	<p>É o saltério mais antigo usado na Abadia de Westminster e presume-se que tenha saído Westminster após a dissolução dos mosteiros Biblioteca Britânica, MS Royal – Ela entrou para a Antiga Biblioteca Real como parte da coleção de John Thayer, comprada por Carlos II da Inglaterra em 1678.</p>	 <p>https://en.wikipedia.org/wiki/Westminster_Psalter</p>

<p>Escultura: São Cristóvão, carregando o menino Jesus no ombro</p>	<p>Artista desconhecido.</p>	<p>século VI</p>	<p>Basílica de St. Remi, na cidade de Reims, França. As origens da abadia residem em uma capela do século VI dedicada a São Cristóvão</p>	 <p>https://www.canvas-of-light.com/2010/09/st-christopher-in-reims/</p>
<p>Título: Virgem La Virgen de Cristóbal Colón A pintura retrata Cristóvão Colombo ajoelhado ao lado São Cristóvão com o menino Jesus nos ombros e a virgem Maria também com menino Jesus no colo e dois anjos no céu. Pintura: Dimensões físicas: largura 48 x altura 52 cm (completo)</p>	<p>Artista desconhecido.</p>	<p>Data de criação: 1540</p>	<p>Museo Lazaro Galdino em Madri, Espanha</p>	 <p>https://artsandculture.google.com/asset/the-virgin-of-crist%C3%B3bal-col%C3%B3n-unknown/ogEDvcA8kA7Z0w?hl=es</p>

<p>Título: São Cristóvão A pintura representa São Cristóvão, com um manto vermelho e um cajado na mão direita carregando o menino Jesus nos ombros.</p>	<p>Konrad <u>Witz</u>, por vezes escrito Conrad <u>Witz</u> (c. 1400-1410 provavelmente em <u>Rottweil</u> (<u>Württemberg</u>, Alemanha) - 1445 / 1446 em Basileia, Suíça) foi um pintor medieval, ativo principalmente em Basileia, na Suíça. Foi um dos representantes do gótico tardio. https://pt.wikipedia.org/wiki/Konrad_Witz</p>	<p>c. 1435</p>	<p>No <u>Kunstmuseum</u>, Basileia</p>	 <p>https://en.wikipedia.org/wiki/Konrad_Witz</p>
<p>Asas de um tríptico: São Sebastião, São Cristóvão A obra retrata São Cristóvão com barba, olhando para o céu e o menino Jesus no ombro esquerdo, cajado nas duas mãos atravessando o rio, com um manto vermelho. Estilo: Alta Renascença / Gênero: pintura religiosa de São Cristóvão / óleo, tela</p>	<p>Lorenzo <u>Lotto</u> Lorenzo <u>Lotto</u> (1480 - 1556) foi um pintor, desenhista e ilustrador italiano da Escola de Veneza. Ele pintou altares, obras religiosas e retratos. Por estar ativo durante a chamada Alta Renascença, ele constitui um estágio de transição entre os primeiros pintores de Florença e os maneiristas romanos do século XVI. Nascido em Veneza, trabalhou em Treviso (1503-1506), em Roma (1508-1510), Bergamo (1513-1525), Ancona (1549) e finalmente em Loreto. Influenciou-se por Giovanni Bellini, visto que tinha bons conhecimentos sobre a pintura de Veneza. https://pt.wikipedia.org/wiki/Lorenzo_Lotto</p>	<p>Encontro: 1531; Itália</p>	<p>Localização: <u>Gemäldegalerie</u>, Berlim, Alemanha</p>	 <p>https://www.wikiart.org/en/lorenzo-lotto/wings-of-a-triptych-st-sebastian-st-christopher-1531</p>

<p>Título Christophorus. Tipo de objeto – pintura – Médio - óleo sobre tela – Cristóvão carregando o mundo e o menino Jesus nos ombros e um globo nas mãos de Cristo.</p>	<p>Mestre de Messkirch - ou Mestre de Messkirch (acredita-se ter nascido em 1500 na Franconia e sua morte teria sido por volta de 1562 em Hechingen(1)) foi um pintor alemão anônimo do Renascimento. De acordo com Meyer e outros, Ziegler era seu verdadeiro nome, mas ficou conhecido como Mestre de Messkirch devido a sua pintura de um altar (entre 1536 e 1540) na Igreja de St. Martin em Messkirch. Sua origem e seus estudos não são claros, mas hoje a maioria dos estudiosos acredita que ele aprendeu sua arte na mesma região. Em seu trabalho é possível ver a influência da Escola de Ulm. Trabalhou em Verdingenstadt, mas seus trabalhos mais famosos foram encomendados pela família de Gottfried Werner von Zimmern, residentes em Messkirch e senhores do castelo de Wildenstein.</p>	<p>Encontro - por volta de 1562</p>	<p>Coleção - Kunstmuseum Basel</p>	 <p>https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Seguace_di_jan_van_eyck_san_cristoforo_traghetta_ges%C3%B9_bambino_1440-50_ca_02.JPG</p>
<p>Título: Saint Christophe Tipo de objeto pintura - Gênero arte sacra Italiano A obra retrata São Cristóvão com barba, cajado nas duas mãos atravessando com olhar para o rio e o menino Jesus com roupas majestosas, no ombro esquerdo.</p>	<p>Autor Saïlko - Artista Seguidor de Jan van Eyck (/ v æ n æ k / van Eyck, Holandês: [jan van cik], c. Antes de 1390 - 09 de julho de 1441) foi um pintor ativo em Bruges, que foi um dos primeiros inovadores do que se tornou conhecido como Pintura neerlandesa primitiva e um dos representantes mais importantes da arte do Renascimento do Norte. Os registros remanescentes indicam que ele nasceu por volta de 1380–1390, provavelmente em Maaseik (então Maaseyck, daí seu nome), na atual Bélgica</p>		<p>Philadelphia Museum of Art / Coleção - Museu de Arte de Filadélfia</p>	 <p>https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Seguace_di_jan_van_eyck_san_cristoforo_traghetta_ges%C3%B9_bambino_1440-50_ca_02.JPG</p>

<p>São Cristóvão carregando o Menino Jesus Médio - Óleo no painel / Dimensões 113 cm x 72 cm (44 x 28 pol.) A obra retrata São Cristóvão com barba, cado nas duas mãos atravessando o olhando para o rio e o menino Jesus com roupas majestosas, no ombro</p>	<p>Artista Hieronymus Bosch Jeroen van Aken, cujo pseudônimo é Hieronymus Bosch, e também conhecido como Jeroen Bosch Hertogenbosch, c. 1450 — 9 de agosto de 1516), foi um pintor e gravador brabantino dos séculos XV e XVI. Muitos dos seus trabalhos retratam cenas de pecado e tentação, recorrendo à utilização de figuras simbólicas complexas, originais, imaginativas e caricaturais, muitas das quais eram obscuras mesmo no seu tempo. Especula-se que sua obra terá sido uma das fontes do movimento surrealista do século XX, que teve mestres como Max Ernst e Salvador Dalí. https://pt.wikipedia.org/wiki/Hieronymus_Bosch</p>	<p>Ano - 490-1500</p>	<p>A obra está localizada no Museu Boijmans Van Beuningen em Rotterdam, Holanda</p>	 <p>https://en.wikipedia.org/wiki/Saint_Christopher_Carrying_the_Christ_Child</p>
<p>Retábulo de São Cristóvão</p> <p>Este pequeno retábulo, dividido em três fiadas horizontais e três verticais, é dedicado a São Cristóvão, que protege contra a morte súbita. Sua imagem ocupa a fileira central, que é encimada pela crucificação. Aqui, São Cristóvão é mostrado carregando uma pedra de moinho com o braço esquerdo como prova de sua força extraordinária. O menino Cristo senta-se em seus ombros segurando o globo terrestre, que é dividido em terra, céu e água. As filias laterais apresentam cenas da vida e do martírio de outros santos: Pedro, Blas e Millán, identificados pelos nomes na moldura que os separa, além de um anjo incensário no topo. Este artista de estilo franco-gótico castelhano ou gótico linear do século XIV mantém a perspectiva hierárquica entre as figuras. A qualidade de seu desenho é especialmente notável. As origens deste retábulo são desconhecidas, mas pode vir de um mosteiro beneditino em La Rioja, já que inclui uma cena da vida de São Millán. O leão e o castelo repetidos nas bordas da obra simbolizam os reinos de Castela e Leão e sugere que a obra pode ter sido destinada a uma fundação real.</p>	<p>Autor: ANÔNIMO</p>	<p>Final do século XIII</p>	<p>Museu Nacional do Prado Sala 052A</p>	 <p>https://www.museodelprado.es/en/the-collection/artwork/altarpiece-of-saint-christopher/de262360-2a18-49a5-8082-2608db378297</p>